



Atendimento a desencarnados

Verso

Como atender ao Espírito que é trazido a uma sessão mediúnica detido em conflitos, que lhe são presentes, reais?

Cumprimentá-lo? Desejar-lhe bom dia, boa noite? Chamá-lo de irmão? Esclarecer que já "morreu"? Informar que está em um Centro Espirita? E se ele for de outra crença? Se pedir o padre ou pastor? Como agir face ao Espírito que não consegue ou não quer falar? A mãe desesperada, a filha em aflição, o suicida, o degolado, o paciente terminal preso ainda às dores de seu leito hospitalar? Há fórmulas a serem seguidas?

Estamos preparados? Como fazer frente a esses desafios? Como a proposta espírita contida em "O Livro dos Médiuns" orienta?

Situações muito próximas das aqui relatadas são possíveis de acontecer no dia a dia, o que faz deste livro, importante instrumento de orientação também para uso no trato com encarnados.

Sem ditar regras, pois estas não existem, os casos verídicos aqui enfeitados, constituem-se como material de estudo, no qual, cada um, antes de mais nada, verá no engano do outro, ensinamentos para a própria vida.

ISBN978-85-60862-06-1

(...) Se alguém, caiu na morte do mal, diante de ti, ajuda-o a refazer-se para o bem; entretanto, além disso, é preciso também, desatá-lo de qualquer constrangimento e deixá-lo ir". (1)

(...) Recorda que todas as criaturas trazem consigo as imperfeições e fraquezas que lhe são peculiares, tanto quanto ainda desajustados, trazemos também as nossas". (I)

(...) Se a realidade espiritual te busca, ofertando-te serviço no levantamento das boas obras, não te detenas apresentando deformidades e frustrações. No clima da Boa Nova, todos nós encontramos recursos de cura e reabilitação, reerguimento e consolo. Para isso, basta sejamos sinceros, diante da nossa própria necessidade de corrigenda, com o espírito espontaneamente consagrado ao privilégio de trabalhar e servir". (1)

Aos Desencarnados	í ■
Esclarecimentos	j
91	
Transcrição	ai
Ouvir.	25
Prefácio da Terceira Edição.....	31
Referenciando a Capa.....	32
Jesus Doutrinador.....	33
As Comunicações Espíritas	39
Fatos - Histórias - Estudos	50
Comunicação Mediúnica entre Encarnados	377
Características que diferenciam as Comunicações Mediúnicas	386
Comunicações de Encarnados em Sessão Mediúnica.....	398
Considerações	411
<i>Bibliografia</i> 415	
desencarnados	
Atendimento A DosMfflgte	

1- XAVIER, Francisco C., pelo Espírito. Emmanuel, Palavras de Vida Eterna, 8a.ed. Uberaba; CEC, 1986.p.75-61-127

ATENDIMENTO A DESENCARNADOS • Realidade após a morte em histórias e estudos ■

Aos Desencarnados

No primeiro momento deste volume conste, com carinho, agradecimento e tributo ao mérito a cada Espírito que permitiu ípsse seu drama relatado. Funcionando como num laboratório, forneceram aos atendentes para, no estudo e análise dos conflitos, refletirem sobre as várias e inúmeras formas possíveis do atendimento que, sem ferir ou agredir, levam o necessitado a identificar, sentir, ver a ajuda na qual está mergulhado, sem conseguir percebê-la, detalhes que possibilitarão sair do momento em que se detém, retomando à própria vida sob passos de libertação. A todos, à história de cada um, o respeito agradecido, no desejo sincero de que estejam muito bem.

Nota: Normalmente as expressões usadas pelos Espíritos são coloquiais, exemplo: não quero te ver, deixa eu ver, igual a eu, etc. Na transposição em texto manteve-se a forma coloquial coneta, sem alteração do sentido: não quero conhecê-la; deixe-me ver, igual a mim.

Esclarecimentos

Antes de prosseguir, explicar que usamos no título o termo "morte" para referenciar Espíritos que se julgam ou não mortos e portanto, não desencarnados. As histórias são reais, não existindo na redação retoques, abrandamentos, fantasias ou acréscimos.

O grupo mediúnico, médiuns e atendentes são anônimos, tanto quanto o são os Espíritos manifestantes.

Não há identificações reveladoras, mas manteve-se o anonimato que a tudo e a todos deve proteger, destacando-se nas lições vivas o respeito à dor alheia, que pede discrição e sigilo.

Muitos dos enredos e dramas foram passados pelos atendentes ou destacaram-se nas avaliações nas quais, após o trabalho, discutia-se procurando a melhor forma de se ater, de encaminhar.

Apesar disso, não há nomes nestes livros e o meu figura porque alguém precisa

assiná-los. *Participei, praticamente, de todos os fatos. Coube-me dar a forma didática a um encadeamento que, fugindo do meu mérito, encadeou-se do simples ao complexo, detalhe que só o percebi depois do trabalho pronto.*

A experiência foi bela, envolvente, por isso aos Benfeitores Espirituais, Espíritos manifestantes, médiuns, atendentes, aos grupos mediúnicos enfim, o carinho e a felicidade de participarmos juntos em nome de Jesus, ser útil a alguns irmãos atormentados.

Este livro não constava dos planos da "Série Didático- Pedagógica O Centro Espírita". No transcorrer das atividades, especialmente quando da instalação da " Desobsessão" e no trato com os companheiros da "Educação Mediúnica", notou-se a dificuldade do "doutrinador", atendente, atingir a necessidade do Espírito, muitas vezes mesmo nem a percebendo.

As dúvidas, os questionamentos se enfeixavam. Como cumprimentar o Espírito que é trazido? Desejar-lhe bom dia, boa noite? Chamá-lo de irmão? De senhor, de você? Devemos esclarecer que estamos num Centro Espírita?

E se for de outra crença? Como receberá tal informação?

Diante de um quadro de aflição, basta dizer que olhe ao redor, que há pessoas ajudando? Será que o Espírito, por si só, consegue acalmar-se e observar?

Como agir quando o Espírito não quer ou não consegue falar? Quando pede um padre ou um pastor?

E quando ameaça com castigos e perseguições que seus amigos moverão contra o atendente e sua família? E a mãe desesperada ou filhos aflitos alheios a qualquer argumentação? O suicida em desespero? O degolado? O enforcado? O doente no hospital em tratamentos dolorosos, em processos terminais, nas aflições do desencarne? Deve-se revelar que está "morto"? ou morrendo?

Serão casos e casos, inusitados, diferentes, próprios do estágio de cada um, de forma que jamais encontraremos duas situações idênticas, iguais. Por isso não existe uma regra fixa, uma receita, digamos assim.

A abordagem há que ser fraterna, afetuosa, compreensiva, altamente paciente, envolta em carinho e respeito tão intenso, a ponto de, pela sinceridade emanada, despertar a confiança do Espírito em conflito, abrindo tal proceder, clima que possibilite diálogo capaz de levá-lo a descobrir-se avaliando seu drama, suas razões e necessidades.

Essa técnica de não ressaltar o engano em que se detém, de mostrar caminhos, visa, através de pequenas perguntas, levar o Espírito a voltar-se para o próprio íntimo, empreender análise de seu proceder, do estado, do momento em que se detém e, por si, compreender qual a atitude lhe será, daí por diante, mais interessante. Auxiliado pelos Espíritos amigos, elaborará sua nova etapa evolutiva, estimulando virtudes ainda incipientes, esforçando-se para devotar-se aos rumos de seu novo projeto de vida.

Exterioriza-se nessa técnica, sensibilidade humana, respeito, sobretudo ao

momento evolutivo de cada um.

Além dessa orientação espírita, há necessidade, sim, de certo preparo psicológico embasado, por exemplo, em reflexões contidas no "Relações Fraternas-Caminhos para o Atendimento Fratemo"⁽²⁾ que passam noções básicas, mas necessárias para entender o outro. Alie-se bom-senso, carinho, firmeza, sinceridade no que se refere, isto é, envolvimento com o caso, como sendo aquele o mais importante e significativo.

Esses detalhes, aliás, não são desejáveis apenas na hora ou quando se vai tratar com desencarnados, mas por processo de vida nas relações entre encarnados, a começar pelo lar de cada um, treino primeiro para as relações com o outro, sejam eles encarnados ou não.

Os casos, as histórias que aqui encontraremos, são situações de vida, verídicas. Quando iniciamos este trabalho, a equipe espiritual dirigente foi posta a par do objetivo e aquele Espírito que não desejasse ver sua experiência divulgada, ao manifestar sua recusa, seria totalmente respeitado, como realmente aconteceu. As formas de atendimento abordadas não se constituem como regras ou modelos. Já vimos que não existem. É material de estudo no qual cada um verá, antes de mais nada, no engano do outro, ensinamentos para a vida pessoal. Depois virão enfoques possíveis que não agridem, não violam a liberdade do Espírito prendendo-o ao Centro.

Por último, se tivéssemos dúvida sobre imortalidade do Espírito, da comunicabilidade, como justificar tantos enredos, tantas tramas, situações tão díspares, tão diferentes e, ao mesmo tempo, dentro de uma só necessidade?

Entendendo a importância de bem receber e atender os desencarnados destacou-se, para todos, nas avaliações, a benéfica influência da Doutrina Espírita mantendo aberto, tanto no espaço como no planeta, meios para renovações, sempre havendo encarnados e desencarnados esclarecidos prontos para colaborar nessa reabilitação.

No sentido de cada vez despertarmos para servir com Jesus, a todos encarnados e desencarnados comprometidos no objetivo de estudar mais para servir melhor, é que este estudo é dedicado.

Com carinho,

Leda

Complementando:

Nos estudos constantes desta série, em várias situações aborda-se que na "Avaliação" comentou-se isto ou aquilo, discutiu-se, analisou-se um fato, tendo, tal proceder, o intuito de procurar caminhos que beneficiassem do melhor modo

² **2** - **BIGHETT1**, Leda M., Relações Fraternas-Caminhos para o Atendimento Fratemo, la. ed. BELE. Ribeirão Preto-SP **2004**

possível a condução de um fato vivido, oferecendo ao atendente despertamento para futuras abordagens.

Não sendo essa prática usual na maioria das reuniões espíritas e sendo este um livro de estudos, julgamos oportuno transcrever do "Sessão Mediúnica-Mediunidade Hoje e Amanhã"⁽³⁾, reflexões que nos levem a entender a necessidade, o papel e a importância da avaliação.

Assim:

"(...) Ao final de cada reunião é imprescindível proceder-se a avaliação dos acontecimentos, o que permitirá perceber se o que foi realizado coincide com o que se planejou. Ainda possibilita que se perceba se estão se processando desvios, desvirtuamentos, o que não está bem claro, interpretações pessoais, enfim, fugas ou desentendimentos entre o que se propõe e o que realiza, que nessa identificação encontra na discussão, onde todos participam em análises, o meio para correções, retomadas e aperfeiçoamentos.

Não se propondo identificar o erro, quem errou ou apontar culpados, volta-se e discute fornias de crescimento do trabalho em si, processo que permite ao trabalhador desarmar-se, deixar de temer julgamentos e críticas, desvinculando-se de aspectos pessoais e abrindo para transformação do grupo em equipe.

Na proporção em que este sentido de apreciação que calcula, mede, ajuíza, analisa e incorpora recomposições no todo, acontecer, a tendência é a diminuição das falhas e a formação de uma consciência coletiva formada pela ação consciente e responsável de cada um.

Transcrições

Reforçando nossos objetivos

"A ação salutar do Espiritismo não se exerce com efeito, unicamente sobre os homens: estende-se também aos habitantes do espaço. Mediante relações estabelecidas entre os dois mundos, os adeptos esclarecidos podem agir sobre os Espíritos inferiores e, com palavras de piedade e consolação, sábios conselhos, arrancá-los ao mal, ao ódio, ao desespero."

"E nisso há um dever imperioso, o dever de todo ser superior para com os seus irmãos retardatários, de um ou de outro mundo. É o dever do homem de bem, que o Espiritismo eleva à dignidade de educador e guia dos Espíritos ignorantes e perversos, a ele enviados para serem instruídos, esclarecidos, melhorados. E ao mesmo tempo, o mais seguro meio de sanear fluidicamente a atmosfera da Terra, o ambiente em que se agita e vive a Humanidade."

³I - BIGHTI II, Leda M., Sessão Mediúnica-Mediunidade Hoje e Amanhã, 2ª.ed., BELE 2005, p.40 e 41, Ribeirão Preto-SP

(...) nesse intuito é que todo círculo espírita de alguma importância, consagra parte das suas sessões de instrução e moralização das almas culpadas. Graças à solicitude que lhes é testemunhada, às caritativas advertências, e, sobretudo às preces fervorosas que recaem sobre eles em magnéticos eflúvios, não é raro ver os mais endurecidos Espíritos reconciliados com melhores sentimentos, colocarem por si mesmos um termo às dolorosas obsessões com que perseguiram suas vítimas.”⁽⁴⁾

Ouvir

No trabalho de “Atendimento Fraternal” é de relevante importância a qualidade do ato de ouvir; no entanto é a habilidade mais descuidada do processo de comunicação. Usualmente nos preocupamos em nos expressar de forma correta mas tão importante quanto falar é saber ouvir.

Jesus já expressava essa necessidade quando disse: Quem tem ouvidos para ouvir, ouça! (Mt, 11:15). Ouvidos todos os possuem. Na maioria das vezes são atidos ao superficial: uns apenas registram sons; alguns se prendem a noticiários escandalosos, boatos perturbadores, propostas inferiores e outros simplesmente se consagram às convenções, festas, mexericos, pessimismo, complicações, uma vez que escutar é corriqueiro, superficial e só não o faz quem tem alguma deficiência. Ouvir é mais profundo, envolve a pessoa por inteiro, é participar das experiências e emoções alheias.

A deficiência na arte de ouvir *faz* com que geralmente só nos inteiremos de parte do que ouvimos, que registremos de forma superficial, privilegiando alguns aspectos da comunicação, aplicando de modo inadequado a faculdade auditiva.

Normalmente, enquanto o outro fala, respondemos antes que ele tenha concluído seu pensamento; começamos a nos impacientar enquanto o outro procura fazer-se entender; fazemos com que ele pare de falar por sentir que não adianta completar seu pensamento; ficamos pensando na resposta que daremos em seguida ou pensamos em outro assunto...

Geralmente iniciamos um diálogo com ideias preconcebidas, que nos levam a acusar ou rebater a expressão ou pensamento que o outro expõe, causando incompreensões e dificuldades que poderiam ser facilmente contornadas se melhor ouvíssemos.

Qual a qualidade de um diálogo desse tipo?

Quanto desrespeito, quanta coisa se perde por não darmos ao outro a oportunidade de se expressar?

Invertamos as posições: será que gostaríamos de ser tratados da mesma forma?

⁴ - DENIS, Léon, Cristianismo e Espiritismo. 7a.ed., FEB, Rio de Janeiro-RJ 1978 cap.XI. p. 244-245

A capacidade de ouvir ativamente é indispensável para obtermos noção clara daquilo que está sendo dividido conosco, para entendermos o que está sendo veiculado a fim de podermos utilizar com proveito e sabedoria o que estamos ouvindo, diferenciando com segurança e separando com sensatez o que é bom e útil.

Ouvir significa estar aberto ao outro, importar-se realmente com ele, com sua opinião e o seu modo de ver determinada situação. Se não estivermos abertos a isso, se nossa mente estiver em outro local, se nosso teor de ansiedade for grande, com certeza não iremos perceber a informação, a mensagem que ele está tentando nos transmitir.

É indispensável para se estabelecer um diálogo produtivo compartilhara responsabilidade da comunicação, focalizando a atenção no que o outro está dizendo, procurando a mensagem não apenas nas palavras mas, também nas expressões, nas suas reações emocionais e ajudá-lo a expressar seus pensamentos.

Essa atitude busca abranger todo o contexto, envolvendo o indivíduo a partir do seu interior, possibilitando captar em tom afetuoso, o pessoal, o real da comunicação, o sentimento no qual a pessoa está envolvida ou detida. Quando isso acontece, as emoções, as percepções daquele que ouve já estarão totalmente centradas no outro, aberto para aceitar um conteúdo psíquico diferente do seu.

Essa empatia estabelecida permite sentir o mundo subjetivo do outro, que nesse momento oscila desequilibrando o todo.

Quem se dispõe a ouvir assim, não tem a preocupação de interpretar, apoiar, julgar, aconselhar. Disposto a captar o que de real o Espírito está vivendo, é atento a gestos, trejeitos, expressões, detalhes indicadores da intensidade da dor. Perguntas simples, tiradas daquilo que lhe está sendo contado, vão norteando-o, possibilitando que ele próprio descubra os porquês, deduza ou visualize caminhos.

A quem ouve nessa proposta, é necessário sensibilidade para que a atenção não se fixe somente no caso, no enredo, no drama mas, envolvendo a pessoa como um todo, interessar-se pelo crescimento, pelo desenvolvimento de um potencial, de uma capacidade maior para entender e enfrentar a vida.

Ao invés de deter-se, de querer resolver, todo o seu interesse está voltado para a criação das condições favoráveis, nas quais o Espírito é levado a alcançar o significado real do seu drama, descobrir sua origem, os males causados, a dor superlativa do momento, buscando com os esclarecimentos, encontrar o modo, a maneira de superá-los em caminhos novos.

Ouvir desse modo leva a pessoa que sofre a conhecer-se melhor, a descobrir raízes bem como ideais e a própria potencialidade despertando-se para vencer bloqueios.

A tal ponto essa atitude é benéfica e construtiva que, pouco a pouco o indivíduo vai

adquirindo confiança em si e habilidade para resolver com equilíbrio suas situações e conflitos, ajustando-se mais adequadamente ao meio, no constante romper barreiras daquele que anseia por um dia caminhar liberto.

Esse ouvir atento, empático em relação ao outro, é aquele dar de si, aquele algo mais que se detém no servir; é o dar-se no dar sem se contagiar emocionalmente e que desperta o outro para ajudar-se.

Quando, portanto, nos couber falar, falemos com todo sentimento real do amor, encadeando raciocínios que levem à análise, à reflexão, sem ferir e principalmente sem reanimar iludindo ou enganando com propostas ilusórias e descabidas.

Se o trabalhador do "Atendimento Fraternal" refletir nestes pontos e sobretudo aplicá-los em si na ação de conversar, no campo específico com o desencarnado, começa a perceber a inspiração dos amigos espirituais, que será utilizada no momento da orientação.

Por isso | necessário desenvolver e aperfeiçoar a arte de ouvir em treinamento e prática. Com estudo, reflexão e boa vontade poderemos nos tornar bons ouvintes.

(...) "A capacidade mais importante na comunicação é saber ouvir. É interessante notar que aprendemos a escrever, falar e ler, mas quase nunca nos ensinaram a ouvir corretamente as verdadeiras intenções que envolvem as palavras.

Quando utilizamos somente a estrutura da audição, desprezando as forças sutis da alma, nunca chegamos às profundezas da percepção do Espírito.

Escutar é simplesmente manter um diálogo convencional, passageiro e corriqueiro; ouvir, porém, é embrenhar-se na troca de alma para alma, em que a essência realmente age com sintonia e inspiração "(...)"⁽⁵⁾

Ao final destaca-se a importância de aprendermos a ouvir para auxiliar sem a pretensão de resolver.

Nos detalhes do caminho, nas pequenas providências, será nesse dar-se no dar que, a exemplo de Jesus, estaremos amando, consolando, esclarecendo e servindo.

Iracema Linhares Giorgini

Outras obras consultadas:

-XAVIER, Fco C-, pelo Espírito Emmanuel, Palavras de Vida Eterna, 8a.ed, CEC, Uberaba-MG 1986, lição 72, p.161-162.

-BIGHETTI, L.M. Sessão Mediúnica, 2a. ed, BELE, Ribeirão Preto-SP, 2005, p.212-217.

-ZERAÍK, Cacilda- Saber Ouvir, www.cacildazeraiik.com.br, 1 -10-2005.

⁵ - NETO.Francisco do Espírito do Santo, pelo Espírito Baturia, Conviver e Melhorar. 3a.ed. 1999, Boa Nova.Catanduva-SP. Lição 6, p.44.

Prefácio

O trabalhador da Casa Espírita não pode contar apenas com a boa vontade no exercício de suas tarefas. Há que se preparar adequadamente para atender as necessidades do trabalho bem como daqueles que procuram o Centro Espírita trazendo suas dificuldades.

Dessa forma, o livro *Atendimento a Desencarnados*, já na sua terceira edição, vem ao encontro dessas necessidades.

Nos diálogos com os Espíritos, seus conflitos e situações as mais variadas, o texto traz reflexões minuciosas sobre as formas de atendimento, mostrando que não existe uma fórmula pronta, uma receita para receber e atender bem os Espíritos que se comunicam, estejam encarnados ou desencarnados.

É um livro que não deve ser apenas lido; é necessário o estudo cuidadoso retirando de cada situação o aprendizado para o trabalho, mas, e principalmente, ensinamentos para a vida.

A ideia de preparar um livro com nossas próprias experiências nas sessões mediúnicas, com situações com as quais convivemos foi fantástica e enriquecedora para todos que participaram desse momento.

Agradecemos aos Espíritos por permitirem retratar seus dramas, e à companheira Leda que muito se empenhou para concretizar essa obra.

Ribeirão Preto, 10 de agosto de 2013.

Iracema Linhares Giorgini

Referenciando a Capa

Caminho...

Me arrasto.

O pântano atola.

Tristonho, tropeço entre a dor, desespero, o sono e o sonho.

Em meio ao charco, passado é presente.

Anseio por luz, que dissipe trevas, espante solidão.

No transcorrer dos dias, lá longe, tênue clarão parece despontar na noite sombria.

Alvorço-me.

Obrigo me a avançar...e...,

Uma porta!...Uma porta aberta!? Convite? Há forte luz me atrair...

Conquistarei o Amor?

O Amor me conquistará??

A autora

Jesus Doutrinador

Jesus Doutrinador

Se hoje o termo "doutrinador" caminha para o desuso dentro do movimento

espírita, por não trazer em seu significado aquilo que representa para a figura daqueles que, através do concurso fraterno, se dispõem a dialogar com os desencarnados nas sessões mediúnicas de desobsessão, em Jesus encontramos a mais exata qualificação do termo. Doutrinador é aquele que funda, pratica e propaga uma doutrina e isso, em Jesus, e somente Nele, é verdadeiro.

Os evangelhos de Mateus, Lucas e Marcos, aceitos por todas as filosofias cristãs, testemunham que a desobsessão iniciou-se com o ministério do Cristo, pois encontramos no panorama descrito pelos evangelistas, um painel onde a mesma grassava praticamente sem combate, atingindo as classes sociais, sem distinção. Nota-se isso pela naturalidade com que os evangelistas narram os casos de "possessos" de Espíritos ditos impuros ou mesmo "demônios", segundo as traduções para a língua portuguesa. O que fica claro, no entanto, é que, se tal circunstância era fato comum na sociedade da época, uma intervenção positiva e de resultados práticos era totalmente inabitual, para não dizer inédita. Vejamos, por exemplo, o que nos narram Mateus (8:28 e seguintes), Marcos (5: Iº e seguintes) e Lucas (8:26 e seguintes), no episódio conhecido como "O obsidiado de Gerasa".

Narram esses evangelistas, com muita naturalidade, que nessa terra habitava um homem que, possuído por um Espírito, não podia ser contido de forma alguma e, por isso, vagava sozinho pelos cemitérios, ferindo-se com pedras. Quando o grupo liderado por Jesus chega a localidade esse homem, imediatamente atira-se aos pés do Senhor rogando-lhe que não o atormentasse e identificando-o como filho de Deus. Pouco tempo depois, os moradores aglomeram-se para verificar o ocorrido e encontram o ex-obsesso sentado pacificamente aos pés do Mestre. Tal fato causa-lhes espanto tão grande que, tomados de temor, rogam a Jesus que se retire da terra deles. Ora, o que temiam esses homens? Por que estranhariam que algo assim ocorresse se fosse comum a chamada "expulsão dos demônios"? Fica claro, portanto, que se iniciava com Jesus, um novo patamar nas relações entre encarnados comprometidos com a renovação moral e desencarnados em perturbação.

Outra prova de que se inicia com o Cristo essa nova era, está nas escrituras onde Lucas (11:14 e seguintes), Mateus (12:22 e seguintes) e Marcos (3:22 e seguintes) narram que as autoridades da época atribuíam a "espantosa" capacidade de Jesus, a uma relação Dele com Belzebu, que era conhecido como o maior entre os demônios. Tal narrativa vem comprovar que, ao contrário dos fenômenos obsessivos, a terapêutica para esses fenômenos era totalmente extraordinária, não só para as autoridades, mas até mesmo para os seus discípulos, como consta no Evangelho de Lucas (10:20) no qual é narrado que Jesus envia um colégio apostólico para pregar a boa nova, curar os enfermos e expulsar os demônios e, que ao voltarem aqueles discípulos, exclamavam eles com júbilo e espanto: "Senhor, até mesmo os Espíritos malignos se nos submetem, em Seu

nome...". Isso deixa claro que uma ação humana frente aos fenômenos obsessivos era totalmente ineficaz até a doutrina de amor incondicional da qual Jesus foi o fundador.

Poderíamos, muito oportunamente, questionar-nos a respeito do que se operava em favor dos desencarnados, uma vez que nos evangelhos citados, não existe tal esclarecimento, mas reflitamos: caso Jesus operasse exclusivamente em favor dos encarnados, Ele estaria intervindo numa relação de caráter arbitrário, o que não condiz absolutamente com o que Ele afirma no Evangelho segundo João (8:15 e 16): "Vós julgais segundo a carne (ou seja, segundo a compreensão de encarnados em seu momento evolutivo). Eu a ninguém Julgo. E se na verdade julgo, o meu juízo é verdadeiro, pois não sou só eu, mas eu e meu Pai, que me enviou...". Ora, julgar é apontar culpados e inocentes; Jesus, com essas palavras mostra que embora tivesse Ele autoridade e conhecimento para tal, não o fazia. Compreende-se, portanto, que, se os evangelistas não narraram as providências de Jesus para com os desencarnados, era porque não tinham eles acesso a esse conhecimento, como esclarece o próprio Jesus no Evangelho segundo João (16:12 a 14) quando afirma: "muitas coisas ainda tenho a dizer-vos, porém não as podeis suportar agora. Quando vier o consolador, o Espírito de Verdade, ensinar-vos-á toda a verdade". E, de fato, dezenove séculos depois, mais precisamente, em dezoito de abril de 1857, essa promessa é resgatada com a publicação de "O Livro dos Espíritos", onde as relações entre seres humanos encarnados e desencarnados é descortinada, renovando ainda a proposta do fundador dessa doutrina, portanto Doutrinador por excelência, de amar até mesmo os inimigos, estejam eles encarnados ou não.

Finalmente, concluímos que o exercício do diálogo fraterno realizado nas sessões práticas espíritas, é a continuação daquele colégio apostólico iniciado com Jesus, que hoje não mais se espanta que os Espíritos se "submetam" em Seu nome, em sua proposta de amor, mas agradece profundamente a oportunidade de aprender com a experiência de cada companheiro que, através de seu drama, expõe um complexo painel dos mecanismos de ação e reação, que regem as relações humanas nos seus níveis físico e extrafísico. Rogamos assim ao Senhor e Dirigente Máximo de nossas atividades, que nos mantenhamos a altura do benefício que somos chamados a receber na continuação, expansão e divulgação de Seu ministério de Amor ao próximo.

Edder Pinheiro Rangel

As Comunicações Espíritas

Fatos - Histórias - Estudos

As Comunicações Espíritas

I. Várias Espécies de Comunicação

Os Espíritos atestam sua presença de várias maneiras, conforme aptidão, qualidade inata ou capacidade adquirida, vontade e maior ou menor elevação.

Desse modo, ao evidenciar sua presença, haverá destaque, priorização de um ângulo sobre outro mas, as formas que estudaremos a seguir, ligam-se naturalmente, dando nuances próprias a cada comunicação.

A natureza das manifestações, em resumo, poderá evidenciar-se como:

1º) ação oculta, quando nada tem de ostensiva como por exemplo, as inspirações ou sugestões de pensamento, os avisos íntimos, os pressentimentos, a influência sobre os acontecimentos, etc, etc.

2º) manifestações físicas ou materiais traduzidas por fenômenos sensíveis como ruídos, movimentos e deslocamentos de objetos. Essas manifestações, em tese, nenhum sentido oferecem, além de chamar atenção para algo ou convencer-nos da presença de uma energia em ação.

3º) manifestações visuais ou aparições, quando o Espírito se mostra sob uma forma qualquer, sem ter nenhuma das propriedades conhecidas da matéria.

4º) manifestações inteligentes quando exteriorizam através do pensamento, um sentimento, um estado íntimo, uma ideia.

Toda manifestação que tem sentido, mesmo quando não passa de um simples movimento ou ruído, que acusa certa liberdade de ação corresponde a um pensamento ou obedece a uma vontade, é uma manifestação inteligente e esta pode acontecer em todos os graus.

Evidencia-se nessa afirmação, o parâmetro norteador da proposta espírita - todo efeito inteligente há de, por força, derivar de uma causa inteligente expressando uma intenção, respondendo a um pensamento.

As comunicações, portanto, são manifestações inteligentes que têm como objetivos a troca de ideias entre o homem e o Espírito desencarnado.

2. Natureza das Comunicações

A qualidade dessa comunicação varia segundo a elevação, inferioridade, saber ou ignorância do Espírito que se manifesta e conforme a espécie do assunto de que se trata.

Se vierem de Espíritos levianos, zombeteiros, mais travessos que propriamente maus, as comunicações serão de caráter frívolo, fútil. Não há nenhum comprometimento com a verdade, sentem prazer em semear controvérsias e polêmicas. Terão características grosseiras quando se expressarem com termos ou conteúdos que chocam pela agressividade, malícia. Provêm de Espíritos inferiores, vinculados à matéria e se expressam como o fazem homens viciosos, inferiores. Como decorrência terão conotações triviais, ignóbeis, obscenas, insolentes, malévolas, ímpias, etc.

Já as comunicações sérias são graves quanto ao assunto e à forma como encadeiam o pensamento, uma vez que as expressões usadas pelos Espíritos superiores são dignas e isentas de frivolidades.

Há que se refletir que nem todos os Espíritos sérios são esclarecidos. Existem muitos que ignoram sobre o que falam e que podem enganar-se de boa-fé.

Esse o motivo pelo qual os Espíritos superiores recomendam submeter todas as comunicações ao crivo da razão e da lógica.

Em síntese, toda comunicação que exclui a frivolidade, grosseria e tem um fim útil, pode ser considerada como séria.

As instrutivas são as comunicações sérias cujo principal objetivo é um ensinamento sobre as ciências, moral, filosofia, etc. São mais ou menos profundas e verdadeiras conforme o grau de elevação e desmaterialização do Espírito. A característica é que elas devem ser regulares, perseverantes, encadeando raciocínios, na coerência que permite apreciar o valor moral e intelectual do Espírito que se comunica, bem como o grau de confiança que merecem. Não abdicar da razão, analisando apenas uma ou duas; ter esse cuidado sempre frente a todas as comunicações. A frequência, a regularidade do teor moral, filosófico ou científico é que indicará o grau de confiabilidade, que em nenhum momento exime quem a recebe, da análise, na confrontação diante dos objetivos maiores da vida. **Exortarão à bondade, ao estudo, ao discernimento, à educação, detalhes esses imprescindíveis àqueles que são responsáveis e conscientes dos próprios deveres diante das leis divinas.**

3. Modos de Comunicação

São variadíssimos os meios que os Espíritos podem usar para se comunicar. Atuando sobre órgãos e sentidos, podem manifestar-se à visão por meio da aparição; ao tato por impressões tangíveis, visíveis ou ocultas; à audição, pelos ruídos; ao olfato, por meio de odores sem causa conhecida.

Todos eles constituem-se como modos de manifestações reais, entretanto, muitas causas e interpretações podem induzir ao erro.

Dessa reflexão destaca-se cuidado que se deve exercer frente à permuta regular e continuada de pensamentos. Além desses, são comuns os sinais, pancadas, a escrita e a palavra.

Os sinais consistem no movimento significativo de objetos, por ruídos ou golpes vibrados. Terão um sentido, um objetivo. Revelarão a ação de uma inteligência, lembrando novamente que todo efeito tem uma causa, e nesse caso, se o efeito é inteligente deve provir de causa idêntica demonstrando intenção; respondendo a questões mentais ou não.

Nesses sinais, o Espírito usa uma espécie de "mímica", isto é, exprime a natureza de seus sentimentos de afirmação ou negação pela força das pancadas: violência, pelo brusco do movimento; cólera, impaciência, batendo

repetidamente fortes pancadas; se amável e delicado, inclina a mesa, ao início e final da sessão como saudação; se, especialmente quer dirigir-se a algum assistente, a ele se volta com brandura ou violência conforme deseje demonstrar afeição ou antipatia.

Essa linguagem recebe o nome de sematologia.

Classificadas ainda como sinais, embora sob outra forma de expressão, estão as comunicações por meio de pancadas propriamente ditas ou tiptologia, método este que caracteriza as primeiras manifestações inteligentes. É um meio limitado, primitivo, uma vez que restringe a comunicação a um "sim" ou "não", mediante convencional número de pancadas. Com o decorrer do tempo, suíram aperfeiçoamentos como a tiptologia alfabética, que consiste em se indicar as letras do alfabeto pelo número correspondente de pancadas, uma para a letra a; duas para a letra b e assim por diante. Conforme o número das batidas, uma pessoa grafava as letras à medida que iam sendo designadas obtendo-se palavras, frases e até desenvolvimento de um tema. Também, por um sinal convencional, o Espírito *faz sentir* que terminou.

Percebe-se ser este um meio lento; consome tempo, principalmente se a comunicação for longa. A prática, levou ao uso de abreviaturas, permitindo alguma rapidez.

As pancadas, os sinais podem acontecer de uma maneira mais simples, no interior da madeira da mesa, sem nenhum movimento, dando a impressão que estão se processando na superfície ou no interior, não só da mesa, mas também numa parede, pedra, móvel ou qualquer outro objeto. É conhecido com o nome de tiptologia interior.

Várias buscas procuraram *faci litar*, aperfeiçoar o método em uso. Cada detalhe acrescido não conseguiu alcançar a rapidez e a facilidade que o próximo meio em estudo, a escrita, alcançará. Essa a razão porque foram abandonados não sendo mais usados.

Como faz o Espírito para atuar sobre a matéria inerte?

Quando a mesa, o objeto se move, a pancada acontece, não é o Espírito que usa suas mãos ou a força do seu braço. Embora tendo um corpo em tudo semelhante ao nosso, ele é fluídico, o que impossibilita uma ação muscular propriamente dita.

A mesa, o objeto, é saturado com seu próprio fluido combinado com os do médium. Por esse meio, o objeto fica animado de vida factícia, artificial e obedece a uma vontade exprimindo alegria, cólera ou os diversos sentimentos do Espírito atuante. O objeto material portanto, não pode receber a impulsão dos músculos do Espírito; é sim animado por seus fluidos, mais os fluidos do médium, mais os fluidos ambientes que, combinados, segundo a intenção ou necessidade, faz o papel da força muscular. A vontade imprime direção.

Esse é o princípio fundamental de todos os movimentos em casos semelhantes.

O Espírito precisa do intermediário que funciona como um laço que o une à matéria.

Nos fenômenos espíritas a causa imediata | o agente físico, mas a causa primeira é a inteligência que age sobre esse agente, assim como nosso pensamento age sobre nossos membros - quando, por exemplo, queremos acenar a alguém, não é o pensamento que o faz - este dirige, sim, o braço.

Outro modo de comunicação é a escrita designada pelo nome de psicografia.

Para se comunicar pela escrita, os Espíritos usam como intermediários, pessoas com aptidão de escrever sob a influência de uma força que os dirige. Esse médium cede a um poder estranho ao seu controle. A mão é agitada por uma impulsão involuntária, quase febril: toma o lápis e não consegue parar nem prosseguir à sua vontade. Quando terminam, o médium, na mesma dinâmica larga bruscamente o lápis. Na grande maioria das vezes não tem consciência do que escreve; a escrita vem antes do pensamento; o médium funciona como uma máquina. Esse tipo é conhecido com o nome de psicografia direta ou mecânica. É raríssima. O movimento independe da vontade do médium.

Outra forma, é quando o Espírito atua sobre a alma do médium, isto é, o médium capta o pensamento do Espírito livre e o transmite escrevendo. Nesse caso tem consciência do que escreve, embora não exprima seu próprio pensamento. Pode-se reconhecer que o que o médium escreve não é dele, por não ser a ideia preconcebida; nasce à medida que a escrita vai sendo traçada. Quase sempre é contrária às ideias do médium, podendo inclusive estar fora de seus conhecimentos e capacidade. Nesta o médium funciona como intérprete, pois, para transmitir, precisa primeiro compreender, apropriar-se do sentido para traduzi-lo fielmente - no entanto - esse pensamento não é seu; apenas atravessa-lhe o cérebro: o pensamento e a escrita são simultâneos. Psicografia intuitiva é o nome que se dá a tal modalidade.

Outra forma é conhecida como psicografia semimecânica.

Nesta o médium participa de ambas as formas; sente a impulsão nas mãos ao mesmo tempo que tem consciência do que escreve, à medida que as palavras se formam.

No primeiro caso (mecânica) o pensamento vem depois do ato da escrita; no segundo, precede-o; no terceiro acompanha-o. Esta forma é a mais comum.

Allan Kardec estuda, na Revista Espírita citada, uma forma de comunicação escrita sem intervenção direta. Nesta as palavras são traçadas por um poder extra-humano visível ou não. É chamada de escrita direta ou espiritografia para distingui-la das comunicações obtidas pelo médium. Esta prescinde dele - o Espírito é que age por si, diretamente, porém, submetido às combinações fluídicas estudadas anteriormente.

Uma terceira forma de comunicação é a palavra.

Nesta, a força é semelhante à que se faz sentir na mão dos que escrevem, direcionada, porém, aos órgãos vocais.

Como as escritas, as comunicações verbais podem ocorrer sem o intermédio

ostensivo, quando palavras e frases soam aos nossos ouvidos sem causa física aparente. Também podem aparecer em sonho ou estado de vigília e dirigir-nos a palavra para avisos, instruções etc. Como tudo deve ter um nome, a primeira forma citada é chamada de espiritologia mediata e as últimas de espiritologia direta, termos este, praticamente não usados e até mesmo desconhecidos.

Em síntese: dos vários meios de comunicação a sematologia é o mais incompleto. E lento e dificilmente se presta a desenvolvimentos de certa extensão.

A escrita e a palavra são meios mais completos e também são preferidos pelos Espíritos por permitir precisão nas respostas e pelo desenvolvimento que comportam.

No caso da psicofonia, isto é, a comunicação através da palavra, o Espírito transmite diretamente ao médium seu sentir, seu pensar. O médium é um intérprete, porque está ligado ao corpo físico do qual o Espírito através do perispírito se serve para falar.

Muitos não conseguem conceber um Espírito, agir sobre a matéria e comunicar seu pensar, por defini-lo como "imaterial". Essa dúvida decorre, principalmente, do desconhecimento da constituição do ser humano estruturado na Doutrina Espírita em três princípios:

—o Espírito em forma de matéria inexprimível ou explicável ao nosso atual estágio evolutivo;

- o corpo físico, acessório, veste, invólucro que o Espírito deixa quando as condições físicas dessa matéria não mais oferecem condições, e,

—um elemento intermediário, semimaterial, que serve de ligação entre ambos

Conhecido pelo nome de perispírito, é ele que permite a atuação do Espírito sobre o corpo físico, durante a vida da pessoa e, as manifestações espíritas propriamente ditas, uma vez que esse elemento intermediário, acompanha o Espírito após o desencarne.

Na comunicação ostensiva de desencarnado para encarnado há transmissão do pensamento. A mente do médium capta também via perispírito e reproduz com suas próprias palavras.

É o médium alguém à mercê do Espírito e portanto alguém passível de ser atuado à sua revelia?

De modo algum. A menor oposição magnética ou uma vontade formalmente contrária pode deter, perturbar ou retardar a Toda ligação entre mentes se faz num preciso momento através da afinidade, da semelhança de pendores, afinidade esta que abre o campo para que se estabeleça a sintonia num acoplamento de ondas afins. No médium ostensivo, além dessa mecânica que é comum a todos, está ele envolto no intuito de servir, portanto, abandona-se e permite que o outro se comunique para, através do diálogo que se seguirá, ser auxiliado.

Assim, um Espírito ao se comunicar tem seu perispírito expandido. O médium, em igual processo, capta o que ele está exteriorizando. Nesse momento, o Espírito

sente o peso da matéria do encarnado; pela diferença vibratória, fica em condições parecidas dos pacientes hipnotizados. Tomam-se em consequência, sugestionáveis, sofrendo considerável atuação em sua faculdade de memória, fato próprio que facilita o aceite do pensamento alheio e das emoções que o acompanham.

No ato mediúnico da comunicação pela palavra há como que uma fusão no sentido de mistura, união, entre o perispírito do desencarnado e o do médium.

O estado emocional do Espírito irradia-se do seu corpo perispiritual sendo captado pelo corpo espiritual do médium. Ao "toque" desses dois perispiritos há um leve choque que altera o psiquismo de ambos: o Espírito, através da palavra, como que desperta do estado monoideado no qual se detinha; o médium sente sua desdita e exterioriza esse penar.

Aconteceu a interpenetração fluídica que permite ao Espírito manifestar-se. O médium fala como intérprete de uma situação que embora não sendo sua, pessoal, naquele momento, permite ao Espírito num gesto de amor, a oportunidade de esclarecer-se na sua situação de Espírito imortal que é.

O médium toma-se instrumento no qual o Espírito se sente vivo. Ouve os raciocínios que o atendente lhe oferece, pergunta, reclama, insiste para depois perceber sua real situação - a de alguém detido em um momento de dor, de ódio, de confusão e que necessita de ajuda e encaminhamento.

A prática espírita assim orientada é fonte de consolação, progresso moral e ajuda recíproca para encarnados e desencarnados. Desenvolvem-se aí trocas fluídicas, providencias delicadas, tratamentos, diminuição das fixações mentais, coleta de energias animalizadas, regressão de memória. Ainda há a formação de quadros fluídicos nos quais o comunicante vê a própria realidade facilitando o entendimento de suas dores, como veremos nos episódios reais que constituem esse volume da série.

As comunicações inteligentes exteriorizadas na escrita e palavra constituem realidade importante da fenomenologia espírita. As manifestações físicas podem até servir para despertar, entretanto, só estas últimas estudadas na sua mecânica e recordadas nas histórias que seguem, e que contribuem para formar certezas e crença sólida, uma vez que se dirigem à razão, estruturando a fé raciocinada que, segundo Allan Kardec, é aquela que pode encarar a razão face a face em todas as épocas da humanidade.

Racocínios embasados em:

KARDEC, Allan, O Livro dos Médiuns, 48a.ed., 1983 FEB, Rio de Janeiro-RJ, cap. 112a.parte, cap. 1 - 53 e 54. KARDEC, Allan. O Livro dos Médiuns, 48a.cd., 1983 FEB, Rio de Janeiro-RJ, 2a.parte a partir da p.69.

KARDEC, Allan, Revista Espirita-Jornal de Estudos Psicológicos, ED1CEL, 1985, Sfto Paulo-SP, 1858, p.6-8

Fatos — Histórias - Estudos

- 1 -

- Não adianta, não insista... você não vai fazer comigo o que fez com os outros...

- E o que foi feito com os outros?

- *Ficaram presos aqui.*

- Por que acha que ficaram presos?

- *—Porque eles não mais voltaram.*

- Já pensou que talvez eles decidiram ficar porque encontraram algo que lhes agradasse, uma vez que não é feitiço da casa prender ninguém?

- *E... eu então não estou preso?*

- Não. E livre... podemos continuar a conversa ou poderá ir-se, caso queira. Estabelece-se silêncio ao final do qual pergunta:

- *O que eles encontraram para decidirem ficar?*

- Talvez algo que respondesse às suas inquietações e dores. Mas, diga-me: como está? O que se passa? Sinto-o em desassossego... Silêncio...

- *—... sabe o que é? Destruíram minha vida... vaguei sem rumo, odeio e só tenho um objetivo*

- *— achá-los e devolver-lhes em dobro o que me fizeram. Após muito tempo, indo de lá pra cá, encontrei um grupo que se dispôs ajudar-me a encontrá-los e então fazer justiça. Um, escondido com outra máscara, já encontrei; faltam os outros...*

- E ao entrar para esse grupo, encontrar um de seus algozes, isso lhe fez, lhe faz bem?

- *Não. Encontro-me muito mal, não melhorei nada.*

- E por que não melhorou? Há um grupo que é amparado por eles, já identificou um, tem o objetivo de encontrar os outros... por que não melhorou?

- *—Acho que é porque não consegui ainda reuni-los e vingar-me...*

- Realmente, antes disso não seria melhor o senhor cuidar-se um pouco?... Veja suas roupas... olhe suas unhas... seu cabelo... O que acha de primeiro procurar ficar melhor?

- *Como isso é possível?! Só consigo pensar neles na vingança, no ódio... Tomei-me um trapo...*

- Veja, convido-o a ficar alguns dias aqui onde será acolhido com todo carinho, tratado. Haverá pessoas experientes que, conhecendo seu drama, poderão juntos verificar detalhes, possibilidades. O senhor analisará, entenderá melhor os acontecimentos e com segurança fará escolhas... O que lhe parece?...

Silêncio e após...

-Estou cansado... muito cansado. Vou ficar e ver o que acontece.

Análise

Note-se que o atendente não se deteve em querer convencê-lo de que os outros não haviam sido forçados a ficar.

As perguntas do atendente levaram-no a sair de uma apreciação já fechada para ele. Forçavam-no a pensar, a refletir, a perceber outras razões ou possibilidades. Nada lhe foi oferecido tentando convencê-lo de que eles ficaram por decisão própria.

Quando diz que se juntou a um grupo não há repreensão. Apenas lhe é questionado: foi bom?, sentiu-se melhor...?

Tão logo estampou-se alguma tranquilidade, habilmente o atendente voltou-se para ele... "e o senhor como está?", "... como se sente?" ...

Refleta-se que esse senhor há muito deixou de pensar em si como pessoa com anseios e necessidades... A pergunta do atendente o surpreende e choca ao mesmo tempo. Constata sua realidade... "Tomei-me um trapo..."

O atendente não se aprofunda nessa constatação dele e carinhoso, firme, sem forçar, intimidar ou prometer, convida-o a momentos que busquem algum refazimento, alguma paz, nos quais muitas situações necessárias se aclararão dentro de inúmeras outras providências que certamente acontecerão.

Observação

Quando o atendente coloca-"veja suas roupas, suas unhas, etc.", o fez talvez inspirado, mas principalmente por deduzir que alguém que se ocupa como ele em praticamente "caçar" os outros, não olha para si, o que é lógico - o Espírito está em fuga dele mesmo. Caso alguém não se sinta seguro nessa direção da abordagem, também funciona bem, simplesmente perguntar-e sua aparência, como está? - talvez, levasse mais algum tempo, mas chegaria ao mesmo final. Atendimento A Desencarnados

- 2 -

- *Não vou lhe dar nada... Tira, tira as mãos... Essas coisas são minhas... Não é porque é minha sobrinha que pode apropriar-se... sai... sai*

Fala com a atendente como se fosse ela sua sobrinha... Esta escuta, não pergunta que coisas são essas. O Espírito após expressar sua indignação pergunta à "sobrinha":

- *Você entendeu bem?! Isso é meu! e silencia.*

A atendente pede-lhe que a olhe bem e identifique-a como não sendo sua sobrinha. A surpresa é enorme.

- *E quem é você?*

-Atendo aqui as pessoas que chegam. O senhor estava aflito e eu aproximei-me. Posso ser útil?

- *Por que minha sobrinha não me ajuda? Por que nossos entes queridos somem?*
- Muitas vezes, não é que os familiares não querem. Há situações em que não podem. Certamente o fato de o senhor estar aqui, deve-se a pensamentos deles desejando que o senhor esteja bem. Já pensou nessa hipótese?
- *Não. Não havia pensado, mas... será que há algo que eu possa fazer para que eles se aproximem e eu sinta que eles gostam de mim?...*
- Certamente; isso é possível sim, mas precisamos analisar em maior profundidade toda essa situação para buscar as respostas que deseja.
- *Como isso se fará?*
- Há companheiros nossos especializados nessa sua necessidade. Se quiser acompanhá-los, creio que achará as respostas.
- *Isso me interessa muito. Vou com eles... estou muito interessado em entender o que se passou... ou melhor, o que se passa.*

Análise

Tudo indica que esse senhor desconhecia haver desencarnado. Permanecendo no local onde vivera, vê a sobrinha mexer em suas coisas. Revoltando-se com o que qualificava desrespeito e invasão de sua privacidade, toma-se-lhe ideia fixa impedi-la.

A atendente não se detém em querer explicar-lhe o porque da sobrinha estar com suas coisas, nem que ele morreu etc. etc. Esse detalhe, importantíssimo por sinal, não era o ponto principal e sim a necessidade de agir no seu campo mental no sentido de que ele saísse daquilo que lhe estava sendo afrontoso.

Isso aconteceu quando a atendente pediu-lhe que olhasse bem para ela.

No momento em que identificou que a atendente não era sua sobrinha e sim outra pessoa, saiu do campo fechado no qual se mantinha e abriu-se ao diálogo, interessando-se em entender.

Observação

Não seria melhor, após ter saído o Espírito da situação fechada em que se achava, levá-lo a perceber que já havia desencarnado? Nesse caso, ele não ofereceu chance para que a conversa se encaminhasse para esse campo. O atendente tirou-o de cerceamentos: - a guarda das coisas - a "sobrinha" e quando lhe respondeu que muitas vezes os familiares não podem. Surgiu aí já para ele, outro interesse "como sentir que eles gostam de mim?..." Nesse caso, o atendente não teve outra forma, senão encaminhá-lo para os amigos espirituais... Felizmente ele coloca: "estou muito interessado em entender o que se passou..."

Atendimento A Desencarnados

- 3 -

- *O reino de Deus está próximo! O reino de Deus está próximo! Preparai-vos! Arrependei-vos!...*

Repetia tais afirmações sem parar. Quando fez uma pausa a atendente pergunta:

- Por que sinais o senhor percebe essa chegada?
- *São muitos, são muitos... a Terra verterá sangue... será pai contra filho... irmão contra irmão... fogo... fogo...*
- O senhor se lembra de uma passagem na qual Jesus disse que o reino de Deus está dentro de cada um de nós e que na medida em que cada um se pacificar esses vaticínios não acontecerão?

Parece pensar...quer saber mais, faz perguntas. A atendente responde sobre cada questionamento feito.

Silêncio. Parece refletir.

- *Você é alguma missionária enviada por Deus?*

E posto a par que não, que somos apenas atendentes servindo neste posto.

- *Não. Você precisa sair e ir avisar as pessoas sobre esse equívoco em relação à mensagem cristã.*

-Veja... por ora meu trabalho é aqui. Tranquelize-se: há outras equipes, outros grupos que fazem esse trabalho...

Demonstra perceber a presença de amigos espirituais, uma vez que pergunta:

-São eles?

- Sim, eles e outros.
- *Mas, chamam-me para ir com eles... Posso?!*
- Sem dúvida! Seja feliz!

Análise

A atendente em nenhum momento acirrou o ânimo do Espírito tentando provar-lhe que seu entendimento era falso. Se tivesse agido dessa forma, estabelecer-se-ia discussão que não levaria a nada.

Delicadamente levou-o a lembrar-se de Jesus, de seus ensinamentos. Trouxe depois esse convite do Mestre para aplicação hoje, em cada um. Refletiu com ele, levou-o a pensar.

Quando ele diz à atendente que saia e vá dizer isso aos outros, novo ensinamento - há outros que já realizam essa tarefa. Ao dizer-"são eles?" - praticamente encerra-se o atendimento pois os amigos o convidam a partir.Atendimento A Desencarnados

-4-

— *Assassinos! Assassinos! Arrancaram meus olhos! Veja como estou! Assassinos! Assassinos!*

Desesperado, repete sem cessar a acusação acima. Agita-se, chora; não oferece oportunidade a que se fale nada.

O atendente entra em prece, plasmando com seus pensamentos, fluidos balsamizantes a envolvê-lo.

Aos poucos o Espírito vai se acalmado, só chorando baixinho, sentidamente.

O atendente tranquilo e amoroso, fala-lhe do lugar onde está e que tentasse

perceber o tratamento que estava sendo feito em seus olhos.

Depois de algum tempo em silêncio, como que tomando consciência de uma nova realidade comenta:

— *Já não ardem tanto... acho que estou sonhando... parece que estou vendo uma pequena claridade...*

— O senhor não está sonhando não... São os tratamentos que precisam prosseguir para que fique bom. Aceita ficar conosco?

— *Sim, sim muito obrigado!*

Análise

Se o atendente tivesse tentado interferir visando acalmá-lo ou tentando de algum modo removê-lo do sofrimento, nada iria conseguir. A dor é muito grande, o sentimento de aviltamento e a impotência de nada poder fazer, só levariam a que ficasse mais revoltado.

A prece, no sentido como foi feita, envolveu-o em fluidos anestésicos e a voz calma e firme do atendente surge-lhe como âncora na qual ele se apegava, principalmente quando sente menos dor e tem a impressão de ver algo.

- 5 -

- *Epouco... é pouco... tem que sofrer... sofrer... precisa correr sangue... cortar a carne... Não é justo não acontecer o que me fez sofrer. Cala a boca... cala a boca senão vou buscar a segunda filha.*

E prossegue não ouvindo, não dando atenção ou respondendo às tentativas do atendente em abordá-lo.

- *Minhas filhas... minhas três meninas e diante de mim, seu pai... é muita dor... e o chicote cortava... os bichos nasferidas e ele ria, ria...*

Nesse desespero prossegue cada vez mais aflito, vingativo em sofrimento atroz.

O atendente, em oração é inspirado a dizer-lhe, em voz baixa, carinhoso, porém firme, com certeza:

- **O** senhor tem razão... sofreu muito, mas veja... olha quem chega...

- *É ele?! É ele?! É agora, vou pegá-lo...*

Súbito silêncio. Chorando convulsivamente, apenas diz:

- *Filhas... minhas filhas...*

Análise

Um caso difícil no qual o Espírito está totalmente monoideado, detido, centrado nos fatos sofridos. Tão logo o atendente notou tal fato, absteve-se de qualquer palavra.

Deixou-o falar, expressar a pungência de seu drama, enquanto envolvia-o em fluidos da prece ao mesmo tempo em que se abandonava para captar a direção que lhe viesse à mente. Essa confiança foi-lhe abertura necessária para convidá-lo a olharem determinada direção. Note que o atendente não lhe sugeriu ver as filhas,

mas a certeza de que os amigos espirituais usariam da melhor providência, imprimiu-lhe na ternura firme da voz, energias que o levaram a olhar.

Atendimento A Desencarnados

Observação

Outra hipótese seria, ao invés do atendente pedir-lhe que olhe ao redor, perguntar

- O senhor gostaria de receber notícias de suas filhas? Podemos providenciar...

- 6 -

— *Eles estão chegando... eles estão chegando... está ouvindo... são eles... eles vão perguntar... perguntar... não vou dizer... sou retardada... nããooseii... nããoosei...*

Expressa-se com a voz enrolada, a cabeça entortada para um lado, a boca torta em esgares. Passando algum tempo nessa atitude, volta a falar:

— *Por enquanto eles cansaram e se foram... mas voltarão... não aguento mais... Eu sei onde está escondido... meu irmão me mostrou e meu irmão..., meu irmão falou para eu não contar e toda vez que eles viessem me perguntar que eu me jogasse no chão, desmaiasse, puxasse a perna, batesse o braço e falasse enrolado quase cuspidando neles... e sabe... eu vi... eu vi quando deram um tiro na cabeça do meu irmão... e eu estou aqui e eles não desanimam... veja... eles voltam...*

Inesperadamente, o atendente diz-lhe:

Preste atenção... não são eles que chegam... veja... quem está aqui?

—*E meu irmão... é meu irmão... ele veio me buscar...*

Análise

Situação de problemática muito parecida com a do caso nº5, porém, com detalhes interessantes da "proteção" do irmão em relação à irmã.

Destaca-se a prudência em não esmiuçar querendo saber o que estava escondido, o envolvimento com os amigos espirituais ali presentes para que sentisse o melhor momento de intervir e o que dizer.

- 7 -

- *Não quero conversar... não quero falar vá embora... quero ficar quieta aqui no meu canto...*

- **E isso é bom para a senhora?**

- *Ê...*

- **Como é esse seu canto?**

- *Você não está vendo?... é aqui no cantinho da parede... escuro... quietinho... ninguém me vê aqui...*

—**E um bom esconderijo, não é?**

—*Esconderijo? Por que esconderijo?*

- **Não sei. Só a senhora sabe do que ou de quem está fugindo...**

- *Vá embora... vá embora...*

- Não será melhor procurar entender por que a senhora foi magoada a tal ponto que a levou a fechar-se assim?

Pranto convulsivo no qual o atendente, em prece, constrói mentalmente quadros em que a acalenta, confortando-a, alisando-lhe os cabelos. Quando se acalma, retoma:

- *Ele me abandonou e eu amava com todas as minhas forças... Ao abandonar-me, a família, quando soube, também me expulsou de casa. Procurei-o... nova decepção... já tinha outra família... Desesperada, sozinha, matei-me... encontrei esse canto e aqui fico... Nada tem sentido para mim...*

O atendente pergunta-lhe como está se sentindo agora, depois de ter falado sobre sua dor, de sentir-se aconchegada amorosamente.

- *Estou bem, mas parece que há um buraco dentro de mim, ao mesmo tempo em que sinto medo... muito medo...*

- **Medo? Em relação a quê? Medo do quê?**

- *De ter que voltar para o meu canto...*

Nesse ponto, o atendente, mentalmente envolvendo-a, pede-lhe que olhe ao redor, para ver se identifica companheiros que vieram buscá-la.

Ela olha para um lado, para outro, fixa-se em determinada direção, ameaça um sorriso e, entre lágrimas que silenciosamente escorrem, apenas diz, demonstrando, porém, alguma alegria tranquila...

— *Você... você veio...*

Análise

Note-se que o atendente não tentou provar-lhe que era bom conversar. Levou-a a analisar se tal atitude era boa pra ela, se lhe fazia bem, etc. etc.

O fato em si demonstrava que ela fugia de algo ou de si mesma. O atendente, porém, nada lhe diz; leva-a a interiorizar-se, a pôr-se frente a frente consigo e daí tudo transcorre na sequência que lhe aflora à mente. Quando diz que se matou, o atendente não interfere, não contesta, "não prega" e continua levando-a a analisar-se como se sente após falar de si. É nesse momento em que, num misto de avaliações, ela toma consciência -já não mais gostaria de voltar ao canto, mas para onde ir? Daí o medo manifestado e a prudência do atendente em simplesmente pedir-lhe que olhe ao redor e identifique alguém em que sinta poder confiar.

- 8 -

- *Tirem-me desta caixa... olha... está cheia de bichos... eles andam em cima de mim. Tira... tira... que nojo... que cheiro...*

Em aflição terrível, debate-se, faz gestos de como se tirasse algo de si, feia sem parar, sem oferecer brecha a qualquer reflexão. O atendente ouve-o por algum tempo, e como recomeçasse, é interrompido e com certa energia convidado a sair dali...

—Venha, dê-me sua mão... vim para tirá-lo daqui... venha.

Quando começa a demonstrar mais calma, o atendente pede-lhe que respire fundo, sinta o ar fresco. Acalma-se mais e mais e diz estar sentindo muito sono. Adormece e é encaminhado aos amigos espirituais para as providências que se seguirão.

Análise

O Espírito, na realidade, sentia-se dentro do caixão mortuário e, atrelado ao corpo físico, acompanhava sua decomposição. Segue-se que lhe atender a necessidade significava tirá-lo dali. Isso foi feito, não cabendo mais nenhuma conversa.

Certamente após o sono e os cuidados dos amigos espirituais, será ou não, trazido, caso haja ou surjam outras necessidades. Aí, ele já terá condição de alguma conversa, pois sua mente já está liberada do horror anterior.

Observação

O fato de oferecer a mão dá conforto, segurança, confiança, ao contrário de só convidar para sair do lugar em que pensa estar.

Outro detalhe é que não é a mão física do atendente que é oferecida, e sim a construção fluídica oriunda, plasmada pelo campo mental do atendente.

- 9 -

- *Donos da verdade, continuam... continuam como no passado... Enganaram-me... por causa de vocês, fui perseguido, morto. Saíam, saíam, não me deixarei enganar novamente.*

- *Hipócritas, isso é o que são... dando de bonzinhos... eu os conheço...*

Nesse ritmo prossegue. Quando faz sua pausa, o atendente reflete que é sim possível que tudo tenha se passado conforme ele diz, mas hoje, todos estamos desejando agir de forma diferente; refazer, mesmo que em parte, aquelas situações equivocadas.

- Olhe ao redor, analise... não estamos sós... há todo um grupo que nos envolve e ampara. Se agimos tão desconfortavelmente causando-lhe males, pedimos perdão pelos sofrimentos causados,... sinta a compreensão, o carinho que nos envolve...

Acalmou-se... diz que recebeu medicamentos, sente sono e como que se desarmando, comenta:

-Final vou dormir em cama confortável e limpa.

Análise

O que se destaca, nesse atendimento, é o fato do atendente não querer provar-lhe nada. Reconhece, inclusive, a possibilidade de tudo ter acontecido como ele relatou e retrata-se sinceramente por isso.

Tal atitude de não revidar ou discutir, fê-lo sentir com razão, o que o leva pouco a pouco a acalmar-se possibilitando a ação dos amigos espirituais.

Atendimento A Desencarnados

- 10 -

- Credo!
- Por que essa exclamação?

Silêncio.

O atendente incentiva-o a se expressar. Fala-lhe de como isso é importante e o que uma palavra certa pode representar, quando nos vemos em alguma situação difícil.

- *Não lenho coragem. Estou confuso. Não quero falar da situação... ela não tem jeito...*

O atendente diz-lhe que fique à vontade, mas que para tudo existe jeito, principalmente quando encontramos pessoas dispostas a nos ajudar.

- *Estou sozinho... não sei como começar...*
- Não mais está só. Estamos aqui, juntos conversando... todos vieram para ajudá-lo. E bem-vindo. Confie...

Silêncio. Parece refletir. Em segunda fala.

Há em mim uma nesguinha de esperança. Vou ficar e verificar o que preciso fazer a fim de melhorar minha situação e encontrar meu caminho.

Análise

Em nenhuma situação o atendente tentou forçá-lo a nada. Refletiu sobre a importância de conversar, não lhe pergunta qual a situação que o mantém confuso. Faz-lhe sim, afirmações reais até que ele mesmo fala de não saber que passos dar. Dai para frente, o oferecimento e o convite para ficar tomam-se tranquilos.

- 11 -

O Espírito dirige-se rudemente à atendente:

- *O que você quer com essas roupas bonitas? Disfarçar-se esconder... o quê? O quê? Hipocrisia... Não vem falar nada, não. Pare... pare de falar e lembre, lembre de como você me enganou, me envenenou...*

Como a atendente tentasse dizer algo, interrompe:

Não fale... o que quer agora, com suas preces que me incomodam nas trevas onde estou? Pare com isso também... Você continua a mesma e tenta querer me ajudar... pois sim...

A atendente recorre à prece, une-se aos amigos espirituais responsáveis pelo caso. O Espírito se aquieta e ao retomar a fala, o faz em tom lamurioso, lastimando-se:

- *Olhe o estado lastimável em que me encontro... Estou todo desfigurado, não posso, não posso perdoar, como eles pedem...*

A atendente mantém-se em prece.

O quê?! Reencarnação?! Não posso... vou prejudicar minha mãe... minhas condições são difíceis...

A atendente, mentalmente envolvendo-o num abraço, segurando-lhe as mãos, com

ternura, fala sobre a bondade do Pai, do amparo que terá, o que significa a bênção do corpo físico; que será um novo tempo, envolto pelo carinho materno, etc, etc. Deixando-se envolver pelo clima de certeza e entusiasmo, passado pela atendente, se acalma, relaxa e deixa-se cuidar.

Análise

"Segurando-lhe as mãos, com ternura...", idem a análise do caso 8 - construção mental.

Entender que o drama do Espírito não aconteceu necessariamente com a atendente.

Quando feia em "roupas bonitas", refere-se ao corpo físico.

Com esse entender, não lhe foi tentado explicar nada, pois não oferecia ele espaço para que se intercalasse qualquer reflexão.

Unindo-se em prece aos amigos espirituais, oferece-se no que for necessário (não indica caminhos) para que as melhores providências aconteçam.

Como resultado, sai do seu foco de atenção que estava centrado no outro e passa a enxergar-se, descrevendo-se pesaroso.

A atendente não tenta convencê-lo de nada, nem lhe explicar porquês, mas fala de amor, ternura, cuidados que não faltarão e que no clima criado, se envolve confiando-se aos amigos espirituais que vê e com os quais dialoga.

- 12 -

Não tente me enganar. Vim buscar aqueles do meu grupo que ficaram aqui presos nas armadilhas que usam.

O atendente pergunta-lhe que armadilhas são essas, como funcionam...

- *Não sei. Só sei que, os que vieram, não mais voltaram... Vim buscá-los.*

Reflete com ele, seja pensou na possibilidade de não haver armadilhas e os companheiros terem ficado por vontade própria

Ironiza dizendo ser isso impossível.

O atendente conversa, chamando atenção para a oportunidade de mudar, que todos buscamos, principalmente frente a argumentos que nos pareçam vantajosos, nos quais, a dor, o sofrimento funcionam como verdadeira busca para dias melhores.

- *Isso é tolice, bobagem. Meu trabalho hoje é destruir os que se reúnem em nome desse Cristo que tanto me decepcionou e onde aqueles que falavam em nome Dele, não agiam conforme pregavam... Sou vítima e testemunha disso...*

o atendente pergunta-lhe se não seria possível, dentro de acontecimentos, infelizmente reais, não se deter nesse lado sombrio das inúmeras criaturas, mas tentar enxergar aqueles que lutam, que se esforçam por viver o Cristo, no devotamento ao semelhante.

Você se engana... não sabe de nada...

o atendente fala-lhe da possibilidade de ver isso que está afirmando, através

de registros e até mesmo de ver essa doação acontecendo.

Silencia... olha fixo para o lado e conclui:

Esse senhor convida-me a pesquisar arquivos. Vou com ele.

Análise

O atendente é prudente em não querer provar-lhe que ninguém ficou ou está preso. Vai refletindo sobre pontos lógicos, até que se exteriorize o seu próprio conflito-a decepção com a crença, com a fé.

Os raciocínios sobre outros aspectos das criaturas, a possibilidade de haver pessoas leais, boas e de poder verificar isso, o seduz, ao lado do convite feito pelo Espírito responsável pelo drama em si.

- 13 -

A atendente, neste caso uma senhora, usa habitualmente uma correntinha no pescoço.

IO moça, estou vindo com você... lá da sua casa... Você é difícil... o dia todo tentei tirar essa corrente do seu pescoço, pegá-la para mim e não conseguia chegar perto de você. Uma hora você fechou a porta... Agora, você saiu e eu vim junto...

- Gosta da correntinha?

- *Sempre quis ter uma... quando fiz quinze anos, pedi uma a meus pais, mas, eles não puderam comprar...*

- se eu lhe oferecesse uma? Aceitaria?

- *Você... ?! Mas, eu tentei roubar a sua...*

-No momento isso não importa...Então...querou não quer?

- *Mas...como você vai fazer?*

- É o seguinte: toda vez que venho aqui trago uma sacola com bolas, ursinhos, bonecas, pois sempre há alguém que as queira. Hoje, coloquei uma caixinha diferente...Deixe-me procurá-la...olhe, é esta aqui...abra...vê o que tem dentro...

- *Mas posso? Posso mesmo?!*

- Sim, ela é sua... abra...

Lentamente, faz gestos de quem está tirando o papel, abrindo, estampando a seguir fisionomia maravilhada.

- *Que linda! Que linda!...*

- É sua... pode colocá-la no seu pescoço...

- *Que linda! Posso ir mostrar para aquela moça que me trouxe?!*

- Sim, vá mostrar-lhe... vá com ela..

Análise

A atendente não demonstrou surpresa nem interesse em querer saber detalhes em relação a tentar roubá-la; entrar na sua casa; não conseguir se aproximar dela etc. etc.

Não lhe passou, por esses fatos, nenhuma descompostura. Atende-lhe sim, a sua necessidade - o sonho de ter uma correntinha. Satisfeito este, através do

presente recebido, desvinculou-se da ideia fixa e de boa vontade acompanhou quem a chamava.

Se a atendente se dispusesse a falar-lhe que não deve roubar, não se entra na casa dos outros etc. etc., estabelecer-se-ia um diálogo incompreensível a esse Espírito e ele, se ficasse sentir-se-ia forçado ou voltaria para a rua novamente, em busca de satisfazer seu sonho.

Observação

A correntinha poderia ser oferecida de outra forma. Ao invés da sacola, dizer: - Você gosta tanto de correntinha. Gostaria que trouxéssemos uma para você? ou Posso providenciar uma - você quer?

Ainda, idem ao caso numero **8** e numero **11**, a sacola é uma construção fluídica, plasmada pela mente do atendente.

- 14 -

- *Insistem... insistem... estou cansado de ser importunado...*

- Em que sentido o senhor se sente incomodado?

IE esse trazer-me aqui seguidamente... Em nada tudo isso vai mudar o meu modo de ser...

Continuidade da vida. faiar

com vocês... tudo bobagem há anos estou vivendo como

quero e não tenho interesse em mudar nada... Não acredito em nada disso que faiam...

- Não acreditar é um direito que lhe assiste... mas isso não quer dizer que não existam situações que o senhor desconhece...

- *Não vem querer me doutrinar, não... Sou diferente desses bobos aí...*

- Senhor... veja... não há doutrinação... Não penso convencê-lo de nada... Mas... há pesquisas, estudos, lições trazidas de várias partes e que falam da realidade de uma outra vida, chamada de espiritual.

Enfático e de forma pausada, marcando bem as palavras,

felouc

- *Entenda... não tenho interesse em mudar. Acho certo o que fiz, o que fui, o que sou. Mas, sinceramente, não aguento mais vir aqui e ouvir que isso não é certo, que preciso mudar... essa baboseira toda... Você, hoje, ofereceu-me algo diferente. Tenho condição de conhecer essas pesquisas, esses trabalhos?*

- Sim; sem dúvida.

- *E como seria?*

- **O** senhor ficaria aqui e dois amigos irão assessorá-lo, facilitando-lhe os estudos. Talvez, nesse trabalho, o senhor descubra o porquê dessa insistência em trazê-lo aqui...

- *Vou pensar... vou pensar e depois respondo a eles...*

Análise

Caso o atendente se dispusesse a contestar qualquer uma de suas afirmações que, de certa forma, eram provocações, estabelecer-se-ia discussão que não levaria a

nada.

O atendente deixou que desabafasse e despertou-lhe o interesse, falando de estudos que provam a realidade de outro modo de vida. Explica-lhe, respondendo a pergunta sua, como se processaria esse estudo e não o pressiona a aceitar, respeitando-lhe a decisão de pensar.

Observação

Por que a indicação de dois amigos e não amigos, sem especificação de quantidade? Essa foi a inspiração vinda na mente do atendente, talvez baseada na prudência de sempre, quando, nos tratamentos, auxílios espirituais, passes é sempre aconselhado não estar sozinho. Cremos que não alteraria nada não especificar a quantidade.

— 15 —

Chega impotente... olha tudo, vira-se para um lado, para outro... observa...

- *Que lugarzinho é este, hem?! Que berreiro... choro... quanta gente doente...*

O atendente explica-lhe a função desse posto, que é justamente atender a doentes.

- *Não é o meu caso, estou muito bem... Veja... não tenho doenças...*

E-lhe colocado que existem várias formas de doenças, inclusive aquelas que não se exteriorizam no corpo mas estão na alma.

- *Ih!... tá vem você... para... para com isso. Sei por que estou aqui. Não tenho e nem quero nada com vocês. Sou chefe de um grupo de arruaceiros e isso também é trabalho...*

Silencia e após prossegue.

- *Quer saber?! Isso também não lhe interessa. Vim aqui porque me disseram que minha mãe passou por aqui. Como tenho pensado muito nela, resolvi passar para ver se ela está precisando de alguma coisa... Você sabe me responder?...*

- Não, eu não sei, mas esse senhor que se aproxima poderá responder-lhe.

Ouçá-o.

Após algum silêncio, retoma falando:

- *Ele diz que ela esteve aqui e se oferece para dar-me maiores esclarecimentos... Vou acompanhá-lo...*

Análise

Não há discussão nem melindre face às apreciações do Espirito, em relação ao ambiente e ao trabalho.

Quando o atendente fala de outras formas de doença, ele corta o assunto e revela a razão de estar ali.

Dali para frente, o atendente poderia ter tentado explicar-lhe por que estava pensando na mãe; quem havia dito que ela estivera ali, enfim, detalhes que incompridariam o atendimento. Quando pergunta se sabe, o atendente, ao dar-lhe as respostas que precisa, prudentemente, diz-lhe que não, mas assegura-lhe

convictamente de que ali está quem possa fazê-lo.

A partir de toda essa honestidade e respeito, os encaminhamentos necessários a esse Espírito acontecem.

Observação

O atendente indica um senhor (não uma senhora) atendo-se às características meio truculentas do Espírito.

Creemos, todavia, que uma senhora também seria aceita. Caso ele não a aceitasse, ter-se-ia que convencê-lo de que ela sabia onde estava sua mãe ou cuidava dela.

- 16 -

Dirige-se educadamente ao atendente:

- *Como vai?*
- *Muito bem, e o senhor?!*
- *Vou melhorar... vou melhorar...*
- *E do que depende isso?*
- *Eu explico... vim aqui para fazer um trato com você. Posso ir direto ao assunto?*
- *Claro; diga-me do que se trata... estou ouvindo...*
- *É o seguinte: sou pessoa de palavra e cumpro tudo o que prometo. Se você aceitar o trato, posso me colocar como colaborador para ajudar a esses que aqui vêm ou fazer tudo que você desejar ou precisar. Para isso, só peço que vocês coloquem sob minha guarda, o Monsenhor, de quem trago - está aqui — um dossiê e através do qual todos ficarão sabendo quem ele é.*

O atendente reflete com ele que, na função que exerce, não dispõe de poder para tal decisão.

O Espírito não dá importância a essa explicação. Apresenta-lhe o dossiê e pede-lhe que rubrique as páginas para que, como autorização, ele busque o Monsenhor.

Firme, seguro, o atendente volta a dizer-lhe que não é a pessoa indicada para tal autorização, e que entre eles está a pessoa com autoridade para esses encaminhamentos.

Você...você é uma decepção...ainda bem que soube chamar alguém com competência...

Análise

Estamos frente a um Espírito que sabe argumentar. Apresenta-se educadamente e propõe um trato com o atendente. Este não se impressiona, não se constrange, nem se sente tentado a aceitar. Recordemos que uma das propostas foi de ajudar o atendente em tudo quanto precisasse.

Incentiva-o para que fale e após perceber seus desejos, sinceramente, fala-lhe de não ter competência para decidir, encaminhando-o para quem possa. Ainda, não se melindra ou fica magoado com suas últimas apreciações.

- 17 -

A senhora já brincou de faz-de-conta?!...

Diante da afirmativa, retoma:

- *Vamos brincar mais uma vez? Sabe, quando a gente brinca, o faz-de-conta torna-se realidade...*

A atendente ouve e pergunta-lhe o porquê de estar colocando as coisas dessa forma e obtêm a resposta:

- *Vim aqui para realizar um desejo seu. Está aqui o papel e o lápis. Ande... escreva... escreva...*

- *Veja... mais para frente até posso escrever, mas agora, você precisa entender que não veio aqui para realizar meus desejos, mas sim para entender quais eram os seus.*

- *Ah! ê...difícil, hem?! Mas, eu não quero contar nada meu para você...*

- *Esse não é o problema. Olhe ao nosso redor. Há aqui amigos. Escolha um e ele o atenderá de forma reservada.*

- *Mas, você não vai mesmo escrever no papel...Posso ajudá-la.*

- *Escrevo... escrevo sim...*

O atendente mentaliza e constrói no mundo fluidico, o papel que lhe é apresentado no qual escreve: "Seja feliz".

O Espírito desdobra o papel, lê e dirige-se ao médium:

- *Você não entende nada... deixa eu ir com aquele lá que parece mais inteligente que você.*

Análise

O Espírito chega sossegado, alegre, procurando envolver, conquistar a atendente.

Em seguida, vem a proposta tentadora de colocar-se à disposição do médium.

Quando o Espírito fez essas colocações, a atendente precisou de grande dose de energia e disciplina, para que seus pensamentos não se desviassem para alguma situação pessoal e, que ele poderia entender como aquiescência para ser ajudada. Cumpre seu compromisso de escrever desejando-lhe felicidades e não pedindo algo para si ou para o grupo.

Normalmente estas situações de trato, ajuda, etc., envolvem outras intenções. Cuidado, muito cuidado, estando alerta, mas deixando a conversa fluir sem contestações. Atitudes sérias, coerentes na certeza de quem age buscando o bem do outro, são imprescindíveis.

- 18 -

Expressão de sofrimento profundo seguindo-se choro sentido, comovente.

Após acalmar-se começa a expressar-se:

- *Quero sair, quero sair... Não... não me leve...*

- *O que se passa?*

- *Quero morrer... quero morrer...*
- Diga-me: o que está acontecendo?...
- *A fogueira... o fogo... não quero ir de novo para lá... quero morrer, morrer...*
- Venha...vamos sair daqui...
- *A fogueira...não; não me leve...*
- Confie em mim...vamos...venha comigo...
- *Você vai me enganar como das outras vezes...não...não quero ir para fogueira...*
- Veja...há como uma parede, uma luz que nos separa da fogueira... Preste atenção...vou jogar esta pedra e ela não conseguirá passar essa proteção... Veja...veja...
- *Isso é uma armadilha...veja as chamas... Quero sair daqui...tire-me daqui...*
- Pegue a minha mão... vamos... vamos sair daqui... Assim...devagar...venha...vamos.
- *E para onde vamos?*
- Longe daqui num local onde suas feridas possam ser tratadas...onde você possa repousar...ser cuidada com todo carinho... Confie...vamos...
- *Mas...e as fogueiras?!...*
- Estão longe...muito longe de nós... já até se apagaram... Recline sua cabeça sobre meu ombro e se entregue ao sono... deixe que ele a envolva... Sossegue seu coração...há paz... muita paz nos envolvendo...

Atendimento A Desencarnados

Análise

Caracteriza-se esse por ser um atendimento considerado difícil, uma vez que o Espírito está fixado nos horrores de queimar- se vivo, provavelmente a forma como desencarnou.

O utenden te necessitava ganhar-lhe a confiança e em grande concentração, criar fluidicamente as ideias que propunha, transformando-as em imagens.

Note-se que no início, o atendente não se preocupou em fazer parar o choro; deixou-a desabafar-se e livremente começar a expor seu mundo mental. Não discutiu tentando mostrar-lhe que não havia fogueiras...Quando falou-lhe da pedra e percebeu que ela não conseguiria ver nada contrário à fogueira, e ao expressar ela o desejo de ver-se longe dali, apenas oferece-lhe a mão e a convida... vamos... Quando ela questiona - "e para onde vamos?" - demonstra confiar e dai para frente tudo caminha sob outro enfoque.

Recordar que um processo tão doloroso e intenso não some do campo mental, de uma hora para outra, portanto, não insistir em tentar convencê-la de que não há mais fogueira.

Observação

O Espírito não confiava de modo algum que poderia não mais ser jogado na fogueira.

O atendente precisou materializar a ajuda, para que ele aceitasse a mão e que as

chamas não iriam atingi-la.

- 19 -

Por quê?! Por que me tiraram de perto dele?... Preciso voltar... quero acabar... acabar com ele...

- Quanto ódio! O que aconteceu?!...
- I *Ah! ele trapaceou, mas agora vai ver só...*
- Mas, isso não foi há muito tempo?
- *Muito... muito tempo... procurei... procurei e desde que o achei, não lhe dou mais sossego... Ele é esperto... até trocou de corpo, mas eu o conheço bem... sei que é ele...*
- Veja... durante esse tempo ele mudou...
- *Não importa... é meu direito vingar-me... Ele vai ver...*
- Nesse tempo em que ele aproveitou para mudar, o que o senhor ganhou só em tentar encontrá-lo?
- *Não é justo... ele abandonou o compromisso assumido...*
- Compromissos... e você... não deixou também os seus, para persegui-lo?
- *Eu?! Que compromissos?*
- Os que você assumiu antes mesmo de recomeçar sua última vida na Terra... veja o que você deixou a fim de persegui-lo...
- *Hum! Meu Deus... fiquei cego... abandonei minhas filhas e olha... olha o que lhes aconteceu sem a minha proteção...*
- Elas continuam a amá-lo...
- *Não... não... eu as abandonei... meu Deus, que fazer agora? nada... não há como consertar...*
- Há sim. Sempre há um modo de atenuar, corrigir, melhorar as atitudes menos corretas... Olhe ao seu redor. Há pessoas que vieram recebê-lo... veja se as conhece...

Olha fixamente ao redor; para subitamente... muda a expressão em misto de alegria, dor e entre soluções balbucia:

-Filha... minha filha...

Análise

Lembrar que mesmo que a aparência física do Espírito perseguido seja outra, por estar em outro sexo ou por evolutivamente ter se diferenciado do que fora, o perispírito conserva o teor vibratório, o que permite a identificação.

O atendente não se interessou por querer saber que compromisso havia sido abandonado mas encadeou as reflexões para ele... não teria também abandonado compromissos?...

Dai para frente, como que espantado, pareceu pensar e com fisionomia pesada, contristada diz-"Fiquei cego... minhas filhas... eu as deixei..."

O atendente também não se deteve em explorar o fato. Apenas diz: elas continuam a amá-lo"... abrindo-lhe com isso

perspectivas. Daí para frente, o rancor foi substituído pela emoção e por palavras de reencontro.

- 20 -

O Espírito demonstra, no bater do pé, no rosto, olhando para um lado e outro, sua impaciência.

O atendente calmamente pergunta-lhe por que está assim desconfortável.

Ele reluta e depois:

- *Não perdoe... não perdoe... parem de me trazer aqui... Vou ficar lá...*

- *Ninguém vai pedir-lhe que perdoe.*

- *Não?!!*

- *Não... para que haja perdão, são necessárias várias reflexões, conhecimentos...*

- *Então ótimo... posso voltar para lá. Aquele maldito me paga...*

- *Quem o trouxe?*

- *Trouxe não... eu fui arrastado por esse daí (e fez menção indicando alguém).*

- *Se assim aconteceu, deve haver uma razão muito importante, não acha?*

- *Vamos ser claros... esta é a quarta vez que aqui ou em outras reuniões, tenho sido levado... a conversa é sempre a mesma... perdão... perdão... perdão coisa nenhuma.*

- *Estou vendo que foi muito grave o que lhe aconteceu...*

- *Grave?! Imagine que tudo se passou com alguém de dentro da minha casa...*

- *O senhor quer falar a respeito?...*

- *Estávamos colocando os trilhos da ferrovia. Nosso acampamento era pequena vila, onde todos se conheciam e eu era, praticamente, o responsável, o que sabia mais.*

Com o desenrolar dos trabalhos, veio o engenheiro. Logo dei-me bem com ele. Culto, conversávamos muito; ele jantava em minha casa; gozava da minha estima até aue um dia... surpreendi-o com minha mulher...

Não tive dúvida... foi um tiro só e ela caiu morta... Sabe o que significa isso?!... eu a amava... como a amava...

- *Mas senhor?! Não poderia haver algum engano, alguma explicação?*

- *Não... não... eu vi.*

- *E ele?*

- *Quando apontei para atirar nele o mosquetão falhou e ele fugiu...*

- *E aí...*

- *Ai... o homem alegre que eu era, também se acabou... a vila comentava... fechei-me em casa...*

Depois de muito tempo encontrei o safado. Está ele muito bem... há tempos tento enlouquecê-lo... tem mulher... filha...

Ontem... ontem quase consegui que ele matasse a mulher... ali... na frente da Jilha... mas esse aí, oh! esse aí interferiu e não aconteceu...

- *Mas, a mulher dele, o senhor a conhece?*

- *Não; nem sei, não quero saber quem «...*
 - *Então, por que levá-lo a matá-la?*
 - *Ele tem que sentir o que eu senti... eu também amava minha mulher... ele tem que passar pela mesma coisa, junto com o desprezo da filha...*
 - *O senhor tinha filhos?*
 - *Uma menina e um menino, que não entenderam a justiça do meu ato. Enviei-os para um colégio interno e lá ficaram até concluírem os estudos.*
 - *O senhor não mais os viu?*
 - *Não. Quando a escola terminou, minha irmã, que morava em outra cidade, pediu-me que deixasse a menina morar com ela, como que para fazer-lhe companhia. Eu entendi bem o motivo real - ela queria ficar com a menina, para que ali, onde ninguém conhecia sua história ela pudesse casar...*
 - *E o menino?*
 - *Esse... do colégio foi para o Rio de Janeiro... Ingressou na Marinha e cada vez ficava mais longe de mim.*
 - *Nunca mais o viu?*
 - *Uma vez... rapidamente... tinha já cabelos brancos...*
 - *O senhor ainda os ama?*
 - *Até os animais amam as crias... mas... de que adianta isso...*
 - *Os laços criados pelo amor não se dissipam jamais...*
 - *E... depois que morri, passei longo tempo louco, perturbado... Mais tarde, quando me encontrava melhor, soube que eles estiveram no meu sepultamento...*
- No momento dessas recordações o Espírito já se mostrava intensamente emocionado, e, embora lágrimas teimassem em cair, ele fazia o possível para não se abrir em pranto.
- *Isso mostra que eles também não o esqueceram... abra-se a esse amor...*
- Ele se aquieta... olha na direção daquele que chamava "esse aí", estende os braços e abre-se em pranto sentido.

Análise

Este é um caso que foge ao habitual. Normalmente o Espírito exteriorizando sua necessidade, oferece campo a raciocínios que possibilitam encaminhamentos.

Nesse caso não. O Espírito veio (como consequência de outros atendimentos) pronto, firme para não perdoar.

Encontrando no atendente alguém que não ia pedir-lhe tal, surpreendeu-se... sentindo interesse discreto

Quando intenta guiar o antagonista para tirar a vida da esposa, ato que não se consuma dado a algum incidente externo, o atendente não se detém em refletir sobre justiça, injustiça, certo, errado. Muda o ângulo das ideias, perguntando-lhe se tivera filhos.

Dá para frente, como que se ao verbalizar seu drama, ele intimamente quebrasse um muro de mágoas, o sentimento foi invadindo-o até que em copioso pranto...

partiu.

- 21 -

0 Espírito chega impaciente, quase indignado... A atendente dá-lhe algum tempo e tranquila, pergunta:

-Precisa de algo?

- *Não sei mais o que fazer... é impossível lidar com essas crianças hoje... Faz quarenta anos que cuido de tudo, com progresso, crescimento em todos os setores, e agora... agora que cresceram acham-me um estorvo...*

- Por que o senhor sente dessa forma?

- *Veja... não é nada aberto, declarado... insinuações como "vá viajar"; "descanse"... E o pior de tudo, é que quando lhes respondia, mesmo fazendo ouvidos moucos, fingiam que me escutavam.*

Agora não. E declarado... falam entre si e nem se dão ao trabalho de me olhar, responder ou atender a um mínimo de educação...

E discussões?!... Precisa ver... sem meu conhecimento dividiram afirma... cada um ficando responsável por uma parte.

Entre eles, dizem que é preciso inovar para ficar competitiva, acompanhar o mercado... Olha o absurdo... estão falando em inseminação artificial para melhorar a qualidade genética do gado...

- E o senhor acha isso ruim? Hoje, quem não cresce é engolido pelo que vem atrás, pelo concorrente...

- *Concordo... tem razão... mas e eu? Por que não me deixam participar?*

- Quando os meninos eram menores, o senhor trabalhava sozinho?

- *De certa forma não. Tinha um contador, o Aníbal, pessoa fabulosa... Trabalhando comigo, estudou, fez Direito e com o passar do tempo, tomou-se meu braço direito, um irmão, muito, muito mais mesmo que um amigo.*

-E onde está ele?

- *Já me perguntei várias vezes o porquê de seu desaparecimento, assim, sem mais nem menos...*

- Como ele era?

- *Um senhor alto. bem apessoado, tratável. simpático... interessante... agora estou me dando conta de que não o vejo há algum tempo...*

- E não seria possível ele estar aqui conosco?

- *Aqui... aqui... Aníbal!!! Velho companheiro... que alegria...*

Faz silêncio com a expressão de quem ouve outra pessoa falar e responde a este que lhe fala:

- *O quê?! Mas não seria falta de educação para com esta senhora?*

Ouve novamente.

- *Ah! é?! Senhora - é o seguinte: Anibal está me convidando para ir lá fora com ele... A senhora me desculpa- me dá licença... eu volto...*

- Fique à vontade... vá sim com o Sr. Aníbal e muitas, muitas felicidades.

Análise

A atendente, após perguntar se precisa de algo, dá tempo ao Espírito para se expressar, a fim de que se situe no caso.

Quando interfere, o faz no sentido de levar o Espírito a verbalizar roais profundamente o seu drama. Não acusa, não dá razão, não toma partido.

Ao falar-lhe da necessidade de inovar, pela resposta do Espírito nota-se que no prosseguir dessa mesma linha de raciocínio não iriam chegar a nada permanecendo ele a queixar-se dos filhos e a sentir-se alijado das decisões.

Leva-o ao tempo das crianças pequenas e só ele trabalhando: "o senhor trabalhava sozinho?..." etc. etc.

Foi o suficiente para que ele se desligasse da ideia fixa que o incomodava e se abrisse para perceber o que acontecia à sua volta.

- 22 -

O Espírito chega examinando tudo... olha para um lado, para o outro e após, pergunta:

- *Que lugar é este?*
- O que você acha dele?
- *E estranho... diferente...*
- O que mais chama sua atenção?
- *A música... escute... é linda...*
- Vejo que gosta de música... Toca algum instrumento?
- *Não... eu canto... sou soprano... Mas há tempos não canto... de repente estou morando em um lugar tão triste...*
- Se aqui lhe agrada, pode ficar conosco... há aqui vários grupos musicais... coral... trabalho de música com crianças... que acha?
- *Quero... quero muito ficar... posso acompanhar essa senhora?...*

Análise

É um caso singular, bem diferente dos demais. O atendente foi hábil em responder-lhe as perguntas com outras questões. Nesse direcionamento, sem precisar conhecer detalhes de sua situação, propiciou-lhe condições para seu tratamento.

- 23 -

Onde está?... onde ele está?

- Quem o senhor procura?
- *Quem é você que ousa falar comigo?*
- O senhor está procurando alguém e...
- *Estou... estou sim... vocês o tiraram do meu domínio e vim buscá-lo.*
- Sabe por qual motivo ele deixou a sua organização?

- *Vocês o tiraram de lá... vim reavê-lo...*
- *Pense, senhor... se uma pessoa não quiser sair de algum lugar, não há esforços que a tirem dali... pense...*
- *Ah! foi um instante de fraqueza... tenho certeza de que voltará ao encontrar-me.*
- **O** *senhor sabe qual a fraqueza?*
- Silêncio...
- *Será que ele não procurava afeto, cuidados...*
- *Bobagem tudo isso... eu não preciso de mais nada... estou no topo...*
- *O senhor se sente completo?... nada lhe falta?... Silêncio...*
- *Será que ao senhor também não está faltando sentir-se estimado e não temido?*
- Veja... seus liderados o obedecem por medo ou por interesse... E esse vazio no senhor, como fica?*
- *—Pare. Não vim aqui para discutir. Vim para vê-lo, buscá-lo...*
- *E quem é ele? Quem devemos procurar?*
- *É meu filho... quero meu filho de volta...*
- *Olhe ao nosso redor... veja se ele já está aqui... Silêncio... observa e depois fixa a atenção em um ponto próximo na atitude de quem escuta. Após...*
- *Está bem... vamos lá ver isso...*

Análise

Quando o Espírito pergunta ao atendente: "quem é você?", "como ousa falar comigo?" etc. etc. abrir-se-á um campo incontrolável se o atendente se detiverem dar explicações.

A necessidade do Espírito centrava-se na urgência de encontrar alguém. O atendente não discute querendo provar-lhe que a pessoa não foi tirada de lá, apenas preferiu ficar em outro lugar..

"instante de fraqueza...", "estou no topo...", "não preciso de nada..." são afirmações que caem por terra, quando ele diz que busca o filho. Justamente, a saída do filho, a ausência dele é que propiciaram a vinda do pai, e se ele teve permissão para entrar é que suas emoções estavam prontas para se fazerem sentir e ser encaminhado para o que posteriormente acontecerá na dimensão espiritual.

- 24 -

Há soluço, choro baixinho, sentido...

O atendente também baixinho, mas firme e seguro diz:

— *Estou aqui... vim ver o que precisa...*

O choro se intensifica... o atendente espera...

— *Não está só... estou aqui... o que se passa?*

— *Não consigo sair da minha cela... desse canto escuro... ninguém vem aqui...*

não vejo a madre, as irmãs... por que me abandonaram?...

— Vim aqui buscá-la... venha... dê-me sua mão... levante-se... ande comigo... vamos até à porta e dali para o jardim... venha., apoie-se em mim...

Silêncio de ambas as partes. O atendente, vez por outra, reforça—vamos — coragem...

— *Ah! Que luz clara... chegamos ao jardim? Oh! obrigada... obrigada... olha, olha a madre... posso ir lá?...*

Análise

O caso em si nada tem de excepcional, a não ser a necessidade do atendente ter certeza das construções que se edificam no campo mental. A irmã em questão não percebeu seu desencarne. Ao ver-se sozinha, refugiou-se mentalmente na sua cela, local que, frente ao desconhecido, lhe parecia segura.

O atendente foi hábil ao respeitar isso e ao criar no **campo** fluídico, imagens materiais—"dê-me a mão"; "levante-se"; "ande comigo"; "vamos até a porta"; "devagar", etc. etc. - providências essas necessárias para que a irmã saísse da sua "cela mental". *Tais* formas de atendimento exigem grande concentração **do** atendente, realmente materializando o que fala.

- 25 -

Espírito chega apavorado... aperta a cabeça entre as mãos egeme:

- *Que dor... que dor... e essa serra... esse barulho de serra na minha cabeça...*

- *Os médicos já estão aqui... já, já vai passar... veja...*

Após algum tempo, com o visível aquietamento, espontaneamente começa a falar.

- *Estou melhor... que aflição... aquela dor... Estou vendo a senhora e que bom poder conversar...*

- *Por que o senhor sente assim?... por que esse fato de poder conversar, ver-me, lhe é importante?*

- *Sabe... estive muito doente... não sei se estive sedado ou em coma... se meio dormindo ou acordando, mas, ouvi quando o médico disse à minha esposa que meu caso era grave e que precisava de cirurgia. Seriam procedimentos delicados e que apresentariam grandes riscos: caso algum nervo fosse lesado, na retirada do tumor, terminais da fala, visão ou outro sentido poderia ser afetado. Ainda, no instante da abertura da calota óssea, a diferença de pressão - não sei bem - o médico falava entre meio interno e externo - não entendi bem - poderia gerar processos irreversíveis. Vi minha esposa chorar muito, tentei chegar perto dela e dali a pouco, estava na sala de cirurgia, vendo e ouvindo as providências que tomavam.*

Em determinado momento, vi-me ao lado do meu corpo, em pé e dali em diante de nada mais me recordo, até acordar aqui com essa dor e esse barulho na cabeça, como se uma serra estivesse dentro de mim.

Agora, a senhora pode entender porque fiquei tão contente em ver a senhora, ouvi-la e falar-lhe. Nenhum dos prognósticos médicos se realizou. Sem o barulho e a dor, então, estou ótimo... .

A atendente pergunta-lhe:

- Durante todos esses fatos e acontecimentos - o que o senhor pensava? Teve receios, medo? Qual sua expectativa?

Silêncio, após o qual, meio titubeante, diz:

- *Prefiro não falar sobre isso...*

Novo silêncio e baixinho comenta:

- *Agora posso falar. Já estou bom mesmo. Eu tinha, ou melhor, tive medo de morrer.*

- O que o senhor acha que é morrer?

- *Nunca pensei sobre isso; aliás, esse é um assunto que não me interessa.*

—Veja... o senhor me parece uma pessoa tão lúcida e nega-se a pensar sobre algo que é certeza na vida de todos nós? Dia mais, dia menos, ela chegará para mim, para o senhor...

- *Concordo com a senhora, mas isso me dá uma insegurança...*

- Como o senhor acha que é morrer?

-De modo nenhum quero pensar nisso... recuso-me.

- Então diga-me: como o senhor gostaria que fosse?

Incentivado a falar, uma vez que nossa conversa era sem compromisso, diz:

- *Como eu gostaria... gostaria de encontrar meu irmão Artur, meu pai, a mãe... voltar a viver como era antes deles morrerem...*

Prosseguiu nessas lembranças de tempos idos e em dado momento pergunta:

- *E a senhora? Como gostaria que fosse?*

- Encontrei uma filosofia que ensina que a morte é apenas o deixar de uma veste sem condições. A essência, à individualidade, eu permaneço ligada, vinculada aos sentimentos de amizade às pessoas que constituem meus afetos.

- *E, é muito interessante... Seria bom se fosse assim...*

- Nessa linha de raciocínio, por exemplo -seu irmão Artur permanece vivo, igualzinho ao senhor, num corpo real, de densidade diferente; porém, em tudo igual ao corpo material que deixou.

Geralmente, no instante do desencarne dos familiares, são eles que recebem e ajudam nos primeiros momentos...

— *E será que quem morre sempre vê isso?.*

—Nem sempre. Quase sempre o recém desencarnado não percebe o que está acontecendo. Crê sonhar. Outras vezes, forçado no trauma da separação, em preocupações aflitivas, nada mais vê ou ouve, preso que está em querer reverter todo um processo.

— *É muito interessante... eu que tinha medo de falar sobre o assunto estou gostando muito dessa nossa conversa... Interessante...*

— Aqui, agora... o senhor diz que me vê... Consegue ver outras pessoas que estão aqui e até participam dessa nossa conversa? Olhe, olhe com atenção...

Levanta o rosto, olha ao redor... Sua fisionomia como que se altera em misto de surpresa, medo, incredulidade e, demonstrando nada entender, exclama:

— *Meu irmão... meu irmão Artur... e Neila minha sobrinha...*

— Olhe com mais atenção... há mais pessoas felizes... há clima de festa...

— *Meu pai... minha mãe...*

Análise

Num primeiro momento, não querer saber o que era, nem de onde provinha a dor. Aliviar. Quando ele diz - "estou vendo a senhora e que bom poder conversar", essa observação deve ter um porquê que a atendente aproveitou. Dai desenvolveu-se toda uma história, e entre os vários ensinamentos havidos, o respeito, o cuidado com as conversas ante aqueles que estão em coma ou sedados.

Outra situação importante - após o Espírito relatar sua história, a atendente não se atém a detalhes, mas busca levá-lo a expressar o que sentia, diante de tudo aquilo.

Quando diz - "prefiro não falar sobre isso" - a atendente não insiste. Está ligada aos amigos espirituais, certa de que algo continuará. O raciocínio do Espírito é lógico - ele estava bom - por que não conversar a respeito? Nesse clima descontraído tudo se encaminha.

-26-

0 Espírito demonstra aflição, desespero de alguém que foge de algo.

- *Me acudam, me acudam... Eles vão me pegar...* Angustiado, procurava-se esconder com as mãos no rosto, virando-se para a parede.

- *Vão me pegar... me ajudem...*

-Aqui não o pegarão... Estou aqui com o senhor...

- Mas eles são muitos... são vampiros, velozes, ágeis...

- Olhe ao nosso redor... criou-se um círculo, uma parede que nos separa deles...

- *São muitos... muitos...*

—Tire as mãos do rosto... olhe... conforme vêm em sua direção, batem naquela parede e veja, veja - são homens, pessoas iguais ao senhor. Olhe, observe.

Lágrimas escorrem pelo rosto agora mais aliviado, surpreso.

- *Que lugar é este? Onde estou?*

-Em local próprio para auxílio, ajuda, tratamento...

- *Mas eu sou um deles... veja minhas asas...*

—Não o veja assim. Ajude-me a descrevê-lo. O senhor é um homem alto ou baixo?

-Alto.

-Eseus cabelos?

—*Ruivos...*

- Pele e olhos claros... pernas longas, pés grandes... braços e mãos do lado do corpo... (à cada mentalização falada, ele meneia a cabeça concordando).

—*Sim, sim... mas, veja... estou louco... esse fui eu... e as asas?...*

-Não. O senhor não está louco... está sim, acuado pelo medo, pela fuga, pela corrida desenfreada... só fugir, fugir, sem chão, sem esperança...

— *E que lugar é este?*

— E o lugar onde os tratamentos o auxiliarão a compreender razões, porquê. Veja... fixe sua vista... aproximam-se companheiros que, se permitir, ficarão com o senhor nessas buscas... O que o senhor acha?

— *Quero ficar... ajudem-me...*

Lágrimas escorrem demonstrando a comoção do início de reencontrar-se.

Análise

Cuidado do atendente em não ficar aflito, querendo pacificar imediatamente. Com firmeza, assegura-lhe que não o pegarão. Cria parede fluídica que, na sua mente, funciona como isolamento dos que o perseguem... "são homens, pessoas iguais ao senhor"... Isso, nele, repercute como um choque; via-os como se apresentavam na sua mente - vampiros.

Quando o atendente leva a que se recorde dele, como fora ou como é, o Espírito anula a forma de vampiro e se vê novamente como homem que é.

Tais providências ou o encadeamento dessas construções requer do atendente, calma, falar devagar, dar tempo do Espírito para penetrar na ideia que lhe é passada, bem como concentração na construção das imagens que plasma.

Quando o Espírito pergunta - "que lugar é este?" - não cabem, nesse momento, grandes explicações - apenas é o lugar onde o senhor será cuidado, etc. etc.

Observação

Espírito apavorado precisou ver materializada sua proteção, isto é, uma parede talvez até transparente, através da qual ele visse, sentisse que os vampiros não o atingiriam.

- 27 -

No estudo evangélico que antecede ao trabalho mediúnico, estudava-se do livro "Palavras de Vida Eterna", o texto de Emmanuel "Apreço".

O tema exorta a que cada um, no posto, na função, no local em que estagie, ofereça em tudo o que fizer, o melhor de si.

Vários companheiros teceram comentários, concluindo que não basta saber e exercer, mas o principal é que antes o homem viva em si a proposta, para que seus atos reflitam-se em atitudes espontâneas, o sorriso encorajador, a solidariedade, a energia renovadora que cheguem ao outro como despertamento e alimentação para o bem.

Iniciada a parte prática, manifesta-se um Espírito irritado, dizendo-se frontalmente contra o autor e os comentários do grupo.

— *Estão todos fundamentados em utopias. Detenho e vivo realidade totalmente diversa dessa ideologia tola que discutiram.*

Incentivado a falar, conta ter sido um estudioso, expositor que jamais recusara trabalho ou o fizera em descaso. Seu nome era prestigiado e nos locais em que expunha, muitas pessoas acorriam atraídas pela lógica de seus raciocínios, pela beleza dos exemplos citados.

Apesar disso, tão logo se vira desencarnado, ao invés das recompensas e do recebimento dos amigos espirituais a que fazia jus, viu-se sozinho, está abandonado, desconectado de tudo quanto ensinara.

o atendente afligiu-se; não sabendo como conduzir-se, apenas convidou-o a ficar na casa, para que pudesse obter respostas a tão grande decepção.

O Espírito não aceitou. Preferiu partir, amargurado e triste, sem entender que o bem que fizera não repercutia nele em consolos, reencontros e aberturas.

Na "Avaliação", após ter sido relatada essa sequência, concluiu-se que o atendente, calmamente, poderia refletir com o Espírito, levando-o, por exemplo, a examinar com que objetivo dispunha-se às palestras.

- o que colocava dele, enquanto explanava?

- a mensagem havia sido construída para impressionar, manter a condição de excelente expositor ou primariamente servia de convites a serem vividos no íntimo?

-As palestras, as mensagens haviam servido, antes de serem expostas ao processo de reeducar-se, direcionando-se em novas metas?

- que atitudes percebia em si mudadas, melhores, uma vez que trabalhava com os convites do Cristo?

O grupo agradece ao Espírito que, no seu engano, exteriorizou uma grande maioria de todos nós, quando nos atemos | letra, ao exterior, sem reestruturar no Bem a essência, único meio de vivificar a letra.

Análise

O importante nesta análise, é ressaltar a inabilidade do atendente que, mesmo se sentindo aflito e sem condições para dialogar com o Espírito, não chama o coordenador para auxiliá-lo ou assumir o caso.

Mesmo o convite feito para que ficasse na casa, para que pudesse obter respostas, não foi construído como providência concreta, por exemplo, chamando pessoas, colocando-as junto a ele, para que se sentisse amparado, acompanhado na busca das respostas que necessitava encontrar.

— 28 —

O Espírito apresenta-se agitado, indignado:

- *Sou inocente, inocente... por que ninguém acredita?. Isso é uma vergonha... preciso*

sair, recolher provas, trazer... mostrar que sou inocente... Deixe-me, deixe-me sair... não me prendam...

-O senhor pode sair... venha...

- *Como posso sair... olhe os guardas... olhe a grossura dessa porta... sou inocente... escutem... preciso ir ao tribunal...*

- Esse tribunal já não existe mais... acabou. As pessoas que eles julgaram culpadas já foram inocentadas... o senhor já foi reconhecido inocente...

—*Mas eu não soube disso... onde, onde está escrito isso?*

Onde?!

- Há registros com os nomes de todos os senhores...

- *Então, como é que eu e esse grupo que está aqui pode tomar conhecimento disso?*

- *Através dos relatos históricos desse tempo de perseguições e horrores...*

—*É...é isso mesmo... mas... espere... a senhora fala como se isso estivesse longe... não sei... fala de hoje... estou confuso...*

- Sim... esse tempo já ficou no passado...

- *Em que ano estamos?*

- Estamos...

- *isso... 1521*

-Não... **2007**

-*O quê? 2007?*

-Sim, século XXI

- *Como? Como isso é possível?*

- Os senhores podem entender melhor se acompanharem esses dois rapazes que cuidam dos registros que os inocenta,... em paralelo, logo, logo estará entendendo os detalhes...

- *Vamos com eles. Obrigado.*

Análise

Necessário atentar que a necessidade do Espírito era provar sua inocência, face as arbitrariedades sofridas.

O modo como se referia ao local em que estava preso, à atitude dos soldados, indicaram que o fato se passara na época das perseguições religiosas, daí a certeza com a qual o atendente afirmou o reconhecimento da inocência. Satisfeita essa necessidade, surgiu o desejo da prova e a curiosidade sobre o tempo, situações estas que permitiram um feliz encadeamento. Atendimento A Desencarnados

- 29 -

Saia... saia daqui... não fale comigo... estou em meio da minha magia... agora ela vai pagar... é sangue... sangue... vai pagar com sangue...

— *E você sabe fazer essa magia?*

Silêncio.

- Então... essa magia funciona mesmo?
 - *Que ódio... que ódio... você estragou tudo... olhe... desandou... e o que ela me fez? Você não vê não? Eu sofri, eu sou uma vítima dela...*
 - Neste momento penso só em você... Deixe-me segurar suas mãos... cuidar de você...
 - *Nunca ninguém fez isso... por que agora?*
 - Tudo tem seu momento certo... deixe que cuidemos um pouquinho de você... Veja seus cabelos... suas roupas... Vamos trocar... se alimentar... repousar um pouco... depois a gente ajuda você a resolver sua dor... venha... diga que sim...
- O Espírito se envolve, como se aconchegado ao abraço de alguém e entre lágrimas, baixinho balbucia...
- *Me ajudem...*

Análise

Se o atendente tentasse dissuadir o Espírito da magia ou da vingança, nada teria conseguido a não ser acirrar-lhe o ânimo.

Prudentemente, saiu do foco da outra e voltou-se para o Espírito, como pessoa que é, fazendo-o sentir como é importante, bem - vindo e querido.

Ao criar esse clima, o Espírito como que se pôs a descoberto, na imensa carência de ser sozinho e de não se sentir querido.

- 30 -

A indignação e revolta do senhor que se apresentou era intensa:

- *Só matando... é uma dívida que só o sangue lava... é morte... morte...*
- A que de tão grave o senhor se refere?
- *Então a senhora não sabe?! Traição minha senhora... traição... só o sangue lava...*
- Veja... em que a morte dessa pessoa tão desleal vai beneficiá-lo?
- *Desleal... isso mesmo... então a senhora me dá razão...*
- Não se trata disto...
- *Então a senhora não me dá razão?*
- Repito: não se trata disso - reflita comigo: se o senhor, agora, depois do fato acontecido, dispuser de todo um plano para matá-lo, o senhor estará sendo pior que ele... ele é imaturo, irresponsável, aprontará tantas até que uma lei maior o alcance... pense...
- *Mas e a honra... a minha honra?...*
- Quem perdeu ou não tem honra é ele... o senhor continua o homem íntegro que sempre foi... pense...
- *E é e é... mas espere... agora minha cabeça está confusa... Como poderia compreender melhor tudo isto?*
- O senhor vê alguém, alguma pessoa perto de nós?

- *Sim, há um senhor que me acena. Ele poderá me explicar mais?...*
- Sim, ele vai responder a tudo quanto o senhor necessita saber. Pode ir confiante com ele...

Análise

Se a atendente tivesse tentado explorar o fato, o acontecimento, o Espírito reforçaria seu intento de vingar-se.

Por três vezes (no atendimento em si) ele tentou aliciar a atendente para que lhe desse razão. Habilmente e, de certa forma isso foi feito, a atendente falou que aquela era a atitude de imaturos etc, com o que ele concordou e ate se acalmou. Quando ele pergunta sobre "sua honra" deu a deixa para a atendente conhecer sua real necessidade.

- 31 -

0 Espírito apresenta-se altivo, olhando para um lado, para o outro...

A atendente aguarda e após alguns instantes pergunta:

- Procura algo?... posso ser útil?
- *Procuro, procuro sim alguns dos meus que se bandearam para cá...*
- E importante ao senhor encontrá-los?
- *— Isso não vem ao caso... Não estou aqui por eles... Vim, na qualidade de chefe propor-lhe um trato... um trato que é o seguinte... Você segura os teus aqui — eles param de ir lá e eu seguro os meus lá — eles se afastarão por completo de vocês todos...*
- Mas senhor... não existe meus e teus... somos todos companheiros...
- *Só se for no seu caso... No meu eu mando... eles são meus e isso também não interessa... Estou-lhe propondo um trato em um compromisso de cavalheiros... deixem de ir lá...*
- O senhor, ao colocar as coisas desse modo, dá-nos a impressão de que os que lá foram, invadiram seus domínios...
- *E não invadiram?!*
- Não... não invadiram... Veja aqui nesta tela o que aconteceu... olhe... olhe aqueles comandados que o senhor procura.» em algum momento, cansados da vida que levavam, pediram ajuda., veja.
- *-Olha... olhasó... Insurretos... insurretos é o que são...*
- O senhor entende... não houve intromissão e sim pedido, chamada...
- *-Insurretos... insurretos...*
- A mesma coisa que aconteceu com eles está se passando, acontecendo com vários outros dos seus comandados...
- *Não vou deixar que isso aconteça... não disponho de aparelhagem como essa para captar-lhes o que sentem, mas foi muito bom conhecer... vou aperfeiçoar minhas técnicas... vou impedi-los de sentir...*
- O senhor sabe que isso é impossível... cada um tem, traz um mundo intimo imperceptível ao outro...

—Agora complicou... Diga... como eu poderia aprender essas coisas que a senhora está me falando...

-Aqui há muitos estudos... e através deles que se aprende que liderar não | impor medo... que todos somos livres porém responsáveis... enfim, muitos, muitos estudos...

- *E eu não poderia aprender?*
- O senhor vê alguém mais além de nós?
- *Sim... tem aquele moço, o outro homem...*
- Então... faça a pergunta a eles.

Silêncio e logo após:

- *Eles estão me chamando... vou com eles...*

Análise

O Espírito é hábil e propõe um trato. A atendente precisa estar profundamente consciente da importância de, sob nenhum aspecto, não fazer "tratos" com os Espíritos trazidos. Ao aceitá-los estará fazendo um pacto, um convênio com direitos e deveres correspondentes a ambas as partes.

A atendente foi hábil em não se recusar de pronto e levar o interesse dele para outro lado, por exemplo, levando-o a ver que os amigos espirituais lá estiveram porque foram chamados. Esse fato o deixou transtornado: como, ele que dirigia com mão de ferro, não vira ou desconhecia isso?

Quando diz que aperfeiçoará as suas técnicas de terror a ponto de impedi-los de sentir, o atendente, como se falasse a outro, discorre sobre a beleza do sentir e que é impossível impedir outros de se sentirem desta ou daquela forma.

Ressalte-se que, ao decidir e pedir para ficar, o Espírito não o fez desejando renovar-se. Não. Desejou ficar para conhecer mais e aperfeiçoar as suas técnicas de ação, por isso a atendente perguntou-lhe se via mais alguém e, em caso positivo, fizesse a pergunta a eles.

- 32 -

Insistem... insistem em me trazer... Sou um homem... sei o que faço, que coisa desagradável...

- O que é desagradável?
- *Essa insistência... esse de novo trazer-me aqui.*
- Mas... aqui é tão ruim assim? O senhor está sendo mal tratado?
- Eu não quem vã: não entende? Quem ficar lá voltar para lá~*
- Algum motivo há para que o senhor seja trazido...
- Não há motivo nenhum... olha... ficam ai me olhando com esse sorriso... por que não me xingam? Não me batem?*
- Ninguém vai maltratá-lo...
- *Não preciso de nada... deixem-me voltar...*
- Olhe para o senhor... precisa de cuidados...

- *Já me acostumei com essas feridas... nem os bichos me incomodam... quero voltar, não entende?*

- Tudo bem... mas antes de voltar, vamos oferecer-lhe um suco... pensa, lembra quando o senhor era criança... a mamãe fazia um especial para o senhor, lembra... lembra...

O Espírito silencia., apresenta na face como que um sorriso e:

—*E de maçã... minha mãe fazia também a torta... minha mãe... onde ela está?*

- Este senhor veio buscá-lo para levá-lo até ela. Vá com ele...

Análise

Espírito determinado a não aceitar nada do que lhe fosse oferecido, a desfazer dos cuidados que recebia, dando a impressão de que queria ser agredido ou tratado com rudeza.

Quando o atendente não mais possuía alternativas, inspiradamente, oferece-lhe o suco que ele aceita. Logo após, vem-lhe a ideia de levá-lo à infância... ao lembrar-se da mãe tudo se encaminha segundo as necessidades do Espírito.

Quando o atendente fala do senhor que iria levá-lo, o fez porque o Espírito, antes, já havia se referido a ele, pedindo-lhe que fosse embora.

- 33 -

Torce as mãos... o que é isso? Aflição?

— *Insatisfação.*

0 Espírito tosse, raspa a garganta frequentemente ao falar.

— Porque insatisfação?

- *Veja... não converso com ninguém faz tempo, muito tempo e as poucas vezes que o fiz, os ignorantes vieram me dizer que morri. Morri... como morri? Estou lá na minha casa... tudo bem que ninguém conversa comigo, mas estou lá, como, ando e sinto sono... veja... durmo... acordo no outro dia e insistem morreu... morreu... morreu nada...*

— Conta pra mim: como o senhor come, se alimenta?

- *E... sinto fome mas... acho que eu cheiro, sei lá...*

- por que eles não falam com o senhor?

- *Sei lá... vai ver já estão cansados de mim... sabe... e essa minha doença... eles só choram...*

- O senhor esteve muito doente, não é mesmo?

Estive não. Estou... a ferida está aí... sabe... é aquela doença que não vou falar o nome...

- O que o médico falou?

- *Que é brabo... mas eu estou aqui, oh! Ando para lá... para cá... não converso com mais ninguém, porque querem me convencer que morri e estou aqui — oh — vivo —falando com a senhora, a única que não me falou isso.*

- O senhor concorda que todos morreremos... eu, o senhor?

- *Claro... todos vamos morrer...*

- E como o senhor acha que será quando acontecer?

— *Eu acho... eu acho que acaba tudo... mesmo porque ninguém voltou pra dizer como é... acaba, acaba tudo, a senhora não acha?*

-Veja, tomei conhecimento de umas ideias que me parecem interessantes... quando ela chegar, aquilo que anima meu corpo, e que chamam de alma, espírito, fantasma, sei lá... se separa desse corpo... este, vai lá para o cemitério... e o Espírito, a alma continua, de tal forma que, se eu me olhar, vou me ver nesse corpo diferente igualzinho ao corpo que vai para o sepultamento e como ninguém presencia a própria morte... eu já morri e continuo me sentindo vivo...

— *Ninguém se vê morrer?*

-Não... por isso a pessoa se sente viva... Não existe morte no sentido de acabar e sim de mudança... Diga-me... de quem o senhor se lembra que morreu e que o senhor gostava muito?

— *Ah! tem muitas pessoas...*

—E o senhor acha que elas se acabaram?

-*Não... estou vendo elas aí oh! Mas isso é um sonho... a senhora sabe, quando a gente sonha? Então, é igual...*

—Não é igual... Esse seu familiar vai lhe falar... Escute-o... ele falará de coisas que só o senhor e ele conhecem... Ouça-o.

Silêncio atencioso e depois:

— *E...é...é mesmo? rapaz... e eu dando todo esse trabalho... Desculpe senhora, ele está falando para eu parar de tossir, porque a ferida ficou lá no corpo que enterraram. E ele tem razão... olha... não tem mais buraco... sim... sim eu vou com vocês. Até logo... desculpe.*

Análise

Estendeu-se, face às ponderações sensatas do Espírito, o atendimento caminhando por entre várias colocações que fazia.

Se a atendente tentasse provar-lhe que realmente já estava desencarnado, iria entrar no mesmo que lhe havia sido dito, correndo o risco do Espírito não mais falar ou ir embora.

Num diálogo interessante que o levou a pensar - "como o senhor come?", "por que não falam com o senhor?" aos poucos foram levando a que, espontaneamente falasse da sua doença, do diagnóstico médico o que possibilitou encaminhar para que ele verbalizasse o que pensa do morrer.

Dai para frente, tudo se encaminhou mais facilmente. Quando viu os entes queridos, ainda reluta-"é um sonho"... até que algum familiar mais íntimo, lhe diz algo que o faz cair em si.

Um caso como este (assim como os demais) pede ao atendente tranquilidade a necessidade era convencer esse Espírito de que já havia desencarnado - O como isso se fará virá em detalhes que o próprio Espírito fornece e que o médium perceberá se se mantiver unido aos amigos espirituais responsáveis pelo caso.

Enraivecido o Espírito se expressa:

- *Fui vítima de calúnia... meu nome foi denegrido... tenho que me vingar... Persigo... persigo mesmo... para ele não haverá sossego... vingança... vingança...*

- Isso é bom para o senhor?

- *Claro que é. Enquanto o vejo sofrer, lavo minha honra...*

- Se isso é tão bom, por que o senhor está assim?

- *Assim como?*

- O senhor continua na mão dele. Ele continua fazendo com que sofra... olhe para o senhor... os atos daquele tempo, as atitudes dele estão vivas no senhor...

- *Miserável... miserável... isso é verdade, continuo vítima dele.*

- Não.

- *Como não?*

—Agora o senhor é vítima de si mesmo. Veja... enquanto o senhor se detém no acontecido, tudo cria vida e se faz presente, agora, como se os fatos estivessem se passando neste momento... Veja... observe...

- *E verdade... por isso é que sofro tanto e não consigo me vingar...*

- O que o senhor acha melhor fazermos?

- *Não sei... é tudo uma confusão só...*

- O senhor gostaria de entender melhor, ter um conhecimento maior dos detalhes, dos porquês dos acontecimentos?

- *E possível?*

- Sim, é possível.

- *Eu gostaria sim... sempre desejei vingar-me, mas agora que a senhora mostrou que estou me prejudicando, mantendo-me vítima, fiquei confuso... preciso de ajuda.*

- Enquanto conversávamos, várias outras pessoas chegaram-se a nós. O senhor as vê?

- *Sim... um senhor se adianta e estende-me a mão... posso ir?*

- **Vá em paz. Seja feliz!**

Análise

Se o atendente tivesse tentado provar-lhe que a vingança não compensa etc. etc., teria acirrado o Espírito, colocando-o no contra-ataque, na defesa.

Quando o atendente sutilmente levou-o a ver que agora ele era o causador dos próprios males, sentiu-se em choque, e disse odiar mais ainda o outro. Ainda assim, o atendente não trabalha com o outro, e sim, volta com os raciocínios sobre ele mesmo. Quando se acalma e admite, o atendente não o indica caminhos - mas pergunta: - "O que o senhor acha melhor fazermos?" - encaminhando-se daí, de pequenas sutilezas, um final satisfatório para o futuro deste Espírito.

Observação

Há no diálogo duas afirmações que no primeiro momento parecem

contradizer-se. A primeira é quando o atendente diz: O senhor continua na mão dele. Ele continua fazendo com que sofra..." e mais adiante: "... isso é verdade, continuo vítima dele" ao que o atendente categórico lhe diz: Agora o senhor é vítima de si mesmo."

Reflitamos que no passado a ação foi real. O senhor não tinha meios para fugir às situações daquele momento - era aí 'Vítima' real de fatos.

Nesse momento, após tanto tempo e como desencarnado, o outro não mais se faz presente; talvez nem se lembre do fato em si. A partir do momento em que o Espírito não supera e passa a "cultivar" o acontecido, fazendo-o diuturnamente presente, dando-lhe vida, acrescentando-lhe, sabe-se lá, detalhes e emoções - já não é mais vítima do outro—mas de si mesmo.

- 35 -

O Espírito apresenta-se taciturno, sem expressão que demonstre emoções. Ao ser abordado, responde:

- *Não quero falar com você... deixem-me em paz...*
- *Conversar é bom... a gente fica se conhecendo...*
- *Não quero conhecê-la... vá embora...*
- *Não posso... trabalho aqui... minha função é atendê-lo...*
- *Não preciso de nada... pode ir...*
- *Veja ...*
- *Não vejo nada a não ser esse lugarzinho feio... cheio de gente...*
- *Se você não quer ficar aqui, podemos sair... lá fora há um jardim...*
- *Não quero ir a lugar nenhum...*
- *Está bem... vou deixá-lo, mas antes peço que olhe para mim... veja... recebo-o como se fosse um filho... dê-me suas mãos... venha comigo apenas por um pouco de tempo.« você poderá repousar um pouco... alimentar-se se quiser, higienizar-se, trocar de roupa... depois de descansar poderá, se quiser, ir embora... o que me diz?...*

O Espírito rompe em copioso pranto, chora sentido e quando se acalma, diz entre soluços:

- *Em todo lugar que vou, as pessoas mandam-me embora. Ninguém gosta de mim. Não me mande embora... não tenho para onde ir... deixe-me ficar...*

Análise

O atendente esgotou todos os convites que visavam convencê-lo a ficar. Quando os esgotou, ao invés de dizer-lhe que, se não quisesse ficar era livre para partir, envolveu-o no sentimento real de uma mãe que deseja o melhor e, sem forçar, pausadamente, dando tempo para o Espírito pensar, convida para que apenas descanse um pouco, sendo livre depois para optar ficar ou seguir. O sentimento do atendente tocou-o tão fundo que o levou a revelar sua verdadeira

necessidade—um lugar para ficar.

- 36 -

Senhora impaciente olha a todo instante para o lado, como se procurasse ou esperasse algo. O atendente pergunta:

- Posso ajudar? Precisa de algo?
- *Não. Estou aflita... meu ônibus não passa... está atrasado...*
- E para onde a senhora vai?
- *Para a casa da minha patroa. Hoje há uma festa lá e eu prometi que iria ajudar. Estou aqui há um tempão e olha nada... nada' do ônibus chegar...*
- Ele virá... vou ficar aqui com a senhora até ele chegar...
- *Oh! Meu Deus... olha a hora...*

O atendente entra em prece, envolvendo a senhora e em seguida diz:

- Penso que ouço o barulho de um motor se aproximando... olhe... olhe o ônibus vem virando lá em baixo...
- *Graças a Deus... graças a Deus... está parando... vou subir... até logo...*

Análise

Destaque-se que esse atendimento poderia ser longo ou coitTer o risco de perder-se, caso o atendente insistisse em demover a senhora do propósito a que se atinha.

Percebendo-lhe a necessidade - a chegada do ônibus - em prece, mentalizou-o e ela, sossegando sua preocupação pôde ser seguramente ajudada. O médium relatou na avaliação que ela, ao entrar, sentara-se ao lado de um senhor, certamente o Espírito que iria encaminhá-la.

- 37 -

Espírito aflito... angustiado... faz gestos como que se escondendo, fugindo...

- *Tirem... tirem essa mulher de perto de mim... pare de me perseguir...*
- Ela vai se afastar... aguarde...
- *Não... ela não se afasta... me atormenta dia e noite... estou beirando a loucura...*
- O senhor sabe por que ela o procura? Quer falar a respeito?...
- *Não... não quero nem pensar... muito menos falar... Isso me deprimiria mais, muito mais... Além disso, quando lembro, ela se aproxima... chega mais perto... Me ajudem... tirem-na de perto de mim...*
- Confie em mim... aqui onde estamos ela não entrará... confie... ela não vai alcançá-lo... feche os olhos... se entregue ao torpor que o envolve... assim... assim...

Análise

O desespero do senhor é aceito; não é pedido que se acalme nem lhe é dito que aquelas imagens estavam na cabeça dele. Era um fato real e como tal foi aceito. Quando ele se negou a falar, foi respeitado, pois sabe-se lá de que dramas pretendia ele não recordar.

O atendente, na certeza que o envolve, passa ao Espírito a segurança de que estava ali, a salvo dela. Ele confia, relaxa, e possibilita aos amigos espirituais um amolecimento que faz com que possam levá-lo. Na avaliação, o médium relata que deitaram-no em uma maca e logo adormeceu.

Este caso tem seu prosseguimento no que se segue (nº 38).

- 38 -

Tão logo se encerrou a comunicação anterior (31), manifestou-se a seguir, a perseguidora:

— *Hipócrita... mau caráter é isso que ele é... não deixo mesmo de segui-lo... ele vai pagar... pagar...*

— *E isto está sendo bom para você?*

— *Ah! Se está... ele precisa ser punido... tirou-me a honra... brutalizou-me... vai pagar...*

— *Mas... ele vai responder pelo que fez...*

— *Vai nada... Quando vivo nem foi preso ou castigado... saiu ileso e eu... olhe para mim...*

— *Você não tem condição para perdoá-lo?*

— *Pare com isso... que perdão coisa nenhuma e pare com essa lengalenga de perdão. Estou há muito tempo aqui... sei como as coisas funcionam... desde que morri dedico-me à vingança... vin-gan-ça... entendeu?*

— *Você já se perguntou por que todos aqueles atos violentos aconteceram com você? Quer olhar numa tela que se abrirá à sua frente e que certamente lhe trará respostas?*

— *Não, não quero... não quero ver nada...*

Silencia... e depois de alguns instantes...

— *O que é isso?... há como um quadro grande... aquela sou eu... ao lado estão escritas várias situações da minha vida...*

Silencia novamente; pausadamente volta a dizer.

— *Não me lembro... eu fui boa?... quando fiz isso?...*

Sabe, eles estão me dizendo que eu posso tocar nos situações que não entendo...

Olhe... quando toco nelas criam vida... olha minhã mãe... nossa... nem me lembrava disso... Posso ir com vocês, não estou entendendo bem...

Análise

O atendente ia bem (era o mesmo que atendeu o nº 37) até o momento em que convida ao perdão. Num drama desses, vivido em situações de violência sexual, o trauma é intenso e cultivado no ódio, na repulsa, não oferece condição de perdão. Ele só chegará lá longe no tempo, quando a vítima conseguir sentir piedade pelo agressor. O atendente precisa conhecer esses detalhes, pois se insistir, revoltará mais e mais o Espírito que se volta contra o atendente, criando clima de

animosidade, impossível para que o diálogo continue.

Nesse ponto começa ela a ver o que os amigos espirituais mostravam e note-se - fato importantíssimo - não exibiam as atitudes inferiores que porventura tivera - e sim - coisas boas que havia feito e das quais nem se lembrava. Foi com essa técnica de valorização da pessoa é que conseguiram desvinculá-la da ideia fixa em relação ao outro.r

- 39 -

Aparência altiva, olha tudo de cima, analisando o ambiente. Postura física ereta, braços dobrados encostando as mãos fechadas ao peito... leve sorriso de desdém e após algum tempo...

- *Não vou falar... não vim aqui para conversar...*

- Então, qual o motivo da sua estada aqui?

Desconsidera a pergunta do atendente, faz de conta que

não ouve; volta-se para o lado e diz para aqueles que chama de sua turma;

- *Observem... vejam o método...*

- O que o senhor procura?

- *Senhor não... não vê que sou um vampiro... e chefiio todos esses ai, que me seguem onde vou...?*

-Vejo-o como um senhor alto, forte, igual a mim... Olhe seus braços, sua mão...

Abre-se um longo silêncio em meio ao qual o Espírito analisa-se, distende os braços da posição original, abre e fecha a mão, apalpa-se e, espantado, pergunta:

- *Como isso aconteceu? Onde estão minhas asas... como sumiram? Como voltaram os meus braços?...*

- Com o tempo o senhor conhecerá em detalhes o que aconteceu. O importante é que seus braços e a forma humana voltaram.

- *E quem vai me explicar?*

- Estão conosco amigos capazes de esclarecer tudo quanto o senhor desejar saber...

Apalpa-se novamente, vira-se para o atendente e pergunta:

- *Você me vê? Sabe quem sou?*

- Sei... o senhor é um Espírito imortal igual a cada um de nós que aqui estamos... nesse momento é convidado, bem como ao seu grupo, para acompanhar estes senhores que aqui chegaram...

- *Estou... estou confuso... vamos ouvir...*

Análise

O atendente não se sentiu atingido pela altivez do Espírito. Ao invés de insistir em querer fazê-lo falar, uma vez que se negava, simplesmente pergunta-lhe porque veio.

Quando insiste para que o atendente o veja como vampiro, ele lhe fala do homem. Ao fazê-lo, mentalmente vai criando a forma que se plasma na mente do Espírito

que não sabe como se reconstrói fluidicamente como homem. Ao apalpar-se e sentir braços, mãos, corpo, enfim, quer saber o que aconteceu. Se o atendente partisse para detalhar explicações sobre pensamento, plasmagem fluídica etc, a ele pareceriam absurdos. Nesse momento não tem condições que possibilitem entendimento.

Prudentemente diz que cada coisa virá a seu tempo e que ali chegavam os que teriam condição para as explicações.

Quando pergunta - "sabe quem sou?" - a resposta do atendente cai nele como surpresa que o comove e abre campo para ação ostensiva dos amigos espirituais. O médium que o recebeu, descreve-o na avaliação, como um chefe de grupo que se mantinha sob esse aspecto de vampiros, construídos e mantidos por suas mentes, desconhecedores, porém, de como tal se fizera ou de como seria possível essa "desconstrução". Ele era, para todos os efeitos - vampiro - situação fechada sem possibilidade de alteração. Quando é-lhe recordada sua aparência real, quando ele começa a lembrar-se conforme o atendente vai lhe falando, embora não consciente, comoveu-se em pranto convulsivo que o levou aceitar os amigos que ali estavam.

- 40 -

Tragam ela aqui... tragam... ela precisa vir aqui... tenho que mostrar, que explicar...

- Desculpe... mas o que se passa?
- *A senhorã não vê?... estou preso... fui julgado por um crime que não cometi... preciso conversar com ela... mostrar., eu sei de coisas...*
- E o melhor meio do senhor comprovar sua inocência é falar com ela?
- *Sim... com ela e com o advogado... Os dois juntos tramaram tudo e meu patrão encontrou as provas que eles arrumaram e que me incriminaram. Não tenho as jóias... o dinheiro... é preciso falar para ela que eu sei do caso que eles mantêm e se ela não me tirar daqui vou apresentar tudo ao marido... A senhora entende?... preciso dela aqui...*
- Realmente seu caso é muito importante e delicado. Pessoalmente não posso trazê-la aqui, mas é possível que o senhor se encontre com ela.
- *Como? Não vê? Estou preso.*
- Virá aqui o responsável pela prisão. Veja. Ele já chega., abre a porta... Traz a autorização de que o senhor pode sair. O senhor que está com ele é o encarregado de levá-lo para que o senhor possa falar e tudo se esclareça. O que o senhor acha?
- *E tudo autorizado pela Justiça?*
- Sim; todas as providências são legais e irão ajudá-lo em muito.
- *Até que enfim... obrigado por acreditar em mim...*

Análise

Entendamos a noção de respeito à lei de um cidadão simples. Aceita a decisão dela mas quer provar que houve erro na sua acusação. Procura, precisa por-se frente a frente com quem urdiu o plano para, pondo-a a par do que sabe, reverter a

acusação.

Não adiantaria se o atendente o convidasse a sair da prisão ou abrir-lhe a porta. Seriam providências inaceitáveis pelo Espírito. O atendente percebeu sua noção de fazer as coisas corretamente e plasmou mentalmente, o responsável pela prisão, chegando, abrindo a porta, apresentando-lhe a licença para sair e o senhor que o acompanharia. Daí para frente acontecerão providências que fogem ao nosso entender. O atendimento cumpriu seu papel, tirou-o da ideia fixa, da prisão e leva-o a buscar soluções.

- 41 -

O médium torce as mãos e sentidamente chora, procurando refrear-se, como que envergonhado por estar em pranto.

- Não se constranja... chore... faz bem... alivia nossas dores... falam dos nossos sentimentos... chore sem receio...

Após algum tempo, asserena-se e...

- *Obrigado...*

- Não há por que agradecer... Caso queira falar da sua dor, sou toda ouvidos...

- *Eu estava no estudo de vocês... (Estudávamos "Loucura e Obsessão" pág. 87-88). Fui um homem aparente, idêntico ao descrito... Meus erros são imensos... Já estou em tratamento, mas não consigo atentar o porquê de agir da forma como agi...*

- Como o senhor diz - está em tratamento... esse conhecimento virá aos poucos, lentamente... Quanto mais fortalecido o senhor estiver, mais terá condições de trabalhar o que passou. Pense...

- *Falando assim a senhora está certa... mas o que aconteceu comigo... por que fui do modo como fui?...*

- É possível, senhor, que em algum momento da sua caminhada, houve algum fato, acontecimentos que o feriram de tal forma, que o senhor preferiu ocultar sua verdadeira personalidade, passando a apresentar-se da forma como hoje o preocupa...

- *Mas como fazer, o que fazer para recobrar-me?*

- Certamente, no tempo próprio, o senhor conhecerão momento em que trunco sua personalidade... Ajudado por esses nossos amigos, estará em condições de reprogramar-se, avaliar melhor os fatos e reintegrar-se ao seu verdadeiro eu... o senhor me compreende?...

- *Sim, está muito claro... agora entendi...*

- Posso dizer-lhe mais uma coisinha?

- *Por favor... fale...*

- O senhor está muito triste consigo... o seu engano é o engano de todos nós... não fique decepcionado com o senhor mesmo... Ame-se...

Em lágrimas, meneou a cabeça, aquiescendo.

Análise

Se a atendente tivesse ido pelo caminho de tentar fazê-lo entender que tudo já passara e que poderia, de agora em diante, ser diferente, certamente complicaria o atendimento.

Trabalhou-o com a realidade de alguém que, estando em tratamento, já tem consciência da sua situação, mas desconhece onde esse tratamento irá levá-lo.

A atendente acenou-lhe com uma perspectiva, uma possibilidade real e sobretudo falou-lhe que todos, no decorrer das caminhadas, passamos por inúmeros erros ou enganos, sempre possíveis de serem revertidos. Encerra convidando-o a perdoar-se.

-42-

Esse estudo de vocês é tudo bobagem (Caso motivado pelo estudo do "Loucura e Obsessão" p. 87-88). Eu fiz tudo isso aí... aparento ser ótima a pessoa, mas, sem que ninguém perceba, uso as pessoas, traio, faço confusão entre elas e estou muito bem assim...

- Se isso é tão bom para o senhor, por que se apresenta assim, duro, ostensivo?

—Para que vocês parem com essas bobagens... imagina eu doente... ah! ah! E ainda mais como o livro diz - não sei que lá mental., não sou louco... não sou doente...

- E se as pessoas agissem assim com o senhor, como se sentiria?

- *Comigo não. Eu sou esperto... conheço as pessoas... não dou chance...*

- Veja... o que o senhor acha de passar alguns dias aqui conosco e ir com esse senhor que se aproxima ver o que acontece com a pessoa que age assim e com os outros que recebem a ação?

- *Não... não quero me ver... fiz muita coisa errada- nada disso...*

- O senhor não iria ver-se... iria ver outras pessoas, atitudes gerando atitudes, reações...

- *Ih não! Eu iria ter que pensar e ah! não! minha cabeça até dói...*

—Olhe... posso afirmar que o senhor não precisará pensar muito e que vai se interessar a ponto de não querer parar...

- *Preciso pensar...*

A atendente deixa-o quieto e após algum tempo questiona:

- E então, vamos? Aceite nossa hospitalidade, passe uns dias aqui... reflita... pense... decida com mais vagar...

- *A senhora tem razão... posso ir com esse moço?*

Análise

Qualquer argumento que a atendente usasse tentando fazê-lo ver o engano no qual se detinha, teria sido inútil. Ele é consciente de que está muito bem e deseja permanecer assim.

Quando a atendente o convida a estudar os efeitos dessas ações, ele se assusta pois não quer se enfrentar. A atendente o tranquiliza e desperta-lhe a curiosidade ao falar que estudariam o fato... quando diz que precisa pensar, não insiste; dá tempo e oferece-lhe inclusive a hospedagem para que possa pensar melhor.

- 43 -

O Espírito apresenta-se incomodado, torcendo as mãos, abrindo-as e fechando.

- Está preocupado?... desconfortável?...

- *É um misto de tudo... eu odeio... odeio... odeio... e não quero perdoar, mas, tive conhecimento de fatos... que me colocam nessa indecisão...*

- Esses fatos não foram bons para o senhor?

- *Veja... tiraram os guardas e deixaram-me entrar... Fiquei lá uma semana e pude ver, sentir que ele a ama de verdade...*

—E isso foi ruim para o senhor?

-*Eu o odeio, entenda, odeio... ele foi carrasco com ela... aprontou de tudo e ela era linda, minhafilhinha linda e agora, dentro desse ódio, constatei que ele a ama sem nenhum interesse, é amor, amor de verdade, como o meu de pai...*

- E dentro dessas constatações...

- *O que é mais duro... ela é um vegetalzinho... não pensa... não fala... está deste tamanho assim e ele cuida, ele não deixa faltar nada, ele a ama, ama de verdade, a senhora entende?*

- Entendo, senhor. Entendo o mundo de emoções contraditórias que o senhor está vivendo. Ajudaria, se por acaso, o senhor tivesse conhecimento dos vínculos que unem vocês três? O senhor gostaria de conhecer mais?

- *Sim, claro... gostaria muito... aliás preciso de ajuda... não dá mais para viver nesse dilema que não sei resolver... É possível, isso?*

- Aí estão os amigos que ficarão com o senhor. Vá em paz...

Análise

Um caso complexo que, se a atendente tivesse sido curiosa, querendo conhecer detalhes da trama, estenderia e correria o risco de não chegar a bom termo.

Voltando-se totalmente para o senhor, ouviu, não procurou resolver nada, convidando-o a conhecer o porque, onde ou que espécie de ligação une os três.

- 44 -

Espírito imponente na postura, empertigado, olhando, examinando tudo.

— Precisa ou procura algo?

Agressivo responde:

— *Não preciso nem quero nada. Não vê: sou um justiceiro; defendo o que é certo.*

— Exatamente o que o senhor faz?

— *Cobro de quem faz o mal. Se uma pessoa faz alguma coisa que considero má, vou até ela, cobro e puno. Ensino com a mesma moeda.*

-Antes do senhor se tomar justiceiro, o senhor nunca errou?

—*Ah! Errei, errei muitas vezes.*

— E o senhor gostaria que alguém o punisse?

— *Claro que não. Não gostaria; tive sorte: não havia ninguém para cobrar-me.*

— Sabe, senhor, todos nós cometemos atitudes menos dignas, erramos e a nossa consciência avalia, deixa claro para cada um o que é certo ou não.

O Espírito, que até então respondia de forma agressiva, pareceu acalmar-se, meio sonolento. Ainda assim, continuou:

—*Há muitos bandidos, muita gente cometendo crimes e essa consciência de que a senhora fala, não os incomoda.*

—Cada um tem um momento... o década um deles chegará e despertarão, queiram ou não, para analisar o que fazem.

— *A senhora acha que estou errado em ser justiceiro? Não tenho como errar; estou corrigindo o mal nas pessoas...*

—Sinceramente... o que o senhor acha?

— *Estou com sono... acho que não quero mais falar...*

—Tudo bem. Convido-o a que descanse. O companheiro

que se aproxima pode levá-lo a seu quarto; depois, se quiser, continuaremos nossa conversa. O senhor aceita?

-*Aceito sim e pela atitude da senhora estou percebendo que na forma como ajo há algum mal que não percebi... acho que não é só o sentimento de justiça... sinto prazer em cobrar pessoas...*

- Vamos deixar isso para depois quando o senhor estiver descansado. Vá em paz.
Análise

A atendente poderia ter comprometido o desenrolar do encontro se entrasse, por exemplo, a perguntar-lhe - o que é certo? Em que o senhor se baseia para julgar um ato como bom ou não? etc. etc.

Deixou que a conversa fluísse, virando o rumo do diálogo para ele - o senhor nunca errou? - Conforme as afirmações que fazia, principalmente quando abordou a consciência, o Espírito começou a perceber que nele despertava uma avaliação, antes desconhecida e que vai culminar no ponto em que ele reconhece que não só punia para ensinar o bem, mas sim, que sentia prazer nisso.

Durante toda a entrevista, desenvolveu-se a simplicidade de atender ao que o Espírito manifestava e não à pregação, por exemplo, sobre bem e mal, justiça etc. etc.

-45-

Penso que a senhora está a perder seu tempo. Já participei de outras reuniões...

em todas elas me falaram que devo perdoar, perdoar... mas, não consigo, ou melhor, não quero... não vou deixá-los em paz... esquecer tudo... ninguém muda assim...

-Concordo plenamente... nada muda de repente... não irei pedir ao senhor que os abandone e esqueça...

- *Interessante... e o que a senhora pensa em falar?*

- Apenas exteriorizar pensamentos de busca de paz, felicidade... eles jamais serão consequências de ódios... estes vitalizam e perpetuam dor...

—A senhora explica bem — vou dizer-lhe quem sou: sou um religioso enganado; cai nas armadilhas preparadas pelos próprios companheiros de fé. Acabei trancafiado em calabouço destinado aos hereges. A partir desse momento ou ao me dar conta do acontecido, rompi com a fé, detesto qualquer explicação que represente um templo e ao alcançá-los busco vingar-me...

- O senhor se lembra quando estudava Jesus... as traições, os abandonos que sofreu... no entanto, continua até hoje à frente do Evangelho... É a Ele que devemos nos vincular. Os outros, as pessoas, muitos companheiros são falíveis. Só em Jesus, nos seus ensinamentos é que encontraremos paz.

Silencia... parece pensar...

—A senhora pode ter razão... mas, olhe, veja... está aqui, um companheiro que também foi enganado por eles... mas ele não está igual a mim... está bem, alegre... Senhora, ele me reconheceu e me chama. Posso acompanhá-lo?

Análise

Se a atendente tivesse insistido na necessidade do perdão, certamente aconteceria o que houve das outras vezes em que foi trazido.

Concordando que é impossível mudança brusca, captou a atenção do Espírito, que de alguma forma se sentiu apoiado. E ele questiona: "então do que a senhora vai falar"?? Prudentemente ela o faz, expondo seu coração, como se falasse para si.

Cria isso para ele, um clima, como que de confiança no qual se dispõe a falar de si. Delicadamente fala-lhe de Jesus como único modelo sem acusar os homens que haviam, segundo ele, destruído sua fé. Toda essa firme delicadeza leva-o a pensar e culmina quando vê alguém que com ele estivera preso, mas que se apresenta diferente do estado em que ele se detém.

-46-

O Espírito chega grunhindo... mão torta, caída como se estivesse quebrada... investe, faz menção de avançar como se quisesse morder.

Permanece assim por algum tempo, após o que a atendente inicia o diálogo:

- Não precisa investir... não vamos machucá-lo...

— *Capeta... sai daqui, capeta... Estou com a pata quebrada mas sou um cão feroz e vou sim em cima de você...*

A atendente não se atemoriza e com carinho, pausadamente, mas firme, diz-lhe:

—Ninguém vai maltratá-lo... todos queremos auxiliá-lo, ajudá-lo... chega de sofrer...

— *Tenho medo... quando os outros me pegarem, outra vez, vão apertar minha cabeça, colocar espinhos nela, bater, colocar-me no escuro... tenho medo... medo...*

A atendente volta a acalmá-lo...

-Aqui eles não o acharão. Olhe quantas pessoas estão à sua volta. Dê-me sua mão... olhe o rosto de cada um... sinta se eles querem machucá-lo...

Aos poucos vai se acalmando. Chora baixinho dizendo:

— *Me ajudem...*

- Eles vão levá-lo ao quarto para que descanse... confie...

- *Não tenho mais forças... a senhora segura minha mão até que eu durma?*

-Fique tranquilo... durma em paz...

Análise

Não houve em nenhum momento, a ideia de convencê-lo de que não era um animal, mesmo porque ele se sentia como um, ele "era" um.

A atendente percebe a intensidade da dor, exteriorizada na agressão e, com carinho, faz com que ele sinta que será acolhido e ajudado. Estabelecida essa impressão tudo o mais prossegue tranquilamente.

-47-

O Espírito apresenta-se duro, hirto, não se mexe. Movimenta só os olhos.

- Estou a seu lado para ver do que precisa.

- *Quero morrer... estou paralisado... consigo mexer só a ponta dos dedos da mão esquerda... para que viver assim... preciso, quero morrer...*

—O senhor...

- *Não, não venha me falar de religião.*

o atendente, sentindo sua dor, decepção, envolve-o carinhosamente.

- Como dizia, o senhor está sendo cuidado. Observe... olhe ao seu redor... note os cuidados que recebe.

Há silêncio no qual parece estar atento à movimentação dos amigos espirituais.

- Senhor, ouça-me... devagar... procure mexer esta mão... tente... devagar... isso... agora, a outra... lentamente, a cabeça... olhe para mim... isso... sinta seus pés...

Cada situação desta é proposta com segurança, firmeza e certeza, lentamente, dando tempo ao Espírito para acionar sua mente. Todos os movimentos são executados com grande dificuldade.

Após algum tempo, o atendente pergunta:

- Então, sente alguma melhora?

-*Não sei como explicar, mas sinto que estou começando a sair da paralisia...*

- Está sim, senhor. Os tratamentos vão prosseguir e logo seus movimentos voltarão. Tenha certeza disso.

— *Obrigado, vou prosseguir, fazer o tratamento, tudo o que eles mandarem. Obrigado.*

Atendimento A Desencarnados

Análise

Encontramos um senhor que deseja morrer e que não admite que se fale em religião. Sua dor concentra-se no fato de não poder se movimentar. O atendente capta que essa é sua necessidade - desconsidera as outras duas colocações - morte e religião. Se as tivesse abordado, haveria discussão, revolta e não atenderia ao objetivo. Desperta-o sim, para que observe o trabalho que se realiza ao seu redor, nele. Adentra ao campo mental com exercícios, paciência, levando-o a sentir que era possível sentir-se novamente. Daí para frente tudo caminha para seu restabelecimento.

- 48 -

0 Espírito está inquieto. Dá-lhe a impressão de que não se localiza. A atendente tranquiliza-o:

— Não se aflija... está entre amigos... ninguém aqui vai lhe fazer mal... Precisa de alguma coisa?

- *Não. Não preciso de nada... acompanhava algumas pessoas e de repente, sumiram... parece-me que entraram aqui... não sei...*

- Essas pessoas são conhecidos, familiares?

- *Não, não... são uns malandros que me enganaram... Quando descobri isso, procurei, achei-os e vivo ao lado deles. Envolve-os e perturbo mesmo...*

- O engano delas em relação ao senhor...

— *Isso mesmo... nada daquilo que me ensinaram aconteceu... Estou até hoje esperando o julgamento...*

- Mas senhor, veja...

- *Preciso ficar com eles para que mudem, parem de ensinar coisas erradas. Cadê Deus? Cadê Jesus? Onde estão que não me ajudam, nem ligam pra mim... mentiras... só mentiras... Quer saber... estou cansado... muito cansado...*

- E nós estamos aqui, justamente para auxiliá-lo. Sua decepção é justa, mas precisamos ir além, avançar para entender e solucionar dificuldades, enganos, mal-entendidos... O senhor já pensou, por exemplo, que há possibilidade de que aqueles que lhe ensinaram não tinham intenção de enganá-lo, que aquilo era a verdade para eles?

— *A senhora quer dizer que eles também estão enganados sem perceber?*

- Não sei... mas é possível... Se o senhor quiser conhecer mais a respeito, refletir sobre possíveis equívocos com ou sem má fé, eu o convido a ficar com estes amigos que lhe apresento agora.

— *Sim, sim senhor... gostaria muito... e voltando-se para a atendente:*

- *Desejo a companhia da senhora. Sinto-me mais seguro.*

- Minha presença não se faz necessária. Esta senhora da equipe se encarregará de tudo quanto precisar. Tenha confiança. Vá com eles.

Análise

Ao colocar que procurava pessoas, isto não se constituía como necessidade achá-las, daí porque a atendente não se ateuve em querer saber quem eram etc. etc. Por trás da procura, havia um motivo e este é que se deveria buscar, fazer vir à luz.

Quando expõe esses porquês, ficou tranqQilo para a atendente oferecer encaminhamento para posteriores entendimentos.

Ao pedir que a atendente o acompanhe, pois sentia nesta sinceridade e possibilidade de ajuda, prudentemente, fala-lhe que seu trabalho se encerrava ali e que dali para frente, outros mais competentes é que se ocupariam dele. Apresenta-lhe uma senhora, no intuito de que ele transfira a ela, o vínculo estabelecido com a atendente.

- 49 -

O Espírito apresenta-se inquieto, fala sem cessar, repete, repete:

- *Sair daqui... sair daqui... ninguém, ninguém vai me tirar daqui... sai... sai... preciso achar o assassino... esse lugar é meu... não foi aqui que ele me matou?... então, o lugar é meu... você não tem o direito de me tirar daqui... ah! ah! ah! ela... ela precisa me ver... precisa ser assassinada também... quero vingança... toda justiça será feita...*

- O senhor tem razão... toda justiça será feita...

- *Que... quem é você... quem te deu o direito de falar comigo...*

- É que estamos sabendo dessa sua sede de justiça e viemos convidá-lo a estudar esse caso com uma equipe competente a fim de que realmente se faça justiça...

- *A equipe são essas pessoas com esses livros nas mãos?...*

- Sim, são elas...

- *Olhe... aquele ali, aquele livro traz o nome dela... Quem sim, quero ir com eles... mas... estou sentindo sono... sono...*

- É natural... durma primeiro. Descansado o senhor terá mais condições para participar... durma...

Análise

O atendente ouve... dá tempo para o Espírito revelar seu estado íntimo, sua confusão mental e não deixa perder o gancho que o próprio Espírito fornece - a sede de justiça.

Ao falar que ele tem razão e que a justiça sempre acontece, tira-o da fixação mental, possibilitando campo para que o encaminhamento seja feito. Quando os amigos espirituais mostram o livro com o nome dela, fecha-se o atendimento do lado dos encarnados.

O Espírito se apresenta rindo, com descaso, critica, debocha para em seguida dizer:

-Já vai começar a ladainha, quer ver? E a mesma coisa sempre... o mesmo chavão... não pode ficar lá... sai de lá... Estou cansado de saber... já estive aqui outras vezes...

- E hoje não pode ser diferente?

-Diferente... qual nada... ofatoé o mesmo—não quero sair de lá - estou muito bem onde estou. Sinto-me bem. Você já ouviu falar em prazer?... Pois é isso que tenho lá... tenho tudo oquequero... Digo-lhe mais... ela também se sente muito bem- faço bem a ela...

Toda vez que o atendente ameaçava intervir, ele não dava chance, falando, falando, até que em determinado instante o atendente firmemente lhe diz:

- Escutei-o até agora e são justas suas alegações...

O Espírito como que leva um choque:

—O quê? Você me dá razão? Não me obriga a sair de lá?

- Não. Só peço que me escute um pouquinho. Não precisa nem me responder, caso não queira.

I — *Escuto... escuto sim... pode falar...*

O atendente fala de prazeres que se perpetuam, que não são efêmeros, cujas energias e vibrações acompanham o ser... da saúde que acarreta... a paz... a amizade... a confiança... os valores morais que identificam um homem... o ambiente bom que gera, etc...

- *Se tudo isso acontece e presunto que este ambiente em que estamos, pelo que você diz, seja bom, por que me sinto mal?*

- Você está recebendo tratamento... está havendo, como que trocas energéticas. Há uma grande equipe aqui, que se interessa por você, deseja vê-lo melhor e procurando fazer tudo quanto possa ser do seu interesse...

- Estou tão fraco... sem forcas... com sono... cansado... cansado... Vamos fazer assim: vou ficar aqui porque desejo ver aquilo que é do meu interesse. Tudo bem?

-Tudo. Tudo bem. Fique em paz.

Análise

Com um Espírito que se apresenta nessas condições, praticamente é impossível estabelecer diálogo. Deixá-lo falar, exprimir suas queixas e revoltas é um meio para avaliar o estado íntimo, mental em que se detém.

Quando o atendente sente que ele vai recomeçar, firmemente entra.

Neste caso o choque, ou o que fez o Espírito parar foi a afirmação do atendente de que as alegações dele eram justas.

Enquanto o atendente falava dos verdadeiros prazeres, ele, sem o perceber, era tratado. Daí a pergunta - "se o ambiente é bom, por que me sinto mal?"

Esclarecido, em outro ponto ele se fixa - oportunidade de entender aquilo que

fosse do seu interesse, o que o atendente lhe assegura desejando-lhe paz.

- 51 -

- *Não pensem. ...não pensem que ela vai ficar aqui para sempre... Se está aqui é pela interferência de vocês... Ao menor vacilo, levo-a de volta...*

- A permanência dela ao lado do senhor, pela sua aparência, não lhe foi agradável! O senhor já se olhou?

- *Isso não importa. Ela me fez sofrer muito.*

- Mas não é por isso que o senhor precisa continuar nessa dor.

- *Você vem agora querendo me ajudar. Por que não o fez antes, quando ela fez o que fez? Agora não estou a fim. Meu prazer é vê-la pisar com os pés descalços nos espinhos que ela mesma plantou.*

- Não podemos e não temos a intenção de afastá-lo de quem quer que seja ou removê-lo de suas intenções. A única coisa que podemos oferecer-lhe são fatos, arquivos que possam ajudá-lo a entender melhor todo esse processo doloroso.

~E possível isso?

— Sim.

- *Muitas vezes já me perguntei - por quê? Por quê? Quem é ela, quem sou eu? Interessa-me sua proposta.*

- Ótimo. Depois dessa busca é possível que o senhor se permita novas escolhas, que possa, enfim, ser feliz.

- *Gostaria de ficar... mesmo porque, nem que seja por algum tempo, preciso deixar um pouco essa situação... Estou cansado... Diga-me, para onde devo ir?*

- Fique conosco.

Análise

Um Espírito que chegou desafiador e irritado, pela tranquilidade e objetividade do atendente, acalmou-se possibilitando o diálogo. Em nenhum momento recebeu acusações ou conselhos de que deveria fazer isso ou aquilo. Centrou sua conversa, as perguntas nele, nos interesses comuns a toda pessoa que, mesmo sentindo-se injustiçada, questiona-se sobre os porquês.

Em nenhum momento, a conversa abordou a moça, querendo saber quem era; o que ela havia feito; qual a relação de ambos. Ele foi trazido; ele é o necessitado em momento próprio para despertar, momento este que dependerá da sensibilidade do atendente.

- 52 -

O Espírito se apresenta demonstrando desconforto, como que se ajeitando na cadeira.

- *Que sensação estranha...*

- O que se passa?

- *Não sei. Sinto-me contido, confuso...*

- Procure olhar-se... aos poucos as ideias irão voltando...

- *Parece... parece que estou acordando de um longo sono...*

-Justamente... as ideias vão se aclarar.

Silêncio e depois:

-Ainda não entendo bem o que está acontecendo, mas lembro vagamente: - estava na igreja rezando por causa de alguns acontecimentos internos, que não posso lhe contar, quando senti uma pancada na cabeça... É... é isso... dói... veja o buraco...

- O doutor já está conosco. Deixe que ele o ajude...

-Sim, sim... mas veja... está aqui também o médico que nos servia lá no convento. Será que ele não poderia tratar-me?

- Claro, claro que sim. Ele ficará com o senhor. Acompanhe-o.

Análise

A paciência do atendente esperando que as coisas acontecessem no tempo do Espírito, sem apressá-lo, sem ansiedade, deu tempo para que aos poucos voltassem as lembranças. Quando afirmou que orava por motivos que não podia contar, não houve insistência, ou curiosidade forçando-o a falar. Foi respeitado. Quando prefere o médico seu conhecido ao outro que estava ali, o mesmo acontece, atingindo o atendimento seu objetivo, que neste caso era o despertar de uma mente que permanecia em sono.

- 53 -

Espírito prepotente, arrogante, agride com palavras, a toda tentativa de abordagem.

I Ih! Pare... pare... de nada adianta essa tentativa ridícula de vocês... São é uns pretensiosos... salvadores do mundo... pois bem... Não tente, não converse comigo. Na hora do estudo, tapei os olhos e os ouvidos... não desejo ver nem ouvir nada... Ambiente desagradável... hostil... Sinto-me mal aqui... quero ir embora...

—Não prefere melhorar um pouco, antes de ir?

— *Já disse que quero ir embora... não vou abandonar quem persigo... não gaste palavras comigo...*

—O senhor não está bem... Fique um pouco ate recuperar- se...

— *Volto para meu inferno... Sou feliz...*

—Antes de ir, diga-me se o senhor vê uma senhora que se aproxima...

— *Sim... e ela fala comigo... oferece-me um embrulho... um presente dizendo-me para refletir sobre esse material... Vou abrir... E um livro meu que sumiu há muito tempo e que nunca consegui encontrar... Por que estão me devolvendo, agora, a senhora (dirigindo-se a atendente) poderia me explicar?*

— Ouça o que a senhora lhe diz.

— *Ela diz que esse é o momento certo, que só agora tenho condições de entender seu conteúdo... Sim... sim... vou com a senhora...*

Análise

Sem forçar ou impor, a atendente tentou inúmeras formas de abordagem, todas sem êxito. Percebendo que ele não permitiria aproximação, intensificou suas vibrações, envolvendo-o. Vem-lhemente, dentro do respeito de não forçá-lo a ficar, a ideia de perguntar-lhe antes que se fosse, se via a senhora que se aproximava. Daí para frente tudo correu por encaminhamentos dos amigos espirituais.

Quando ele pergunta - "por que estão me devolvendo o livro agora?" - a atendente, não se dispõe a explicar isto ou aquilo, mas remete-o à equipe espiritual - "ouça o que a senhora lhe diz".

Nesse ponto, ou melhor, desde a hora em que a senhora fala com ele, a atendente encarnada não mais atende. O comando saiu-lhe das mãos e corre sob aspectos que ela desconhece. Necessário refletir sobre isso, para não interferir nas providências espirituais.

- 54 -

O médium agita-se impaciente:

— ***Que demora em atender-me...***

— Estamos aqui... disponha... do que a senhora precisa?...

— ***Estou confusa... muito confiisa... o estudo que vocês fizeram diz que medi unidade é bênção... Por que comigo não foi assim?***

-A senhora quer falar a respeito?

— ***Sim... veja... vim como médium... sentia presenças... ouvia vozes... e fui considerada louca e, como tal, colocada num hospício. Mantiveram-me dormindo o maior tempo possível, pois diziam que acordada trazia sofrimento a todos... Por que Deus me deu essa faculdade em época tão errada? Quanto sofrimento para todos...***

— Imagino seu sofrimento, mas admiro também a lucidez com que a senhora avalia os fatos. Realmente, muitas, muitas pessoas sofreram por ver Espíritos, ouvir-lhes as vozes... houve um tempo em que eram queimados como bruxos... Nos tempos da senhora, realmente, internavam em hospícios como loucos...

Quando a senhora me pergunta, por que Deus lhe deu a faculdade em época errada, eu só sei responder que era a época certa...

— ***Como época certa? Não era aceita, havia incompreensão...***

— É época certa para as necessidades da senhora, e estas, eu não sei dizer-lhe qual ou quais seriam.

Silêncio... parece pensar...

— ***Época certa para mim... Há alguém que possa explicar melhor? Tenho necessidade de compreender...***

— Tem sim... a senhora vê quem se aproxima ou está conosco aqui?

— Sim... vejo claramente... é uma senhora mais ou *menos* da minha idade... ela me convida a acompanhá-la... posso?

- Sim... pode... desejo que a senhora encontre as respostas... Deus a abençoe.
- *Obrigada...*

Análise

Num primeiro momento, o atendente desprevenido poderia ter-se encaminhado para discutiTer sobre a medi unidade e o que ela representa na vida do encarnado. Prudentemente, o atendente não levou isso em consideração e apenas pergunta—“a senhora gostaria de falar a respeito?” - Ouve, consola-a falando resumidamente sobre o entendimento dos tempos e é quando ela questiona o porquê da época errada-o atendente pega essa deixa, dizendo-lhe ser a época certa para ela, espiritualmente falando, sem querer explicar nada, pois não lhe competia, não tinha dados espirituais desses porquês, encaminha-a para a equipe espiritual. O atendimento preencheu a necessidade do Espírito, detido sabe-se lá há quanto tempo nessa mágoa, nessa noção de injustiça em relação a Deus.

- 55 -

- *E agora... é agora mesmo... quero, ou melhor, vou dar uma bela surra em cada um de vocês...*
- Mas senhor... por quê? Por que essa violência?
- *Por quê? Porque vocês têm que parar de mexer com isso que fazem aqui... Esta semana já consegui começar a ensiná-los. Distribui umas boas lambadas e vários de vocês estão sentindo dores no corpo...*
- O senhor acha isso justo?
- *Justo?... e é justo vocês retirarem pessoas do meu grupo?... Vim aqui buscá-los, levá-los de volta e vão todos apanhar no tronco...*
- O senhor já pensou na possibilidade de termos sido chamados?
- *Chamados... não, vocês são intrometidos... chamados... chamados como?*
- Às vezes pessoas desejam mudar, desejam outras companhias, outras formas de vida e chamam, pedem auxílio...
- *Mas eu tenho autoridade... eu mando, eu determino a vida de todos...*
- Talvez disso eles tenham se cansado e procuram outra forma de autoridade...
- *Outra forma de autoridade?... Não existe autoridade sem a força, o domínio, o medo...*
- O senhor está sendo convidado a conhecer uma autoridade baseada em valores... Desta as pessoas não fogem...
- *A senhora quer dizer sem pancada, prisão, castigo?...*
- Exatamente... uma autoridade baseada nos valores morais, no amor...
- Ih... quanta invencionice... mas está bem, quero conhecer isso ao lado dos companheiros dissidentes, sabendo direitinho o que aconteceu... Posso?

Atendimento A Desencarnados

- Sem dúvida. Acompanhe nossos amigos. Eles são os encarregados de esclarecê-lo.

Análise

O atendente não se deteve em refletir com ele sobre a impropriedade de perseguir as pessoas do grupo. Deixa-o falar e apenas lhe pergunta se tal atitude era justa. Ao responder, ele abre o porquê de sua estada ali. Ao falar de como se exerce a autoridade, também não lhe é provado que ele não a detinha, mas que há outras formas de autoridade que envolve, dá segurança e da qual as pessoas não fogem. Esse ponto o interessou, convencendo-o a ficar.

- 56 -

O Espírito permanece calado, passando a ideia de grande tristeza.

—Estou aqui ao seu lado... gostaria de conversar? Precisa de algo?

- *Nem sei... estou tão desanimado que acho que nem vale a pena, que é melhor deixar-me ficar aqui no meu canto...*

-Conversar, nesses casos, é bom... às vezes, ao comentar nossas dores, encontramos lenitivo ou até solução para elas. Quer tentar?

- *Antes de morrer ou durante a minha vida sempre convivi com o preconceito. Era gordo, muito gordo. Todos os apelidos que a senhora possa imaginar eu tive... namorada... nunca ninguém me quis... Por ser gordo a ninguém atraía... eu até mesmo me escondia... Nessa falta de afeto, nessa ânsia de ser aceito, tomei-me promíscuo... pagava e pagava a companhia feminina numa voracidade nunca satisfeita.*

Um dia morri, e nem depois de morto consegui emagrecer. Continuo gordo... Lembrei, um dia, que nos meus desesperos e buscas ouvi alguém falar da plasticidade do perispírito. Tentei, tentei e nada consegui... o que faltou? O que falta? Será vontade? E as culpas, quando usava as mulheres? Esses pensamentos martelam minha cabeça dia e noite... quem pode, há alguém que possa me ajudar? A senhora sabe me responder?

- Não, eu não sei e nem tenho, caso soubesse, autoridade para fazê-lo, mas...

- *Então, por que vim aqui se tudo vai continuar na mesma?...*

- Não é assim... eu não posso explicar-lhe, porque esses fatos todos são muito particulares, têm raízes em situações que desconheço, e como ia lhe dizendo, há quem possa auxiliá-lo: o senhor receberá o tratamento de que necessita ao lado de conhecer razões e aprender a lidar com detalhes de situações para as quais o senhor ainda não despertou. Quer ficar ou quer antes conhecer o programa com o qual nossos amigos se dispõem a ajudá-lo?

- *Desculpe senhora... não quis ser rude, mas, estou sempre na defensiva... quero ficar mais que tudo... deixem-me ficar... ajudem-me...*

Análise

A delicadeza de quem atende, dando tempo ao Espírito de decidir-se, é fundamental. Sentindo que não é forçado, que está lidando com pessoas que não vão criticá-lo, deixando-lhe o direito de decisão, são fatores que passam ao Espírito confiança que lhe permite que se abra, e fale, como no caso de seus

dramas frente ao preconceito.

Quando a atendente colocou-lhe que não sabia responder, falava de uma realidade que não lhe competia falar ou conhecer. Envolve detalhes de posturas, atitudes, reencarnações passadas.

Ele a interrompe, corta-lhe a frase em natural desespero... Ela entende isso e explica-lhe por que não o pode ajudar, mostrando-lhe que há pessoas capazes de o fazer, deixando-o livre para decidir.

- 57 -

— ***Irritantes... desagradáveis... isso é o que vocês são...***

— Por que esse desagrado... o que houve?

— Toda vez que estamos agindo sobre uma pessoa, um grupo, algum de nós é trazido...

— Deve haver uma necessidade...

— ***Que necessidade nada... e não me venha com a conversa de que é para ajudar. Ajudar em quê? Somos bons no que fazemos... não precisamos de vocês...***

— Ainda assim deve haver uma necessidade. Talvez o senhor não tenha percebido...

— ***Já falei que não há precisão de nada... Deixem de fazer essas incursões em nossos domínios... Quer saber... não vou falar com você... chame seu superior... é com ele que vou me entender...***

— Ele virá atendê-lo. No momento ocupa-se daquele caso grave, ali, veja Enquanto isso, deixe-nos tratá-lo... O senhor está doente... há ferimentos? Feridas no senhor?

— ***Ferido... onde ferido... está louca?!...***

— Veja o senhor mesmo...

— ***Credo... que coisa horrorosa... sentia sim umas pontadas mas nunca tive tempo de olhar... e agora... agora dói — olha tem sangue... não posso ver sangue... me ajude... me ajude... minha perna...***

— Claro! É para isso que estamos aqui. Vamos levá-lo para a ala do hospital... os médicos o esperam...

— ***Pára de falar... vamos... vamos logo.***

Análise

Espírito agressivo, desafiador, agredia visando desequilibrar a atendente. Esta observa e nota que constantemente leva a mão iAtendimento A Desencarnados perna massageando-a na altura do joelho e coxas.

O diálogo prossegue. Quando se nega a falar, pedindo para fazê-lo só ao superior do trabalho, ela não se agasta. Leva-o a ver um quadro grave no qual o superior se encontrava e diz-lhe que, tão logo se desocupasse, viria.

Enquanto isso, vira o teor do atendimento que era focado na indignação, para o pessoal - Espírito 1 "o que o senhor tem na perna?" Daí para frente, tudo se

encaminhou noutros termos, levando-o a desejar o auxílio, a ajuda.

- 58 -

O Espírito apresenta-se altivo, senhor da situação, irônico».

— *Quanta perda de tempo... vocês não têm mais o que fazer, não?*

—A que o senhor se refere?

— *Refiro-me às constatações que faço. Já estive aqui duas vezes... conheço-os todos...*

—O que dizem suas constatações...

— *Que vocês são uns enganadores... estudam, falam bonito, mas não crescem, não melhoram, não mudam... O padrão continua o mesmo... o mesmo...*

—O senhor vê dessa forma?

— *E dessa forma... para que estudar tanto, rezar, se continuam os mesmos... parem com isso... não adianta nada nem para vocês nem para os outros...*

Esse teor da conversa era repetido ininterruptamente sem dar tempo para que a atendente entrasse com algumas reflexões. Em dado momento, a atendente interrompeu-o e entrou firme.

— Espere... vou mostrar-lhe que suas afirmações não procedem...

— *Como?! Ousa contestar-me... está dizendo que não digo a verdade...*

—Veja por si mesmo... escolha um nosso companheiro... detenha-se nele... veja os efeitos que o estudo, a prece e os cuidados para viver Jesus realizaram nele...

Silêncio...

— E agora... veja esse outro que não se deixou penetrar pelos convites amorosos da vida...

Silêncio com alteração da fisionomia, demonstrando notar diferenças, talvez estabelecer comparações entre um e outro...

— Então... o que vê?

— Esse outro aqui é feio... está bem ruinzinho, hem?

-E quem é esse aí?

-Sei lá... não conheço...

-Olhe bem... analise seu rosto... suas feições...

- *Mas, moça, parece comigo... como pode ser?*

- Ele não se parece com o senhor - é o senhor...

- *Mas é um monstro... sou um monstro...*

- Não se desespere... venha... vamos cuidar disso... o senhor é um filho querido do Pai... venha...

Análise

○ Espírito podia, neste caso, ter objetivos que não sabemos: queria ele desanimar a atendente? Queria desestabilizar o grupo? ○ que falava era real? Era emissário de algum grupo ou falava de seu próprio modo de ver?

A atendente não cogitou deter-se em nenhum desses aspectos. Ouviu-o pacientemente e, quando sentiu que estava passando do tempo necessário, entrou firme com situações reais, práticas.

Ressalte-se aqui, a certeza da atendente em saber que não trabalha sozinha. Ao pedir-lhe que escolhesse alguém, sabe que os amigos espirituais plasmarão o que precisa ver. Não há trabalho sozinho.

Ainda, a perspicácia de deixá-lo escolher. Se indicasse este ou aquele, certamente o Espírito diria que tudo estava montado. A atendente não sabia que os amigos plasmariam outro, no caso o Espírito comunicante. Tão logo percebeu isso, pelas apreciações do Espírito, seguiu tranquila sobre o que era preciso ser feito.

- 59 -

- *Desculpe, senhora. Poderia me dizer que dia é hoje?...*
- *E segunda-feira, dia...*
- *Não, não... o ano...*
- *Estamos no ano de 2007.*
- *Como?! 2007... mas eu me lembro que ainda há pouco datei um papel... era 1962...*
- *O tempo passou...*
- *Estou confuso... soube há pouco tempo - não sei precisar quando - que morri e pelo ano que a senhora diz estar isso foi há 45 anos...*
- *O que o senhor fez nesse tempo?*
- *Fiquei em casa, ia ao trabalho, voltava, dormia, levantava... não sabia que estava morto...*
- *Como o senhor descobriu?*
- *—Foi depois da morte de um primo meu. Ele ficou doente e eu fui para lá, fiquei ao seu lado até que ele morreu. Aconteceram umas coisas estranhas: enterraram ele, mas ele continuava ali, andava, falava... foi ele que me falou que eu também já havia morrido... De repente ele sumiu e eu fiquei muito confuso sem entender o que fazer. Vinha nessa preocupação e encontrei-a...*
- *Na realidade, o senhor está vivo... a morte só sepultou, assim como ao seu primo, o corpo físico. Ele, como o senhor, continuam vivos, na vida que prossegue além da matéria. Nessa vida, estão seus familiares, seus amigos que o precederam...*
- *E onde eles estão?...*
- *Certamente por aqui mesmo, ao nosso lado, é possível. Examine, olhe bem ao nosso redor... há alguém que o senhor reconhece?*
- *Ah! olha lá meu primo sumido... nossa... ele traz pela mão, a Lúcia, minha esposa...*

Análise

Destaca-se a calma da atendente em não precipitar fatos e ir trabalhando-os conforme as colocações feitas pelo Espírito.

As perguntas feitas foram objetivas - "o que o senhor fez nesse tempo?" - "como o senhor descobriu que havia morrido?", questões estas que transcorreram sem

choques, uma vez que o próprio Espírito disse saber-se morto.

A explicação de que ninguém morre, foi sucinta, mas o bastante para o entendimento desse Espírito.

Quando ele pergunta - "onde estão eles?" - a atendente nada afirma. Convida-o a examinar o ambiente e ver se encontraria ali um rosto conhecido, o que redundava em belo final.

Observação

Caso o Espírito não identificasse nenhum familiar, certamente diria à atendente. Esta, na certeza de que o Espírito ali foi trazido, porque estava no seu momento próprio, levá-lo-ia a observar novamente, vendo alguém que se aproximaria chamando-o. Falar-lhe-ia da confiabilidade dessa pessoa; que poderia seguir com ele etc. etc. etc.

- 60 -

Aparência ereta, imponente. Olha, observa em derredor e após algum tempo...

— *Estão me dizendo que este é um lugar sério e que posso falar. Explico-me: não sou dado a brincadeiras... sou um homem sério...*

— **Nosso desejo é que o senhor se sinta muito bem aqui. Sabe por que o trouxeram?**

— *Sou um general... um general alemão*

— **Muito prazer... fique à vontade... o que se passa?**

— *E o seguinte: minha tropa está aqui comigo mas, não estou conseguindo mais controlá-los... noto insatisfação... as ordens para a luta não chegam... fazemos exercícios, nos preparamos; todo dia chega mais gente e nada de sermos chamados para a frente...*

— **Senhor general... a guerra já acabou... -**

Silêncio...

— *A senhora pode repetir... estamos em pleno fragor neste 1942...*

— **A guerra acabou dois ou três anos depois... Estamos no ano de 2007... Há mais de sessenta anos estamos em paz.**

— *E quem venceu?*

— **O eixo perdeu.**

Silêncio.

— *Covardes... não poderia ter acontecido. Fomos treinados para vencer... Como aconteceu?*

— **As nações do mundo se uniram em prol da paz e num dia do mês do ano de 1944, as tropas aliadas desembarcaram nas praias da Normandia, culminando com a paz tão sonhada...**

— *E a Alemanha?*

— **Reconstruiu-se... é hoje um povo amigo. Todos os países se unem quando é necessário tomar alguma decisão importante e a Alemanha está lá, entre os grandes do mundo contribuindo para a paz de todos.**

-E inacreditável... Diga-me... e Hitler?

-Suicidou-se.

- Covarde... covarde... Fomos usados por ele...

- Não seria bom o senhor pôr seus homens a par disso tudo?...

-Não... eu não seria capaz... eles precisam saber... mas, desculpe, tenho dificuldade em aceitar tudo isso... fomos criados para vencer...

- E se o senhor e seus homens tivessem acesso a arquivos da História do mundo... seria passada em uma tela a sequência dos fatos, com explicações detalhadas... O que o senhor acha?

—Ah! assim é mais fácil... para mim e para eles... vou chamá-los...

Análise

A segurança e a tranquilidade da atendente foram fundamentais para todo encaminhamento. Neste caso, não se deteve em querer provar que o ambiente era sério ou não; não se admirou de estarem no plano espiritual, ainda em exercícios de campanha. Não se impressiona quando se apresenta como general — simplesmente responde - "a guerra acabou". Dentro do espanto que o Espírito revelou quando pergunta - "quem venceu?" - e na resposta também firme: - "o eixo perdeu" - ressalte-se que a mente desse Espírito não é acostumada a grandes explicações - é direcionada para raciocínios claros e objetivos.

Quando pergunta de sua terra, habilmente, a atendente não fala do que aconteceu, mas de hoje, como o povo alemão se interliga no mundo, enaltecendo-o. Quando pergunta de Hitler- a resposta é óbvia, sem procurar querer explicar nada. Não era o objetivo, fugia da necessidade do Espírito. Segue-se a perspicácia da atendente em trazê-lo para a realidade - agora- o que fazer?

-61-

Cabeça baixa, impaciente, esfrega o rosto, as pernas, coça as mãos, os cabelos...

- Essa coceira o incomoda muito, hem?

*- **Por que você fala comigo? Será que não pode ver ninguém dormindo? Vá embora, quero dormir...***

-Depois dormiré... agora precisamos conversar um pouco».

*- **Não... falaram que eu poderia dormir... Que não me importasse com nada... dormir... dormir...***

- Precisamos cuidar dessa coceira...

*- **Ah! são os bichos... mas isso não importa, posso dormir para sempre até o dia do juízo final., está escrito lá...***

-Ainda assim é melhor tirar esses bichos agora... veja como está feio...

*—**No dia do juízo ele virá e ai os bichos vão embora... a mãe ensinou assim. Ela era de lá...***

- E verdade... e a mãe vai mandar agora, que venha aqui o superior lá da sua igreja...

*-**£... e ele vem para me levar?***

- Sim, ele virá... aliás, veja se o senhor já o vê chegando., olhe bem...
- **Pastor... pastor Pedro... aqui olha eu aqui... venha..**

Análise

Logo de início já se fez notar tratar-se de alguém que crí no juízo final e no permanecer dormindo até lá.

Qualquer argumentação contrária seria infrutífera. Nem os bichos que tanto incomodavam, não o faziam tomar providências. Cria realmente que, dormindo, também não os sentiria e quando "ele" viesse tudo ficaria bem.

Quando fala na mãe, referencia-a como de grande autoridade para ele. Foi nesse sentimento que o a tendente se deteve para que os encaminhamentos finais acontecessem.

- 62 -

- *Deixe-me falar logo... o que é que você quer que eu fale?- quero falar... falar bem depressa...*

- Por que essa afobação?

- *Cruz credo! Esse lugar é horrível... Parece um asilo... olha quando velho... tudo doente... caquético... detesto hospital... credo...*

- São companheiros que necessitam de cuidados...

- *Mas, eu não preciso... sou moço... forte e fico no meu canto... Não gosto nada de estar aqui... posso ir embora?...*

- Logo poderá... onde **é** o seu canto? O que você faz lá?...

- *E minha casa oras... fico lá e não perturbo ninguém.*

- E lá é o melhor lugar pra você?

- *Antes era... agora não... por isso fico lá no canto quietinho...*

- Por que agora lá não é tão bom como antes?

- *Ninguém fala comigo... não insisto mais... eles devem ter motivos... depois... é tudo uma tristeza... às vezes uma choradeira...*

- Porque choram?

- *Não sei... às vezes tenho a impressão de que eles falam de mim como se eu não estivesse lá, não sei explicar... estou ali com eles... e eles falam de mim... é possível isso? Não... acho que não...*

- **O** que eles falam?

- *Não fico ouvindo muito não... quando eles começam a falar da minha moto, do estado que ficou... da cabeça... vou logo saindo. Quando as coisas melhoram eu entro de novo...*

- E o que tem a sua cabeça?

I *Nada... por que você está perguntando?*

- Ela está machucada... por isso trouxeram você aqui.

- *Machucada?!... deixe-me ver...*

Leva a mão à cabeça, apalpa-se, desce a mão, olha-a, muda a expressão e...

- *Moça, tem sangue aqui. olha... e está doendo... nu ajude... me ajude...*

Análise

Um caso delicado, longo, no qual o Espírito aceitava uma situação que o incomodava e que não sabia explicar. Apresenta-se agora seguro de si e indignado ao mesmo tempo, por estar em ambiente tão contrário a seus gostos.

O diálogo mantido, a forma como se expressava, demonstrava seu modo habitual de viver -entrar-sair-não se importar se não falavam com ele...

As perguntas feitas pela atendente sobre o que ele contava a cada pergunta objetiva dela, levaram-na (sem que nada se falasse a respeito) a entender que o rapaz havia desencarnado em acidente de moto com ferimentos na cabeça. Com a última pergunta-"E o que tem a sua cabeça?" - a atendente encaminhou-o delicadamente para que ele desejasse ajuda.

- 63 -

- *Me pegaram de novo... voltei... voltei não, isso aqui é um labirinto... sai por aquela porta, andei, me escondi e voltei a cair aqui... que lengalenga... eu não quero aprender nada, (diz isso, marcando as palavras) não quero, vê se me entende...*

- *Mas às vezes o senhor precisa de outras coisas e não de aprender nada...*

- *Que coisas, dona? Olha para mim... minha situação é boa... não preciso de nada...*

- **O** senhor deixa-me colocar um espelho aqui na nossa frente?

- *Espelho?! E por que pôr um espelho aqui?*

-Ah! não sei... no espelho a gente se enxerga, não é?

-*Não estou gostando disso... eolha... lá vem o espelho...*

Silêncio atencioso como o de quem observa.

- *Esse aí está danado, hein? Curvado, sujo... braço machucado... olha o pé... estourado... ai! Ai! Que dor... Meu Deus, esse aí parece comigo... o que é isso? Esse aí sou eu... gente me socorre... me socorre, pelo amor de Deus...*

Análise

O Espírito, pelo seu modo de ser, por sua característica de imposição, jamais aceitaria reflexões ou argumentos que o convencessem a aceitar ajuda. A ideia do espelho, sem que ninguém lhe falasse nada, levou-o a tomar consciência da situação pessoal, predispondo-o a ficar e receber auxílio.

- 64 -

- *São todos uns enganadores e eu vim para dizer-lhes a verdade...*

- *E que verdade é essa?*

-*A realidade é uma só: vocês dizem o que não sentem... qual a realidade disso aqui?*

- *Olhe o senhor mesmo... veja quantas necessidades... quantos doentes... quantos choram...*

- *Mas é tudo da boca pra fora... saem daqui e não são mais os mesmos...*

- *É possível que o senhor tenha razão... Mas veja... o senhor pode ver o*

coração de cada um que aqui está... Para chegar aqui se prepararam e oferecem o melhor de si para que os atendidos fiquem bem... examine... veja...

- *É... a senhora pode ter razão... mas eu vou continuar vasculhando mentes...*
- E a sua mente, como está?
- *Não interessa... o que não pode acontecer é vocês falarem uma coisa e, fora daqui, fazerem outra... preciso denunciar...*
- Como o senhor age, costumeiramente.
- *Não é do seu interesse. Eu sou superior... estou muito bem...*

-Não é o que sinto estando ao seu lado.

- *É... e o que sente?*
- A sua insegurança, o desejo de ser acreditado, de ser recebido como alguém que vem dar ordens, acusando... impondo...
- *Não fale assim comigo...*
- Desculpe... sinto-o inclusive, sozinho, necessitado de afeto, de companhia, de compreensão...
- *Afeto... isso não existe... são só palavras... afeto... é só traição...*

O Espírito já se expressa de forma mais calma; parece introspectivo... desgostoso...

- Se o senhor quiser ficar aqui, depois que descansar, temos um rico arquivo no qual o senhor encontrará farto material sobre esse assunto... em uns a aparência e a realidade se casam... em alguns não... mas, o que há de mais interessante são os motivos que levam as pessoas a agirem assim... O senhor não gostaria de estudá-los... de pesquisar mentes... de ver quanto tempo se usa para ser autêntico no sentir, pensar e agir?

Silêncio...

- *Estou cansado, inclusive dessa conversa. Se é possível, deixe-me ficar... preciso pôr minha cabeça em ordem...*

Novo silêncio...

- *Sabe... além de tudo aquilo que a senhora sentiu em mim... eu estou com medo... com muito medo... deixe-me ficar...*

Análise

Espírito agressivo, desafiante, que não conseguiu despertar na atendente o desejo de discutir, acusar ou revidar suas afirmações.

Tenta, por duas vezes, levá-lo a que se examinasse, conseguindo ele sair fora.

Ai a atendente usa o sentimento falando-lhe das suas carências, como que trazendo à tona seu mundo íntimo. Quando aborda o afeto, revela, pela resposta que dá, em que ponto está fragilizado, detido... afeto - traição... Daí para frente tudo se encaminhou para que ele se aceitasse, cansado, necessitado e sobretudo, alguém que se escondia do seu medo, agredindo.

Espírito quieto, demonstrando não querer falar. Com as mãos, faz gestos para que o atendente se afaste.

- Quer que eu vá embora?

Faz gestos que sim.

- Mas, estou aqui, justamente, para ver se necessita de alguma coisa.

Silêncio.

—Você pode falar?

- *Claro que posso. Está pensando que eu sou mudo? Ora... não quero falar... é isso... Prefiro ficar quieto... no meu canto...*

- Sabe... às vezes, não falar, ficar quieto, toma nossa dor, nosso conflito maior... Não quer dividir comigo?... pode lhe fazer bem...

- *Para que falar... falar é lembrar de tudo novamente... é muito... muito triste...*

Começa a chorar sentidamente. Quando se acalma:

- *Ninguém pode me ajudar... o que eu fiz não tem desculpa... não tem perdão...*

- É possível que o senhor, no seu desespero, realmente pense assim, mas senhor... para tudo tem um modo, uma solução...

- *Para mim não... chora convulsivamente e em pranto, continua, - matei minha mãe...*

- E não estão as mães, sempre prontas a acolher os filhos, seja lá o que tenham feito?

- *Não... não posso ver minha mãe... quero fugir... me esconder...*

- Tranquelize-se... você não vai vê-la... Só quis dizer-lhe que certamente ela já entendeu sua atitude e também o perdoou

- *Como, senhora? Eu a matei...*

- Veja... quando uma pessoa tem uma atitude dessas, tira a vida de outra, com certeza não está no seu estado normal, está alterado, fora do seu juízo...

- *Eu eslava drogado... mas ainda assim é minha mãe. entende - minha mãe...*

- Entendo, entendo sua dor,... mas, olhe para si... ainda não está bem... treme muito e o remorso o impede de ver as coisas mais claramente...

Silêncio... parece pensar...

- *Edai, dona? E dai?... Deixa eu ficar lá no canto...*

- Convido-o a ficar conosco... olhe ao nosso redor... vou pedir àquela senhora que se aproxime... você a vê...

- *Sim, ela sorri para mim... não sabe que sou um assassino...*

- Realmente o sorriso dela é temo, envolvente... vá com ela... você precisa de muitos... muitos cuidados... vá... que a paz o envolva...

Análise

Um caso complexo, delicado, no qual a habilidade, ou melhor, a sensibilidade da

atendente foi exigida.

Quando ele fala que o que fez foi muito grave, a atendente não pergunta o que foi. Quando diz que ninguém pode ajudá-lo, a atendente não diz - eu posso. Quando afirma que matou a mãe, não lhe é dito que não se mata A atendente, o tempo todo, levantou aspectos positivos, dentro das colocações que ele fazia terminando por apreciá-lo em suas necessidades físicas (ele tremia o tempo todo) e convidá-lo a ficar.

- 66 -

- *Eu já vim aqui... e eslava Ião bravo... Hoje não... hoje estou alegre...*
- O Espírito expressa-se como que truncando as palavras, falando com dificuldade.
- *Que bom... e por que hoje você está alegre?*
- *Porque vou para a escola. Já ganhei... olha... um caderno de desenho... Outro dia já vim aqui... linha tanta criança igual a mim... a gente brincou...*
- Que ótimo...
- Não vou mais ficar lá no hospital... vou para escola...*
- *Muito bem... você disse que já tem um caderno de desenho... e lápis de cor, já recebeu?*
- *Não, ela disse que você ia me dar... vim buscar...*
- *Claro... aqui estão... veja que estojo bonito... quantas cores...*
- *Tia, tia... olha ele aqui... vamos desenhar? Vamos...*

Análise

Como em outros atendimentos, destaca-se a **n8** curiosidade da atendente e o fato de trabalhar com a situação presente. Se lhe fosse perguntado - por que da outra vez, você estava bravo? - nada acrescentaria e poderia levar o Espírito a vivenciar os motivos que o deixavam assim. Trabalhou como presente - "por que hoje você está alegre?". Quando ele diz do lápis de cor que iria receber, não se assusta, e plasma belíssimo estojo que completa sua felicidade, preparando-o para futuros tratamentos e providências cabíveis ao seu caso.

- 67 -

Espírito altivo, desdenhoso. Reflete nas expressões do rosto, insatisfação por estar ali.

- *Que foi, hem?! Vocês acham que me tirando de lá, vão ajudar? Não estava fazendo nada... só olhando... só olhando... que mania... por que me trouxeram?*
- *E você não sabe por que aqui veio?*
- *Por quê? Por quê? Porque eles vêm rezar e ai acontecem as manipulações — nestas fui trazida e não consigo sair... Isso não está certo...*
- *Para você ser trazida, deve ser porque precisa de algo.*
- *Preciso nada... lá tem um bando... quando aperta muito, eles rezam para todo canto e aí... ó eu aqui... Mas eu já sei: aquele bando é*

assim, ignorante... eu sou a mais esclarecida nesse negócio de manipulações... por isso, fui trazida... tira eu de lá e eles se enfraquecem... é isso...

-É claro seu raciocínio...

- *Na realidade sou expectadora... eles não me veem e eu fico feliz quando eles aprontam...*

-Qual o seu vínculo com a família ou as pessoas?

- *Vínculos... não... não tenho vínculos... só achei o caso deles muito parecido com fatos que vivi e acho que não foi com eles... não tenho certeza... porque se a tivesse... ai sim eles iam ver...*

-Que colocações interessantes... você não os conhece e identifica neles situações vividas.

- *Isso... isso mesmo... e vê-los sofrer me compraz e muito, muito mesmo... é como se estivesse me vingando... Só não tenho certeza de que eles são os protagonistas do meu caso...*

-Enquanto isso...

- *Vou esperando... vou treinando por que a hora que encontrá-los... Espere... a senhora não está rezando e nem me pregando sermão... será que não poderia me ajudar?*

- Minha função é atendê-la aqui... Nesses procedimentos ou nas necessidades outras que você tenha... Não posso participar, mas se permitir, posso chamar alguém que tem essa possibilidade... Quer que eu chame?

— *Quero sim... acho que já aprendi bastante em como me vingar... chame o moço ai e vamos ver o que vou aprender*

Análise

Destacam-se várias situações interessantes: ela identifica situações vividas mas não os personagens; não se deixa verede certa forma orienta os outros; sabe-se mais esclarecida, motivo pelo qual a retiraram de lá - para enfraquecer o grupo - diz-se expectadora, e sente-se feliz em ver o sofrimento.

A atitude da atendente em não se surpreender, não repreendê-la, motivou-a a pedir ajuda que, embora seja para identificar seus algozes do passado, será certamente o ponto no qual ela própria passará a conhecer-se.

- 68 -

- *Não me tirem de lá... não posso sair...*

- Por que não pode sair?

- *Não vê... Sou a dona... sou a mãe... preciso tomar conta deles... olhe só: um pouco que me afastei, e eles estão rindo... querem fazer a coisa errada... não é assim...*

-E como deve ser?

- *Como eu ensinei... patrão, patroa, tem que ser duro... deixar cada um no seu lugar...*

- Eles não pensam assim?

- *Não... ao contrário... não sei se querem trabalhar menos, dividiram tudo, cada um cuida, se é que cuida, de uma parte...*

-A senhora tem examinado os resultados?

- *Não... já íamos mal... dessa forma iremos à bancarrota... perder tudo...*

- A senhora permitiria que os resultados lhe fossem mostrados... os extratos bancários?...

-A senhora acha importante?

- Sem dúvida... a senhora compararia com os que conhece...

- *Não acho que vai adiantar, mas, se a senhora insiste...*

-Analise... veja esse quadro à sua frente.

Silêncio em expressão atenciosa e surpresa.

- *Não é possível! Como?! Estamos bem como nunca estivemos... como?... Ah! já sei... a senhora quer que eu entregue tudo a eles e forjou esses resultados... e... é isso...*

-Senhora... por quem sou... jamais lhe seria desleal... não é meu feitio enganar.

-*Desculpe... então como explicar...*

-Foi aplicada uma direção nova, compartilhada, na qual cada setor, cada departamento produz o máximo em benefício do todo... O funcionário prestigiado também produz muito mais...

— *É... e por que eles ficam rindo de mim?*

— Eles não riem da senhora... riem para a senhora querendo transmitir-lhe a alegria do sucesso, de como estão dinamizando o que a senhora deixou...

Silêncio.

— *Deixou... por que a senhora fala assim?... não deixa nada... Estou lá justamente porque e meu...*

— *Recorde-se... o que lhe aconteceu? Esteve doente?...*

Silêncio...

— *Não liguei... pensei que fosse uma dor de cabeça à- toa... por que choram? Ihiii... não estou gostando... minhacasa fechada... todo mundo de preto... será?*

— *Será o quê?*

— *Não, Não é possível... se tivesse morrido não estaria lá. não estaria aqui nessa conversa que parece de louco...*

— *E o que a senhora acha que acontecerá quando uma de nós morrer?*

— *Não me preocupo com isso... mas já que a senhora perguntou... acho que acaba tudo.*

— *Só para o corpo acaba... a alma, o Espírito, esse ser inteligente que anima e vivifica a matéria... esse não morre.*

— *Um dia ouvi minha neta falar alguma coisa parecida... fiquei brava com ela, uma vez que é jovem e fica trazendo modismos... espere ai... eu já morri?*

— *Repito-lhe — ninguém morre—a gente só deixa o corpo físico e continua vivendo igualmente...*

— *Minha cabeça está confusa...*

Desvia o olhar e continua, demonstra atitude de que ouve outra pessoa e diz:

— *Se não for indelicado para com essa senhora, eu vou.*

E voltando-se para a atendente:

— Está aqui um senhor que me convida a ir com ele: diz que iremos à firma, à minha casa... a um hospital e ao final tudo ficará mais tranquilo ao meu entendimento - o que a senhora acha? Posso ir?

- Sim, acompanhe-o... esse senhor trabalha aqui conosco e está encarregado de ajudá-la... vá... vá sim com ele...

Análise

Pelas características precisas e firmes da senhora, a entrevistada entendeu-se mais que o habitual. Lúcida, era determinada em seus questionamentos, exigindo da atendente muita atenção e perspicácia. As perguntas feitas foram sempre em cima do que ela colocava - "por que não pode sair?" - "e como deve ser?" - possibilitando que o diálogo transcorresse dentro dos interesses dela.

Talvez a atendente tenha se precipitado quando lhe escapou dizer - "estão dinamizando o que a senhora deixou". Hábil no raciocínio ela contesta - "não deixei nada" - levando a atendente a se sobrepujar para não lhe dizer claramente que havia morrido.

- 69 -

O Espírito se debate em aflição... tenta respirar... ofegac com grande esforço consegue expressar-se:

— *Me dê a mão... tire-me daqui... estou me afogando..., meu pé... meu pé está preso na corda... quanta lama... tire-me daqui...*

- Já estamos fazendo isso... assim... agarre-se... estamos tirando-o... já vamos deitá-lo aqui na grama... assim... respire fundo...

O Espírito foi se acalmado, parou de se debater, a respiração entrando em alguma tranquilidade, até que virou a cabeça, parecendo adormecer.

Análise

Esse é um caso em que o atendente pouco tem a falar e sim plasmar situações precisas de ajuda, para atender a necessidade do Espírito, que era a de se sentir fora do rio.

Conseguindo isso, sentindo-se fora da água, ocorre-lhe alguma tranquilidade que permite aos amigos espirituais adormecê-lo.

E o Espírito, como tomará consciência de que desencarnou?

Neste caso e como sempre tudo virá aos poucos. Pode ser que ao acordar reencontre algum familiar ou amigo ou talvez até tenha condições espirituais que permitam aos Amigos dizer-lhe. Se isso não for possível, será levado a alguma reunião em que possa entrar de posse da sua realidade.

0 Espírito demonstra estar presente mas mantém-se quieto.

-Então... como passa?... como está?

Silêncio.

- Prefere não conversar?

- *Sim... quero continuar quieto. Não gosto de conversar... Só me olhando, não dá para você saber das coisas?...*

- Desculpe... não sou capaz... se você não conversar não saberei entendê-lo...

- *Não precisa pedir desculpas... é que eu não gosto mesmo de falar.*

- Geralmente, quando não gostamos de falar, fazemos ou gostamos de outras coisas através das quais expressamos nossas emoções... às vezes é uma habilidade, uma forma de arte, a música... gosta de fazer alguma coisa?

- *Gosto de fazer chapéus...*

- Que bom... que material usa?

- *Pode ser lã, couro, palha trabalhada, para homem, mulher... tecido de vestidos... com flores... quando não tem modelo, eu invento...*

- Faz muito tempo que trabalha com chapéus?

- *Desde muito pequeno. Foi minha mãe que me ensinou. Ela era chapeleira e eu a ajudava.*

- Que bonito... mas ainda não entendi por que você é calado... sua conversa é tão agradável...

- *Quando fui para a escola, contei para todos o que gostava de fazer... os meninos não compreenderam, me achavam diferente, puseram-me apelidos e tudo só porque eu fazia chapéus... eles falavam que era coisa de mulher...*

Ai eu cresci um pouco e larguei a escola: fiquei só em Çasa, trabalhando, trabalhando muito e sem conversar, quieto.

Minha mãe morreu e ficamos nós três... minhas duas irmãs e eu... com elas eu converso... Faço os chapéus e elas vendem... Quando é tempo do frio, então... trabalho muito mais, uma vez que o frio, aqui na minha terra é terrível...

- Que história bonita a sua... você me parece tão jovem, pelo tom de voz, pela forma como se expressa...

- *Tenho vinte anos; sou o do meio; tenho uma irmã com dezoito e a outra tem vinte e sete. São elas que conversam com os fregueses. Eu fico escondido, só ouvindo e gosto muito quando elas falam do que as pessoas acham dos meus chapéus... a única coisa ruim, é ter que ficar escondido para que as pessoas não pensem mal de mim...*

- Muita coisa já mudou a esse respeito...

- *Eééé... e como não vi?*

- Justamente porque você fica escondido. Convido-o a fazer conosco um passeio.

- *Passeio?... de que tipo?...*
- Primeiro, você vai conhecer, se quiser, é claro, aqui a nossa casa, onde homens e mulheres trabalham... são artesãos... criam... Depois, será levado a visitar núcleos maiores, praças mesmo, onde homens expõem com orgulho os trabalhos que fazem... vendem... explicam como são feitos... vivem da renda do que vendem...

-E não têm vergonha? As pessoas não riem deles?

- De forma nenhuma... são considerados artistas...
- *Moça... quero conhecer sim, isso é possível?*
- Sem dúvida... essa jovem que se aproxima vai acompanhá-lo...

-Obrigado...

Análise

Alguém poderia concluir que este atendimento não atingiu seu escopo, uma vez que o Espírito não foi levado a entender-se desencarnado.

Na realidade, sua maior necessidade no momento, não é essa, e sim, libertar-se do preconceito do qual foi vítima. Sob esse aspecto, o atendimento atingiu. Quanto ao fato de se saber sem o corpo físico, ou ele tem condições de esclarecer-se junto aos amigos espirituais ou será trazido a outras reuniões em que evidenciar-se-á sua nova necessidade.

- 71 -

Espírito bravo, vem disposto a tirar satisfações.

— *Parem de dizer que me trouxeram aqui porque preciso de ajuda... não quero nada... não preciso de nada... É só a gente começar a agir sobre uma pessoa ou grupo e vocês nos trazem... Parem de fazer incursões em nossos domínios... na realidade, o que querem?...*

— *O senhor é que poderia me responder...*

— *Eu não... já lhe disse que não preciso de nada... Chame um seu superior... é com ele que vou conversar...*

— *Agora ele está, veja bem, ocupado. Oportunamente virá...*

— *E enquanto isso...*

— *Podemos conversar... o senhor não quer me contar como vive?*

— *Muito bem... vivo muito bem...*

— *Mesmo os outros, mandando no senhor, dando ordens...*

— *Ei o que é isso? Ninguém manda em mim não...*

— *E quem manda que aja sobre alguma pessoa? O senhor, pelo que entendi, não as conhece?*

— *E, isso é verdade...*

— *E o senhor as persegue sem ter nada contra elas?*

— *E um serviço... serviço como outro qualquer...*

— *E o senhor recebe por isso?*

- *Claro, ninguém trabalha de graça... recebo deles tudo de que preciso...*
- E as vezes o senhor não sente uma pontinha de remorso por aprontar para quem o senhor nada tem contra?
- *As vezes isso começa a acontecer, mas aí a gente ganha uma festa, um prêmio bom e logo esquece...*
- O senhor não gostaria de conhecer outras formas de ocupação, em que não teria que prejudicar ninguém?...Atendimento A Desencarnados
- E como vou comer, vestir, me divertir?*
- Há outras formas de ter suas necessidades satisfeitas sem prejuízo dos outros. Quer conhecer?
- *Quero... quero só para ter o gostinho de voltar aqui e Jterque não existe, que a senhora está me enganando... Quem vai ter condição de tentar me iludir?*
- Não é ilusão... jamais o enganaríamos. Veja... o senhor que se aproxima, chame-o... é com ele que o senhor está sendo convidado a esse novo conhecer...*

Análise

A atendente nota, pelas colocações do Espírito, ser ele altamente cioso de si, não admitindo que mandem nele.

Quando a conversa é encaminhada nessa direção, ele justifica-se, dizendo que recebe ali o de que precisa para sua manutenção. Essa foi a deixa a que a atendente se ateu para despertar-lhe o desejo de conhecer.

- 72 -

- Minha prancheta... vamos... devolvam minha prancheta...*
- Desculpe... mas, do que está falando?
- *Não entendem — minha prancheta — faço parte de um grupo que se dispõe a acabar com vocês... eu ficava aqui de olheiro e anotava tudo... ai... não sei se perdi ou me tiraram a prancheta... quando voltei sem ela, apanhei muito, fiquei preso... pedi então, que me soltassem que viria aqui buscá-la. Entende agora?! Não posso voltar sem ela... o chefe é terrível... tenho muito medo... olhe como fiquei...*
- Realmente o senhor está bem machucado... Proponho- lhe o seguinte: deixe a gente, o medico cuidar, fazer os curativos no senhor... enquanto isso, vamos procurar sua prancheta... o que acha?
- *Era bom, porque, olha, dói tanto... acho que está quebrado...*
- Vamos levá-lo então... tudo bem?
- *Ai... dói tanto... me ajude...*

Análise

Um Espírito simples a mando de outros. Envolto em inúmeras necessidades, o medo não deixa que tenha consciência de si. O atendente, habilmente, aproveita a deixa — "olhe como fiquei" — para convidá-lo a se tratar.

- 73 -

Várias gargalhadas... ri... ri e depois:

- *Não adianta... deixe aqueles bobos rezar... pedir... covardes... Não vou sair de lá... é a minha hora agora... não preciso fazer nada... veja bem... nada...*
- Então por que o senhor fica lá se não faz nada?
- *Não precisa... eu fico só lá... quanto mais perto eu chego, mais doida ela fica... e ri, ri muito...*
- Por que o senhor se aproxima dela? Ela é importante para o senhor?
- *Importante... importante... aquilo é uma sem-vergonha... sabe o que ela fez?... Tirou-me tudo... a miséria foi pouco para mim... Agora e a vez dela sofrer... Não vou deixá-la*
- Por que será que ela lhe tirou tudo? O senhor agia bem corneia?
- *Não importa... não quero nenhuma explicação... só que ela pague pelo que fez...*
- Veja... talvez o seu comportamento para com ela, a sua forma de agir, não justifica as ações dela, mas talvez ela assim tenha agido quase que para se proteger do senhor. O que acha?
- *Não acho e nem quero achar nada...*
- Haveria alguém que poderia mostrar-lhe porquê, analisar imparcialmente, sem justificar o senhor ou ela... os fatos, os acontecimentos... as reações que cada um teve... haveria alguém?
- Eu só confiaria num amigo meu. o Rubens... ele é juiz e é de uma honestidade total... sempre confiei nele...*
- Façamos assim: vamos procurar esse senhor. Enquanto isso acontece, fique conosco. Reúna todos os fatos para que ele possa estudá-los... Que lhe parece?
- *Parece-me justo... estou cansado... muito cansado.*

Análise

Pelas características, o Espírito não aceitaria a presença ou a atuação de um amigo espiritual, alguém tão desconhecido como o próprio entrevistador. Quando o atendente pergunta se haveria alguém, e ele diz que sim, o atendimento praticamente se encena.

Surge, porém, uma questão: e se o senhor juiznSoestá desencarnado? Como a entrevista se processará? Pela emancipação da alma, durante o sono físico, sem dúvida, o auxílio, a ajuda acontecerá. Se o Espírito foi trazido, se lhe foi permitido comunicar-se é porque o atendimento às suas necessidades, ou melhor, o prosseguimento desse atender já está mais ou menos alinhavado.

- 74 -

-E aqui que curam as pessoas?

-Aqui há sim uma ala hospitalar... precisa do quê?

- *Preciso de ajuda... não sei o que se passa comigo... é estranho... vejo meus braços... mas da cintura para baixo não vejo nada... não sinto minhas pernas... como pode isso acontecer?*

-Não sei explicar-lhe com detalhes... às vezes, alguma doença... um acidente... é possível que a gente perca a sensibilidade que, após tratamentos, quase sempre volta...

- *Me ajude... posso ficar aqui?*

-Sem dúvida... o doutor já vai começar a cuidar... vamos...

Análise

Não caberia aqui entrar em detalhes sobre as possíveis causas. **0** Espírito, aflito, só queria ajuda médica. Tudo o mais virá a seu tempo.

-75-

Por que vocês estudam?

— Para aprender, refletir... você não estuda?

— *Eu não... para que estudar... rezar... isto tudobobagem...*

— E o que não é bobagem?

— *Curtir a vida... cantar... dançar... beber... fazer arruaça com a turma... isso é bom... bom mesmo...*

— Mas isso também acaba...

— *Acaba... como acaba?*

— Sei lá... um dia a morte chega e...

— *Que morte nada... sou moça... forte...*

— E quem lhe garante que gente moça não morre?!

— *Que conversa sem graça, hem?!*

— Ora, você não conhece ou não viu pessoas jovens morrerem?

— *O pior é que vi sim... era um amigo superlegal... de repente ó...foi embora...*

— E você acha que ele se acabou...desapareceu?

—*Sei lá... um dia nós estávamos bebendo, nos divertindo e viram-no morto, mas vivo, lá no meio de nós...*

—E aí?

— *Ai que todo mundo debandou. Eu queria tê-lo visto.*

— O que você faria?

— *Sei lá... se passasse o medo acho que iria perguntar o que aconteceu, por que ele estava ali, se precisava de alguma coisa... se tinha morrido mesmo ou se era sonho...*

— Não era sonho não. Quem morre só deixa o corpo, mas continua a viver num outro corpo igualzinho ao que deixou... Muitas pessoas podem ver...

— *E... é... e... é... acho legal isso... Eu poderia ver meu amigo?*

- Penso que sim. Vê se tem mais alguém perto de nós?
- *Tem... é uma moça e um moço... eles me chamam Jaendo que vão levar-me lá... posso ir?...*

Análise

O atendente não se ateve em querer provar para o Espírito a importância do estudo, prece, etc.

Trabalha com a realidade do Espírito que considerava esses aspectos bobagens, conseguindo saber o que era importante ou real para ele. Daí para frente, nesse mesmo respeito, tudo se encaminhou.

-76-

O Espírito apresenta-se inquieto, olhando para os lados, torcendo as mãos.

—Por que essa aflição?

— *Todo dia, todo dia sou obrigado a fazer o que não quero, o que não gosto... estou cansado e não tenho como sair fora...*

— Por que o senhor coloca sua vida, sua situação dessa forma?

— *Porque é assim que é. Todo dia recebo ordem para maltratar esse ou aquele, pessoas que nem conheço, não são quem são... e se não fizer muito bem feito... E eu já fiz tanta coisa errada...*

—O que acontece?

— *Se eu não fizer da melhor maneira possível, de maltratam meu filho...*

—Como?

— *Meu filho está vivo... eles vão lá ou mandam outros_ ele os vê... fica assustado... não dorme... chora... não come.»*

—Como o senhor os encontrou?

— *Eles me acharam quando vim pra cá e disseram que tenho para com eles uma dívida muito grande e agora é a hora de pagar... mas... não lembro de nada, eles também não dizem... só que tenho que pagar... pagar... se eles me virem aqui...*

—Não tenha medo. Eles não o pegarão. Não pense mais neles... aqui o senhor está sob nossa proteção...

— *Mas, e se eles vierem?*

—Nosso orientador irá ter com eles. Não tenha medo... ninguém vai pegá-lo. Confie...

— *Mas... e meu filho?...*

— Veja... seu filho é uma individualidade. Ele tem necessidades próprias e certamente tem a ver com o que lhe está acontecendo... Ninguém sofre o que não merece...

- *Estou pensando... é possível que aqueles que me prenderam soubessem disso?*

-E... é possível, e eles podem ter usado desse conhecimento para pressioná-lo a obedecer-lhes...

-E agora?

-O senhor é convidado a ficar aqui. Vai ser ajudado em tudo o que precisar, tratado, tomar conhecimento dos porquês de todos esses fatos, estudar... confiar... orar...

- *E poderei ajudar meu filho?*

- Seu filho nunca esteve ao desamparo e a partir do momento em que o senhor aqui chegou, ele já está incluído nos cuidados e tratamentos que a casa oferece... sem dúvida, o senhor pode ajudar e muito... Nesse momento, precisamos cuidar do senhor desde já, porém o senhor pode orar... pouco apouco todos ficarão bem...

- *Obrigado... vou com eles.*

Análise

Essa história ressalta alguns aspectos muito importantes:

1º - O senhor conserva a consciência pesada de atitudes que porventura tenha tomado, sem recompô-las - "eu já fiz tanta coisa errada"...

2º- Essa consciência se exteriorizando oferece campo para que Espíritos ajam sobre ele.

3º | "você tem dívidas a pagar" - ele não sabe quais são, as atribui às atitudes menos felizes que tenha praticado. Com essa adesão da mente, submete-se.

4º-usam o filho como aval, sabedores de que o menino estava envolto em necessidades próprias.

Esses detalhes são-lhe esclarecidos com alguns cuidados, pois são conhecimentos que pouco a pouco assimilará fazendo-o entrever possibilidades. Ressalte-se sua necessidade de ficar bem para ajudar o filho, é objetivo que em muito contribuirá para seu tratamento.

- 77 -

— *Não estou bem...*

— O que está sentindo?

— *Não sei... é tudo tão estranho...*

— O que é estranho?

— *Não sei... ai... agora não consigo respirar direito... que aflição...*

— Não faça força para respirar... o doutor já trouxe uma máscara que vai ajudar... respire lentamente... assim... devagarinho., logo vai estar melhor...

Quando aparenta alguma calma, o atendente retoma:

—Mais confortável?

— *Ah! minha cabeça... como dói...*

Leva a mão e, em pranto, com medo e horror, exclama:

— *Ê sangue... veja... está saindo sangue... peça para o médico ver... olhe... escorre sangue...*

—Confie, abaixe sua mão... deixe o médico cuidar... elevai enfaixar... vai ficar bem...

Chora baixinho... e...

— *Foi o ônibus... estava no ponto de ônibus... acho que cai... é... é isso... devo ter batido a cabeça...*

—O pior já passou... deixe o médico cuidar de você...

— *Acharam meus documentos? Minha família foi avisada?*

— Sim, todos já estão a par...

— *Eu gostaria de dormir... estou tão cansada... seria possível?*

— Vamos ouvir o que o doutor diz.

O Espírito foi se aquietando, pendeu a cabeça sobre o peito, situações estas indicativas do término, por ora, deste atendimento.

Análise

A todos os questionamentos ou necessidades do Espírito, o atendente, mesmo percebendo o que havia acontecido, atendeu uma a uma sem nada precipitar.

Ela, o Espírito, lembra-se até do momento em que algo houve envolvendo um ônibus. O atendente não a força a lembrar, uma vez que já estava bastante aturdida com o sangue, a cabeça, etc.

Quando diz estar cansada e desejar dormir, prudentemente - "vamos ouvir o que o doutor diz". Notou o atendente que, na sua aflição, o Espírito agora não estava pronto para conhecer-se desencarnado. Ainda, caso os Espíritos amigos dissessem que seria melhor não dormir, então, estender-se-ia o encaminhamento da conversa naquela direção.

-78-

— *Socorro... socorro... alguém me tire daqui... olhe... minhas pernas estão presas... o carro está em cima... me ajudem...*

— Já está chegando ajuda... olha os homens ali ... já vão levantar o carro... daqui a pouco estará livre...

— *Não quero ver... vai doer... não quero ver...*

— Encoste sua cabeça aqui em meu ombro... assim... vou segurar sua cabeça com força... assim... sinta meus braços em volta do seu corpo... pronto... suas pernas estão livres...

— *Elas doem... veja... estão machucadas...*

—Os médicos sabem como cuidar... confie...

— *Ai. mas e minha cabeça... olha... há sombras... elas dizem que eu lhes fiz muito mal... que as deformei... mas eu não queria... mande-as embora... não sou fofqueira... vão embora..., saiam... Não sou malvada... eu precisava fazer aquilo... vão embora... vão... Me ajude... elas não me deixam... Foi por isso que bati o carro... e as vozes na minha cabeça... essas sombras escuras... saiam... saiam...*

Enquanto falava, tentava expulsá-las, afastá-las com as mãos.

— Estou falando com você. Escute-me. Escute...

- *Uuhm... sim... o que é?...*
- Essas sombras vão ser ajudadas, vão ser retiradas daqui de perto de nós... Preste atenção... companheiros nossos estão se ocupando delas...
- *E eu?... minha cabeça ainda dói e acho que prejudiquei alguém... ai... ai... minha perna*
- Vamos levá-la lá para dentro...
- *Não me deem nada para dormir hem?*
- Por quê? Atendimento A Desencarnados
- *Porque posso morrer e não perceber... não quero...*
- Tudo bem, mas, podemos levá-la...
- *Por favor... está doendo muito...*

Análise

Um caso complicado em que muitas coisas ficaram nas entrelinhas. Primeiro a perna - o atendente foi hábil em oferecer- lhe o ombro, envolvê-la para que ela visse as pernas livres. Quando ela fala de sombras que a perseguem - seria sua própria consciência? -seriam seres prejudicados ou um somatório dos dois? Diz que bateu o carro por causa das vozes e das sombras... De qualquer modo, o atendente não se deteve em questionamentos e tomou providências a cada situação apresentada. Quando se envolveu no repetir que não era culpada, etc., o atendente usou de energia a fim de que ela ouvisse. Tranquilizou-a ajudando as "sombras" reais ou não com a permissão dela encaminhou-a para os tratamentos. Pode-se pensar que o fato de não querer dormir... "pois poderia morrer"... já era para ela uma realidade que procurava esconder.

- 79 -

O Espírito demonstra aflição: torce as mãos, apresenta médium fisionomia triste.

- Que foi?... O que se passa?
- *E estranho...*
- O que é estranho?
- *Não sei... não me sinto bem...*
- E quando começou?
- *Quando acordei.*
- Esteve dormindo muito tempo?
- *Não sei... alguma coisa está errada... veja... meu corpo não é mais o mesmo...*
- Como assim?
- *Meu corpo... é só uma imagem...*
- Na realidade é um corpo de verdade, real, você pode andar, falar, ouvir...
- *Eu sou moço...*
- Sim, um jovem... você se recorda de algo antes de começarmos a conversar?

Silêncio. Parece pensar...

— *Estava doente... tinha, tenho, não sei. leucemia...*

—O que os médicos diziam?

—*Tratavam... tratavam... acho que estou ou fui para o hospital... não lembro de mais nada. até agora pouco começar a conversar com a senhora.*

— E aqui, junto a nós, há alguém que você conheça ou lhe fale algo?

Olha atentamente, esboça como que um sorriso e diz:

— *A senhora está aqui? É bom encontrá-la.*

Volta-se para a atendente e diz:

— *Ela era minha enfermeira lá no hospital e veio me acompanhar também neste aqui. Ela está dizendo que já estou bom e preciso ir com ela. Posso?*

— Claro, vá com ela sim e que Jesus nos abençoe...

Análise

Um caso delicado, um jovem lúcido que centraliza sua estranheza no corpo perispiritual. A atendente, ao invés de querer provar e explicar isso ou aquilo, pede-lhe que observe ao redor. Encontra ele a senhora que o acompanhava no hospital, após o desencarne e que o trouxera até ali. Em síntese, a necessidade dele era acordar, levemente identificar ou lembrar de algo para que a senhora pudesse novamente ser vista, para poder encaminhá-lo na nova realidade.

- 80 -

-*Socorro, acudam minha filha está se afogando,, ajudem...*

— Está chegando ajuda... vão retirá-la...

— *Que aflição... eu também entrei na água sou forte., mas, não conseguia pegar-lhe a mão...*

—Agora todos já saíram.

— *Mas eufiquei lá na praia... e falo, falo com as pessoas, pergunto para onde a levaram e ninguém me responde... o que está acontecendo? Por que só agora posso conversar, ouvir e falar com a senhora? Onde estou?*

—Porque a situação vivida foi traumática; a aflição de ver sua filhinha se afogar, de entrar no mar e não conseguir resgatá-la, deixaram-no como que alucinado, a ponto de que o senhor só vê aquelas cenas... Certamente o senhor desmaiou e o trouxeram paia cá...

— *E o que é aqui?*

— É um posto de socorro, de ajuda...

— *E minha cabeça vai melhorar?*

—Certamente.

— *E como será isso... são tratamentos? é demorado? Preciso recuperar-me para buscar minha filhinha...*

— Acredito que logo o senhor estará melhor. Vê alguém próximo a nós que tenha vindo recebê-lo ou que o chama?

Silêncio... olha, olha e depois:

—Filha... o papai ia procurá-la e você é que me achou?... que felicidade... venha... venha... abrace o papai...

Após algum tempo:

— Senhora, minha filhinha foi trazida pela enfermeira e agora as duas dizem que devo ir com elas. Muito obrigado.

Análise

A aflição do Espírito era inenarrável. A atendente levou-o a ver o socorro chegando. Recorde-se que o fato em si já havia acontecido mas o pai guardava as imagens como reais e acontecendo agora.

A atendente não tentou provar-lhe nada. Trabalhou com os questionamentos e necessidades, atendendo-os conforme fossem surgindo. Ao convidá-lo a olhar ao redor e ver se via ou identificava alguém, a atendente jamais imaginou a cena emotiva que se desenrolou no encontro pai e filha. Ao fazer o pedido, a atendente pediu ajuda aos amigos espirituais sem direcionar nada. Sentia-se meio perdida para encaminhar o caso que os amigos espirituais, de forma tão delicada, ajudaram.

- 81 -

— E a tocha... é a tocha... afastem... afastem... não me queimem... não, não...

O Espírito apresenta-se desesperado, debatendo-se, querendo afastar algo.

—Ninguém vai queimá-lo... estamos aqui...

— Como você vai ajudar-me? Eles me queimaram e me deixaram aqui meio enterrado e a tocha vai acabar de queimar-me-

— Confie em mim... Ouça-me... vamos tirá-lo daqui. Aquiete-se para que possamos removê-lo... confie...

Nesse ínterim, o atendente uniu-se mentalmente aos amigos espirituais, criando imagens da retirada e transporte do nosso companheiro para postos de socorro.

— Pronto... tudo já passou... olhe ao redor... estamos em um hospital...

— Nem vi me trazerem...

— O senhor desmaiou. Precisamos limpá-lo, cuidar do senhor. Os ferimentos são muito graves... vamos levá-lo lá para dentro... tudo bem para o senhor?

— Me ajudem... me ajudem... sinto um sono que mal consigo falar...

—E do remédio que lhe aplicaram. Durma em paz, Jesus o abençoe.

Análise

Encontra-se o Espírito em desespero, fixado nos horrores de suas torturas.

Essa forma de atendimento requer atitudes firmes, precisas. Assim, percebida a necessidade—retirá-lo dali, afastar o fogo—a inflexão de voz segura, firme, o uso do imperativo—confie—ouça - ecoam nele como certezas, despertam-lhe confiança que faz com que pouco a pouco ele reconstrua seu mundo mental em outras bases.

- 82 -

0 Espírito, tranquilo, dirige-se ao atendente, cumprimentando-o:

-Boa noite.

- Que bom que o senhor me deseje boa noite. Isso quer dizer que o senhor está bem, não é?

- É sim. estou muito bem.

- 0 senhor não tem nenhuma necessidade? Precisa de alguma coisa?

- 0 que está sendo difícil é me desligar das ações wrióios... Penso em parar, mas, de repente, estou ali, junto a tudo que não mais quero fazer...

- Mas o senhor não tem ajuda?

-Não. Sou sozinho. Sei o que aconteceu comigo e não quem mais ser, agir, do modo como sempre fui...

- Se o senhor quiser ficar conosco, se o senhor permitir, temos aqui, companheiros especialistas nessa forma de ajuda...

- Mas como vou pagar?

- Isso é mais um detalhe que o senhor conhecerá. Aqui não há pagamentos.

- Não entendo isso, entretanto, do modo como me encontro, não vou perder nada em tentar. O que devo fazer?

- No momento vou apresentá-lo a esse senhor que se aproxima de nós. Consegue vê-lo?

-Sim, sim...

- Eu os apresento... pode seguir com ele... tenho certeza de que o senhor vai se animar...

- Tomara, senhora. Obrigado.

Análise

Destaque-se na atendente a certeza de que todo Espírito que chega, mesmo quando o faz tranquilamente, trazem si alguma necessidade.

Se a atendente não tivesse essa certeza, esse é um tipo de início por parte do Espírito, que deixa o atendente meio confuso, sem saber o que fazer. E o Espírito que deseja boa noite, significando nisso que está fora de um sofrimento físico atroz ou qualquer tipo de subjugação.

A habilidade da atendente levou-o a falar de si, encaminhando-o para que racionalmente fosse ajudado.

- 83 -

0 Espírito move a cabeça, os lábios, junta as mãos em atitude de quem ora. Permanece assim algum tempo. De repente sai dessa posição. Começa a esfregar o peito e a virar a cabeça tentando respirar, o que faz com grande dificuldade.

-Deixc-me ajudá-lo... respire assim como eu... siga-me... assim... devagar... novamente... isso... muito bem...

-Essa dificuldade em respirar é terrível. Ultimamente, acontece com muita frequência...

- Posso chamar o médico?

-Não. Meu tratamento é a igreja, é Deus. Médico... fui uma vez e eles não souberam o que eu tinha... não puderam me ajudar... Eles estudaram mas não sabem nada... Ninguém sabe mais que Deus...

-O senhor tem toda razão, mas quem sabe agora a gente não encontra um que realmente possa ajudá-lo...

- Não creio... prefiro morrer, se essa for a vontade de Deus...

- E se o senhor morrer, como será?

- Fico dormindo esperando o juízo final e aí então, a felicidade para sempre.

- Por que o senhor pensa assim?

- Eu não penso assim — é assim — Tenho direito a essa felicidade—os erros que já pratiquei, as bobagens todas que fiz

- essas já foram perdoadas, de modo que só tenho as coisas boas, portanto, tenho direitos.

- E se não for assim?

- Ihiii... você é desses grupos espiritualistas, é? Já me levaram a um desses e me falaram tanta tolice...

-O senhor também é espiritualista...

- Entendi o que você quer dizer

- Então... ninguém morre...

— Eu sei que não... Jesus mesmo mostrou isso e retomou seu corpo de carne, como eu retomarei o meu após o juízo...

— Repito a pergunta—e se não for assim?

—E assim. Nós não vamos chegar a nada nessa conversa igual a todas que já tive. A igreja é meu lar e é para lá que vou voltar.

— Antes do senhor ir, diga-me: lá na igreja, entre seus conhecidos, houve alguém que morreu de quem o senhor gostava muito?

— Que saudade... o padre José... que amigo... que pessoa admirável. Sabe... meu grande sonho era ser padre... Não consegui... Padre José realizava tudo que não consegui...

— E se o senhor visse o padre José?

— Seriam artimanhas de vocês... fantasmas...

— E se esse fantasma falasse, andasse... recordasse com o senhor detalhes que só ele e o senhor conhecem?

— Eu diria que é uma força do seu pensamento.

— E se essa força o tocasse, lhe desse a mão num cumprimento que era usual entre vocês...

Arregala os olhos... entra em sufocação... Suspira fundamente e...

— Padre José... o senhor não está dormindo?

Silêncio e, após uma expressão tranquila, até meio alegre...

— Estou maravilhado com o que o senhor está *dizendo*, mas, é duro de acreditar...

Análise

Um atendimento delicado no sentido de ser difícil. Espírito anagado em suas crenças e não disposto a qualquer abertura ou pensamento diferente do seu. Contesta médicos, atendente.

Como já foi absolvido de suas culpas, busca o sono e depois afelicidade que lhe é devida. Afirma que retomará o corpo que fora dele. Se o atendente fosse contestar cada uma, e outras afirmações feitas, além de entrar em discussão acirrarria o processo defensivo do Espírito que certamente iria embora.

A paciência, a prudência, a coerência usada, levaram o atendimento a um bom termo. O fato do Espírito não se sentir desvalorizado ou contestado na sua forma de crer, possibilitou o diálogo.

- 84 -

O Espírito calmo, observa tudo, tranquilo.

— Então... como está?

— *Bem... já estive aqui antes...*

— E foi bem atendido?

— *Sim... naquele tempo, estava muito mal...*

— Que bom que já passou... Por que voltou hoje?

— *Sabe o que é que é?... às vezes me bate um desânimo, uma vontade de largar tudo...*

— Mas você não tem alguém que o acompanha, que o ajuda?

— *Tenho... mas não me sinto à vontade com ele...*

— Por quê?

— *Ah! ele é tão seguro... faz tudo certinho que eu quase nada falo... tenho vergonha...*

— Não é assim que as coisas se passam... Esse moço que o acompanha, luta... ele convive com as mesmas dúvidas e dificuldades suas_

— *E. ele está falando que sim...*

— Na realidade, o que está faltando é esse entendimento entre vocês... Você deixar de vê-lo como alguém perfeito e falar- lhe de suas dúvidas, necessidades e ele também deixar-se conhecer mais por você. O que acham?

— *Ele está sorrindo e diz ter sido excelente nós virmos aqui hoje. Que ele não conseguia chegar a mim e não sabia o porquê...*

Análise

Interessante, calmo, sincero, o Espírito coloca sua dificuldade, sabedor do que precisa, mas desanimado. Embora acompanhado, não fala de si, não se deixa conhecer, não conhece os outros.

Confiando ao atendente o porquê de não se abrir cora aquele que o assessora, sem que o atendente soubesse da presença do outro ali, as coisas se encaminharam de forma belíssima,era ajuda aos dois.

- 85 -

0 Espirito se apresenta com a fisionomia alegre, risonho, inquieto.

- *Que lugarzinho horrível, hem?*

-Porquê?

- *Credo... saia... saia daqui... vá viver a vida - faça como eu fiz... eu aproveitei muito e aproveito ainda...*

-Porque você está aqui?

-*Procuro meus interesses.*

-Quais são eles?

- *E alguém que tocou meu coração...*

- E esse alguém está aqui nesta casa?

- *Sim e eu vou grudar nele; assim, quando ele desencarnar, eu fico com ele. Ele não me escapa.*

- Ele é alguém que você já conhece?

- *Não importa; ele tocou meu coração. Quero-o para mim...*

-Vou pedir a nossos amigos aqui presentes que mostrem a sua ligação com essa pessoa. Olhe...

Silêncio atencioso e a fisionomia se alternando em várias expressões.

-*Ele e isso?... que coisa horrível... não pode ser... estou passando mal...*

- O que aconteceu? Por que essa aflição?

-*A senhora não entende... preciso ficar longe dele... ele não e o que aparenta... é asqueroso... levem-no embora... ajudem-me...*

Análise

Um caso diferente em que a desencarnada se sente atraída por alguém encarnado. Deixa segura sua ideia de colar-se a ele.

Percebe a atendente a inutilidade de tentar convencê-la a outros rumos. Pergunta-lhe se lembra de encontros anteriores, ao que ela responde que não quer nem saber.

A providência tomada de pedir aos amigos espirituais que mostrassem as ligações havidas, foi o meio para que esse Espírito como que acordasse.

- 86 -

0 Espirito chega calmo, mas demonstra algum desagrado.

-0 que se passa?

- *Acho que não deveria estar aqui.*

-Porque se coloca dessa forma?

-Porque, principalmente, não tenho religião nenhuma. Trouxeram-me aqui; insistiram para que ficasse, mas... não tem nada a ver comigo.

- Por que o senhor ressalta o aspecto religião?

-Hoje mesmo — falaram de Deus, um pouco de Jesus e mais uma porção de coisas. O que estou fazendo aqui? Nunca fui dessas coisas de padres, pastores, terreiros...

- Como ou por que vivia?

- Porque tinha que viver. Nunca fui de perder tempo pondo caraminholas na cabeça, criando situações que devem ser justificadas... A senhora vê: - a conversa da mocinha ali... (estudávamos o livro "Palavras de Vida Eterna", a lição "O primeiro passo" e os comentários giraram em torno da necessidade de formação de consciência, direitos e deveres) quando falou do moço que, no rádio do carro, ouvia música em alto volume... desrespeitando direitos, deveres, sei lá... Coitada dessa moça... a cabeça dela está cheia de complicação... não era mais fácil ela gostar de música sem ficar pensando isso ou aquilo?

- **O** senhor não entendeu que ela apenas citou um exemplo, estávamos justamente questionando até onde vai o direito de cada um...

- A senhora sabe... uma vez e isso já faz muito, muito tempo. Gostei tanto que até escrevi num caderno para não esquecer. Depois recortei e coloquei na minha oficina. A frase dizia assim: - "a religião é o ópio do povo" - A senhora sabe o que é ópio? Epior que o cigarro, que qualquer outra droga... nem os maiores viciados usam... Achei a frase maravilhosa, verdadeira... Observava no serviço: todos os que entravam em uma religião, ficavam como que fora da realidade... falavam de Jesus, de Jesus... ficavam fora da realidade... esqueciam de ouvir os passarinhos, viver a vida... viviam de cabeça cheia... coitadinho da moça...

— Essa frase que o senhor citou foi dita no sentido de que, naquela época, a religião era usada como meio de dominação e prescrevia o que se podia ou não fazer, segundo interesses próprios. Era usada como meio de constranger pelo castigo o que podia ou não ser feito.

— *Entendi diferente, mas mesmo assim... esse tal de pecado, demônio é tudo meio, sabe..., de frear as pessoas de fora para dentro, não sei se a senhora me entende. Tenho vontade de comer, vou comer; de dormir, vou dormir... para que complicar? Não quero saber se existe Deus, o demônio... Olho ao meu redor e vejo tanta coisa bonita, boa... não vou querer discutir, saber se foi Deus ou o demônio que fez... aproveito as coisas boas, sem passar rasteira em ninguém, nas outros... Se eu viver a vida assim, para que ou por que encher minha cabeça?*

— Realmente esse seria um ideal muito bonito de vida- vivê-la bem sem prejudicar o outro...

— *E por que então, de certa forma, fui obrigado a vir aqui e ouvir essas coisas que para mim não fazem a menor diferença?*

— Haverá um motivo e nós vamos descobri-lo. Antes, diga-me: — como o senhor

tem vivido? Na oficina?

— *Não. A oficina vendi, fechei. Sabe como é - filhos crescidos e nenhum quis saber de sujar as mãos com graxa - minha velha, ou melhor, minha mulher já morreu... tenho aposentadoria, o aluguel de algumas casinhas e gosto mesmo e de pescar...*

—O senhor continua a pescar?

- *Engraçado... agora que a senhora me pergunta, acho que já faz algum tempo que não chego à beira de um rio... por que será? Por que essa falta de vontade?...*

Fica algum tempo em silêncio e depois:

- *Estou lembrando: tenho dois companheiros... sempre gostamos de pescar juntos, mas eles morreram... um já faz alguns meses e o outro algumas semanas, por isso é que não tenho ido.*

- *Morreram os dois companheiros e a sua esposa. O que o senhor acha que aconteceu com eles?*

I *Tenho duas respostas embora não acredite em nenhuma delas: 1ª - acho que tudo apodreceu, o bicho comeu, acabou: 2ª - tem aquela história de céu, inferno, mas como disse para a senhora, não acredito.*

- *Mas a morte vai chegar, para mim, para o senhor, e aí?*

- *Aí eu vou ver o que acontece... por que encher a cabeça antes?...*

- **O** *senhor acha que os que partiram acabaram?... Sua esposa, por exemplo... toda uma vida para de repente desapareceu?*

- *E complicado... esse tal de amor também... vivíamos juntos e era só encrenca... ela me xingava... depois, sentia saudades dos xingamentos dela... das conversas com os amigos...*

- *Vamos olhar ao nosso redor... chegaram algumas pessoas... será que as conhecemos?*

Ele olha para a sua esquerda e permanece algum tempo em atitude atenciosa, vez por outra balança a cabeça. Volta-se para a atendente e diz:

I *Então eu já morri? Estou vendo, falando com eles?*

- *Pergunte o senhor mesmo a eles.*

- *Bom... eu já morri...*

- *Entende agora porque o senhor foi trazido?*

- *Ai dona... que vergonha... falei tanta bobagem... a senhora me desculpa?...*

Análise

Um atendimento longo, impossível de ser abreviado, dado a lucidez e as certezas sob as quais vivera esse senhor.

Suas observações tinham fundamento, segundo seu modo de pensar e qualquer pressa ou "revelação" que a atendente tentasse fazer, seria contestada com fundamentos que lhe eram reais.

No desenrolar de uma conversa amena, interessante na qual ele sentiu que não seria forçado ou que não tentariam convencê-lo de nada, os assuntos fluíram até

que o sentimento possibilitou reencontros.

- 87 -

Trata-se este de um atendimento diferente no qual a sensibilidade do atendente foi exigida ao máximo.

Ligado ao Espírito comunicante, a médium nada falava. Demonstrava torpor, alienação da realidade.

A atendente em prece, une-se aos amigos espirituais responsáveis pelo caso e começa a dizer:

-Estamos em tratamento... sintam... há energias que se iniciam em nossos pés; crescem em círculos envolvendo todo nosso corpo», sintam... elas culminam em nossa cabeça e são absorvidas... outra vez... desde os pés... o corpo todo... a cabeça... assim... assim... de novo, recomeçam e agora ao penetrar na cabeça proporcionam sono... assim podemos dormir... assim... devagar...

Análise

Na avaliação, a médium analisa que, nos dois atendimentos anteriores, os atendentes não conseguiram perceber a necessidade real desses Espíritos que não falavam porque não pensavam. Estavam tão obnubilados que não conseguiam concatenar ideias, imagens, pensamentos, o que por decorrência, não podendo passá-las ao médium, esse não tinha como se expressar. Foram trazidos, exatamente, para esse tratamento com as energias densas dos desencarnados, a fim de que, no tempo próprio adquiriram alguma consciência e consigam expressar sua realidade.

Transcrevemos este atendimento pelo inusitado dele. Normalmente, os Espíritos que não falam, o fazem porque são renitentes, não querem mesmo falar, se expressar, outros eram mudos quando encarnados ou conservam as limitações de uma traqueostomia, de alguma doença, tumor, facada, etc.

Quando a atendente optou por focar o tratamento, após mentalmente recordar os possíveis motivos pelos quais um Espírito não se expressa, ligou-se intensamente aos amigos espirituais, com certeza de que em sua mente surgiria a direção adequada.

Só depois, na avaliação, é que ficamos sabendo do estado mental desses Espíritos, incapazes, nesse momento, de concatenar ideias ou ter consciência de si.

Destaca-se a importância do atendente não ficara aflito e não se dispor a trabalhar sozinho e sim ligado, unido ao amigo espiritual responsável pelo caso.

- 88 -

Aflição denotando grande incômodo em atendimento que aconteceu quando a reunião já se encaminhava para o final.

- *Por que... por que não me atendem?... a gente vai ficando para Irás...*

- *ia estou aqui... desculpe... desculpe a demora...*

I *Olhe em que estado me encontro... todo molhado... que cheiro ruim...*

-Vamos tirá-lo daí agora mesmo...

| *Como?... não posso sair...*

-Os moços que aqui estão, vão tirá-lo e colocá-lo nesta macaaqui para que possamos levá-lo... Logo o senhor estará mais confortável. Confie em nós... Vamos.

Análise

Um atendimento que não englobava grandes raciocínios ou conversa. Lidava-se com a indignação na demora para ser atendido, mas a principal necessidade era sentir-se molhado e cheirando mal.

Sanadas essas necessidades, levado, como lhe foi dito que seria, para outro hospital, pouco a pouco ou em outras comunicações entrará a par de sua realidade.

- 89 -

Espírito em desespero. Agita-se, debate-se. Não ouve o que lhe é falado.

Repete sem cessar

— *Quero ele... preciso vê-lo... não tem... não tem perdão...*

Se não me disser quem procura não poderemos ajudar.

— *E ele... o meu nenê... não o quis... expulsei-o de meu corpo mas ele não sai daqui. Oh! daqui da cabeça... preciso explicar...*

—**Agora, nesse desespero, a senhora não tem condição de conversar com ele. É possível que ele também esteja magoado com a senhora, de modo que a conversa, se houvesse, complicaria mais as coisas. O que acha?**

— *A senhora tem razão, mas eu matei...*

—**Veja... é impossível mudar os fatos, vamos trabalhar daí para frente...**

— *Mas como, o que fazer?*

— **Primeiro a senhora precisa de ajuda... sua cabeça, seu sentimento está em desequilíbrio... é preciso cuidar, tratar...**

— *E depois?*

— **Depois, conforme a senhora for se fortalecendo, frente às análises que fará, o entendimento surgirá... vai ver que haverá muitos meios para se recuperar dessa sua decisão de abortar... mas isso virá a seu tempo, no qual a senhora estará sempre acompanhada pelos amigos que a trouxeram...**

— *E ele?... e ele?...*

— **Ele também está envolto, dentro de suas necessidades, pela misericórdia de um Pai que é amor...**

— *Irei reencontrá-lo? Poderei explicar-me?*

— **Se for absolutamente necessário para a senhora ou para ele, é possível que sim... Por ora, tanto para a senhora como para ele, o imprescindível são os cuidados urgentes que ambos necessitam. O que acha?**

Atendimento A Desencarnados

- *Na minha loucura não posso continuar.. É duro, é jfícil, mas preciso... por favor*

ajudem-me...

-Tenha certeza de que, quanto mais se ajudar mais estará ajudando-o.

-Obrigada...

Análise

Um caso delicado de uma consciência que se tortura pelo itocomctido. Insiste sob todas as formas por querer encontrar o Espírito abortado para então, justificar-se.

Caso a atendente tivesse se detido para falar-lhe do crime perpetrado, desequilibraria mais ainda a senhora em pauta. Caso «prontificasse ou pensasse em trazer o Espírito abortado, também haveria confusão, uma vez que ambos estão em desespero.

Aatendente não se ateve em acusar, procurar detalhes do faio.Trabalhou com situações práticas, reais, iniciais para qualquer reacerto que porventura venha a acontecer.

- 90 -

-Acudam-me... socorro... sufoco... não posso respirar... tirem-no de cima de mim... suas mãos no meu pescoço... tirem... tirem...

— Isso já está acontecendo... repare... seu pescoço já está livre... procure respirar devagar... sinta o ar frio entrar... assim... respire comigo... lentamente... Após alguns segundos o Espírito para de se debater, se acalma e abatido, prossegue:

— *Não aguento mais apanhar tanto... dessa vez ele foi longe demais... apertou tanto minha garganta que acho que desmaiei... Felizmente a senhora chegou...*

Silêncio...

— *Eu me pergunto — por que ele é assim violento... nada está bom...de tudo reclama e às vezes ainda bebe...*

— Que bonita sua preocupação... A senhora já pensou que ele age assim porque é doente... traz em si, tem algum desequilíbrio e nem sabe disso?

— *E... deve ser... que bom se ele encontrasse alguém que o ajudasse...*

— Ele encontrará, tenha certeza. Agora, se permitir, precisamos cuidar da senhora. Está ferida, com o pescoço inchado, confusa, triste...

— E verdade... mas senhora... eu não queria mais vê-lo... é possível?

—Sem dúvida. Reencontros agora não seriam bons. Confie, cuidaremos da senhora com todo carinho...

— *Obrigada... sinto sono... muito sono...*

— Pode dormir... ao acordar estará mais tranquila... Jesus a abençoe.Atendimento A Desencarnados

Análise

Um caso de violência doméstica que culmina no desencarne da senhora.

Ressalte-se o atendente percebendo o caso, não se atém a ele, mas socorre participando, respirando junto até que a calma se restabeleça. Não acusa o homem, leva-a a entendê-lo como alguém que também precisa de ajuda. Respeita sua vontade em não querer vê-lo, voltando toda atenção a ela, dando-lhe a segurança da qual chegou tão carente.

- 91 -

O Espírito segura a cabeça, agitando-a de um lado para outro...

— *Alguém me ajude... tire esse barulho da minha cabeça... não para de bater e dói... dói...*

— Quando começou?

-*Acho que faz muito tempo, não sei... Eles me trouxeram aqui para esse lugar bonito mas o que adianta... as marteladas continuam...*

— Elas vão diminuir... o médico já está aqui... inclusive vai ver este ferimento.

— *E... é mesmo... tem um buraco...*

-Aguarde um pouco... veja se sente alguma melhora...

— *Que alívio... o que será que aconteceu?*

— É importante lembrar agora?...

-*Sim... acho que já sei... olha... estou todo arrepiado... eles entraram na oficina... é ...foi um assalto... Ainda bem tpm vocês chegaram... estou meio tonto... com sono... fraco...*

— Fique deitado. Durma se quiser... vamos levá-lo lá para dentro.

Análise

Um caso de assassinato bárbaro no qual o atendente não desceu a detalhes do fato em si.

Trabalhou a necessidade do Espírito conforme ele as evidenciava sem procurar explicar nada. Ofereceu-lhe o primeiro atendimento necessário que eram as pancadas na cabeça-o resto virá pouco a pouco, a seu tempo.

- 92 -

Espírito com as mãos crispadas, bate nos joelhos, aperta a cabeça, agitado, não tem parada...

-0 que faz com que esteja desse modo?

-0 *quê? O que estou fazendo aqui de novo?*

-Você sabe a resposta.

-*Não quem... não quem ser ajudada. Vocês ficam aqui mirando a vida da gente e depois vão com os outros me buscar... chega desta tortura... esqueçam-se de mim...*

-Na realidade é exatamente porque alguém não se esquece de você que novamente foi trazida...

- *Não tenho ninguém... não lembro de ninguém e igualmente ninguém lembra de mim.*

-Não é assim... todos temos alguém que nos ama...

-*Pare com isso... amor... isso não existe... é só engano... traição...*

Neste ponto da conversa o Espírito já passara da fase agressiva. Estava como que mais introspectivo, mais calmo.

-Veja... não é porque alguém um dia nos traiu, nos enganou que podemos nos fechar e rotular a todos e a tudo de traidores. O que você acha?

-*É... pode ser... mas no meu caso...*

-No seu caso você lidou com alguém sem princípios que a iludiu, a enganou... o que não quer dizer que outros ou outras pessoas não a amem..

-*Se isso é verdade, como nunca vieram até mim?*

-Estiveram e estão a seu lado. Você não se permitia vê-las, fechada que estava na sua dor.

- *É posso vê-las agora?*

-Tente... olhe aqui próximo a nós, ao nosso redor...

Silêncio... investiga... várias expressões mudam-lhe a Monomia

— *Meu Deus... tia... tio... José Carlos... Ritinha...*

Sorri e de repente para.

— *Por que ele se adianta e me estende as mãos... E meu vizinho...*

— Pergunte a ele.

Silêncio como quem presta atenção ouvindo algo.

— *Eu nunca soube... nunca percebi... Sempre tive muita simpatia, mas não sabia...*

Vira-se para a atendente e diz:

— *Ele está dizendo que sempre me amou e, nesse tempo que estive doente, moveu céus e terras para que eu acordasse... acho que a senhora tem razão... posso ir com eles?*

Análise

A dor, a revolta do Espírito passa por fases: extrema revolta, descrença, recusa em receber ajuda, revolta... Quando coloca que não existe amor, etc., deixou à mostra onde estava detida, o que permitiu a atendente encaminhá-la para outros raciocínios.

Na calma que se instalou permitiu que refletisse quando coloca—"porque nunca vieram até mim?"—encaminhando-se para um desfecho surpreendente.

- 93 -

0 Espírito se debate. Está aflito, choroso...

-*Ai meu Deus... o que é isso que estou vendo?... será verdade?... me expliquem...*

-O que está vendo?

-*Eu estava, estou, não sei, lá... na sala de cirurgia, sendo operada... de repente um médico olhou para o outro, sacudiu a cabeça... saíram... Ai começaram a*

desligar tudo, armar aqueles tubos e olhe, olhe lá... aquela moça puxa o lençol, cobre meu rosto...

Faz algum silêncio e depois:

- *Olha... só se cobre uma pessoa desse modo quando ela morre... será que que morri... mas não morri, estou aqui...*

- Realmente a senhora continua viva e está tão aflita que não viu que desde a hora em que a cobriram estavam ali pessoas prontas para recebê-la...

-*É... não vi ninguém... não sei nem como cheguei aqui...*

-Olhe, ainda dentro da sala de cirurgia... veja... quem mais que estava além dos médicos?

-*Aquele é meu velho que já se foi...*

-Então ele estava lá para recebê-la...

- *Olha... olha, ele está aqui... mas... é tudo muito esquisito... você me explica? Então está bem, vamos.*

Vira-se para a atendente e diz:

- *Nunca fui muito boa em entender as coisas. Ele diz que vai continuar me explicando. Vou com ele, tudo bem?*

Análise

A aflição do Espírito lúcido para fazer deduções: interpreta o olhar dos médicos, observa o desligamento dos aparelhos e para quando estendem o lençol sobre seu rosto, indicativo de morte.- "Mas não morri... estou aqui..."

A atendente foi hábil em voltar com suas lembranças a fim de que identificasse outras presenças além do pessoal técnico... daí para frente tudo se encaminhou.

- 94 -

O Espírito faz gestos olhando para o chão; gesticula como pi falando com alguém.

-O que se passa? Com quem está falando?

-*Esse moleque aí, ó... ele é teimoso...*

-Porque diz isso?

- *Olhe, olhe lá... ele está procurando debaixo do banco da praça... é doido... procurando uma coisa que não acha...*

Dirige-se a esse alguém e...

-*Ande, vamos embora...*

Volta-se para a atendente:

- *Não posso deixá-lo aqui, às vezes ele não fala coisa em coisa e é menor que eu... eu já sou grande...*

- Mas o que ele procura?

- *Ê uma bolinha de gude... eu até gosto que ele não xhe... ele só quer brincar e eu já cansei disso.*

-Vou pedir aos nossos amigos que tragam uma caixinha cheia de bolinhas de gude.

Diga a ele.

Silêncio em que parece dirigir-se ao outro.

-Agora ele disse que vem... mas eu não vou brincar com você, hem!

E virando-se para a atendente;

- *Eu não quero brincar, hem?*

-Tudo bem. Diga a ele que há muitas crianças da idade dele que estão esperando para brincar. Vocês podem ficar aqui conosco... mudar essas roupas, tomar um belo lanche e depois...

- *Tem lanche?*

-Tem sim. Ele vai ficar porque quer brincar e você?

-Eu tomo conta dele, mas ele não para. Toda hora fico tentando fazer ele ficar quieto, escutar... eu gosto de escutar... de estudar...

-Mas aqui podemos oferecer-lhe isso. Há muitas classes e **sem dúvida você vai achar uma em que fique bem.**

— *A tia está falando para eu ir com ela.*

— Ótimo. Seu amigo que só quer brincar ganhou as bolas de gude e você que quer estudar também vai receber um presente — olha, aqui está: um caderno, o estojo...

Sorri, faz gestos com a mão, de quem segura algo.

—Agora sim, agora pode ir...

— *Mas, e o lanche?...*

Análise

Uma história bonita, delicada, de alguém que se sente responsável pelo outro de menor idade. Reflete um amadurecimento em que na realidade participavam dois desencarnados, ambos sendo atendidos simultaneamente pela habilidade ou sensibilidade do atendente que conseguiu levar a um bom desfecho. Apesar disso, só para reflexão, o drama que o aturdiu mas que não comentava, talvez porque este fosse o costumeiro seu — sentir fome. Daí o- "mas, e o lanche?".

- 95 -

Na parte referente aos estudos antes da sessão, discutíamos a importância da renovação moral a ser dinamizada como um processo de vida, saindo da teoria e aplicada diuturnamente nas reestruturações que se fizerem necessárias.

Ao começar a parte prática, apresenta-se um Espírito calmo, tranquilo. Dava a impressão de alguém bem maduro.

- *Sabe, ouvi o que vocês discutiam... muita coisa não atendi, mas o que pude perceber deixou-me aqui pensando nas minhas dificuldades... melhorar é tão difícil... eu tento, tento, nas tem horas...*

-Qual é a sua maior dificuldade agora?

- *É isso... escutando a lição fiquei pensando na dificuldade que é mudar.*

- Será que é difícil ou é um modo de fugir de nós mesmos?

-Pode ser... tá difícil... penso uma porção de coisas e pronto não faço nada. Acho tanta coisa que deve ser feita e macho umazinha para melhorar ou por onde começar... A senhora desculpe de estar falando assim, mas eu entendo melhor quando falo...

- Por favor, fique à vontade... Ouço-o com muito gosto...

- Veja... agora nessa nossa conversa, acho que descobri por onde começar: é parar de achar difícil... é... acho que é começar por aí de passinho em passinho...

-Mas que coisa bonita... que descoberta importante o senhor fez. Posso contar essa nossa conversa aos companheiros?

-Se a senhora acha importante, pode sim.

-Obrigada. Diga-me: e se o senhor recebesse ajuda nesses seus esforços?

-Ficaria muito feliz. Eu penso, reflito, mas só consigo entender se falo com alguém.

- Convido-o a ficar aqui... há classes, salas, estudos dos **mais variados e um vai encantar o senhor, tenho certeza. Foi muito bonita a sua descoberta.**

— **Só foi possível porque a senhora conversou comigo. Obrigado.**

Análise

Pelas características desse Espírito, podemos entender que variadas necessidades se mesclam: não só sofredores, perseguidores ou doentes, mas também Espíritos interessados no próprio crescimento.

Fala da sua própria realidade—achar tudo difícil—e para surpresa da atendente ele mesmo conclui, em meio às conversas, que o trabalho a ser feito deveria iniciar-se por deixar de achar difícil, o que certamente conseguirá.

- 96 -

0 Espírito apresenta-se quieto, com a cabeça pendida para frente e assim permanece por algum tempo.

- Então o que se passa?

Agressivo, responde:

-O que se passa? Intromissão... invasão isso sim... estou cansada, não quero vir, não quero ficar aqui... por que querem macordar? quero dormir...

Continuamente bocejava virando a cabeça para o lado.

-Depois dormir... agora seria importante conversarmos...

- Moça, eu quero é dormir... Por que não me deixaram u? Nós não estamos amolando ninguém.

-Não quer chamá-los, trazê-los aqui?

-Nempensar. Ficamos todos lá no prédio, quietinhos... ninguém incomoda o outro... dormindo... dormindo. Eles, sei kachoque é religião... eu não, é porque quero mesmo dormir...

-Ainda assim, não quer chamá-los?

-Deforma nenhuma... eles ficariam bravos... Já chega ase ai, o, me chamando... me cutucando... quero dormir... Chega... quando tinha esse corpo ai, lutei, lutei, trabalhei... à noite andava de lá pra cá, não conseguia dormir...

- Porque não conseguia dormir?

-Ficava pensando no serviço, nas coisas que tinha que fazer... que raiva... não conseguia dormir... Ai comecei a tomar remédio... era um inferno... vinha para esse lado... tinha pesadelos horríveis... acordava pior. Quando me vi deste lado, - decidi-não quero acordar... só dormir... encontrei esse grupo edeu tudo certo...

-Toda essa situação, tanto a de antes de você vir para cá coroo a de agora, não são normais. Precisa de ajuda, de tratamento... por isso foi trazida...

-Tratamento... ajuda... não quero... depois virá aquela conversa de trabalhar, fazer isso, fazer aquilo... que tortura... quero...

—Suas afirmações são próprias de alguém doente... o doente recusa ajuda... crê não necessitar dela. Quando estiver boa, sadia., um dia, lá na frente, você mesma desejará trabalhar.

— *Vou fazer de conta que não ouvi...*

-Ainda assim... fique conosco...

— *Mas eu posso voltar pra lá. ninguém me incomoda..*

— Mas aqui, o espaço seria só seu... enquanto isso, cuidaríamos de você, velaríamos pelo seu sono...

— *Vamos fazer assim — vocês têm aqui um local onde eu possa dormir?*

— Sim, temos um quarto só seu, cama macia.

— *Então está bem. Eu fico e vê se vocês não vão lá Toda hora me acordar, tá? Se eu despertar chamo vocês, lá bom assim?*

— Está combinado.

— *Então fale pra ele me levar... estou com muito som-*

Análise

Um caso complicado no qual o Espírito não oferece nenhuma chance ao diálogo ou para que se elabore qualquer outra forma de abordagem.

O atendimento transcorreu respeitoso sem infringir os limites que o Espírito estabelecera para si. Quer dormir por quê?-fuga de situações não enfrentadas? Alguma mágoa, decepção que o Ima descrever de tudo? Por que os pesadelos, ainda encarnado quando dormia e "vinha para o lado de cá" - respostas que não temos e que, se a atendente abordasse, certamente, dado a seu caráter agressivo postado na defensiva, geraria situações nas quais o Espírito se evadiria.

Do modo como foi conduzido, ficou na casa de boa vontade, foi respeitado no seu desejo de dormir, já agora, sob o cuidado das providências necessárias. Atendimento A Desencarnados

-97-

Espirito apático, parecec hcbetado, confuso.

-Que coisa esquisita... não sei onde estou... nãoconheço ninguém...

-Sabe como chegou?

- *A Ião lembro... não estou entendendo nada...*

- Por acaso esteve doente?

- *Doente?!... não sei... estou tentando lembrar mas a minha cabeça está como se fosse tudo branco... não consigo lembrar... não tenho lembrança nenhuma. Dona, quem sou eu? Como é meu nome? O que fazia?*

- Não fique aflito. Entendo o senhor... é como quando acordam a gente bruscamente e no momento a gente não sabe onde está, o que está acontecendo, não é?

-*E, é isso.*

- Da mesma forma que depois a gente se tranquiliza e lembra, o mesmo acontecerá com o senhor. O importante é que o senhor já está acordando e, se permitir, esse senhor que se aproxima de nós, irá ajudá-lo no que necessitar. Isso lhe parece bom?

| *Por favor, dona. Desse modo é que não posso ficar. Então, companheiro, estou às ordens. Para onde vamos?*

Análise

Defrontamo-nos com um Espírito que, no desencarne e após ele, permaneceu adormecido, não sabemos se sob efeito de drogas ou pelo próprio processo do desencarne. Pô-lo, nesse momento, a par de sua real situação, seria alterar-lhe ainda mais a mente, que porfugou não, mantém-se sem lembranças.

Tudo acontece por passos, geralmente pequenos - agora de acordou e já sente necessidade de saber quem é, etc. Aceitando a presença do "companheiro", de forma tranquila, harmônica, entrará pouco a pouco na posse de sua realidade.

- 98 -

Colérico, com punhos cerrados e **batendo-os nas pernas**, expressa-se, repetindo:

— *Eu vou acabar... vou acabar com eles... não me escapam... acabar com eles... eu vou. Agora, tomei a decisão... não me escapam...*

— E isso vai ser o melhor para o senhor?

— *Sem dúvida... vou ter esse gosto... **deixaram-me na miséria... até um pedaço de pão tenho que pedir pelo amor de Deus...***

— O senhor gostaria de contar o que se passa ou o que se passou?

— *É a minha família... me **afrontam...** não me obedecem... falo com eles... riem. não me respondem... me ignoram. Mas não tem importância... encontrei **uma ajuda...** um grupo que me valoriza... e eles agora **vão ver se sou palhaço deles...***

— E isso vai ser bom para o senhor?

— *Claro... ao menos aplacará essa raiva... **dei-lhes tudo...** luxo, conforto e agora... aquela pose desfazendo **de mim...** Vamos acabar com eles... E sabe... não vamos ter muito trabalho não... de um lado, eu aqui ó, **desejo-lhes todo o mal e, como eles têm medo, está caindo, como diz o ditado, a sopa no mel...** Antigamente, eu era fraco, acreditava-me uma boa **pessoa, e agora pela atitude deles, vejo que fui um bobo, um palhaço deles...***

— Na realidade as coisas não são assim... olhe aqui nesse quadro... O senhor foi um homem digno, trabalhador, honesto veja quanta coisa boa o senhor fez,

construiu... para que perder tudo isso?

— *Não é justo, senhora, eles agirem assim comigo...*

Silêncio... Atendimento A Desencarnados

| *Nossa... de repente me bateu um cansaço... quase não lenho forças para falar... e... olhe minhas roupas... eu... estou com muito sono.*

- Vamos levá-lo a seu quarto. Depois que repousar, wllaremos a conversar c, aos poucos, o senhor entenderá...

Análise

Deduz-se estar aí, a situação de um senhor desencarnado que, não tendo conhecimento da sua situação, continua agindo ou em meio aos encarnados sem receber deles o tratamento que recebia quando encarnado.

Esse Espirito passa de um estado de extrema irritação, para alguma tranquilidade que lhe permitiu falar de suas dores.

Quando o atendente leva-o a refletir sobre o homem bom que fora, essa volta ao passado, como que lhe exaure as energias. Sente-se fraco, com sono, o que leva o entrevistador a entender que o atendimento devia se encerrar ali.

- 99 -

— *Saia para lá... que enjoamento... vá embora... quero distância de você... sai... sai...*

O Espírito irritado dizia isso a alguém.

— O que está acontecendo?

— *Ah! é esse dai ó... estava brigando... tanto tempo esperando e ele quer vir primeiro. Chega! Sou eu agora... a vida toda ele me passou para trás... c-h-e-g-a, entendeu?*

— Vou atendê-lo imediatamente. Diga a ele que em seguida, com todo carinho, será a ele que atenderei... Mas, quem é ele?

— *Isso ai é uma "tranqueira"... vive no meu pé... Somos do mesmo grupo de falcatruas... Eu fiquei com dó... quis salvar a pele de um e ele, encrenqueiro, só pega no meu pé...*

— E por que vieram para cá?

— *Porque já estou "enquadrado", né. Se não fazemos o que eles querem nos pegam em castigos terríveis.*

— Deixaria que cuidássemos de você?

— *Sei lá... não posso sair daqui, senão me "garfam"... Falaram que aqui era seguro...*

— Seguro realmente é, mas não é justo você ficar só para fugir deles. É necessário que você queira ficar.

— *Até quero... veja... somos ou éramos, não sei mais, equipe grande, muito grande... são poderosos, rigorosos e obedecemos ordens: tem que proteger quem eles mandam ou "azarar" outros... Sabe... eles são como*

traficantes, não fez, não cumpriu, "ferrô"... Vou ficar aqui.

—Mas ficar só por medo... sem nenhum outro interesse?

— *O moça... agora não tenho lugar para ir... depois... e até possível que goste... preciso experimentar, conhecer... é isso que quero agora... tem lugar pra mim?...*

—Claro... aliás sua honestidade é louvável... vamos cuidar sim de você, seja bem-vindo...

Análise

Interessante situação trazida em diálogo sobre situações vividas na vida espiritual. Não sabemos as relações ou a forma como este agia, se submetendo-se ou não ao outro, mas evidenciou primeiro ser por medo, o desejo de ficar.

Aatendente fê-lo refletir, ele entendeu e com honestidade colocou seu pensar. Note-se que não houve curiosidades: em querer saber quem era o outro; quem era o grupo; de quem ficaria ele com dó; o que deixara de fazer, atendo-se a atendente ao Espírito e à sua necessidade.

Observação

Num primeiro instante, é possível que não se entenda a insistência do atendente em sondar e também tentar saber porque estava ele aceitando ficar. Através dessa insistência é que se conseguiu esclarecer que ele permaneceria nesse momento, por medo. Abriu-se, porém, a hipótese de futuramente até querer ficar, o que certamente ocorrerá.

- 100 -

Tão logo se encerrou a comunicação anterior (99), indignado, o outro Espírito se fez presente.

— *Ele fala que não presto... que sou "tranqueira" mas ele é que é um fraco, não tem coragem... eu ia mesmo chamar gente "da pesada"...*

— E você se sente bem fazendo isso?

— *A gente tem que viver, né? No começo a consciência amola um pouco, depois, a gente afoga ela... às vezes "baixa" uma tristeza no coração mas logo chega outro serviço, outro pagamento e a gente vai tocando...*

—E seus interesses?

— *Não existe mais isso... no começo tinha um pouco de do... sentia mal prejudicando, mas depois...*

—Agora que por um motivo ou outro você está aqui, como lhe parece a ideia de viver diferente... de não fazer o que faz... de alcançar ou ter alguma paz...

—*Sei lá... acho que sou meio desiludido... morri... e Deus não me ouviu, não me convidou... olha essa minha situação agora... já prejudiquei tanta gente... já fiz tanto mal que agora estou totalmente esquecido por Deus...*

— *Deus é pai... não esquece seus filhos...*

—*Ainda assim... a senhora já pensou o que terei de sofrer para pagar todo o mal*

que já fiz?

- *Veja: não é bem assim que a misericórdia de Deus, unida à Sua justiça, age.*
- *Não é? Não tenho que pagar?*
- *Mas é de outra forma: você pode desgastar todo mal que por ventura tenha feito, fazendo o bem...*
- *Como? Simples assim?*
- *Não é simples não... ao procurar o outro para fazer o bem, muita coisa se altera em nós: nossos sentimentos, desejo de que o outro fique bem; buscar quem possa auxiliar, tudo isso vai despertando em nós as coisas boas que todos temos.*
- *Dona... se isso for verdade isso é a coisa mais importante que já me falaram. Tem como eu saber mais, aprender isso?*

Análise

Dois companheiros de atividades e no entanto tão diferentes. De semelhança há a conformação de que obedecendo ordens têm com que viver. Importante - a necessidade subjungando a ideia de não fazer. A ideia de Deus, o medo do "pagamento" somando-se para mantê-lo sem, praticamente, opções. Ainda, na busca de demover o outro (99) de sentir dó, inadvertidamente oferece condições para encontrar-se. Note-se não haver acaso, mas no íntimo dele, já certo cansaço, sem saber como mudar.

- 101 -

Espírito em atitude tímida, observador, quieto, olha, olha e depois pergunta baixinho:

- *Por que estão todos de pé?... Estão tão solenes... será que alguém vai sair...*
 - *O que acha?*
 - *Não sei... só noto que é um momento solene... eu não posso ficar em pé, sou idosa, estou na minha cadeira... acho que vou pôr a mão no peito... também é solene, não é?*
 - *Por que será que estão nessa atitude?*
 - *Sei lá... olha a quantidade de flores... Vai entrar ou sair alguém importante, isso eu sei... estão em pé em respeito por alguém ou alguma coisa...*
- Silêncio...
- *E então?*
 - *Não sai nem entra ninguém...*
 - *Será que eles não estão em pé para homenageá-la?*
 - *Imagine... não sou celebridade... Espere... eles estão indo... tem um quadro... acho que é uma foto...*
- Vamos lá também... às vezes a senhora conhece a pessoa da foto...
- *Nossa Senhora Aparecida... dona, vai lá, por favor, explica para eles que eu não sou ninguém*

- A senhora conhece essas pessoas?
- *São as pessoas da escola... mas eu não sou ninguém... nem da diretoria, nada... sou faxineira lá...*
- Mas parece que toda essa festa é para a senhora.
- *Mas por quê? Por quê? Olha as flores... há pessoas chorando...*
- A senhora trabalhou muito tempo com eles?
- *Minha vida inteira... mas nunca fiz nada de mais.*
- A senhora deve ter sido excelente funcionária, companheira...
- *Não... não... apenas cumpria meu dever. Escute... eles não sabem que estou aqui?*
- Pergunte a eles...
- *Parece que eles não me vêem... estão vendo a foto... estou tão emocionada...*
- **O** que será que aconteceu com a senhora?
- *Lembro que trabalhei lá a vida toda... depois... acho que fiquei doente...*
- **O** que a senhora acha de sairmos daqui?
- *Não sei... não entendo o que está acontecendo... estou aqui falando com a senhora... estou lá... eles não me vêem... atou confusa... mas... espere... olhe a Olga...*
- Quem é Olga?
- *Eminha colega de trabalho, minha amiga... **O** Olga... que está fazendo aqui?... O quê? É para ir com você?... e voltando-se para a atendente... Posso ir com ela?*

Análise

Espírito atraído, digamos assim, pelos sentimentos das pessoas que se uniam, nesse caso para homenageá-la. A simplicidade da senhora que diz apenas ter cumprido seu dever, de não entender como se vê em um lugar, conversa com outro e por fim a presença da amiga.

Em todos os detalhes, destaca-se a calma, o bom senso da atendente, não apressando ou querendo explicar nada, aguardando o tempo do Espírito.

- 102 -

- *A senhora vê como são as coisas... dia mais, dia menos, a vida nos cobra de espora e chicote...*
- Por que diz isso?
- *Porque somos ou queremos nos apresentar como donos da vida, os tais... e agora...*
- Por que agora?
- *Não sei. Igual a mim estão, existem muitas pessoas... não sou só eu que faço essas perguntas.*
- Aconteceu algo com o senhor?
- *Tenho vaga, muito vaga noção, mas ando muito assustado e eu nunca tive medo de nada...*
- O que o senhor quer dizer com vaga noção?
- *Veja... sempre fui, sou um homem de bem... nunca me preocupei em ter*

algo definitivo, para sempre... pensando lá longe... vivia bem. mas o agora... o momento. Hoje, escutei aquelas palavras, que ficaram... que se gravaram na minha consciência...

—Que palavras? Aonde o senhor as ouviu?

— *Aqui... penso que vocês, não sei se estudavam ou discutiam, trocavam ideias... diziam que a morte como fim de tudo não existe, que somos imortais, continuando da mesma maneira sem perceber que a morte já passou... Como nunca pensei sobre isso, abre-se uma situação de desespero de não saber aonde ir, o que fazer... Estou no desconhecido... Fui uma pessoa correta e olhe a confusão, a miséria em que eu me encontro.*

—O senhor não acha que para tudo pode haver, deve haver uma explicação?

—*Isso é outra coisa... Encontrei um conhecido e isso, só de lembrar, aumenta minha indignação...*

— O senhor quer falar a respeito?

I *Claro... essa pessoa sempre teve muito mais posses que eu, o que já lhe deu antes de morrer, uma vida bem melhor que a minha. Encontro-o aqui e ele está dessa maneira...*

-Que maneira?

-*Melhor, muito melhor que eu... onde fica aquele negocio de que rico não entra no reino do céu? Ele continua no "tem bom "e eu nessa aflição... nesse estado...*

Faz silêncio como quem ouve algo e depois, volta-se para a atendente dizendo:

-*É, só faltava essa... Sabe o que ele está mefalando?... Que veio aqui justamente para me explicar tudo isso. A senhora acha que pode?*

-Tenho certeza que sim... inclusive vai ser oportunidade para o senhor conhece-lo melhor, perguntar tantas coisas que lhe soam como injustiças... O que acha?

-*Sabe de uma coisa... pior que estou não vou ficar... se a senhora falar que posso, vou com ele... tudo bem?*

Análise

Posição mental típica do homem comum, habituado ao dia adia sem maiores ou mais amplos pensamentos. Seu raciocínio em relação ao outro senhor reflete, do mesmo modo, os preconceitos vividos - é rico - ao morrer vai estar mal, inclusive citando a favor seu entender sobre o ensino evangélico. A atendente foi feliz ao escutar atenciosa, só encaminhando os raciocínios conforme as apreciações que ele oferecia.

- 103 -

O Espírito apresenta-se inquieto, aflito, tosse muito.

— Podemos nos aproximar para ajudar?

— *E minha garganta... não está boa não... dói muito...*

— Aguarde um pouco... o médico vai iniciar os cuidados para que se sinta melhor... Respire lentamente... assim... junto comigo...

Após algum tempo...

— Sinto que está melhor... se quiser continuar o tratamento podemos ir para dentro ou caso queira saber algo, disponha...

— *Não estou entendendo o que acontece... Por que toda essa gente? Esses jovens todos perturbados... não falam coisa com coisa...*

— Quando começou isso?

— *Não sei... acho que estava no meio desses moços... é tudo enevado... confuso...*

—Estavam usando drogas?

— *Estávamos numa roda... acho que me envolvi em alguma encrenca... que sono... quase não consigo conversar...*

— Veja... houve sim alguma situação difícil, de modo que são necessários cuidados médicos maiores...

— *E minha garganta, né?*

—Também.

— *Tudo bem. Eu fico sim, mas, precisam avisar minha família. Acharam meus documentos?*

— Descanse... seus familiares serão procurados. Agora, os cuidados são para você... Durma se quiser... ao acordar estará melhor... confie...

Análise

Na avaliação, a médium informou ter recebido anteriormente, dois Espíritos (um cada vez) envoltos em sono profundo, incapazes de se expressarem e provavelmente, companheiros dessa moça. Ela foi a que apresentou maior lucidez, esclarecendo tais informes que um grupo estava sendo tratado.

Aatendente foi delicada, sutil, sem aprofundar raciocínios, uma vez que seu momento mental não comportava reflexões. Atendeu ao que surgia no momento, preparando-a para providências pé continuarão.

- 104 -

Espírito meneia a cabeça como que irritado ou indignado.

— Que se passa...

— *Vão me julgar também?... pode começar... estou acostumada...*

— Por que fala assim?

— *Vocês com essa mania de perfeição, o julgamento deve estar pronto... vamos, comece...*

— Em relação a que as pessoas a julgam?

—*Eu me matei. É natural, mas as pessoas não entendem e ficam na minha cabeça: culpada, culpada. Você, você acha errado se matar?*

—Não posso julgá-la... sabe... há circunstâncias que muitas vezes empurram a pessoa para isso. Não estou justificando... às vezes, uma pessoa está sozinha, não tem mais ninguém, nem onde morar, como sobreviver, aonde ir... (Enquanto o

Espírito balançava a cabeça afirmativamente, aos poucos lágrimas escorriam).
Some-se tudo isso a uma ideia de que tudo acaba com a morte...

— *E uma confusão, muito, muito grande que gerou uma raiva de mim e para me proteger deles fiigi, matando-me. A senhora não imagina o que é um abandono, o sofrimento, a tristeza... tudo se fecha... não tem para onde ir...*

• — Realmente deve ser muito difícil

— *Muito, muito difícil... agora estou nessa confusão... minhas ideias...*

— O que têm suas ideias?

— *Até quando cheguei aqui estava certa do que fiz... achava que era a única coisa que me restava fazer... agora estou conjúsa... talvez não tenha sido a melhor saída... não sei mais...*

— Veja... tudo isso já aconteceu... é passado... não tem como mudar os fatos... O que você acha de caminharmos daqui para frente?...

- *Como? Como fazer isso... sinto-me tão fraca... acho | que estou doente...*

- Cada coisa chegará a seu tempo. Lembre-se de que não está mais sozinha... agora estamos você e eu conversando, depois, («outros especialistas é que cuidarão de você...

- *Não vou mais ser abandonada... alguém vai me ouvir com a senhora?*

- Sem dúvida... você vai ser amada, respeitada e o primeiro cuidado com você é tratá-la. Quando se recuperar tudo será diferente! o que lhe parece?

- *Por favor, peça a eles que me levem e desculpe pela forma como cheguei.*

Análise

Espírito a princípio agressivo que usa esta forma para defender-se das acusações que recebia. "Eu me matei", inconscientemente visa intimidar a atendente, pois tem certeza de que esta também acusará.

Quando pergunta à atendente se esta acha errado se matar, da resposta dependeria muita coisa: - por exemplo—se dissesse sim-ver-se-ia julgado. Poderia revoltar-se mais, fugir. Se dissessem não-estaria dando razões ao suicídio.

Refletir sobre os fatos que normalmente se somam para (agilizar o Espírito levando-o a ponto de matar-se, sensibilizou-o, levando-o a reviver seu mundo íntimo sem perspectivas. Agora acolhido, revê acontecimentos, suas atitudes e começa a questionar-se se a decisão tomada foi a melhor. Daí para frente tudo se encaminhou.

- 105 -

O Espírito chega bem, lúcido, decidido.

— *Com licença... estava passando e vi esse grupo, pareceu-me em rezas e resolvi ficar porque achei que vocês poderiam me ajudar...*

— Do que precisa?

— *E o seguinte... sei que estou morto e gostaria que vocês fossem fazer preces lá onde estou enterrado.*

- E por que o senhor deseja isso?
- *Gostaria de sair dessa tristeza, dessa melancolia...*
- E o senhor acha que rezar no seu túmulo é a única forma de ajudá-lo?
- *É a única que parece, capaz de ajudar-me... A senhora acha que há outras?*
- Creio que sim. Veja... o senhor já sabe que seu corpo físico foi sepultado... lá não há mais nada... o senhor, o senhor que sente e pensa está aqui... Se o senhor se sente necessitado da oração, vamos fazê-la aqui... o que o senhor acha?
- *E depois da reza o que vai acontecer?*
- O senhor verá os frutos dela. Alguém, talvez um familiar querido, um amigo, que desde há muito está a seu lado e o senhor não vê, será identificado pelo senhor; convidá-lo-á a seguir corneie e, com as companhias, não mais a tristeza, a solidão...
- *Por favor... reze a senhora... eu acompanho na minha cabeça, obrigado.*

Análise

Espírito preso aos costumes que vivera, quer ir ao túmulo, que, para ele significa lembrar, orar pelo bem do Espírito.

A atendente poderia ter feito outras abordagens, tentando convencê-lo da impossibilidade de ir ao local, que não sabemos se perto ou longe. Poderia pedir ao amigo espiritual que o levasse, o que também não resolveria. Ele mesmo em determinado momento de conversa dissera não se lembrar bem, mas que andando um pouco, talvez acharia o lugar. Mais um argumento possível de ser usado, tentando demovê-lo de se locomover até lá.

A forma usada pela atendente foi excelente; levou-o a refletir em entender que a situação estaria onde permanecia e não onde o corpo físico fora sepultado.

- 106 -

- *Moça... moça... esse endereço é aqui? Olha, está escrito aqui... eles me falaram para vir que orisca-faca" já ia começar...*
- "Risca-faca"... o que é isso?
- *O baile, dona, a festa...*
- Ah! Foi para isso que veio... Veja... o endereço e daqui, mas a festa é diferente...
- *Diferente como?*
- E mais calmo... você encontrará grupos, uns conversando, outros ouvindo músicas...
- *E comida e bebida tem?*
- À vontade.
- *E o preço?*
- Não; hoje ninguém paga...

- *Oba... promoção... vai ver alguém ficou rico e alá pagando para todos...*
- *Pode ser.*
- *Vamos fazer assim. Eu já erreí o caminho mesmo e o que estou vendo aqui está me agradando... Estou também coa uma fome... Se a senhora deixar, vou ficar... se mais tardem gostar, vejo o que fazer... a senhora deixa?*

Análise

Situação aparentemente simples mas que se o atendente não tiver calma, corre o risco de frustrar o Espírito que, procurando um baile, não o encontra.

O "diferente" apresentado pela atendente acenou-lhe cora perspectivas que o agradaram, principalmente, por haver comida farta e não precisar pagar.

- 107 -

- 0 *Espírito se apresenta tossindo muito.*
- 0 *senhor não está bem. Precisamos cuidar dessa tosse.*
- *Onde estou nunca vou ficar bom... Não sei... por que ué tiram de lá e fazem isso comigo? Deixa-me voltar...*
- Para onde?*
- *Lá para minha gaiola de vidro... não sei quem me fechou lá, mas fico quietinho ninguém me incomoda.*
- 0 *senhor permite que abramos a porta?*
- É possível?*
- *Sim, já estão abrindo...*
- Ihhhl... ela desapareceu?!*
- Ótimo. Vamos conversar?*
- *Quero saber por que me deixei levar. Não sei explicar, que rumo tomar, estou desorientado... perdido... Podem me ajudar?*
- *Para isso aqui estamos... olhe ao nosso redor com atenção... veja se há alguém que o senhor conhece...*
- Ai, ai que dor de cabeça*
- 0 *que lhe causa essa dor?*
- Arrume... arrume outra gaiola de vidro... vou estar melhor lá... ande...*
- *Por que quer se prender novamente?*
- Não contava com isso... essas pessoas... veja... estou aposto...*
- 0 *que querem com o senhor?*
- Cobranças... olhe a cara deles... vou ser punido... elas uão perdoam...*
- Elas também vão ser ajudadas... confie...*
- *Não tem um modo da senhora falar com elas que talvez tm dia eu possa arrumar tudo?...*
- Tem jeito sim... olhe bem... cada um deles já está também sendo ajudado...*
- *Então não preciso mais da gaiola, nem me esconder ou fugir?*
- *Exatamente. Agora o senhor precisa ficar conosco para se tratar, ver*

enfim o que o senhor realmente necessita.

- *Fico sim, dona... Nossa... nem parece...*

Análise

Tão logo a atendente tenha percebido que a "gaiola" constituía-se como "proteção" criada pela mente dele, de nada adiantaria revelar-lhe.

A mesma coisa, quando fala das pessoas que buscavam vingança: poderiam ser reais ou lembranças, ideias fixas de algo passado.

A atendente apenas assegurou-lhe que elas iriam ser ajudadas, sairiam dali, o que foi suficiente para sossegá-lo e aceitar futuros procedimentos.

- 108 -

IPor que trouxeram ele aqui... não posso ajudar... -Quem foi trazido?

-Ele, o bebê... ele chora muito... deve estar com fome... -Pode pegá-lo?

-Posso, mas não quero...

-Porquê?

- Tenho medo de arranhá-lo... veja as minhas garras... indiferente... acho que não sou humano como vocês...

-Mas, lembre-se nem sempre foi assim...

-O bebê precisa de ajuda... não consigo tocá-lo... não um feri-lo...

-Conte-me como você era antes de ficar assim... Sempre fui muito feio... não tinha mãos, braços... chorava muito... não sabia como me locomover... não conseguia andar... apenas chorava... chorava muito como esse bebê... -Você deixa que eu te ajude?

- Mas como ?

- Primeiro você precisa querer e confiar, ter certeza de que podemos ajudá-lo.

- Eu quero mas como vai ser?

-Vê a minha perna?

- Vejo.

-Vbcê, nesse corpo de agora também tem. Veja... faça igual estou fazendo... estique... levante a perna...

-Vamos... junto comigo... você tem perna...

-Me acuda... socorro... está formigando tudo...

-Isso... muito bem... continue sentindo...

- O que está acontecendo? Eu mudei... não tenho mais garras... eu pareço humano...

-Você é humano...

-Eo nenê? Posso pegá-lo?

-Claro... fique a vontade...

-Ele é lindo... chupeta... ele está sorrindo... veja... veja, eu vou com a senhora...

Análise

Na realidade esse é um caso que no seu desenrolar não ficou muito claro. Quem era o bebê que ele via? Era ele próprio? Era algum amigo, familiar, que se

apresentando na forma de necessitado, mobilizava-lhe as fibras do sentimento, levando-o a ter consciência das próprias limitações e pelo desejo de ajudar, fazer alguma coisa para mudar-se?

Embora interessante, não saberemos, porém o importante é que ele possibilitou-se sair do campo mental em que se mantinha sofrendo.

- 109 -

-*Não entendo o que eles me falam...*

- E o que eles lhe dizem?

-*Que devo cuidar desse bebê... mas... eunãosei... nunca cuidei de um...*

- Por que ele foi trazido para você?

-*A moça diz que ele é meu filho... Isso é impossível... mea tive filhos...*

- Pense... deve haver um motivo muito forte, muito importante... **O** que a moça lhe diz?

-*Mas eu não podia cuidar... como iria fazê-lo?... Não fiem... não quero pensar nisso... me ajudem...*

- Confie... se você foi aqui trazida e posta a par dessa realidade, isso significa que está pronta para retomar-se... Não tenha medo... deixe-nos ajudá-la...

-*Por favor... por favor... não me deixem só...*

Análise

Presume-se que estamos diante de uma situação de aborto, no qual o importante não foi ou seria discutir o fato em si, mas amparar a mãe nesse momento de despertar.

- 110 -

O Espírito chega descontraído, sem medo, sem surpresa, aparentemente normal.

§ E então, como está?

- *Bem... legal.*

- O que faz?

-*Agora, nada assim de fazer... procuro um cara...*

- E antes?

-*Eu ajudava... descascava batatinha para a sopa, uma vez por semana... tinha uma turma, gostava de andar com ela.*

- E sua casa?

-*Minha casa, nada a ver... não tinha condições de ficar lá... não combinava com eles... esse negócio de obediência, minha cabeça não aguentava... caí fora...*

- E isso faz tempo?

-*Sei lá... acho que tinha sete, oito anos... fui pra rua, achei a turma legal e fiquei com eles...*

- Mas... como viveu... como foi sua vida?

-*Então, hoje, a senhora vê, sou moço... Nesse tempo todo havia aquelas*

senhoras que queriam que a gente se tomasse gente boa... a gente ficava um tempo lá e depois... rua... Dali um tempo elas apareciam de novo, a gente voltava, fugia de novo... era legal...

-E depois?

- *Sei lá... voltei várias vezes e não vi mais ninguém.. Não sei o que aconteceu... Agora me trouxeram aqui... A senhora é daquelas que nos buscavam na rua, né? Que bom que a encontrei.*

- Conta pra mim... por que está sozinho? E a sua turma?

- *Não vi mais ninguém...*

- Mas, por quê? Vocês se davam bem...

- *Houve uma briga... o cara quebrou a garrafa e eu me machuquei muito... Depois não vi mais eles... estou que procuro, nas, ele é bem mais danado que eu... não acho...*

- E nesse meio tempo?...

-*Não sei como fui parar, vou falar baixo. hein?!...Fui par num Centro Espirita... curaram meus machucados... até ai joi bom... mas depois... queriam que eu estudasse e eu não alava a fim de estudar... sou diferente daqueles outros lá da (toe...*

- Na realidade, o que seria bom para você... o que o deixaria feliz?

-*Sei lá... tenho uma dor aqui dentro... uma vontade de chorar... nunca dei certo com pai, mãe, irmãos, avós... só a rua t a não ser aquelas senhoras tão boas e agora a senhora... Eu ião quero estudar... nunca gostei...*

-E o que gostaria de fazer? Com que pensa ocupar-se?

-*Gosto mesmo é de terra... fazer horta, canteiro...*

- Muito bom... esse é um trabalho muito bonito... lida com a natureza... produz alimentos, beleza... Acho que temos um lugar desses para você... o que acha?

-*Ah senhora! Arruma, arruma para mim...*

Análise

Uma história tão real e que demonstra a importância da assistência, não importando até, se a pessoa foge ou vai embora.

O bem praticado deixa raízes, lembranças nas quais o Espírito volta a buscar momentos que de alguma forma se lhe representaram segurança, paz, etc.

Destaca-se outro cuidado—oferecer, ou sondar, procurar conhecera aptidão, o que o Espírito se sente capaz. Pelo que ele colocou, sentia-se deslocado ao ser levado a uma classe na qual, certamente, os jovens já estavam mais despertos, preparados.

Surge a dúvida—mas, se ele não tinha esse preparo, por que o incluíram na classe?

Recorde-se que, quem anteriormente o atendeu, encaminhou-o para lá, talvez sem conhecer, sentir seu estágio evolutivo. A classe o recebeu - ele, porém, não se adequou, daí a necessidade da nova tentativa, em atividade que lhe preencha ou atinja o estágio em que nesse momento está.

- 111 -

O Espírito apresenta-se altivo, seguro de si.

- Nem precisam me perguntar por que vim; já vou logo falando para vocês pouparem o Seu tempo e me deixarem em paz.

- E o que gostaria de falar?

- Avisar, avisar que sou mau, muito mau. Gosto de sangue, de ver sangue, de ver gente implorar, gemer... Sou bom no chicote...

O atendente tenta falar e simplesmente ele não dá ouvidos continua...

-Adoro e cada vez eu vou fazer mais, mais maldades... cortar o dedo... pedacinho a pedacinho...

O atendente tenta novamente entrar e...Já olhei cada um aqui... já vi do que cada um tem medo... e vai ser assim,... sofrimento, chicotada, choro, quanto mais melhor...

- Muito bem. Chega!

- Como fala assim comigo?

- Até agora eu o ouvi - agora o senhor o fará - ao invés de se exteriorizar através de ameaças, de rispidez, olhe-se, veja como está, como precisa de cuidados, de ajuda. Foi no senhor que bateram, machucaram?

; Começa a chorar...

-Aqui o senhor não precisa exteriorizar-se assim. Neste local, os que aqui estão, ajudam, socorrem, tratam, conversam. O senhor, por exemplo, está todo machucado. Deixe-me tratar, alimentar, cuidar do senhor. O que pensa?...

- Por favor... por favor... me ajudem...

Análise

A forma agressiva da chegada, o falar sem parar, as ameaças são significativas da fragilidade do Espírito.

Não ouvia por não querer ou porque estava tão envolvido em proteger-se que não apresentava brecha para o diálogo. Fechara-se, mostrava-se impermeável, daí porque o atendente precisou usar de energia, para chocá-lo, estabelecendo uma parada, que lhe possibilitasse ouvir. Pelo choro em que se prostrou, parece- nos que a atitude belicosa era mesmo para proteger-se.

-112-

Espírito com expressão de quem sofre. Cabeça pendida para frente, face contristada...

* - Deixe-me ajudar...

- Minha cabeça... ai... está grande, pesada e como dói... olha o sangue... que dor...

- Vou segurar sua mão enquanto os médicos começam a tratar... assim... estão limpando... agora vão enfaixar... respire fundo... há remédios espalhados ao seu

redor... assim...

O Espírito tomba de vez a cabeça sobre o peito, dando a impressão de que dormiu e que o levaram.

Análise

Um caso aparentemente simples e que poderia ter se complicado se o atendente tentasse qualquer outra abordagem.

Seu estado, no entanto, era de tal alheamento, que tão logo sentiu-se em tratamento, confiou e dormiu.

Aos poucos, na proporção em que se reequilibrar será novamente trazido ou não conforme requerer seu processo de despertar.

-113-

- Tenho ódio... ódio... muito ódio...

Respira fundo e retoma...

—Deus... justiça de Deus... onde? Não existe isso.

- Por que fala assim?

- Por quê? Olha, eu não sou daqueles que por qualquer coisinha se sente injustiçado. Eu sou calejado, mas, veja, mataram meu irmão... isso não é qualquer coisinha... quero vingança e vingança das brabas...

- Quer contar-me o que aconteceu?

- Aquele cara... falou que meu irmão não entregou o que devia e atirou nele. Fiquei louco... fui em casa, peguei meu trinta e oito e fui lá fazer justiça...

-E...

- Cheguei lá e atirei, mas ele estava me esperando e também atirou em mim, só que eu até cair de vez continuei atirando...

-E...

- Ele morreu e eu também. Mas não estou satisfeito, quero justiça... não o vi mais, nem ele nem o grupo dele... Quero encontrá-los...

- Se você os reencontrasse, em que as coisas iriam mudar? Não é melhor, olhar para frente, caminhar daqui para diante? Entender por que seu irmão partiu daquele modo... há em tudo uma resposta, um porquê, uma razão... não gostaria de conhecer?

—Não sei não...

- Conheça, depois você decide...

- Me fala uma coisa: - aqui se faz negócio?

- Que negócio você quer dizer?

- Tráfico... droga, tem?

- Tem... olha aí na sua frente...

A expressão do Espírito como que se transformou, num

Atendimento A Desencarnados misto de incredulidade, alegria, espanto...

- Estão aí, experimente a que quiser... verá que é melhor que qualquer outra que porventura conheça.

- Posso mesmo?
- Sim**
- Hum!... é boa... boa mesmo.
- É sua, caso queira.
- **Vou encher** os bolsos... **A** senhora... a senhora é do ramo?
- O que você acha?
- **Não sei... mas se soubesse que morrer era tão bom...** -Veja... as coisas não são bem assim... você... você e seu **irmão... os dois estão doentes, precisam recuperar a saúde...**
- A senhora é engraçada... **parece uma freira falando...** primeiro me dá barato agora fala **que vai cuidar de mim...**
- **Sim, é preciso que você se trate, que se recupere. Proponho ficar aqui e iniciarmos o tratamento...**
- E isso aqui, não vai faltar?
- Aqui não falta nada... **você** é que, **com o tempo, preferirá** outras coisas...
- Acho que a senhora está pedindo demais... **eu não sei** como fazer...
- **E quem disse que ficará sozinho? Até agora, você e eu não nos demos bem?**
- Se a senhora ficar comigo, sei **que vou conseguir...** a senhora é dura, mas, é legal.
- **Eu não posso ficar com você...** devo atender, **tenho outros trabalhos, mas, virá uma senhora muito mais legal que eu, tenho certeza, você vai se encantar com ela...**
- E essa aí?
- Sim.**
- Elaparece sim gente boa... vou com ela... vamos ver.

Análise

Fatos se sobrepondo a fatos: o ódio, a justiça de Deus, o irmão, a vingança, o desencarne, a necessidade de alimentar o vício e entre Vários outros apartes ou provocações do Espírito, a atendente calma, carinhosa, firme, estabelece laços de confiança que possibilitam que aceite ser ajudado. **260 r**
Atendimento A Desencarnados

-114-

Espírito apresenta-se impaciente.

- O que foi?
- O que foi? O que foi? Não está vendo que estava acabando de acordar? Estou com fome. Pega logo meu café da manhã...
- B- Já está chegando... quer tomá-lo agora?
- E a cadeira de rodas?
- Hoje pode tomar aqui mesmo no quarto...

- Então, avisa lá... fala também para a enfermeiro?
- Pode deixar. Tome seu café e depois, se quiser, conte-me o que aconteceu.
- Não aconteceu nada... acordei, só isso, acordei sozinho como todo dia...
- O senhor esteve doente?
- Doente não. Eu só não movimento a perna esquerda... Sofri um acidente de carro, você ficou sabendo?
- Levaram-no para o hospital, não foi?
- Foi... aí... depois não sei bem o que aconteceu... não sei se melhorei... se me transferiram de hospital... acho que as coisas se complicaram mas não sei bem como ou o que explicar.
- Não se preocupe com isso... neste hospital aqui o senhor encontrará as respostas que precisa, inclusive, parece-nos que chegam visitas, pessoas que o senhor conhece e que gostariam de falar-lhe. Podemos levá-lo?
- Ah sim, por favor, faça isso.

Análise

Um caso até certo ponto difícil, pois, ao lado do Espírito **demonstrar** lucidez em relação a alguns fatos, não se abre ou está fechado conscientemente ou não para outros.

O atendente esclarece que se sentiu inspirado a dizer sobre a chegada das visitas, familiares, certamente desencarnados e que iriam pô-lo a par do seu real estado.

- 115 -

Espírito olha para um lado, outro, observa, torce as mãos e nada diz.

- O que foi? O que representa sua atitude?
- Preocupação. Estou bastante preocupado... vejo os estudos de vocês, literatura edificante, mas, onde fica o sofrimento humano inserido em tanta cultura? Onde estão os sofredores, o amparo, a predisposição para amar? Onde o olhar caridoso para aqueles que são considerados abjetos? Estarão nos seus livros?
- O estudo, a troca de reflexões visa exatamente sensibilizar o coração, aclarar o raciocínio, treinar a sensibilidade.
- O tempo urge - vi toda desgraça humana que não está descrita em livro nenhum; a barbárie no seu grau mais baixo; o sofrimento que enclausura e destrói. Vi a consequência de meus atos, minha falta de atitudes, eu vi e gritei como se com o grito eu pudesse arrancar do peito tanta dor e eu, eu que sou capaz de dar a vida, embora me considere vil, clamei com todas as forças para que um ser, um único que fosse, e que atua em nome desse Deus que não conheço, me estendesse a mão, me ajudasse e minha voz ficou seca no deserto.
- Tudo que o senhor me relata é real e justamente é necessário que estudemos para que desperte, sentindo a dor do outro.

- Olha para mim, não tenho o que ofertar, mas penso o que seria possível fazer para parar de ouvir os gritos de almas em desespero...

-Tenho um convite...

- Antes de fazê-lo, permita que me recomponha... a razão da revolta de tudo quanto disse está na recusa em atender minhas rogativas... Dizem que preciso de um tempo e não consigo entender como esse tempo é fator de empecilho *para* socorrer o que sofre... tem que ser agora, não pode haver espera...

- Ninguém está alienado da misericórdia divina. Todos a seu tempo e segundo a necessidade estão sendo assistidos. E é a isso que o convidamos a conhecer, entender...

- Tempo perdido... quisera unir minhas mãos em concha, enchê-las d'água e mitigar a sede dos que sofrem...

Chora, chora sentido... Acalma-se um pouco... parece escutar alguém, e...

- Como, como me descobriu? E o que adianta tê-lo feito? Não sou digno... sou um monstro...

- O que se passa?

—Ele estudou comigo. Fomos muito amigos, ele me pede que o ouça e que pare com tudo isso que falei até agora porque o maior necessitado sou eu que fujo da realidade... Ele é duro, senhora, ele é duro comigo...

- Agora pode sim parecer-lhe. Na realidade é seu verdadeiro amigo. Diz-lhe a verdade que ninguém teve coragem de dizer-lhe... vá com ele... há muito a ser feito...

—Mas senhora, de verdade, eu quero ser mãe e pai para os que sofrem.

-Acredito nisso e certamente assim será. Agora, o senhor precisa de carinho, da firmeza atenciosa daqueles que o amam. Vá, siga com eles.

Análise

De certa forma, um caso difícil de um Espírito que, ao mesmo tempo confuso e lúcido nas apreciações, ocultava a própria carência.

Quando, embora não falando, chora sentindo sua própria dor, vê o amigo que lhe fala (fazendo o papel do atendente), com a liberdade da amizade da sua fuga e reais necessidades.

Na realidade, este caso funcionou com dois atendentes - o encarnado, um preparou o campo para a ação do segundo, o amigo desencarnado.

-116-

- Como foi sua semana?

-Ótima. E a sua?

-Péssima... terrível.

- Por que coloca assim?

- Corri atrás de uma porção de pessoas... tentei induzir, influenciar este, aquele, mas ninguém me percebeu, ninguém Se dá ao respeito de me perceber...

- E por que o senhor ficou atrás dessas pessoas?
- Preciso auscultar-lhes os sentimentos... sondar os planos, as ideias que têm e passar ao meu líder... quero ver, a hora em que o líder de vocês cair... vai cada um para o seu lado...
- Não é assim, senhor. Nossa liderança aqui é centrada em Jesus. Qualquer integrante do grupo que, por algum motivo precise se afastar, outro chegará. O trabalho é de Jesus e Nele todos nos unimos.
- Não sou educado, gentil... estou irritado, com ódio, com sede de vingança, odeio a todos — vou me revelar - não sou o sonho que me fizeram colocar na inquisição toda minha luta... vaidade... abandono... tenho ódio de vocês, médiuns... Eu também, sendo um, perdi até minha própria fama, perseguido, humilhado... quero ficar nas trevas e perseguir todos... obsediar... enlouquecer...
- Antes de continuar seu trabalho, peço-lhe um instante de atenção. É possível?
- Um momento a mais ou a menos, tanto faz. O que quer?
- Nunca ninguém se aproximou do senhor?
- Como? Aproximar como?
- Para ajudá-lo, para conversar com o senhor...
- O que é isso? Aproximação comigo até agora sempre foi por alguma troca de favores ou algum interesse...
- Eu lhe afirmo - veja bem - afirmo, que desde os dias de seus sofrimentos, há pessoas ou uma pessoa, que o chama, que está constantemente a seu lado, que se preocupa com o senhor e certamente o trouxe aqui hoje...
- E por que não vejo? Por que não vi?
- Porque sua mente, sua cabeça está bloqueada, fixada só na sua dor. Deixe isso que lhe estou falando entrar no seu coração, na sua cabeça... olhe... mas enxergue não o que há por aqui entre nós, mas um mundo diferente, pessoas que o amam... olhe... olhe...
- A princípio, com reservas, levanta levemente o rosto... olha com receio... aos poucos levanta a cabeça, olha para os lados, detém-se em um ponto e como afogado diz:
- Mãe... minha mãe... entrando em copioso pranto.

Análise

Espírito sofredor, por excelência, médium no passado, onde tal era como que um crime, detido na revolta, na vingança, não se permitindo ver ou receber auxílio. O atendente foi prudente em deixá-lo expor-se, falar para sentir melhor seu drama, sua total carência de afeto, de certezas, de rumos a seguir.

-117-

- Ai... ai!...
- O que foi?
- Estou triste... não posso ficar aqui...

- E por que não?
 - Eu não consigo nem falar direito... aqui é lugar de pessoas e eu não sou uma pessoa... sou uma coisa... , ,
 - Na realidade, você é igual a mim, olhe...
 - Não... não tenho nada...
 - O que causou isso?
 - As brutalidades... apanhei... me cortaram todo:,. Veja, nem inteligente eu sou... Depois que morri, procurei me vingar e nem isso consegui... não tenho capacidade para nada... fico aqui... fincado no chão... não saio do lugar... não consigo me mexer...
 - E se eu ensiná-lo a andar novamente, o que acha?
 - Nada vai acontecer... não movimento os pés... perna...
 - E se chegar aí perto de você, alguém em que você confie, estará disposto a tentar?
 - Mas quem vai chegar?
 - Eu não sei. Você é que me dirá. Olhe, vê se identifica alguém...
- Silêncio e após...
- **Você**... vira-se para o atendente... É meu irmão... escuta e depois - Sujo? Trocar a roupa... vou ficar bonito?.,, está bem, então vamos.Leda Marques Bighetti

Análise

Tantas lembranças ou estágios nos quais os Espíritos se detém, muitas vezes formando um quadro não muito claro.

A sutileza da atendente é exatamente ir deixando o Espírito entrar em contato com seus próprios questionamentos até apresentar-se o momento em que está pronto para identificar ajuda.

Ela sempre chegará? Sim. Se o Espírito foi trazido é porque já está em condições, cabendo ao atendente descobrir, tocar essa fibra sensível.

-118-

- Estou ouvindo. Pode iniciar, meu filho, a sua confissão. -Não vim aqui me confessar. Vim conversar com o senhor.
- A confissão, meu filho, é uma conversa. Fale, pode falar.
- **O** senhor não entendeu - quero conversar não confessar. ' - *Faça então o seguinte: dirija-se à sacristia, espere-me. Tão logo acabe aqui, eu o atenderei.*
- Mas o senhor vai demorar?
- Certamente. Veja quantas pessoas esperam.
- Não posso ir lá dentro e pedir para que outro padre o substitua?
- Não, filho. Cada um está cuidando de seus trabalhos e o meu é aqui. Vá. Aguarde-me...

Análise

O atendente tentou várias outras formas, todas levando a idênticos resultados. Na avaliação chegou-se à conclusão de que o atendimento ideal seria:

-Estou ouvindo. Pode iniciar, meu filho, a sua confissão. -Não é bem uma confissão, mas ideias que estou tendo e que preciso da sua ajuda.

- Fale, estou ouvindo.

- É sobre a morte. Li em algum lugar que, quando a gente morre, a vida não acaba. Só o corpo é sepultado.

O Espírito continua igualzinho, como a gente era e, se eu não sei disso, continuo na minha casa, tento falar com este ou aquele; eles não me respondem; vou ao meu local de trabalho, estudo e tudo é igual, mas, é diferente, o senhor me entende? Principalmente, se apalpo meu corpo... veja... faça isso no do senhor...

A mão parece penetrar nele... e se tento pegar alguma coisa - veja - a mão atravessa, não consegue segurar...

Li ainda que os familiares, os amigos estarão ao meu lado, e não os verei, pois não sei que morri...

Estas ideias estão vívidas na minha cabeça... o que o senhor acha delas?

Este seria o caminho mais coerente. Quando o atendente insistiu em afirmar que não queria, não estava a fim de se confessar como que quebrou um ponto de interesse do padre em relação a ele. Com a insistência do atendente, ele educadamente, afirmou a impossibilidade de atendê-lo e desliga-se dele.

Se foi trazido é que essa conversa racional lhe era necessária. No momento próprio, far-se-ia visível ou ele veria, talvez um seu superior, um amigo, um familiar, não sabemos. O que é importante é ter a certeza de que aquele era o momento dele e tudo estava preparado para seu despertar, que neste atendimento, conforme foi feito, não atingiu...

-119-

- O moça... faz favor...

-Pois não.

- Chega aqui mais perto...

- Já estou aqui... o que precisa...

-Espia comigo... olha... lá em baixo tem um corpo...

- E o que está fazendo aqui?

- Tomando conta... precisa tirar de lá...

- De quem é aquele corpo?

-Não sei... quando cheguei já estava lá...

De repente, o Espírito pára de falar com o atendente e permanece quieto, como que escutando, depois volta-se agressivo, irritado, quase gritando:

- Tira ele daqui... tira...

- Quem devo tirar?

- Essa bruxa aí... minha amiga... pois sim... ela está falando que eu era uma pecadora... que aquele corpo é o meu... que eu pulei lá em baixo... mentira... mentira... não pulei... me empurraram... me empurraram...

-Não fique assim desesperada...

- Tirem o corpo... tirem o corpo...

- Isso já está sendo feito...

-Falapara eles deixarem assim como está, de bruços.

-Assim será feito.

—A senhora teria um lençol?

- Eles têm. Já vão cobri-lo.

- Ah! Agora estou em paz.

Olha para algum ponto e responde para alguém:

-E claro que quase endoideci... não chega essa aflição e ainda essa louca dizendo que me matei. ..Se o senhor pode me tratar dessa bateadeira no coração, vou sim com o senhor.

Análise

Interessante sequência na qual jamais saberemos, se havia realmente a "amiga" ou se ouvia as projeções da própria mente. Atentar que a necessidade desse Espírito era a retirada do corpo (que com certeza era o seu).

Depois os diálogos aconteceriam. Neste caso, foi abreviado, digamos assim, pela "amiga", num desfecho muito interessante.

- 120 -

Estudávamos, na parte que antecede à reunião mediúnica, sobre a usual noção que se tem sobre direitos e deveres, concluindo sobre a necessidade da formação de consciência, na qual as leis e normas deixem de ser externas e emanem do íntimo do ser moralizado.

Tão logo iniciou-se a parte prática, apresentou-se um Espírito rindo, rindo muito, chegando mesmo a gargalhar.

- Está se divertindo?

Pausadamente, agora sem rir, expressa-se.

- Vocês são é muito engraçados. Consciência! Que consciência, que nada! Eu gosto mesmo é de perturbar... tudo balela... o dia que tiver pessoas conscientes de suas obrigações, eu mudo de nome...

- Será que não existe ninguém?

- Olha... é pelo fato de não obedecerem a nada é que podemos agir e agir livremente... veja os vícios das pessoas, a sociedade... se houvesse consciência não estaria tudo como está e tão fácil para nós...

- E a sua consciência?

- E abrangente... comando... tenho poder uma vez que quem não o tem é subordinado.

- E por que o senhor veio aqui?
- Vim porque quis.
- Não foi convidado?
- Que convidado nada. Cheguei ali naquela porta e disse: "Quero falar aí e trate de permitir". Todo mundo se afastou e entrei livremente. Eu posso, eu mando, tenho poder.
- Se o senhor está aqui falando deve haver algum outro motivo, além do seu descaso sobre a consciência.
- E que existe, não sei, algum tipo de impedimento.
- Em relação a que?
- Aqueles em quem não consigo agir. Na realidade nossa, há leis que regem as relações e as quais não podemos o tempo todo enganar. Explico melhor — somos um grupo que se ocupa em impedir que alguém melhorzinho reencarne e há momentos em que não conseguimos evitar que sejam arrastados ao mundo físico.
- *Isso nos leva a concluir que o poder que o senhor detém é relativo, concorda?*
- Não sei. Vocês dizem que aqui só vem quem é trazido... eu não... eu entrei...
- *Conte-me como foi.*
- Cheguei com vários do meu grupo, não o grupo inteiro... meus auxiliares diretos, meus braços-direitos e alguns guardas é que estão aqui comigo... os outros ficaram lá fora esperando...
- *Sim... e depois?*
- *Algum silêncio e...*
- Existe uma cena que não vi antes e que revendo agora me intriga...
- *E o que é?*
- Em cima das minhas costas e abaixo da cabeça, há uma marca e só entraram os que têm essa marca. Mas, eu escolhi apenas alguns e por acaso, e eles também têm a marca...
- *Por que será?*
- Estão me mostrando outro quadro.
- *Pode descrevê-lo?*
- Só conseguimos entrar, para que não causássemos impacto, nos minutos finais do estudo quando vocês falavam também de poder. Estranho! Por que, de repente, estou me sentindo deprimido?...
- *Talvez o senhor tenha se defrontado com a própria consciência, principalmente quando nos ativemos àquele ponto ali na lousa onde consta - "a falta de consciência individual em detrimento do coletivo" - Seria essa a sua situação?*
- Somos diferentes.
- Somos identicamente iguais.
- Meu poder desconhece o coletivo. Tenho-os aos meus pés.
- E isso redundava em quê?

- Satisfação dos meus desejos... eu mando...
- Analise honestamente...
- E... aqui mesmo, estes que estão participando da nossa conversa já estão se mostrando um bando de vira-casacas; estão confusos contestando a liderança... olha lá cada um está sendo atendido simultâneo comigo... fracos...
- E como o senhor me explica que é líder deles e eles estão debandando?
- É falta de castigo... preciso intensificar...
- Talvez o senhor não reúna as características do verdadeiro líder...
- Que absurdo!!... Nada falta a eles...
- Veja... o verdadeiro líder faz crescer os seus liderados... desperta-lhes aptidões... dá-lhes meios para aprender... motiva-os de tal forma que sua presença nem é necessária...
- Eu não vejo assim... quem me desobedece é punido... No meu reduto ninguém entra e se tenta sair a gente caça, traz de volta e ai...
- Descreva-me, conte-me o que está se passando no seu recinto, no local onde o senhor se diz líder, chefe.

Fica em silêncio, olhando e depois:

- O que que é isso... estão fugindo, guardas, animais... as celas estão abertas, abandonaram os moinhos... os que ainda ali estão, veja, estão depredando o lugar, a minha fortaleza, o castelo, até aqueles que consegui transformar em animais... e vocês, vocês estão logo acima e os pegam... colocam em uns aparelhos, parecem pequenas aeronaves, e elas partem... há um outro grupo procurando aqueles que estão escondidos na mata... minha fortaleza... vocês acabaram com ela...
 - Quem a destruiu foi o senhor mesmo. Peço que lhe mostrem a ação do verdadeiro líder. Enquanto o senhor vê, pode contar-me?
- Estão me mostrando os liderados.

E o que o senhor vê?

— Eles têm como se fosse um halo de impacto, uma aura... transparecem, deixam escapar uma espécie de alegria, de vivacidade. São limpos, asseados, separados em grupos, mas, de certa forma, é um trabalho só.

- ***E o líder? Onde está?***

— Em outro local, distante até deles, acho até que em outro trabalho... da cabeça dele projetam-se pequenos fios que não estão induzindo, obrigando, mas sim, sustentando, falando para terem coragem, que vale a pena... a lembrança dele no grupo é um sentimento... sei lá... há alguma coisa que une...

—E note que os liderados são livres... têm uma consciência da oportunidade do trabalho... continuam, não abandonam... o líder não precisa ter uma postura dura...

— E quando alguém desanima... não é castigado?

- ***Peço aos amigos que nos assessoram que mostrem o que acontece.***
- Primeiro, conversam muito com a pessoa, mostram uma série de mapas,

livros... levam a regiões de visitas bem díspares-alegres, tristes, felizes, de dor-voltam aos mapas... criam, estão me dizendo, um choque de consciência na análise dos vários ângulos de uma mesma realidade... Não conheço nada disso...

- ***O líder promove seus liderados...***

- Eu me utilizo dessa força para agir neles.

- ***Por tudo o que o senhor viu até agora, a que conclusões o senhor chega?***

- Estou destruído, acabado... perdi tudo, tudo (diz esse tudo destacando as sílabas) tudo... destruído... desanimado... des-tru-í-do... Sinto horror com tudo que acabei de perder...?

- ***Perder?! Mas será que o senhor possuía mesmo aquilo tudo?***

- Os muros... ainda há alguns pedaços em pé... a torre onde eu ficava... é tudo areia... pó... estou muito confuso...

- Por que o senhor não se prepara, se renova e um dia no tempo, reconstrua o que hoje foi destruído, como um núcleo formador de consciência...

- Nunca fui professor.

- Discordo... o senhor ensinou a muitos usar a força, o castigo...

- Tem mais um detalhe...

- Qual é?

-Acima de mim há alguém maior... sou só um braço da organização e tão logo saibam, se é que já não tenham conhecimento, virão com tudo em cima de vocês...

- E o senhor vai ficar com medo? E a sua consciência? Não está ela querendo outras coisas?

- Ouço... ouço ao longe o tropel deles...

-Deixe o tropel... Fixe sua atenção aqui, aonde estamos... há alguém que o senhor conheça ou identifique?

- Certamente que não. Só me relaciono com a minha turma...

-Ainda assim... examine... olhe com atenção redobrada...

Silêncio, passeia o rosto de um lado para outro e depois:

- Conheço aquele moço ali... conheço... conheço não é bem o termo... várias vezes eu o vi, em meio às árvores, abraçado a elas, colhendo folhas... nunca lhe dei atenção... julgava alguém com algum problema e portanto inofensivo a mim e à minha organização...

- Ele pode falar-lhe?

- Sim... diz que ia lá só para que pudesse ver-me e eu vê-lo também... Ele diz que essas visitas se alongam para mais de dez anos e que eu precisava dele para começar a libertar-me de mim mesmo... para abrir a mente...

- E agora, o que faremos?

- Ele me convida para conhecer quem o lidera... engraçado... tenho a sensação de que conheço esse líder... não, não quero pensar nisso. Confio nele, vou com ele.

- ***Fico feliz pelo senhor.***

— Ele me estende a mão... Nunca dei a mão para ninguém... a ele eu a estendo e

cumprimento... Confio nele,...

Análise

Um caso diferente em tudo quanto já vimos destacando-se consciência, poder, liderança, descrição de quem pode entrar na sala; todo um trabalho dos Espíritos mostrando-lhe o que acontecia em sua ausência e ele relatando o que se passava, ao atendente. A descrição dos liderados e do líder real; as providências quando alguém desanima. A proposta do atendente em um futuro; reconstruir o castelo sob novas bases, o medo dos que lhe eram superiores e o trabalho do Espírito amigo que por dez anos foi visto por ele, propiciando por assim dizer, a confiança necessária para que um Espírito, na qualidade deste, aceitasse ou confiasse em alguém.

Foi um atendimento longo, em mais ou menos trinta ou quarenta minutos, onde destaca-se o cuidado, a sensibilidade, o não ter pressa, fatores que possibilitaram que os diálogos sem discussão ou partido se estabelecessem.

-121-

Um caso inusitado de um Espírito aparentemente tranquilo. Coloca lentamente as mãos nos ouvidos, depois na boca. Faz com os dedos esta figura ? e o sinal de quem caminha. Cruza ambas as mãos sobre o peito.

A atendente fala-lhe que era bem-vindo. Novo gesto pedindo-lhe que fale devagar. Ela o faz e pausadamente pergunta:

- Quando coloca as mãos nos ouvidos e na boca, está a dizer-me que não ouve e não fala?

Gesto afirmativo com a cabeça.

-A figura que faz com os dedos, seria uma casa?

Novo gesto afirmativo.

- Você quer ir, voltar à sua casa?

Balança a cabeça representando sim.

- Quando cruza as mãos sobre o peito não estou conseguindo entender. Ajude-me.

Faz novos gestos, como se fora uma forma humana e aponta a atendente.

-Sua mãe?

Agitadamente balança a cabeça como sim e cruza enfaticamente as mãos ao peito.

- Pelo que entendi, você quer voltar à sua casa e abraçar e ser abraçado por sua mãe, é isso?

Meneia a cabeça em sinal de sim.

-Agora não podemos ir lá (a atendente fala silabando as palavras. Notara que ele fazia leitura labial). Está aqui para ser tratado, para começar a ouvir e falar.

Agita-se, balançando a cabeça como não e repetindo os gestos de ir para casa, enfatizando o abraço, isto é, a mãe.

- O modo para voltar a ouvir e falar é consentir ficar aqui. A mamãe, no tempo

certo virá visitá-lo.

Novamente sinaliza não.

- *Imagine, você tratado e quando a mamãe chegar, poder falar com ela, ouvi-la... lá da sua casa ela ora para que esteja bem e se deixe tratar. Como voltar sem melhora nenhuma? Ela sofreria muito, pois confia nas preces que faz e espera suas melhoras.*

Faz uma expressão triste; coloca as mãos nos ouvidos e na boca e com o dedo faz o sinal de não, demonstrando, segundo o entender da atendente, não confiar na possibilidade do tratamento.

- *Você vai ouvir e falar - Quer ver uma coisa, preste muita, muita atenção, vou falar uma letrinha várias vezes, veja se você percebe algum som: a - a - a... etc. Repete pausada, forte e muitas, muitas vezes. Em determinado momento surpreende em seu rosto uma expressão diferente, como se esboçasse um sorriso...*

- *Tente repetir, falar a, a, a...*

Esforço imenso ao final do qual algum som parecido coma...

- *Isso prova que com os tratamentos daqui, recuperará a audição, poderá falar, contar tudo para a mamãe. Você deixa esse doutor cuidar, tratá-lo? Balança várias vezes a cabeça significando sim e com últimos gestos interpretados pela atendente de que quando estivesse bom, voltaria para casa e a mamãe ficaria feliz, acena-lhe adeus.*

Análise

Nessa descrição os fatos estão sintetizados. Foi um atendimento longo; requereu da atendente muita calma, paciência, boa vontade, união intensa com a equipe espiritual que trouxe a pessoa (não se soube se jovem, idoso, homem ou mulher) para, por eliminatórias, ir identificando os sinais que fazia.

Conhecendo a Doutrina e sabendo que os impedimentos estavam no corpo físico, trabalhou pacientemente na ativação dos órgãos espirituais.

Para isso ele foi trazido - despertar a esperança de ouvir e falar-pontos que o demoveram da ideia fixa de voltar à casa da mãe.

-122-

Espírito calmo, expressões corretas, elegante no trato.

- *Senhora, não perca o seu tempo comigo. Tudo o que for falar-me já sei. Estou na casa há algum tempo, ouço as palestras lá em baixo, estive domingo naquela sobre obsessão e realmente é aquilo. Sei como funciona. Não brigo, fico aqui o tempo que quiserem. Quem persigo e obsidio, não perde por esperar... agora, ele melhora um pouco e depois tudo volta ao que eu quero...*

- *E quem é essa pessoa que lhe desperta assim tanto rancor?*

- *Isso não vem ao caso... é um danado com o qual tenho contas velhas a acertar.*

Rkp *E isso vai ser bom para o senhor?*

- Não estou interessado. Se tiver que pagar pelo que estou fazendo, assumo... não quero nem saber o depois.

- Mas e a responsabilidade? O senhor sabe o que está fazendo?

- Sei, sei mesmo e assumo qualquer responsabilidade, castigo, prisão, sei lá o que, desde que o prejudique agora.

-E o senhor?

- O que é que tem eu? Estou ótimo, muito bem... vivo aqui... aprendo... vejo uma porção de coisas que não conhecia, enquanto espero a hora certa.

- Pergunto-lhe pelo senhor porque, nesta história toda, sinto-o, vejo-o como o grande prejudicado.

- Eu? Agora? Não! Prejudicado fui naquele tempo; traído, vilipendiado naqueles dias... hoje não... hoje ele é quem amarga...

- Reflita comigo - nós vamos retomar àqueles dias em que o senhor foi ferido, certo?

- Certo, isso é vívido na minha cabeça, dia e noite... sempre...

- Muito bem. Agora nós vamos caminhar, sair desse momento, acompanhar através das vidas que ele já viveu, o que aconteceu... veja... com lutas, quedas, sofrimentos, recaídas ele é hoje, ainda em lutas, um bom homem, tem família, amigos, pessoas que se preocupam com ele...

—E isso não é, por cima de tudo, a maior das injustiças?

- Reveja comigo. Desde aqueles fatos tristes ele seguiu em frente, assumindo a responsabilidade dos atos praticados... daí a intensidade das lutas... esse homem é o que o senhor conheceu e com quem viveu fetos doloridos, mas não é mais aquele homem...

—A senhora está complicando... Aonde quer chegar?

- Exatamente levá-lo a refletir que, enquanto ele, culpado segundo o senhor, saiu daqueles momentos, lutou, caminhou, mudou, o senhor não fez nada por si... Olhe-se. Está preso - veja bem- preso por si mesmo naquele passado, na dor, na revolta, no crime... o senhor se destrói e não percebe isso... Olhe-se - peço-lhe - como está sua aparência? Suas vestes? Amigos, familiares, o senhor os tem?

-A senhora é dura...

- Não. Amorosamente mostro-lhe o tempo que o senhor perdeu... preocupado só com o outro, o senhor nada fez por si... E nosso convite é justamente esse, reconquistá-lo para que se descubra com tantas coisas boas, com tantos aspectos a serem desenvolvidos... que se retome como homem...

-Sinto-me fraco... sozinho não conseguirei...

- O senhor jamais esteve ou está agora sozinho... preste atenção... participando desta nossa conversa, há muitos que o senhor esqueceu e que estão prontos, querem ajudá-lo a retomar-se... olhe... veja se o senhor enxerga ou conhece alguém...

— Você? .. meu Deus...

Análise

Se o atendente se dispusesse a trabalhar sozinho, isto é, com seus próprios conhecimentos e maneira infelizmente imediatista de ser, certamente este Espírito teria entrado em discussões nas quais ele marcaria ponto, dada a sua lucidez e firmeza de opiniões.

Unindo-se, porém, à equipe espiritual responsável por esse senhor, teve a calma necessária para não se sentir provocado, para não entrar em detalhes que induzissem a discussões.

Com sentimento real, foi encaminhando-o para mudar o foco de seus pensamentos, desviando-se do outro e focando-se nele próprio. Daí para frente tudo se encaminhou de forma mais **facil**.

-123-

Estudáramos no salão sobre desencarnes coletivos, destacando que os Espíritos, quando reunidos em fatos assim, estão dentro de necessidades próprias, pessoais e que se o desastre fora o mesmo para todos, a morte poderia ter sido diferente para cada um. O amparo haveria para todos, porém, nem todos abririam ou teriam construído em si, campo mental, disposições no bem que lhes permitissem perceber e serem retirados dali.

Tão logo iniciou-se, após o estudo evangélico, a sessão prática, comunica-se uma senhora:

- Estive lá no salão durante o estudo e aquela afirmação que fizeram de que ninguém fica ao desamparo - e eu também acreditava nela - porque fui espírita, não procede, é enganosa.

- Por que a senhora diz isso?

- Sempre fui assídua trabalhadora do Centro Espírita que frequentava. Sei lá por que, e lá no salão disseram que há necessidade nesses casos. Muito bem — até agora não sei qual é - desencarnei com outras pessoas num acidente de carro e até agora não apareceu ninguém, nenhum dirigente ou o patrono do Centro recebeu-me. E eu estou aqui, ó! Ao Deus dará... espero... espero e ninguém aparece... Sinceramente, hoje arrependo-me de ter sido espírita...

- Minha irmã - posso chamá-la assim? Em nenhum momento a senhora esteve sem ajuda... se a senhora é espírita, recorde que os Diretores espirituais do seu Centro não podiam ir buscá-la, recebê-la...

- Como?! Por que não?... Eu sou ou era conhecida deles...

- Eles não poderiam recebê-la porque não tinham condições, capacidade para fazê-lo...

- Como não?! Absurdo! Eles não são os dirigentes.

Espíritos Superiores, enfim?

-Não. Eles não poderiam... para esse tipo de atendimento, há equipes especiais,

com colaboradores rigorosamente treinados, com preparo psíquico, sensibilidade para avaliar o que cada um traz dentro de si e qual a modalidade de socorro a ser aplicada... Os dirigentes de seu Centro, com todo mérito que possuem, não têm condições para esse trabalho... a função deles é outra.

- Eu então fico aqui, assim, desse jeito?

- Não... vamos retomar, vendo nesta tela a sua situação no instante dos acontecimentos. A senhora teve noção do que se passava, aceitou e imediatamente ligou-se aos dirigentes do Centro...

-E... e o que isso tem de errado?

- Não é essa a questão... veja... enquanto a senhora se fechou fixada em quem queria que a recebesse, não se deixou atender pela equipe que ali estava... veja...

- Meu Deus... e veja só... aquela senhora procura, a pedido dos amigos lá do Centro, por mim... ela me chama e eu sou até grosseira com ela... meu Deus, meu Deus... que fazer agora?

-Nada... apenas acompanhe-a... ela continua a seu lado...

- Que vergonha! Será que a senhora pode desculpar-me?...

Análise

Enfatiza-se, neste caso, mais uma vez, a necessidade do conhecimento doutrinário. Se a atendente não soubesse que, para assistência nesses casos, não é qualquer Espírito que pode agir; que há equipes com preparo especial para tal, certamente, dada a revolta da senhora contra os amigos espirituais, esse atendimento ter-se-ia comprometido.

-124-

O Espírito se apresenta parecendo estar se espreguiçando. Retorce-se para cá, para lá, olha tudo.

- Que se passa?

Silêncio.

- Estou falando com você... o que se passa?... Precisa de algo?...

- Não... não... só estou com preguiça... uma preguiça *gostoosa*...

- Mas podemos conversar, apesar dela?

—Não... não... não quero falar nada... Deixe-me aqui... —*Uma conversa, às vezes faz bem! Vamos tentar?*

- Não acho que vale a pena... dá uma olhada aqui... *estou jogado* esperando aqueles tais malandros que ficaram de *voltar para levar-me*...

- E quem são eles?

-*Dois* caras, amigos meus lá do bar... Eles aprontaram *da boa lá e de repente*, saíram correndo e eu não sei como, vim *junto*... *mas eu* não tive nada a ver com a confusão...

- E como vieram pra cá?

—Não sei... era noite... estava tudo escuro...

—E onde eles estão agora?

-Não sei...

- Enquanto eles aqui estavam, aconteceu mais alguma coisa?

- Eles falavam que era eu e não fui eu que aprontei...

-E daí?

- *Eu e o Pau Ião* discutimos bastante.

- Ficou só na discussão?

- Não... foi no tiro *mesmo... e veja... preciso dar um* jeito nisso aqui, veja a sangueira...

- E, se não se cuidar você pode morrer, olha a sujeira...

- Não vem com essa não. Sou jovem, não vou morrer.

- Mesmo assim, põe uma coisa na sua cabeça... se acontecer de você morrer é só seu corpo que desaparece... você mesmo não morre, é um Espírito.

- Conversinha idiota, hem dona?

- Não. Morrer todo mundo vai. Quando acontecer lembre-se dessa nossa conversa, tá? Ninguém morre.

- Tem gente diferente aqui.

- É o pessoal que veio retirá-lo daqui e levá-lo ao hospital, ao médico. Eles lhe falam alguma coisa?

- Pedem pra eu me acalmar e para olhar que estou em lugar diferente...

Silêncio.

-Aqui é tudo limpinho...

- Está bem agora?

-E... nem tanto né... entre essa gente estranha tem um cara ali... sei lá... parece com meu avô... mas, isso é coisa da minha cabeça uma vez que ele *já* morreu... deixa pra lá... **O** moço, a minha perna vai ficar boa?

Análise

O Espírito retrata o momento, de certa forma habitual para aqueles que não pensam na morte. Tudo lhe é contrário, mas continua crendo estar vivo à espera dos rapazes, no caso, que ficaram de vir buscá-lo.

Sutilmente, a atendente fala-lhe de morte. Percebendo a resistência, não insiste. As colocações que faz, certamente ser-lhe-ão úteis no futuro. Descreve a presença de pessoas que qualifica de estranhas, nota o lugar diferente, identifica alguém que conhece e foge, procurando preocupar-se com a perna. Apesar de nada, nesse momento, ter sido definido, o atendimento alcançou sucesso uma vez que já saiu do mundo de drama mental em que se detinha; nota que as "pessoas" são diferentes. A presença do avô, certamente, se encarregará do resto.

-125-

O Espírito apresenta-se cabisbaixo, com a fisionomia entristecida.

- Posso ajudá-lo? O que se passa?

- Estou triste, muito triste mesmo.
- Pode dizer-me por quê?
- Ninguém fala comigo... minha família me ignora. Hoje é dia do meu aniversário... estou aqui sentado no sofá e eles simplesmente nem me olham, e eu gosto tanto dos meus filhos, dos netos...
- É a primeira vez que isso acontece?
- Não. Assisto à televisão com eles. De vez em quando faço alguma observação. Eles não respondem e eu deixo para lá. Hoje, porém, é demais... ninguém me cumprimentou e estão a fazer verdadeiro pouco caso, e isso para mim é muito triste...
- Há alguém que se lembra do senhor, do dia de hoje? Preste atenção.
- Minha filha... mas é estranho... ela queria que eu estivesse lá... eu estou lá, no sofá, vendo tv...
- Há alguma foto do senhor na casa?
- Há. Tem uma no móvel ao lado da tv. E grande e antes da senhora perguntar não tinha visto... não me recordo dela...
- Há, por exemplo, flores ao lado?
- Não... flores não... há velas acesas...
- Velas acesas? O que significariam?
- Pode ser... pode ser que eu esteja morto, não é? A gente acende vela pra alma de quem já morreu, não é isso?
- Junte isso ao fato deles não o verem. O que conclui?
- Só posso ter morrido.
- ***E se isso fosse verdade, como o senhor reagiria?*** ^KÊÊá^teoria feliz,... de uns tempos para cá. à idade juntou-se a doença... tenho sofrido muito e quantas, quantas vezes pedi a morte...
- Na realidade é isso mesmo que acontece. A gente morre e nem percebe que morreu. A grande alegria é que encontramos nossos parentes, amigos e eles nos ajudam...
- Dona... dona... meu pai... meu pai está me chamando para conversar... é ele... ópai, me ajude... Posso ir, posso?

Análise

Um caso temo, triste, no qual a atendente não precipitou nada. Conforme os relatos se sucediam, procurava o ângulo mais próximo do real, e o explorava. O Espírito, de pensar coerente, tirava conclusões que facilitavam os encaminhamentos que culminaram com a possibilidade de ver o pai.

-126-

O Espírito, presente já há algum tempo, mantém-se quieto. Vez ou outra, passa a mão no braço, no rosto, como se quisesse tirar algo.

- Quer conversar?

Com a cabeça faz que não.

- Não precisa de nada?

—Banho.

-Ah! Deseja um banho?

—Ee trocar essa roupa... o lugar é suquinho, muito sujo...

- E por que está ou foi aí?

-Ele... aquele fedorento me arrastou até lá... e não posso falar mais nada, nem contar quem ele é, senão já falou que vou me arrepender...

- Isso tudo já passou... agora está aqui comigo, nada mais de mal vai lhe acontecer... sinto-a tão só... posso dar-lhe um abraço?

— Não... de jeito nenhum... iria se sujar toda...

-Isso não é importante... venha... deixe-me abraçá-la como uma mãe faz a uma filha...

Chora baixinho...

- Não há motivo para chorar... Agora já está conosco, vamos cuidar de você com todo o carinho... há roupas, um quartinho para repousar enquanto eles tratarão de você...

- Não é a senhora que vai tratar de mim?

-Não, querida.

- Por quê? Por quê?

- Porque eu só atendo, trabalho nesta parte aqui. A senhora que se responsabilizará por você é uma graça... Veja se consegue vê-la...

- E, ela parece legal... a senhora não pode mesmo?

-Não, mas se for possível, certamente irei visitá-la.

- Certo. Ela me chama... muito obrigada, viu?

Análise

Ressalte-se a delicadeza da atendente em não querer saber o que aconteceu quando foi levada para o tal lugar e nem insistir em conhecer o homem. Trabalhou com a situação presente necessidade de se limpar. Com o sentimento aflorado, tratou-a como a uma filha, o que, captando-lhe a confiança, estabeleceu clima para a ajuda.

-127-

- Tolos... tolos todos vocês... chega de dar trabalho para agente...

-A que o senhor se refere?

- Faço parte, sou um dos chefes de um grupo de resistência e venho libertar alguns tolos que ficaram aqui...

- E por que ficaram?

- Vocês falaram de liberdade, de sair do jugo... que liberdade que nada... eles não sabem o que fazer com ela... têm medo dela... precisam, sim, de quem os conduza; de quem mande... de quem diga o que devem fazer... como fazer... Nosso

jugo é necessário a eles... são escravos dóceis... liberdade...

- E no senhor, ninguém manda?
- Estou avisando: - parem de incomodar.
- Repito: - quem manda, quem dirige o senhor?
- Eu não. Ninguém me fala o que fazer... ninguém me dirige...
- Estão mostrando algo para o senhor?

Preste atenção.

Silêncio com trejeitos de rancor.

- Como? Como isso *é* possível? ... Que sem-vergonhice... Tirem, tirem...
- Do que o senhor esta falando?
- Eu disse que seríamos chefes em igualdade de condições... e veja só as rédeas que colocaram em mim... Bandido... Salafrário... Veja... não consigo desaferroar...
- O senhor gostaria ou o senhor permitiria que o ajudássemos?
- De ajuda eu preciso e se vocês podem me ajudar, então *fico* aqui... preciso pensar numa porção de coisas...

Análise

A forma, o modo de exteriorizar-se, expressar-se é característico dos chefes que vêm em busca de seus subordinados. A mudança toda se estabelece a partir do momento em que lhe é perguntado quem manda nele.

Ver as rédeas, possibilitou-lhe enxergar o que não via e a desejar ajuda para soltar-se, abrindo nessa oportunidade campos outros de acesso ao Espírito não perceptíveis nesse momento.

-128-

O Espírito se contorce, faz gestos de quem quer se esconder, se proteger...

- Estou aqui... de alguma forma posso servir?
- Saia daqui... vá embora... como, como você me *encontrou*?
- O que importa é que não está bem e talvez possa ajudar.
- Estar bem... estar bem... não está vendo que estou morta?
- Vejo-a viva, sofrendo...
- Druga* de morte que faz sofrer mais...
- Por que a senhora fala assim?
- Olhe o buraco onde *vivo*... *sinta o cheiro de lama, os* bichos... isso é revoltante...
- Por que será que a senhora está aí?
- Porque foi o único lugar que encontrei e no qual *ninguém* me acha.
- Mas por que se esconde? .

—*Antes de* morrer, procurando viver bem, passei muita *gente para trás; uns* eu até maltratei mesmo. Era esperta. *Depois que morri*, certa de que ia dormir tranquila, encontrei *uma porção de* gente me esperando. Cobravam, cobravam e

como não podia devolver-lhes nada, me bateram, me *prenderam*. *Consegui*, um dia, num descuido deles, fugir. Corri, *corri*, *achei esse buraco* e me joguei nele... Não saio com medo *de que me encontrem*... acho que ninguém mais se lembra de *mim*... *assim, esse é meu* fim... essa sujeira toda...

-Não penso da mesma forma que a senhora.

—Não?! E como você pensa?

- Penso que se a senhora, ao invés de ficar remoendo o que fez de errado, se lembrasse das pessoas que lesou e que a perseguem, poderia olhar para frente.

- E ver o quê? Não tem nada diferente disso para ver.

- O passado já foi... que tal, por exemplo, sairmos daqui, aproveitar a experiência que seus erros deixaram e começar vida nova...

- Eles não vão deixar... querem justiça... devolução...

-No tempo certo, tudo isso poderá ser acertado. Nós não estamos sozinhas. Olhe, veja se consegue enxergar algo mais além da senhora, eu e o buraco.

Silêncio até que meio longo.

- Não falei... é impossível sair daqui. Agora eles mandaram soldados... Vieram me prender novamente.

- Não senhora. Esses moços vieram comigo para que a senhora fosse protegida caso aceitasse sair daqui.

—Eééé...

— É, sim senhora. E então vamos?

- Para onde? O que vão fazer comigo?

-Vamos, estaremos num posto de auxílio. A senhora será cuidada, tratada, alimentada até que fique boa. Depois, amigos estudarão com a senhora o que lhe será melhor.

- Ninguém vai me bater e fazer aquelas coisas feias?

-Não. Ninguém.

-A senhora garante?

- - Sim, eu garanto.

-Então me leve...

Análise

O Espírito detido na consciência das impropriedades praticadas, cria no "buraco" uma "proteção" na qual se enclausura. Sabe-se desencarnada mas não tem opções, caminhos, a não ser se esconder.

Note-se que a atendente não lhe faz sermão sobre atos passados; não quer saber o que fez, mas deixa-a falar, exteriorizar seu mundo mental em chamadas para depois conversar sobre possibilidades diferentes.

- 129 -

O atendente nota que o Espírito já está ali mas nada exterioriza.

-Estou aqui... podemos conversar?

A médium volta-se para a atendente e esclarece que esse Espírito não consegue falar. Apresenta-se como uma massa disforme...

A atendente diz à médium, que continue concentrada, oferecendo o melhor de si e aguardando.

- Estamos juntos hoje, para trazer-lhe nossas melhores energias. Que elas atinjam, penetrem sua estrutura lembrando que somos todos filhos de um Pai de amor, que a ninguém esquece ou desampara. Sinta o carinho, o desejo de que tenha alguma paz... **Há** um halo de amor a nos envolver, mostrando que há novos horizontes para todos... Sinta... sinta....

-**Não quero...** deixe-me como estou... escondido... *

- E por que se esconde?

- Porque prefiro **assim**.

- E essa fuga é boa?

- Nesse momento é.

- Embora isso lhe pareça, agora, a Misericórdia de Deus o envolve, justamente para que pare de fugir.

- **Que Deus** nada... já fiz muita maldade. Ele não gosta **de mim, não sou seu** filho...

- E sim, senhor. Deus, como pai de amor que é, debruça-se sobre seus filhos e continuamente os acolhe em seus braços...

- Sou um fidalgo... **tenho dinheiro, poder e com eles fiz** ou faço, não sei, muito mal...

- Isso é passado senhor... hoje nada mais disso conta... veja... olhe ao seu redor... tudo é diferente... tudo está mudado...

— E tudo diferente mesmo... olha **a** roupa de vocês... olha a minha... Vestido de fidalgo, parece que vou **a** um baile **a** fantasias...

-Temos roupas atuais, quer trocar-se?

-Não. Sou fidalgo.

- O senhor teve títulos de nobreza, viveu de rendimentos sem trabalhar, andava bem trajado, situações que hoje não mais existem.

- Com ousa dizer isso?

- Basta que o senhor olhe para si mesmo. Desse tempo em que o senhor está detido até hoje, quantos séculos se passaram. Um fidalgo não anda assim, principalmente com a aparência que o senhor deve ter.

- Que aparência? Do que está falando?

- Olhe-se, examine-se... analise o estado de suas vestes...

- O que aconteceu? Estou em trapos...

- O tempo passou, senhor.

-E o mal que fiz... preciso esconder-me.

- Não precisa não. Agora que já começa a perceber alguma coisa diferente,

convido-o a ficar aqui, para que melhor entenda o tempo e o que um dia necessitará fazer.

- E tudo muito estranho... Chegam-se aqui outras pessoas... Vieram para falar comigo... vou ouvi-las, posso?

- Sem dúvida... até um dia.

Análise

Mais uma forma ou aparência, com a qual o Espírito culpado se esconde, não só no propósito de fugir dos outros, mas principalmente de si. Com habiudade, o atendente foi trazendo-o, ou melhor, aproximando-o da realidade, num trabalho que certamente será longo e difícil, uma vez que ele está principalmente detido no orgulho de uma posição que ocupou. O objetivo, pelo qual foi trazido, era conseguir tirá-lo do esconderijo, e isto foi alcançado.

-130-

O Espírito apresenta-se inquieto, desassossegado.

- Então, o que se passa? Como está?

- Você tem coragem?

- Sim... mas... coragem para quê?

- Você tem coragem mesmo? De verdade?

- Sim, já lhe disse... mas... o que está acontecendo?

- Eu quero saber se você tem coragem para ir lá no quintal comigo.

- Posso ir ao quintal com você, mas, o que tem lá?

- E por isso que quero saber se você tem coragem. Enterrei lá um bicho vivo e ele está lá, continua vivo.

- E por que você precisa ir lá vê-lo?

- Como enterrei vivo, não o matei, ele sempre volta e a cada vez de um jeito; às vezes é um gato, às vezes um cachorro ou qualquer outro animal, mas, os olhos são sempre os mesmos...

- E o que você quer fazer?

- Não falei tudo... ele é um demônio que me persegue... ele sempre volta... minha mãe diz que sou endemoniada...

- E o que você faz?

- Eu quebro o chão... preciso matar o demônio... minha mãe fica muito brava comigo.

- Por que você quebra o chão?

'c' — Quando ele aparece como cobra, pego o martelo e bato na cabeça dele; se aparece como outro bicho jogo o que tenho na mão ou por perto tentando acertar nele e aí... aí eu quebro tudo. Por isso que eu preciso saber se você tem coragem... nós vamos ver o demônio...

- Agora estou entendendo...

- Por causa disso minha mãe me prendeu aqui em cima, neste quatinho... é escuro, cheira mal... está sentindo?.., Você não tem medo de mim?

- Não... esrou aqui, conversando com você...
- E mesmo... ninguém conversa comigo... nem mesmo minha mãe... ela me esconde porque tenho o demônio no corpo, mas acho mesmo que ela nem gosta de mim... Também veja... sou feia... nasci assim... torta... defeituosa...
- E seu pai?
- Minha mãe diz que quando eu nasci ele foi embora... não conheço meu pai... Sempre fui assim feia... na cidade ninguém gosta de mim... bato nas crianças... puxo o cabelo delas... Agora, quando minha mãe vai lá, nem mais me leva... fico aqui trancada...
- E onde está a mamãe?
- Não sei... faz muito tempo que ela saiu...
- Gostaria de sair daqui?
- Ela não deixa... só se você ficar comigo lá embaixo esperando por ela...
- Eu fico... vamos descer?...
- Sabe o que estou pensando agora?
- Não. E importante?
- Sim. Por ser defeituosa e muito feia, é esse o motivo pelo qual minha mãe não gosta de mim e meu pai deve ter ido embora por minha causa.
- E se eu lhe disser que há amigos que poderão ajudá-la para que você retome uma forma diferente dessa?
- Elespodem? Você os conhece?
- Veja... você não é feia... está mal cuidada. Posso limpar- lhe o rosto, pentear-lhe o cabelo?
- Você não me acha feia? Você faria isso em mim?
- Claro... além disso, vou prender seus cabelos com essa fita... veja como é bonita...
- **Já** faz tempo que estamos aqui... minha mãe nunca demorou tanto...
- Proponho-lhe o seguinte: vamos levá-la a uma casa, na qual enquanto espera a mamãe, já vai sendo tratada, ajudada - o que você acha? Vamos?
- Eu quero ir sim... meu cabelo ficou bonito... **Obrigada...**

Análise

O desenrolar da história dá impressão de processo obsessivo grave, acrescido pelo desconhecimento da mãe em lidar com tão delicada situação.

Desencarnado, o Espírito continuou monoideado, revivendo os detalhes de sua existência física. A atendente aqui, deixou-a falar, externar seu mundo, para só depois trabalhar possibilidades, aliadas estas, à ternura e carinhos de mãe.

-131-

O Espírito demonstra francos sinais de revolta por estar presente à reunião. Expressa-se de forma dura, hostil mesmo.

- Chega de insistir... Por que me trazem aqui e obrigam- me a falar? não quero

conversar, não quero falar nada.

- Se há essa insistência, certamente há também algum motivo muito sério...
- Mesmo se houver esse motivo, só a mim diz respeito...
- Exatamente, talvez, seja por isso... Está lhe fazendo tão mal que por si só pede auxílio em seu favor...
- Que auxílio que nada... que mal está me fazendo só quero que não me incomodem...
- Um dos males, eu mesmo pôsso, se o senhor permitir, ressaltar aqui.
- O que é que você sabe? -pode dizer.
- Não sei nada. Apenas analiso o seu modo de falar, o tom de sua voz, sua postura... sinto-o tenso, duro... prevenido... na defensiva... Estou errada?
- Você sabe que não... fui endurecendo ao longo da vida...
- O que o levou a isso?
- Num primeiro momento foi o ódio, por causa de uma wuação que sofri. Depois, e o mais sério, talvez, é que cansei, cansei, a senhora entende, de implorar a esse que chamam Deus para que me tirasse esse ódio... e nada — nada acontecia...
- Mas, como o senhor pedia?
- Não importa. Eu pedia e basta...
- É preciso algo mais além de pedir...
- O quê? Implorar? Rastejar? Que Deus que nada.
- Somos seus filhos?!! Tudo mentira... e porfavor, a senhora não insista — se Deus existe mesmo, quero que Ele tire esse ódio de mim.
- Desculpe-me, senhor, mas o senhor é muito cômodo...
- Mais essa agora? Eu, cômodo?
- O senhor sim. Cômodo. O senhor espera o que não existe, um milagre, algo que, como num passe de mágica, tire de si o que o senhor construiu...
- Se esse Deus não pode fazer isso, vocês não trabalham em nome Dele? Então... façam vocês...
- Só o senhor pode fazê-lo... ninguém pode alijar de si, algo que o senhor construiu e mantém tão zelosamente. O dia em que o senhor entender que só quem se ajuda é ajudado, talvez as coisas comecem a mudar.
- Não entendo nada o que a senhora fala.
- Entende sim. O ódio que o senhor alimenta, faz, contribui para que o senhor fique detido, não faça nada, à espera de que façam pelo senhor. Nunca - entenda bem - nunca isso vai acontecer —Deus lhe propicia toda forma de ajuda para que o senhor entenda que necessita se colocar frente a frente com esse ódio, conhecer- lhe a causa, onde e porque nasceu, o que odiar tem lhe trazido de bom, de ruim, analisar, questionar, processar razões. Refletir se está disposto a trabalhar com elas, se de verdade quer deixar de odiar, se pensa, admite ou aceita a possibilidade de esquecer, enfim, como oferecer condições para que esse ódio se amenize.

- Eu não sei nada disso... sempre achei que bastava pedir...
- Não... é necessário sim, é aí que devem centrar-se nossos pedidos - a súplica de ajuda, entendimento, lucidez, coragem, fortalecimento, vontade, disposição... por decorrência e na proporção em que fizermos a nossa parte, tudo irá se desgastando... e o auxílio, por assim dizer, aparecendo...
- Tem lógica essa sua conversa, mas, é tudo muito novo para o que creio e que é estabelecido em mim... há alguém que possa, não sei, talvez a senhora mesma, ajudar-me?
- Sem dúvida... eu não posso acompanhá-lo. Minha função é só aqui nesse espaço. Note se há alguém mais conosco...
- Sim, esse senhor é que me trouxe...
- E ele poderá cuidar do senhor daqui por diante?
- Ele diz que sim... convida-me a segui-lo...
- Então vá... vá em paz.

Análise

Um caso difícil, do Espírito altivo que além dos seus conflitos naturais aliava a revolta contra o deus que não o atendia.

Exigiu da atendente muito tato na escolha das palavras, contemporizando até, para que expressasse sua revolta.

A partir de determinado momento, quando talvez, até se encaminhasse para o desespero, a atendente entrou, agora impondo-se e falando o que o Espírito necessitava ouvir, despertando-lhe uma ideia, uma compreensão, que no seu entender, não existia, era-lhe desconhecida.

-132-

O Espírito, no seu modo de manter o corpo, demonstra desagrado, insatisfação.

-Por que o desassossego, a inquietação?

- Trouxeram-me aqui porque disseram que o que ia ser estudado era de grande valia para mim. No entanto, ouvi só palavras de crítica à minha pessoa. Sinto-me profundamente irritado pela desconsideração.

- Mas senhor, o que estudamos foi no sentido de alertar- nos no cuidado que devemos ter ao falar com o outro, considerando os danos que poderemos causar, caso nossas palavras não levem em conta a sensibilidade do outro que pode ser colocada em desequilíbrio.

- Então... e falaram isso só pra mim. Trouxeram-me para aprender e fui criticado o tempo todo.

- O senhor se engana com essa afirmação. O estudo, as reflexões são sim individualizadas, mas o estudo, a proposta foi geral. De tal forma isso é verdade que, assim como o senhor a tomou como pessoal, eu também o fiz e posso garantir-lhe que isso aconteceu, praticamente com todos...

-Antes de morrer, fui, não sei, sou autoritário. Sempre tratei todo mundo mal. Em

casa, no trabalho, ninguém podia expressar sua opinião. Eu falava e, caso encerrado. Com isso, adquiri muitos opositores, gente que não gostava de mim. Morri, quando percebi que, sei lá, não morri, pensei que ia ser diferente, mas, minha cabeça continua fervendo. Sei que fui culpado mas essa vontade de agredir, maltratar é viva em mim. Desse modo, optei por não falar.

-Ao agir assim o senhor não está trabalhando seu conflito, mas fugindo dele. Que lhe parece?

-Até pode ser... tudo em mim, nesse campo é negativo...

- E por que não transformar esse negativo em positivo?

- Como? Não hájeito... o maljá estáfeito... os inimigos quefiz, são muitos... e eu também acho que, pessoalmente, nada mudou em mim...

- Desculpe-me - vou discordar do senhor - quando o senhor estava encarnado, magoava, ofendia e não se incomodava. Estava tudo bem. Hoje não. O senhor está diferente.

- Diferente como?

- Hoje - o senhor trataria aquelas pessoas como fez no passado?

- Não. De forma alguma.

- Isso é mudança. Significa que o senhor já formou uma consciência em relação ao que não quer mais para si.

- Veja... se acho que não mais agrediria os outros falando, esbravejando, se não o faço, sinto ainda vontade de fazê-lo...

- É natural... sabe-se lá onde estarão as raízes dessa agressividade. Pode ser que em algum momento de suas encarnações passadas, houve algum acontecimento que, traumatizando, levou-o a desenvolver isso, como uma forma de afastar os outros de si, de proteger-se. Pode também, ser fruto de má educação adquirida nesta vida mesmo...

R*= Tem lógica, tem lógica o que a senhora me diz. Recordo-me agora, que, muitas vezes, após explodir, depois, gostaria que não tivesse sido daquele modo...

- E o senhor nunca retomou aos que ofendera dizendo- lhes isso?

—Jamais... seria, como que, perder minha autoridade...

- E na realidade, não é bem assim, não é?

- E... verdade... gostei daquilo que a senhora disse de vidas passadas, traumas, defesas e não gostei muito da falta da educação, porém, em ambos os casos, o que, no meu problema, poder-se-á fazer?

- Iniciar o processo da auto-educação, isto é, aprender a trabalhar com o senhor mesmo, desde os sentimentos, redirecionando-os sob metas abrangentes, sobre ideais...

— E onde, diga-me, posso aprender tudo isso, conhecer minhas verdadeiras razões?

-Aqui mesmo. Temos classes dos mais variados níveis e certamente há uma adequada ao seu início. Convido-o a ficar.

— Obrigado. Fico sim com muito gosto. Há, aqui, um senhor que me convida a segui-lo. Posso?

Análise

Um caso delicado, no qual, ao contrário de tantos outros atendimentos ou como seria o habitual deles, a atendente, dada a lucidez do Espírito, falou mais que ele. *Não se deteve no passado, ao mal que porventura tenha feito, mas caminhou para frente até despertar-lhe a noção de possibilidade. Daí em diante, manteve-se o bom-senso que o direcionou a um final esperançoso.*

-133-

O Espírito presente, todo encolhido, braços cruzados, fronte pendida.

- Quer me contar o que está acontecendo?
- Procuro ajuda... preciso muito...
- Que tipo de ajuda lhe seria importante agora?
- Estou me sentindo muito doente... doem as costas, acho que estou com pneumonia... durmo na rua... sinto frio... tenho tonturas... boca seca... olha meus pés... rachados, inchados...
- E ninguém cuida do senhor?
- Não. Durmo na porta da igreja... aqui... ali... agora faz algum tempo que estou sentado aqui na rodoviária... acho que até estou com fome...
- Tudo isso vai se acomodar... vamos cuidar com todo carinho do senhor...
- Sabe... junto com isso, tenho um temor no coração...
- O que o senhor teme?
- Não sei... a senhora quer saber por que saí de casa?... Primeiro perdi minha esposa... depois meus três filhos se desviaram... lutei para que seguissem o bom caminho... nada... envolveram-se com traficantes... minhafilha, de quem esperava alguma coisa diferente, envolveu-se com homens, ora um, ora outro, descambou... aí, o mais velho foi preso... em casa, nada parava, vendiam tudo... fui desanimando, desanimando e comecei a beber... perdi a casa, abandonei o emprego e passei a viver de favor, aqui, ali... na rodoviária sempre me dão o que comer... de noite arrumo uns jornais, me cubro e vou *ficando* por aqui... mas agora...
- O que tem agora? - Agora, as pessoas passam, olham e nem notam que estou aqui. *Procurei um albergue, mas, atenderam todos, quando chegou a minha vez, fecharam a porta... aí, voltei pra cá...*
- Quem trouxe o senhor aqui? Quem o pegou lá na rodoviária?
- *Não. Eu estou* na rodoviária...
- Olhe bem. Talvez o senhor tenha desmaiado ou coisa assim. Foi retirado, então, de lá e trazido para cá... olhe bem... sinta o cheiro... estamos, o senhor e eu, em um hospital, olhe...
- *Estou em uma* cadeira de rodas...
- O senhor está muito fraco... seu caso é muito grave...

- *E... e* será que tem jeito ou vou morrer?
- O senhor tem medo da morte?
- Morrer!* Já pedi tanto que isso acontecesse... sonhei... lutei e acabei *assim...* *acho* que não tenho medo, não.
- E se ela acontecer, o senhor quer que avise alguém?
- *Não. Nem precisa...* estão todos presos... Mas, diga-me, quem *me trouxe para cá?*...
- Olhe novamente ao nosso redor... é possível que o senhor reconheça ou identifique alguém... olhe...
- Meu irmão?!! Veja só... enterrei ele em **63**...
- O que ele lhe diz?
- Que *levou muito tempo* para aceitar, mas depois que entendeu, *ficou mais fácil...*
- E o senhor pode ir com ele?
- *Ele* já está empurrando minha cadeira...

Análise

Um caso pungente, triste, no qual o Espírito verbaliza, traz para o presente a história de sua vida, a incursão no álcool, a rua, o desvalimento, a solidão.

Depreende-se dele uma conformação; nenhuma queixa ou revolta - apenas não o veem mais, não conversam com ele, detalhes todos que, somando-se, permitiram ser retirado da rodoviária. Destaque-se o argumento usado, quando ele afirma não estar no hospital e sim, manter-se lá.

A atendente não afirma - usa o "talvez o senhor tenha desmaiado", etc. e na afirmativa sincera que faz, de estar realmente no hospital, leva-o a sentir-se na cadeira de rodas e na sequência encontrar o irmão.

-134-

O Espírito apresenta-se aflito... olha para um lado, para outro...

-Procura algo?

- Acho que acabei me perdendo... estou aqui mas essa não é minha casa... o que aconteceu?

- De onde você vinha?

-Estava saindo da escola e indo para casa. Minha mãe vai ficar preocupada... já está tarde, não está? Acho que erreí o caminho...

- Espere. Vamos ver o que aconteceu.

-Como?

- Vamos voltar à escola. Conte ou tente lembrar o que aconteceu desde lá.

—Saí como todo dia... a escola é perto de casa, por isso posso ir sozinho... Fui andando, atravessei a rua, presto atenção e venho andando... Dona... eu não estou gostando muito do que estou lembrando...

-E o que é que você está lembrando?

-Aquele ônibus... acho que não prestei muita atenção... *caí*... bati *a* cabeça... machuquei muito...

-Por isso foi preciso que você lembrasse... Está ferido... precisa de cuidados, assim não pode voltar para casa... mamãe *vká* visitá-lo...

-Acho que não vai adiantar a senhora cuidar de mim, não. Não estou mais lá, não consegui sobreviver ao acidente... eu morri...

- E só o corpo que morre... A gente continua vivo... você está conversando comigo, contando o que aconteceu... continua vivo... Olhe ao nosso redor... talvez estejam aqui pessoas que você conheça e que vão ajudá-lo... olhe...

-Ah! eu conheço sim... é ela...

-E que mé?

- Ah! gosto tanto dela... é minha avó... || Vó, *que* saudades da senhora... vó... olha... a tia...

Análise

Um caso delicado, uma vez que se trata de uma criança.

A atendente, com tranquilidade, foi acompanhando-o nas suas lembranças. A lucidez em contar que não adiantaria a atendente cuidar dele porque já morrera, possibilitou encaminhá-lo para os braços da avó.

A necessidade dele, portanto, era deixar de procurar sua casa, o que lhe era ideia fixa, para abrir-se a outras possibilidades.

-135-

Espírito agitado, aflito.

-Ai nossa... que coisa horrível... parem de me falar, de me mostrar isso... não pode ser verdade... estou sonhando e esse pesadelo não passa... não acordo...

- E o que está incomodando tanto?

- Ah! eles ficam pondo na minha cabeça. Olha lá... mostram minha foto... mas aquilo é um túmulo... por quê? Por que estou vendo isso... acho que estou ficando louca...

- Estou aqui com você... as coisas não estão tão ruins assim... vê se você lembra o que fazia...

- Tá certo... eu estava na rua... todo mundo já tinha me falado que aquela brincadeira que eu fazia com a bicicleta ia dar problema... mas, aquele dia o carro só encostou...

-E...

-Não sei... ao lado de ver o túmulo, minha foto, tem horas que durmo, depois ouço gente chorar e minha mãe... ela parece que chora, me chama... Será que aconteceu alguma coisa mais grave... não, não é possível - estou falando...

- O que você quer dizer quando fala "alguma coisa mais grave"?

- Sei lá... morte? Morrer?

- Ninguém morre.

- Não?!!
- Não. Você tinha, por exemplo, um santo da sua devoção?
- Claro.
- E quem era esse santo?
- E... era alguém que já tinha vivido aqui, igual a nós...
- Então... na hora necessária o corpo foi sepultado lá no túmulo, mas, ele, a pessoa em si, continua vivo...
- A senhora está parecendo uma colega minha... ela é espírita e falava essas coisas aí...
- Então fica até mais fácil para você entender... desde a hora do acidente pessoas estão ao seu redor, tentando acordá-la, despertá-la para que as veja.
- Eééé! E como não vi ninguém?
- Lembra como chegou aqui? Estava desesperada pela visão do túmulo... não conseguia ver, nem ouvir ninguém...
- E agora?
- Você é quem vai dizer... olhe ao nosso redor... há mais alguém conosco?
- Madrinha! Madrinha!... então eu já morri?! Madrinha, como a senhora está bonita...

Análise

Ao invés de, logo no início, a atendente tentar convencer o Espírito de que a vida continua, foi deixando-o falar, expressar seus medos, entrar ela mesma em perguntas - "não é possível - estou falando".

A reflexão sobre o santo, apalavra da amiga, e as coisas se encaminhando a contento que a levaram aos braços da madrinha.

-136-

O médium apresenta expressão física triste, rosto contristado, parece chorar.

-Você está triste... o que está acontecendo?

Abre-se em franco pranto.

-Chore... faz bem... estou ao seu lado... não está só...

Aos poucos o choro vai se acalmando.

- O que está acontecendo? Quer me dizer?

—E uma sensação horrível... sinto-me flutuando... estou aflita... há algumas situações muito diferentes...

- Tranquelize seu coração... Não vou deixá-la.

- Sinto que sei o que aconteceu mas acho que não quero admitir... é tão difícil...

- Gostaria de falar a respeito?

— A gente deveria saber para então se preparar... a mudança é muito brusca...

-Veja... é normal, tudo isso que está percebendo, sentindo. Toda mudança exige uma fase de adaptação e quando estamos nela, tudo nos parece extremamente

difícil de entender, vencer, encontrar novos rumos, interesses...

— Entendo isso, mas a solidão é total. A não ser a senhora, agora, ninguém, nada... dá um medo assustador...

- Não seria natural, se isso não estivesse acontecendo... A senhora deixa uma realidade que conhecia, dominava e adentra em um campo onde, tudo parece igual, sendo totalmente diferente. Seu sentir é natural.

- Entendo... sinto a leveza, a beleza desse lugar... um misto de tranquilidade que logo após é retomado pela solidão, pelo desespero...

- Entretanto, desde o momento em que as coisas aconteceram, e aliás, até antes dele, muitos a chamavam... familiares... amigos... Certamente estão conosco aqui... Levante o rosto, olhe com atenção... veja, identifica alguém?

Fixa os olhos em algum lugar, arregala-os, põe a mão na boca e prorrompe em copioso pranto, abaixando a cabeça, como se a apoiasse em alguém que a abraçava.

Análise

O Espírito, conhecendo sua realidade, sente-se perdido pela falta de noções sobre o morrer. Só, desespera-se.

A atendente não se ateve em querer lhe provar nada, levando-a a entender-se natural, frente à mudança havida. Fala-lhe do auxílio que todos recebem, dos familiares e amigos entre os quais ela divisa alguém que profundamente a emociona.

-137-

Espírito quietinho, cabisbaixo, segura o rosto com as mãos.

- Então, está aí quietinho?

- Quem é você? Como me achou aqui?

- Ia passando... vi o senhor e pensei: - será que ele está precisando de alguma coisa? Nesse pensar, parei e dirigi-me ao senhor. Incomodo?

— Não. Não é esse caso. Estava aqui, se a senhora quer saber, pensando nas coisas que deveria ter feito... deveria ter sonhado mais...

- Por que avalia desse modo?

— As formas, o modo como fui levando a vida, as coisas... fazia só as mais fáceis e imprescindíveis, deixando sempre o tempo passar... amanhã faço...

- E aí...

- Ai o tempo, realmente passou. Fiquei velho, morri e o que tenho? Mãos vazias... nada a oferecer...

- Não existe nada que o senhor, olhando para trás, sinta saudade, queira retomar?

- Meu tempo de criança... desse, tenho orgulho...

- Porquê?

- Porque sonhava e no sonho tornava real muitos planos...

- O senhor teve filhos? Constituiu família?

-Não... nem filhos, nem família.

- Deve, porém, haver alguma coisa que o senhor tenha feito bem, por exemplo, o que fazia?

- Trabalhava e fui um bom trabalhador, fiel a ele... mas, isso nada significa... era minha obrigação.

-Amou especialmente a alguém?

- Talvez quando adolescente, não deve ter sido importante, pois nem me lembro. Mesmo em relação ao trabalho - de que adiantou se não usufruí?

- E só hoje o senhor está pensando nisso?

- É, nestes tempos. Achava que a morte era um descanso. Já sei que não é. Penso, mas não chego a conclusões... nada faz sentido...

- E se o senhor descobrisse o dinamismo dessa vida, no qual tudo é criação com meios próprios para o senhor fazer diferente, treinar, planejar, realizar projetos para, quando retomar, estar mais fortalecido... Que acha?

- Será que é possível? Por que morrer e ficar nessa pasmaceira, pior do que quando estava vivo é frustrante... Antes lá eu trabalhava bem, agora aqui...

-Afirmo-lhe, dou-lhe a certeza de que é possível preparar-se para recomeçar em outras bases...

- Mas... desculpe... não quero ser insistente... não sei aonde ir, o que fazer ou como fazer...

- Neste tempo em que estivemos conversando, várias pessoas juntaram-se a nós...

- Como? Por quê?

-Algumas, por viverem os mesmos questionamentos do senhor; outras são amigas, parentes que, estando há mais tempo nessa vida, vêm ajudar. Outras ainda cuidam, zelam por estes atendimentos... O senhor consegue ver alguém?

-Irineu... você aqui? Sempre tive certeza de que você nem sabia da minha existência!!!... Como?... ele está dizendo que fui eu quem o ensinou a trabalhar... Você me convida a segui-lo?... e me agradece?... Não entendo... Está bem!Eu vou com você.

Análise

Um caso delicado, difícil, de um Espírito que não descobria nada em si e não oferecendo à atendente nada palpável, continuava na vida espiritual, sem perspectivas.

No encaminhamento que prosseguia, reconhece Irineu que lhe era grato e decide-se por acompanhá-lo.

-138-

Aparência triste... cabisbaixa...

-O que foi?...

- Minha cabeça... estou zozona...

-Faz tempo?

- Não lembro quando começou... dói... dói...

-Vamos fazer assim: não pense em falar, o médico já está aqui... vai colocar uma medicação... a senhora respire profundamente... vai melhorar...

Após algum tempo, em que o Espírito, por duas ou três vezes respirou enquanto a atendente lhe dizia - isso... assim... assim... voltou a perguntar:

-Melhorou?

- A cabeça parou de chacoalhar... parece que estou melhor...

-Esteve doente?

-Sim.

-E o que era?

- Coração. Estava hospitalizada.

- E era grave?

- Coração é sempre grave, não é? Mas agora, acho que sarei. Estou tão bem. O remédio é bom e fez efeito rápido.

-A senhora percebeu que mudou de hospital?

- Percebi sim e este aqui é muito melhor. Acho até que sarei...

- Há pessoas aqui perto de nós, a senhora as conhece?

- Mas... já é hora da visita?

- Não... não... só quero saber se a senhora vê outras pessoas.

-Ah! sim... essa enfermeira é uma graça. Está falando que a senhora pode ir e que ela é que vai cuidar de mim...

Análise

Talvez o Espírito até saiba que desencarnou, porém, não está no momento de se conscientizar ou administrar o fato.

A necessidade dela, para que depois os Espíritos encaminhem outros procedimentos, era abrir campo mental, tirá-la da dor, da zoeira, para as posteriores providências.

-139-

O Espírito balança-se para frente, para trás. Esboça sons. Ouve quando a atendente o chama. Para e começa a produzir sons, difíceis de entender. Fica nesse quadro. Após algum tempo pronuncia com grande esforço, palavras soltas.

- pesada... movimentar... falar..

-Não se force tanto. Ouça-me... escute-me com atenção. Os médicos deste hospital já estão ao seu lado... vão tratá-lo... respire bem fundo... há substâncias a serem inaladas e que lhe farão muito bem... vamos... assim... de novo...

- Paga-se um preço muito alto por não se deixar conhecer... Nunca, veja bem - nunca dei chance para que ninguém me conhecesse por dentro... Ser diferente, ser impermeável, exige muito esforço...

- Nunca lhe disseram que impermeabilidade é fuga?

— Aparência é muito importante... a gente se mantém a salvo em condições de exercer comando sobre os outros que não passam de brutos, selvagens...

- Mas o senhor tem momentos a sós, com seu íntimo, consigo... quando dorme, por exemplo, como se esconde daquilo que foge?

- Não fujo. Não tenho para onde ir ou fugir, porque nada mais tenho que temer-sou gelo, pedra, ser impermeável, não sou humano...

- O senhor me faz recordar uma música que ouvia no rádio quando vinha para cá. Na letra, o cantor justamente, contava o caso do seu amor desdenhado. Sua inconformação foi tal que ele passou a descrer do amor, das pessoas, da vida...

- Isso nada tem a ver comigo... apaguei a memória... deixei de existir para ser pedra...

- Apesar do senhor falar assim, duro, incisivo, sinto-o triste... porquê?

- Não tem nada disso não... é imaginação sua...

- Não creio... olhe-se... permita-se sentir...

— Não quero... sou gelo...

- Ninguém o é ou se transforma em. Lembre-se da sua infância... as brincadeiras ingênuas... o riso franco, aberto... E a mamãe... seus ralhos... seus abraços... quanto tempo ninguém o abraça como ela fazia...

- Por favor, pare.

- Pois não. Pararei sim, mas dentro desse clima em que estamos, mergulhados em carinho pelo senhor, o que me diz da possibilidade de sentir-se abraçado... de voltar àqueles tempos em que a cabeça no ombro da mamãe trazia paz, parecendo que jamais nenhum mal poderia atingi-lo... Só por uns momentos, sinta o que nos envolve...

Voz titubeante, parece esforçar-se por não chorar, — Não quero... não quero... afaste-se... Não... não vá embora... Mamãe... mamãe...

Análise

Como explicar a forma inicial com a qual o Espírito se apresentou? Podemos refletir que, sentindo-se ferido em algum momento da caminhada, isolou-se a ponto de introverter-se. Não se expressava pela palavra falada.

Quando instado teve dificuldades, sanadas pelo tratamento recebido e insistência da atendente. Esta foi prudente. Não quis em nenhum momento, saber o que aconteceu. Ateve-se na necessidade do momento - "sou pedra", "nada sinto" - com bom senso ela o retirou desse pensamento, levando-o à infância, aos folguedos, à mãe.

Poder-se-ia dizer: - Mas o trauma, o caso em si não foi aventado.

Se a atendente se detivesse nessa abordagem, nada conseguiria, a não ser choque de ideias. A necessidade primeira era acordar-lhe o sentimento e isso foi feito. Daí para frente, quando menos triste e refratário, as coisas acontecerão normalmente.

-140-

Espírito aflito, inquieto, olha para seu lado, para outro, parece procurar pessoas... Subitamente, como que em desvario, começa a falar, como se o fizesse só para si.

- O ano danado esse **1963**... quanta reunião, planejamento e agora? Como agir agora? Nosso aparelho foi descoberto. Já sabem da iminência do golpe, os membros do partido... a contra-revolução... Hélio... é... para o partido meu nome é Hélio... mas, meu nome é outro... ah! lembro... para os membros do partido, o que fora antes não mais deve existir, não conta... tenho que pensar só na revolução... revolução... Elisa... não... não tenho mais o direito de amá-la e ela é tão linda, incorruptível, admirável... ela não pertence ao partido... é contra... não posso, não posso lembrar... sentir. Devo promover os atentados que mostrem ao povo os perigos da direita absolutista... Nada pode levar-nos a abortar os planos... Rápido... tenho que pensar rápido... eu contei a ela... ninguém poderia saber... Ela vai voltar... rápido... rápido... pense... **O** barco... o barco precisa explodir... preciso ser frio... vou suportar... preciso ficar calmo... Elisa... ela vai morrer... Praxedes, você está sob minhas ordens... detone...

Silêncio total, apenas respiração opressa, entrecortada... Mais calmo, expressa-se.

-Pronto. Cumpri minha obrigação.

-E daí?

-Daí começou o processo da minha desumanização.

- Eu lhe proponho uma reversão... o que acha?

- E quem acreditaria? Nem eu acredito.

-Veja... muito tempo já passou... estamos em **2007**... vamos deixar Hélio e retomar-se como alguém que é e não como alguém que por determinado tempo anulou-se por uma ideia... Tome conhecimento do lugar agradável em que estamos... há música... consegue ouvir?

- Sinto em meu íntimo, nas fibras geladas que me constituem, empedernidas e duras como que uma vibração... não sei explicar... parece que elas tremem...

-Ouve também?

Vira o rosto lentamente...

; - Há algo... mas está sepultado há tanto tempo... é suave... muito suave. Gostaria de enxergar de onde vem isso...

- É possível, pois está próximo a nós... Olhe atentamente... sinta... ouça...

- Tenho dificuldades para me mover...

- Mova só os olhos... encontrará a fonte...

- Vejo uma mão... essa mão se aproxima... E tão delicada... não... não deve tocar-me... esse perfume... esse perfume de alfazema... Meu Deus... meu Deus. .,

Análise

Espírito detido em ocorrências passadas... justifica-se com a "consciência" do

dever cumprido. Não lhe sai da cabeça, porém, a ordem dada de explodir o barco em que estava a amada. Decidiu-se por, segundo ele, criar "fibras geladas". O trato com o sentimento, sutilmente abordado ou trazido à tona, pelo atendente, levou a culminar que ele enxergasse algo, que certamente esteve a seu lado sempre, mas que ele, envolto em culpas, não conseguia ver.

- 141 -

-Quero ir embora. Preciso me esconder... vamos!;, vamos...

- Que se passa? Por que se esconder?

-Olha aqui... me encaixaram neste corpo e minhas deficiências estão todas aparentes. Todos estão me vendo.,

-E isso é ruim?

- Preciso camuflar... A gente vive de zoeira... traquinagem... camuflar... eles perseguem...

-Quem são eles?

- Eles aí... —ficam de pé observando, são os donos da verdade.

-Não existe isso.

- Tenho a pele dura como a casca de uma árvore... Não sei por que me pegaram... eles vêm em grupo, pegam no braço, muitos continuam lá agachados, escondidos, com a cabeça no meio dos joelhos... eles não querem saber... pegam mesmo... Com a gente foi assim... eu e eles aí... Falar... falar o quê? Não tenho coragem... veja... vocês aí todos bonitinhos, limpinhos e nós? Olhe aí... veja que nojo... minhas unhas—és ó terra, lama... lama...

- De onde vocês estão vindo?...

-E, é lá da vala... é um barreiro só... Eles foram lá... eles querem salvar a gente, não é isso?

-Não. Ninguém salva ninguém. Eles apenas iam passando e sentiram que vocês precisavam de ajuda...

-Ainda acho que eles querem salvar... aquele moço, está dizendo que receberam pedidos para ir lá... Quem? Quem pediu?...

Algum silêncio... depois...

-Eles disseram que o Luiz começou a lembrar de umas senhoras que também quiseram salvá-lo... que havia uma sala grande, aberta, uma mesa comprida, a caneca de leite quentinho, o pão... Ele diz que quando o Luiz chamou essas senhoras, elas pediram para os moços irem lá na vala e salvar todos nós...

- Que bonito... e onde está o Luiz? Ele está aqui... ele é meio tonto... agora está me chamando... só falta eu no grupo... Nossa... tem um moço aqui com uma pilha de roupas todas limpinhas... limpinhas. O Luiz... eu vou com vocês mas ninguém vai me dar banho, hem?! Esperem, esperem... já estou indo... ele esqueceu que não posso correr...

Análise

Destaque-se a sutileza do atendente, primeiramente em não querer saber qual a deficiência. Quando diz que são donos da verdade, também não há discussão, uma vez que ele não se deteve na afirmação do atendente; prosseguiu este apenas com pequenas perguntas que o levaram a contar um desenrolar muito interessante, no qual todo um grupo é ajudado pela lembrança de alguém que em algum momento recebeu atenção, cuidados de alguém... A lembrança do bem recebido atraiu a senhora que se sabe lá quando, trabalhando em algum lugar de auxílio, ajudou-o, e agora, evocada, lembrada, envia o mesmo auxílio ao rapaz.

Poderíamos pensar: - por que se comunicou esse e não o **Luiz**?

Talvez possamos pensar que o Luiz, por já estar desejando sair, por ansiar por coisas melhores, estava mais à vontade em meio a esse auxílio, ao contrário do outro, que estava bravo por expor suas deficiências, como ele se referiu. O Luiz já estava acessível e este não. Seria isso?...

O importante é que todo um grupo foi ajudado pela lembrança de um bem recebido, através de alguém anônima, mas que marcou o que recebera.

-142-

Espírito empertigado, calmo, olha aqui, ali e pergunta:

- *Por* favor, que dia é hoje?

- O senhor quer saber como? Dia da semana, do mês...

-Não. Tudo. Dia, mês, ano.

- Estamos no dia **6** de agosto de **2007**.

—Nossa... preciso me localizar no tempo. Deixe-me ver... estava ou estive em um hospital... morri... e parece que dormi. Mas como?... **2007**...fiquei dormindo mais de vinte anos... como pode... parado ?... dormindo ?...

- Lembra-se como despertou?

—Não sei. Recordo que alguém me tratava... era como uma reabilitação, um tratamento...

- Como o senhor vê as coisas agora?

-Sinto-me bem, caminho, tudo normal, porém, só converso com quem cuida de mim, quando ele vai ao quarto.

- E por que veio aqui?

— Faz parte do tratamento.

- Que interessante. Pode me explicar melhor?

— *Venho, por exemplo*, para notar a diferença entre você e eu.

-E o que nota?

-Não sei explicar... é uma energia, é assim que se fala? Uma coisa, uma força diferente.

-A que atribui?

-Essa diferença...?... não sei bem... veja... também não entendo... para falar com você, preciso desse outro... a sensação *é* que estou desacordado...acordando, sei

lá... gostaria de entender...

-Veja... este rapaz através do qual o senhor fala, possui, por compromisso e necessidade dele, uma sensibilidade ampliada. Quando o senhor fala comigo, não quer dizer que o senhor entrou dentro dele. Não. Isso jamais acontece. Voltando ao seu caso neste trabalho, aliado à vontade, as ondas energéticas de seu perispírito, formam, por assim dizer, as exteriorizações do seu corpo espiritual. Ele passa, então, a sentir, ele capta suas necessidades e na ligação mente a mente, transmite, no caso, o que o senhor sente, precisa... Consegue me entender?... Olhe... o senhor não está "dentro" do rapaz...

- Sim, sim, eu entendo... eles me falaram sobre isso e trouxeram-me justamente para que tudo ficasse mais claro... Agora, veja, mesmo não estando dentro do moço — não conseguia entender isso - sinto o peso do corpo material que é muito diferente do que tenho agora... A sensação chega a ser ruim...

- Que sensação que chega a ser ruim? — *Sentir o corpo...*

-Adiferença, realmente, deve ser muito grande...

- E, a matéria é muito, muito diferente. Foi muito bom eles permitirem que eu conhecesse na prática como tudo que eles me ensinaram funciona. Não conseguia entender como funciona o meu corpo e essa forma de comunicação... Agradeço a paciência e os cuidados da senhora. Eles estão dizendo que por hoje basta...

Análise

Um caso totalmente diferente. Nota-se no desenrolar dos fatos, que o senhor já era aluno, aprendiz das realidades espíritas, sem conseguir, porém, assimilá-las como realidade.

Necessitava entender como funciona a comunicação, sentir a diferença vibratória entre um corpo material e um espiritual, para depois, certamente, prosseguir em planos dos Amigos Espirituais que desconhecemos. Não havia neste caso, uma necessidade emocional, sofrida, dura e sim a necessidade de entender para prosseguir.

-143-

Ríspido, o Espírito vem irritado...

—Acham que podem tudo, né? Vocês se acham os tais...

- Por que o senhor diz isso?

— Acham que podem falar com qualquer um... julgam-se doutores... os sabichões... Sabem tudo da vida... têm sempre razões para convencer...

Não é bem assim, senhor...

—Esses coitadinhos... esses desengonçados... nem sabem que estão mortos... é com eles que vocês devem gastar o latim... olha, olha lá... estão todos parados no tempo...

- E a sua situação, qual é?

— Não é desrespeito, não... estou falando a verdade...

—O senhor está ofendido comigo?

—Não é com a senhora... eles é que estão me chamando atenção...

-Tranquelize-se... continuemos nossa conversa...

— É Sou rico, muito rico... sempre vivi com o bom e o melhor... de repente... largo tudo... esse lugar miserável... e encontro o quê? — pessoas que se dizem de coração aberto para me ajudar -francamente - estou no fundo do poço... Tem mais — não consigo entender, como cada um de vocês, sai de casa, deixa de ficar bem acomodado, sair, passear, para vir aqui cuidar de desgraçados...

Se o senhor prestar atenção, notará em cada um o prazer que sentem ao minorar uma dor, uma necessidade....

hw-Não tem lógica tudo isso... e ainda por cima, aparecem aqueles lá dizendo que o meu caso só um novo corpo poderá ajudar... não quero... não quero de jeito nenhum... como? como encarnar portando debilidades? Tenho cultura... sou rico... e vou ser exposto? Nunca... Isso tudo, essas histórias e propostas são boas para tipos passivos como aquele ali... veja... o homem está todo bravo, e ele calmamente ouve... ora, reza, sei lá por ele... só para tolos e incultos mesmo...

- Peço que o senhor olhe o quadro que vão mostrar-lhe e veja quem é esse que o senhor chama de passivo... veja...

-Ah! Mas ele ficou assim porque foi reduzido...

-Não, senhor. Ninguém o reduziu. Ele o fez trabalhando consigo.

- Ele também não queria reencarnar...

- E veja como foi bom para ele... Diga-me - o senhor não quer ou não tem coragem?

- Como? Como vou ser humilde como esse daí... não tem condição...

- Certamente a última reencarnação deve ter-lhe ensinado muito...

—Humildade...

- O senhor está assustado, mas, terá agora ou mais tarde que fazer aquilo que ninguém vai poder fazer pelo senhor...

-E o que é?

-Trabalhar.

-Tra-ba-lhar? !?!?!?

- Sim, trabalhar, trabalhando-se...

-Não posso... nem tenho conhecimentos...

- Se o senhor quiser de verdade, tudo virá a seu tempo...

- Como? Esperar para reencarnar e ainda com problemas?

- Não. Aí, no local, no lugar em que o senhor está ou se quiser ficar conosco, apresentar-se-ão situações inúmeras com as quais o senhor poderá começar a ser útil a mais alguém que não seja só o senhor, sei lá... ajudando alguém se levantar, levar um copo de água, catar um papel jogado ao chão... Inclusive, veja, com suas novas atitudes, é possível que haja um atenuamento quando doseu reencarne...

- Não quero decidir nada, por enquanto. Tenho que pensar muito e esse moço aí disse que responderá a tudo o que preciso saber... Quero, ou melhor, deixem-me ficar...

Análise

Um Espírito orgulhoso, tendencioso, desmerecia tudo. Isso requer do entrevistador cuidado no sentido de não se dispor a refutar suas apreciações, o que resultaria em discussão inútil. É o momento em que ele, Espírito, vê as coisas desse modo.

A revolta ante o reencarne, que presume ou lhe disseram, não sabemos, com algum problema, o orgulho exacerbado pelo dinheiro ou cultura, não lhe ofereciam saída. As reflexões ponderadas, o conhecer em pinceladas rápidas o passado do outro que, pela surpresa dele, parece ter sido superior ao seu, a possibilidade de, através de pequenas atitudes, arregimentar méritos, levaram-no ao menos, a pensar e a desejar ficar. Esta era a necessidade do Espírito e o objetivo de sua estada na reunião — tirá-lo do círculo apertado no qual se mantinha e vislumbrar possibilidades.*

-144-

- Vim aqui porque sou seu amigo...

- **Que ótimo. Muito prazer em recebê-lo.**

—Não é bem assim. Repito—sou seu amigo e vim avisá-la de que as coisas não estão bem para o seu lado. Sua situação está complicada... eles sabem muito a seu respeito...

-**Escute...**

- Não. Escute você... abra os olhos... veja como se comporta... fique esperta... tem muita coisa ruim para acontecer...

- **Muito bem. Se você sabe tanto, diga-me - o que estão pretendendo?**

- Não sei, ou melhor, não posso falar. Só vim avisar porque sou amigo.

- **Por isso mesmo - amigos se amparam, o que sabe deve dizer-me.**

-Não. Isso não seria bom para mim... Eles descobririam e aí ia sobrar pra mim... Só vim avisar.

-**Já que está aqui, como amiga, convido-o a ficar, descansar um pouco, conhecer pessoas, alimentar-se... o que acha?**

—E um convite interessante... acho que posso aceitá-lo, uma vez que tenho algum tempo livre. Você vai comigo?

-**Agora, imediatamente, não posso. Tenho algum trabalho, ainda. Peço-lhe, porém, que acompanhe esse rapaz, que sendo meu amigo, passa a ser seu também. Ele o acompanhará...**

- Então, até mais.

Análise:

Nota-se, pela insistência em frisar-se amigo e nos avisos que repetidamente fazia,

a intenção, talvez, de amedrontar, fazer da atendente seu parceiro em possíveis tratos ou simplesmente alguém leviano, brincalhão, frívolo. Não sabemos. O importante é que a atendente não absorveu o convite e conseguiu virar o enfoque para ele, Espírito.

Essa forma de atender, porém, poderia ter resultado em desfechos menos felizes - por exemplo - quando o atendente pressiona-o a dizer o que sabe, poderia, se ele fosse mais malicioso e astuto, iniciar-se longa série de situações, difíceis de serem contornadas e talvez, ao ver-se descoberto, ele simplesmente se desligasse do médium. Após esses raciocínios na avaliação, concluímos que a melhor forma seria a que se segue...

— Vim aqui porque sou seu amigo...

—Que ótimo. Muito prazer em recebê-lo.

—Não é bem assim. Repito—sou seu amigo e vim avisá-la de que as coisas não estão bem para o seu lado. Sua situação está complicada... eles sabem muito a seu respeito...

-Escute...

— Não. Escute você... abra os olhos... veja como se comporta... fique esperta... tem muita coisa ruim para acontecer...

-Agradeço sua amizade e preocupação para comigo, mas veja, é da Lei Maior que governa tudo quanto existe, que ninguém passe ou sofra por aquilo que não merece. Se eu tiver pela frente, momentos difíceis, isto quer dizer, que eu semeiei situações complicadas e agora frente à misericórdia de um Pai de Amor, fui preparada, assumi esses momentos e devo estar pronta para fazer frente a eles. Obrigado por seu aviso de amigo e convido-o a que ore comigo para que tenhamos força, entendimento, confiança para não falhar... o que pensa?...

- Acho que quero ir embora... tem uma moça ali me chamando... vou com ela...

Análise

Essa forma seria a mais esclarecedora ao Espírito. O atendente, falando devagar e pausadamente, sem de modo algum lhe chamar a atenção, estaria elucidando-o sobre a realidade da vida em suas várias repercussões, tanto no plano material como espiritual e frente às certezas expostas, o Espírito sentir-se-ia descoberto e ao desejar ir embora é convidado a ficar, o que no momento lhe pareceu ótimo, pois evitava que o diálogo no qual forçosamente ele se revelaria, prosseguisse.

-145-

O Espírito parece entristecido. Suspira fundo...

-Posso ajudar?

-A cabeça roda, roda... estou tonta...

- Quando começou?

- Não lembro bem. Estou muito doente, internada no hospital. Ai, como dói... Essa doença é terrível... Acho que acabei a quimioterapia... não lembro... meu

estômago...dói muito...

- O que a senhora sabe da sua doença?
- Sei que é grave. Não sei se já passei ou se vão me levar para a cirurgia... Espere... acho que já operei... olhe que corte grande...
- A senhora tem ou teve medo?
- E natural né... agente sempre tem um pouco de medo... alguma coisa pode complicar e aí...
- Aí o quê?
- Ah! pode morrer, né?
- E se isso acontecer? Como a senhora acha que reagirá? —*Acho que bem... é a vontade de Deus né...*
- Sinto que a senhora está melhorzinha...
- Estou sim. Sabe o que estou estranhando?
- Não. O quê?
- Não estou vendo nenhum familiar. Eles foram avisados dessa mudança de hospital?
- Já está tudo certo. Mas aqui entre nós há muitas pessoas... a senhora vê ou conhece alguém?
- E, tem muita gente... não... não conheço... espera... -O que foi?
- Minha irmã... minha irmã está aqui...
- Que ótimo. Ela pode falar com a senhora?
- Sim, ela já está aqui bem junto a mim.
- E o que ela lhe diz?

Atendimento A Desencarnados

- Que eu sou bem-vinda... que tudo acontece na hora certa... que ela vai cuidar de mim, ensinar tudo que preciso saber...
- Fico feliz pela senhora... pode ir com ela. Jesus a abençoe.

Análise

Ressalta neste caso a crença, a fé em Deus, a aceitação dos fatos, a confiança nesse amparo, o que tomou tranquilo o encadear dos raciocínios. A presença da irmã recebida como natural, o fato de sentir-se bem-vinda, dão ao atendimento um tom de suave paz.

-146-

O Espírito respira entrecortado como se estivesse chorando. Balança a cabeça como que inconformado.

- O que foi? Está triste? Por que balança a cabeça?
- Já estou cansada... não me conformo de ser trazida aqui outra vez.
- Já estive aqui?
- Sim, por duas vezes e nada se *resolve*.
- Como nada se resolve? Quando a senhora sai daqui, para onde vai?

- Eles me levam para o quarto mas eu fujo... Eles me pegam e trazem de novo...
- Porque foge?
- Porque eles falam coisas que não quero ouvir... falam desse meu corpo... não quero esse... quero o outro... quero que seja como o outro...
- A senhora sabe que isso não é possível, não sabe?
 - Mas, vocês não falam do livre-arbítrio? Por que não *posso escolher*? Não aceito ter deixado meu corpo... Tenho tanta *coisa para fazer... viver... criar, ver meus filhos crescerem...*
- Tudo isso poderá continuar aí nessa vida em que a senhora está agora... A senhora sabe que todos morremos...
- Não podia ser agora... não me conformo...
 - Já explicaram à senhora por que, nesse momento da sua vida, teve que deixar tudo e partir?
 - **Não.** Simplesmente morri... tive que deixar tudo e as *crianças então...* eles precisam de mim, têm dez e quinze anos... *não me conformo...*
 - Veja... todos nós temos necessidades e se a senhora morreu nesse momento de sua vida é porque era sobremodo necessário.
 - Como ? Me explica melhor...
- Não posso falar do seu caso... Posso, se quiser, dar um exemplo... entenda bem - é um exemplo - não é o seu caso...
- Entendi... como é o exemplo?
 - Digamos que em alguma das minhas vidas passadas eu tenha me suicidado... é da justiça que eu aprenda a valorizar a vida. Como? Exatamente sendo retirada do meu cenário no momento em que, estando bem, preferiria não morrer, ficar...
 - E as crianças? Por que ficar sem a mãe?
- Não sabemos... talvez, e também como exemplo, podem ter sido aqueles que abandonaram, um dia no tempo, a família ou denegriram a bênção de um lar... especificamente, não sabemos... há, porém, motivos e eles são justos...
- Começo a compreender mas tenho medo...
 - É natural que tenha medo... é tudo muito novo para a senhora... Quando for o tempo, se for útil, a senhora poderá ser levada para consultar arquivos através dos quais entenderá todos esses porquês que agora a afligem...
 - Tenho medo... muito medo... fui, sou imperfeita,, de uma soberba imensa... tenho medo de pensar com o que posso me deparar...
- As coisas não se passarão assim... Agora, a senhora está doentinha... precisa de cuidados, tratamento. Com o passar do tempo, conforme for se fortalecendo, tudo lhe parecerá diferente. Pense ainda mais um detalhe - na vida material a senhora veio antes dos filhos e os recebeu... agora a mesma coisa... quando chegar a hora deles retomarem, certamente a senhora já estará preparada para recebê-los...
- E eu os verei antes disso?
 - Certamente. Agora, nesse estado em que está não há condições. A senhora

os assustaria e se desequilibraria mais. Na proporção, porém, em que a senhora trabalhar em si a ajuda que receberá, eles serão trazidos para abraçá-la, para as longas conversas do amor... A senhora me entende?

-Entendo... tem lógica tudo quanto me diz, mas repito..._tenho medo...

- E se eu lhe disser que a senhora não ficará sozinha... que há uma senhora nossa amiga, que estará o tempo todo, explicando, fortalecendo, conversando como estamos fazendo agora... isso a tranquilizaria um pouco?

- Sem dúvida... eu entendi... não vou mais fugir... acho... acho não, quero ser tratada... ajudem-me...

Análise

Um caso difícil, entrecortado por muito choro e que exigiu do atendente falar muito envolto em calma e paciência, fatores que culminavam em pacificar esse coração aflito, na proporção necessária para desejar tratar-se.

- 147 -

O Espírito apresenta-se inquieto, muito aflito. Não tem sossego. Esfrega as mãos, passa-as em seguida nos cabelos. Está agitado.

- O que acontece que o deixa nesse estado?

— E a culpa... culpa, sabe o que é isso... ela não me deixa... sofro, sofro e não consigo dela me livrar. A vida toda ela me perseguiu. Pensei que quando morresse me livraria dela... mas qual... ela está comigo... continuo sofrendo... tem horas que penso enlouquecer...

- Seria bom para o senhor falar sobre o acontecido? Quem sabe podemos ajudar.

- Que aflição... sabe... fui testemunha de um assassinato... vi tudo e me calei... não tive coragem de denunciar o criminoso. Fui covarde... presenciei e nunca disse nada...

- A culpa que o senhor carrega então, é referente ao fato de não ter denunciado o criminoso?

- Sem dúvida... está certo que ele me ameaçou... mas a pessoa assassinada era minha amiga... não podia ter feito isso com ela... fui fraco... covarde... covarde... Tinha que ter sido leal a ela... além de covarde sinto que a traí...

- Veja, senhor... estas lembranças suas são fatos já acontecidos e em nada podemos mudá-los... O que o senhor acha de caminharmos daqui para frente?

mjl^Como, senhora?... para qualquer lado que vá, os quadros são reais, a culpa é imensa...

- O assassino, descoberto ou não, está incurso na lei que ele desequilibrou e dia mais ou menos, terá que restaurá-la O senhor por medo ou covardia como diz, está em sofrimento atroz. E a sua amiga - o senhorá parou para pensar nela?

- Não... agora que a senhora pergunta e também por isso me culpo - nunca parei para pensar nela; jamais pedi a Deus lembrando-me dela... era só eu, eu, a

minha culpa...

- O senhor pode admitir a hipótese de que ela já tenha entendido os porquês desse desencarne tão doloroso e superando- os, não pense como o senhor, isto é, não vê as coisas do mesmo modo seu?

- **Será** que isso é possível? **Não** acredito muito...

- E se o fato tivesse sido ao contrário - o senhor o assassinado e ela a testemunha muda... Passado todo esse tempo o senhor seria capaz de entender os motivos dela e até mesmo sua covardia?

-Penso que sim... mas isso não aconteceu...

- E se o senhor a visse novamente, como agiria?

-Por favor, senhora... nem pense uma coisa dessas... não teria coragem de olhá-la, encará-la... sentiria muita vergonha... gostaria mesmo é de fugir...

- E no entanto, é possível que há muito ela o procure... o senhor não lhe oferece espaço para aproximação... levante os olhos... olhe de frente...

- Meu Deus!!! Meu Deus!... tire-me daqui... é ela... ela está chegando... espere... Meu Deus, ela está sorrindo e vem ao meu encontro... não posso acreditar... Meu Deus...

Análise

Um caso delicado, onde alguém já em vida desequilibrou- se espiritualmente falando, por alimentar-se e carregar o sentimento da culpa.

A atendente foi perspicaz não lhe dizendo se agiu certo ou errado, mas convidando-o a trabalhar hipóteses ou possibilidades olhando para frente, não se detendo ou voltando ao passado. Quando o Espírito consegue sair da prisão mental, na qual se mantinha, abriu-se todo um campo novo, possibilitador este de enxergar a amiga.

-148-

- Não quero... Não adianta vir com a mesma lengalenga... não quero reencarnar... estou muito bem como estou...

-E como está?

-Desse jeito, não está vendo? Não fosse essa insistência de vocês, eu diria que estou ótimo...

- Sabe, em meio a isso, que todos temos que reencarnar, não sabe?

-Ainda assim não quero...

- Deve haver alguma razão muito forte para essa recusa... quer falar sobre elas?

- Tenho responsabilidades, entende?... aqui estou bem, tenho tudo o que preciso... voltar vai significar problemas, sofrimentos, dores e as limitações...

-Apesar disso, você sabe que a reencarnação vai ser o único e melhor meio para se libertar, não sabe?

- Dona... tenho medo... medo de sofrer e fracassar...

-Não é assim que as coisas funcionam... Jamais lhe será dado um fardo superior às suas forças... Tudo vai ser pesado, avaliado e a sua capacidade para vencer será sempre maior que a sua necessidade...

- Não entendi bem... podia me explicar melhor?

- Claro... imaginemos que o senhor me deva, digamos, duzentos quilos de açúcar. Esse é o seu desequilíbrio - é um fato. O senhor, entretanto, não tem como carregar esses duzentos quilos - essa é sua capacidade - a necessidade seria carregar duzentos quilos mas sua capacidade só lhe faculta carregar cinco, talvez seis ou dez quilos...

- Será que a senhora quer dizer, que tudo o que vai ser minha nova reencarnação, por mais problemas que venha a ter, é um mínimo e que terei forças sobrando para carregar *esse mínimo*?

-Muito bem! É isso mesmo... o senhor entendeu direitinho... além disso, o senhor renascerá num lar, certamente cercado de amor, do carinho daqueles que o esperam... ainda... está ligado à casa espiritual que o acolhe e os amigos espirituais jamais lhe faltarão... Terá amigos, outras crianças, com necessidades especiais ou não, irmãos, enfim, toda uma existência planejada junto com você para que ao final dela retome vitorioso... o que pensa?...

— Nossa... a senhora me entusiasmou... onde posso ir ou quem pode me mostrar se é assim mesmo?

- Estes companheiros aqui... junto com o senhor discutirão os aspectos mais necessários ou possíveis... Pode acompanhá-los e seja feliz.

Análise

Atendimento difícil exigindo muito do atendente. Tratava-se de alguém revoltado, teimoso, fechado dentro do seu ponto de vista.

Cautela, firmeza, delicadeza, bom senso, segurança do atendente levaram-no a falar do porquê do seu não querer - responsabilidades. Daí para frente, os argumentos doutrinários propiciaram, através de raciocínios simples, entender que se reencarna para ser feliz e não para pagar dívidas, como infelizmente ainda muitos pensam.

-149-

- Ajuda... ajuda... preciso de ajuda... Disseram-me que aqui encontraria... Aonde vou? Com quem devo falar?...

Afobado, inquieto, o Espírito se expressava agitadíssimo.

- Que demora, hein?! Ninguém para atender... que coisa...

- Estou aqui. O que o senhor precisa?

- Como estou dizendo desde que aqui cheguei - preciso de ajuda - a senhora entendeu?

- Que tipo de ajuda necessita?

- Para me vingar, ora essa... para que mais seria?

- E por que o senhor quer vingar-se?
- Porque existe um certo alguém que me deixou assim... olhe... mutilado... me espancaram, mataram e depois me esquartejaram jogando os pedacinhos para todo o lado... Acho que andei meio dormindo... agora acordei e é atrás deles que eu vou...
- O senhor não tem condições... não parece muito bem...
- Não quero nenhum tipo de ajuda. Sei que estou morto, mutilado... só quero achar a tal pessoa... o resto eu faço... não me venha com médico, remédio... sei direitinho como fiquei... é só pedaço...
- Pedaço?... e esse corpo inteirinho que o senhor tem? Não é seu por acaso?
- Que corpo que nada... isso são uns pedaços que consegui pegar e amarrei assim para poder me arrastar e me vingar... preciso achar essa pessoa...
- Olhe-se bem, senhor... O seu corpo está inteiro... aqueles pedaços já se decompuseram... nada mais existe daquele seu corpo de carne... O senhor tem esse outro aí... olhe-se...apalpe-se... sinta- se...
- Silêncio demorado... toca as pernas, os braços, o rosto, demonstra surpresa e...
- ***O que é isso?... O que vocês fizeram?***
- Ninguém fez nada. Quando o senhor morreu, apenas o seu corpo físico foi maltratado. A parte espiritual que vivificava aquela matéria, esta nada sofreu...
- ***Parte espiritual?... O que é isso?...***
- Espírito, alma, fantasma, o senhor nunca ouviu falar nisso?
- ***Você quer dizer que eu sou isso? Um fantasma?***
- Não. O senhor é um Espírito imortal que naquele momento em que o mataram animava um corpo material. Destruindo este, o ser espiritual, o Espírito continua vivendo... é o senhor...
- ***Negativo... aquele cheiro ruim. aqueles bichos eram reais... aliás, onde estão?...***
- O senhor ficou detido nos horrores por que passou e a sua mente fechou-se naquelas cenas... Agora, conversando, o senhor saiu daquele bloqueio e possibilitou-se enxergar como Espírito imortal que é...
- ***Dona... ou estou louco ou a senhora está. Tem alguém que possa me mostrar como tudo isso funciona?***
- Sem dúvida... há muito material para lhe ser mostrado... pode acompanhar este moço...

Análise

Situação difícil, triste e o desejo de vingança alimentado, sabe-se lá por quanto tempo... A descrição do que a mente cria e mantém, o como o Espírito se detém, e a dificuldade de entender- se imortal, a falta de alguma reflexão espiritual, tudo contribuindo para drama tão pungente.

A atendente, com bom humor, mas firme, coerente, conduziu-o a uma realidade jamais imaginada e que se lhe representou tão abrangente e inusitada, que o fez

tirar da mente a vingança e querer conhecer mais.

- 150 -

- *Ai, ai, ai, ai, ai, ai...* com entonação de revolta, voz dura, descontente. Repete esse ai, ai, ai, por duas vezes...

-Que se passa? Por que tal desconforto?

- *Estou muito, muito irritado... Tudo aqui me áesagrada; me é contrário e simplesmente não vou responder por mim...*

-Como se explica o fato de estar aqui?

- *Estou sendo coagido...*

-Como coagido?

-*Ninguém me convidou. Convidaram a ele, não a mim...*

- Desculpe, mas se ele foi convidado por que o senhor vrio?

- *Porque ele me pertence...*

-Será que alguém é propriedade, posse de outrem?

- *Ele é meu-pertence-me.*

- E o senhor, a quem pertence?

-*Hoje eu mando... eu sou dono...*

-Pense... o senhor é pertencido...

- *Que ousadia!!! Como faz essa afirmação?*

-Veja... seja o que for que houve entre vocês no passado, ele saiu, deixou o passado para trás, caminhou... no entanto, olhe para o senhor: mal cuidado, irritado, descompensado em todos os aspectos... se analisar verá que essa situação mantida, determina seus passos, suas ações...

-*Não me interessa... isso tudo é jogo de palavras... eu sou livre!*

- Como livre? O senhor só faz e só pode se dedicar ao seu ódio... o senhor não faz mais nada... é escravo dele...

- *Na realidade, liberdade não existe, ela é sempre vlativa... há uma relação entre os fatos e os desejos.*

-O senhor pode estabelecê-la?

— *Vou ser educado... tenho problemas e não há tempo senão para vingança, dentro da injustiça... a pessoa maltrata, maltrata e hoje está ai... se a senhora for olhar agora, ele está lá, olha, olha — que ódio isso me dá — está lá, lendo um livro, se preparando para vir pra cá... e todos, todos cuidam dele... A senhora não entende...*

—Explique-me...

— *São questões de honra, liberdade, noção de vida—as coisas têm que ser na hora—por exemplo, uma mulher grávida, na hora certa, o bebê tem que nascer, não é?*

Alguém doente, na medida do tratamento, na hora certa... liberdade, liberdade relativa... Para mim a liberdade de escolher está em primeiro lugar—e eu já

escolhi, eu quero e se precisar da eternidade vou continuar tentando... quero alioh! Cara a cara... E não sou só eu não... ele também quando estava desse lado, me atormentava... queria esse cara a cara...

— O senhor não percebe a bola de neve que continuamente se toma maior—ele, deste lado, procura o senhor... agora o inverso... quando isso se alterará?

— *Esse senhor ai já me falou de estarmos a cada vez MS endividando mais, nos separando um do outro... eu não tenho ilusões — quanto pior, melhor — é o cara a cara com ele... e sabe, ele pensa do mesmo jeito...*

— O senhor não disse que está lendo e que breve estará aqui?!...

— *E tudo questão de tempo... artifícios para recuperar forças e terreno... Nós já fomos irmãos e nessa vez ele me matou... Ai disseram que nós viriamos novamente como irmãos e eu iria ajudá-lo... ai eu o deixei morrer — e ele diz que eu o matei.*

— Efoi assim?

— *Apenas o deixei morrer... não fiz nada...*

— Nesse jogo e dada a animosidade entre vocês, muitas coisas podem acontecer: irmãos, não deu. Já pensou ser pai ou filho dele?

- *Que horror... de modo algum, eu o mato novamente ou ele a mim...*

- E se dentro destas necessidades, o senhor ou ele renascer num corpo feminino e gerar ou ser gerado como alguém, que apesar de atritos, irá amar?

- *Pára... pára, nem pensar um absurdo desse... sem hipotese...pare!*

- Veja, tanto ao senhor como a ele está sendo oferecida a bênção do tempo... Lembre-se que isso se processa até determinado momento... quando tudo for oferecido e vocês se mantiverem surdos, há a compulsória...

- *Se ele quiser, podemos acabar com isso já... porque de não reconhece — estende a mão que estendo e passa para o lado de cá... ele já pensou isso... mas na hora H, ele dá para trás... Quando dorme, não adianta... ele é covarde... quando me aproximo foge para o corpo...*

- Reconsidere, senhor...

- *Vocês são falsos... estão fazendo ele mudar a forma de pensar... enquanto me destrói aqui... olha lá... ele está vindo pra cá... que raiva e que burro sou...*

- Não pense assim, senhor, tem que haver uma explicação para a reciprocidade e alimentação desse ódio... Há alguma coisa, antes, por trás dos fatos daquele encontro em que ele matou o senhor... o fato de terem vindo como irmãos já pressupõe cuidados e precauções, face a algo que desconhecemos. O senhor ainda não parou para pensar, que nem ele chega totalmente ao senhor e nem ele é alcançado pelo senhor?... pense... analise... há detalhes, tanto que o senhor desconhece, como atuais que não entende... interessa- lhe conhecer, pensar a respeito, reformular, quem sabe, suas estratégias...

—*Não sei... a senhora me falou tantas coisas... gostaria de ir embora... posso*

pensar?...

- Fique à vontade... aqui há lugares lindos para pensar... estarei a seu dispor...

Análise

Um caso difícil, longo, exigiu da atendente o uso quase que de palavras escolhidas, para que não se hostilizasse mais, virando- se também contra a atendente.

Esta conseguiu passar-lhe várias opções, possíveis estas, caso não mudem, chegando até à compulsória... Essas possíveis opções, culminando na última, formaram um somatório, um volume, que o despertou a sentir-se cansado e pensar... o que pode representar para ele um início, uma vez que, ainda por pequeno espaço, esqueceu-se um pouco do outro.

-151-

0 Espírito é altivo, olha de cima, aguarda...

-E então?...

- *Então, é isso aí... estamos num movimento intenso em relação a vocês todos... mas isso agora não é tão importante, umavez que somos muitos, muitos... católicos, evangélicos, não importa quem, muitas formas de crença, unimo-nos e agora somos muitos e vocês... Não é só uma questão numérica... é o grupo de vencedores unidos contra vocês, contra a senhora... Essa livraria... tem que acabar... esses livros que estão sendo escritos...*

Já exterminamos, desestruturamos, esfacelamos outros gmpos que se levantaram contra a pureza dos evangelhos de Jesus... agora, são vocês...

- Pense, senhor... conheça os livros... nenhum deles avilta ou desfaz o pensamento do Cristo...

- *Como não, e as certezas de céu, purgatório e inferno... as ideias de vocês confundem, afastam da Igreja...*

-O senhor conheceu o Cristo pessoalmente?

- *Não tive essa oportunidade... os apóstolos... os apóstolos, quem dera... saíram dali diretos para o paraíso...*

- 0 que o senhor conheceu do Cristo que mais lhe marcou?

-*O fato de ter dado a vida pela Humanidade.*

- E o fato Dele resumir tudo ao sentido do amor que leva a que nos amemos uns aos outros? O que o senhor lembra ou pensa Dele?

- *Não me conformo... combatemos, tratamos de arrancar o mal pela raiz e o pior é que a grande maioria de vocês já pertenceu a ordens religiosas. Alguns, conviveram com papas, viveram no Vaticano e que decepção...*

- E onde o senhor vê maldade nisso tudo?

- *Vocês evocam os mortos...*

— E o senhor o que é?

— *Morto? Mas devo advertir quanto aos falsos profetas... vocês são eles... essa sua religião...*

— Não é uma religião, naquele sentido de rituais, representantes, hierarquias... é vivência... é o Cristo vivo...

— ***Quem fala... você... justo você que virou as costas para a Santa Igreja...***

— Sim, porque houve um momento em que a consciência advertiu-me que a religião romana não mais era o Cristianismo...

— ***Não sobrou nada da sua lucidez, são só heresias... você é perigosa... Por que ao invés de estarem aqui, não doam o que têm, ajudam os outros... faz o que a Igreja verdadeira faz...***

— O senhor sabe qual é o estado mais rico do mundo?

— ***Não. Não sei.***

— É o Vaticano... talvez um terço de toda aquela riqueza... mudaria, se empregada de forma digna, o resto do mundo...

— ***Aquilo não pode ser mexido... são doações...***

— Doações... só? Permita-se ver...

— ***Vejo tudo isso com desdém... não é verdade...***

— Como queira...

— ***Olha... tem uma coisa... eu poderia, aliás eu me disponho a pesquisar a fundo, estudar, o como, o porquê estabeleceu-se essa mudança de consciência... o motivo...***

— Da minha parte, tudo bem, entretanto, não sei se será possível ou útil. Há, entre nós, alguém que o senhor conheceu bem... converse com ele... conforme o que ele disser... tudo bem.

Atitude de desdém... riso...

—***Até ele? O inegável seguidor do Cristo?***

— Ouça-o...

— ***O senhor... o senhor... ouvi-lo... Ele foi fonte inspiradora de minha vida... Bem que tem ou que notei algo de familiar quando falava... era ele atrás de você... Você foi uma de nós... Sua doutrina, como você diz, compromete a Igreja romana...***

- Acerte com clc. Se for possível e útil para o senhor, permito esse for necessário que esteja presente, disponha...

- ***Ele diz que sim - você estará mas não se lembrará e que esse compromisso não pode realizar-se agora, uma vez que, agora, você terá algumas coisas a realizar, no campo material. Dentro de vinte, vinte e cinco dias, retomaremos...***

- Que Jesus o abençoe.

Análise

Na sua intransigência em não aceitar ideias ou interpretações diferentes da sua, une-se a outros para se posicionarem e atacarem ideias contrárias.

Quando o Espírito atinge tal estado radical, quase sempre, alguém que ele considerou muito, se apresenta para refletir com ele, sob outros ângulos. Nesse caso poder-se-ia dizer, a atendente fez trato com o Espírito - e isso, sabemos -

não se faz. Na realidade não foi um trato

A atendente deu licença, autorizou que lhe fosse mostrado esse momento seu, no qual operou-se a mudança. Não houve trato, no sentido de toma lá dá cá. A atendente foi imprudente? Não, ela sabia que esse Espírito estava ali, havia permissão e ele estava sob "proteção", digamos assim, de companheiros sérios e muito interessados nele, como assim se comprovou, ao final.

- 152 -

Espírito agitado, inquieto. Fisionomia do médium crispada..

— *Odeio... odeio tudo isso...*

— O que odeia?

— *Esses estudos... parem... não é para estudar nada disso... (Na parte do estudo havia sido discutido reencarnação) Vocês não têm nada mais para cuidar, para fazer? Vão cuidar da própria vida... será que está tudo em ordem com ela? Estou muito, muito bravo e quero conversar com alguém, também bravo, capaz de fazer-me frente... Você não sabe nada... essa sua fala. sua pretensa bondade me incomoda...*

Toda vez que a atendente se propunha a dizer algo, agressivamente ele vinha com nova série de provocações.

— *Repito... você não sabe nada e quer falar das coisas do lado de cá... Você não tem certeza de nada, não sabe como é... nunca morreu e quer me falar de coisas que não conhece... Afaste-se... vá embora ou busque alguém que me faça frente...*

Tais colocações se processaram durante algum tempo em que foi dado ao Espírito, espaço para que se exteriorizasse o amargor que o corroía. Quando a atendente percebeu que iria repetir-se, entrou pausada e firme.

— Até agora eu o ouvi com toda atenção, porque creio que suas palavras têm uma razão justa...

— *Até que enfim alguém me dá razão...*

— Desculpe... eu não o interrompi... agora é minha vez de falar... Quando digo que o senhor tem uma razão justa, pretendo ir além do que o senhor expressou e pergunto-me: O que o estudo sobre reencarnação despertou, mexeu no senhor? Que realidades trouxe à tona? Estão lhe propondo que reencarne e o senhor é refratário a uma nova vida... o que realmente toda essa agressividade esconde?

— *Não lhe dou o direito de questionar-me assim...Atendimento A Desencarnados*

- Não o estou questionando... estou lhe contando os pensamentos que me ocorriam enquanto o senhor talava., entretanto, como o senhor colocou desse modo, pergunto-lhe: - o que esconde por trás dessa agressividade?

- *Nada tenho a esconder... se é preciso resolver algo. será sim, na força, no braço...*

- E no entanto, sinto-o frágil... no fundo de suas palavras, há como que laivos de dor... Não me veja como sua inimiga... Conversemos... há quanto tempo o senhor não ouve ou conversa com alguém?

Vira a cabeça como que entediado mas, ao mesmo tempo, como sem saber o que fazer.

- E a lei da Vida... todos renascemos e desencarnamos, isto é, deixamos o corpo físico, muitas vezes... O que se estudou no salão, visa justamente, que nos preparemos para essa realidade... Se desencarnar, morrer, faz parte do próprio desgaste da matéria, reencarnar, receber um corpo novo, é bênção de recomeços, de reacertos, de crescimento...

- *Não quero... tenho medo...*

- Não há o que temer...

- *Eu sei o que temer... tenho consciência do que sou, do que fui...*

- Entretanto o senhor desconhece que a misericórdia de um Pai de amor é integrada nos planejamentos da Vida...

- *Como assim?*

- Seja o que for que o senhor tenha feito, a avaliação não é feita ao pé da letra...

- *Repito... como assim?*

- Em nossos atos, e isso não é só relativo ao senhor - é para todos nós - em nossos atos menos dignos, antes de qualquer coisa, é avaliado o conhecimento que temos das irradiações e consequências dos próprios atos...

- *Ainda não entendi...*

- Vejamos o exemplo de um selvagem, alguém totalmente sem conhecimentos que mata seu irmão para defender-se ou alimentar-se—houve um crime, não houve?

— ***Claro... ele matou... alguém vai matá-lo... é preferível não reencarnar...***

— Não é assim que funciona... aquele nosso companheiro desconhece que é da lei não matar... por não conhecer-e isto não quer dizer que não haja responsabilidade - a "culpa" dele é muito menor, insignificante mesmo, perto da minha, caso eu roubasse aquele lápis ali na mesa...

— ***Que complicação... minha cabeça ferve...***

— E natural... não gostaria de, com calma, conhecer mais, formar ideias mais precisas sobre uma das mais belas leis da Vida- o reencarne...

— ***Preciso aceitar seu convite, uma vez que não só estou confuso, mas também extenuado, sem forças...***

— Fique conosco... nós o recebemos com o maior carinho...

Análise

Caso difícil, uma vez que a agressividade do Espírito era intensa, confundindo e tentando afastar e agastar a atendente.

A certeza, a firmeza, envolta em educação e bons modos, propiciaram uma

ascendência moral que, pouco a pouco, agasalhou esse Espírito tão desprotegido e necessitado. Por entender que seu "castigo" seria na igual ou superior proporção dos atos praticados, fugia de si mesmo, protegendo-se na furia de quem se vê sem caminhos.

A firmeza, a ternura, o carinho da atendente na lógica das reflexões, envolveram-no, tirando-o do círculo fechado do medo, acenando-lhe com algo diferente do que até então cria, predispondo-o a abrir-se. Atendimento A Desencarnados

-153 -

0 Espírito apresenta-se quieto, mas com a fisionomia fechada - faz trejeitos de enfado...

-O que foi?...

-Já perdi a esperança...

-Em relação a quê?

- *A encontrar alguém que me ouça... Tenho caminhado,... ido a vários lugares e ninguém me entende...*

- Por que o senhor sente desse modo?

- *Porque tudo é diferente...*

- 0 que é diferente?

-*Isso aí, ó... tenho ido a outras casas... na minha própria casa-falo... falo... ninguém me dá atenção...*

- Exatamente, o que o senhor procura?

- *Um lugar que me esclareça porque ninguém me ouve.*

-Estou a sua disposição... pergunte, fale o que quiser... eu ou escuto...

-*Então me explica... estou, sei lá, estava doente... bem minzinho... Aí me disseram que iam transferir-me para outro hospital, especializado, mais bem equipado para meu tratamento... Daí para cá, ninguém mais me escutou. Falava, perguntava e ninguém escutava, dava ouvidos... a sensação é horrível...*

-E então...

-*Ai apareceu essa enfermeira e me deu atenção... trouxe-me aqui... eu comecei a falar e encontro mais pessoas como a senhora que me escuta...*

- Se o senhor prestar atenção, há aqui ao nosso redor, participando desse nosso encontro, várias outras pessoas, que não só o escutam, como também querem falar-lhe...

-Ééééé...

-É... olhe ao redor... veja se além de mim e da enfermeira. vê mais alguém...

Levanta o rosto, olha atentamente, mostra comoção na face, rompe em choro e entre soluços...

- *Pai... meu pai... que saudades...*

Análise

Caso interessante. Aparentemente simples, requer bastante atenção e perspicácia do atendente, para não precipitar informação deixando o Espírito expressar-se e achar, descobrir o porquê de não o ouvirem.

-154-

Espírito quieto. Já há algum tempo ligado ao médium, nada íz... olha... olha...

-Estou à sua disposição... vejo-o observando... precisa de algo?

-Na realidade, queria fazer um discurso, falar, chamar atenção para essa falta de educação... falar que está tudo errado... mas, já percebi que ninguém está a fim de me ouvir...

- Por que o senhor sente desse modo?

-Muitas coisas aconteceram... e agora encontro minha casa, meus filhos num verdadeiro inferno... Falo com cada um, pito, grito, esbravejo... volto a falar e nada... não me dão atenção...

- E por que ou o que o senhor quer falar-lhes... por que brigam?

-Estão em desacordo uns contra os outros... brigando para dividir dinheiro... digo-lhes que trabalhem... grito que o dinheiro é meu e não consigo fazê-los entender...

- Sempre foi assim?

-Não... isso começou depois que adoeci...

-Interessante... normalmente quando os pais ou um familiar adoece, a família se toma mais afetiva, carinhosa...

-Mas... isso foi depois daquele negócio...

-Que negócio?

-É... depois que fiquei doente... daquela coisa para frente só briga, divisão, discussão...

-O senhor fala em negócio... aquela coisa... a que o senhor se refere?

- *Morri. Está contente?*

Diz isso em voz agressiva, revoltado.

-Desculpe, senhor, mas precisava que o senhor assumisse... expressasse sua realidade... Na verdade, o senhor agora sabe que apenas deixou seu corpo físico... continua vivo... vai à sua casa, estamos conversando... não há morte no sentido de fun e sim e sempre um prosseguir, caminhar... Não se preocupe tanto com os filhos... Eles desconhecem tudo quanto o senhor sabe, agora... O senhor fez a sua parte... deu-lhes vida... foi probo... amealhou-lhes bens... e só se beneficiarão deles aqueles que realmente merecerem... Antes do senhor morrer sabia ou imaginava que seria assim?

—Jamais pensei nisso, nessas possibilidades...

— Eles também não... O senhor fez a sua parte... deixe que se entendam e aprendam também...

— ***E se eu aceitar o que a senhora me diz... o que farei?... como será?***

Não sei nada...

— Nenhum de nós está ao desamparo... nem seus filhos, nem o senhor... assim, como o senhor os ama e se preocupa com eles, há quem também o ama e certamente o chama desde o instante da sua morte e, no entanto, o senhor não viu, não ouviu... Percebe por que os filhos não o ouvem? A mesma coisa acontece como senhor. Preste atenção... tente ouvir...

Silêncio atencioso e depois...

— *Essa voz... essa voz me é familiar... Rubens... Rubens meu irmão...*

Análise

Embora um caso comum da revolta do Espírito ao fc com alguém que não dá respostas, esse tem característica: herança, de briga e o argumento forte foi o paralelo entre ele com os filhos e esses não escutarem, com os familiares quietar se faziam presentes e ele, Espírito, não os via e nem os escufc

- 155 -

- *Ai... ai... que dor...*

- *Vamos cuidar... logo vai acalmar...*

- *Aqui não tem jeito não...*

- *Porque fala assim...*

- *Estou com câncer no fígado...*

- *E o que os médicos dizem?*

- *Que é grave... que meu estado não é nada bom...*

- *Além da doença com seus incômodos, o que o senhor pensa a respeito do que eles dizem?...*

- *Que estou morrendo...*

- *E o senhor tem medo?*

- *Tinha muito medo... agora... a dor é tanta que gostaria que ela chegasse logo para ficar livre...*

- *E quando ela chegar, como o senhor gostaria que fosse?...*

- *Gostaria que tivesse outro lugar...*

- *E o que teria nesse lugar?*

- *Menos dor... alguma paz e meus familiares... tenho lembrado tanto da minha mãe... -*

- *Quem sabe ela já não chegou aqui... entre tanta gente, veja se o senhor a encontra...*

Assalta-o choro convulsivo... o médium se acalma voltando tudo ao normal.

Análise

A função da dor, laborando o íntimo e predispondo-o a aceitar o desenlace, até mesmo, desejando-o, possibilitou a atendente conduzir o diálogo, levando-o a visualizar o que gostaria que acontecesse, destacando-se a saudade da mãe, que lhe significava, sobretudo, segurança.

Espírito em esgares, carantonhas, ostensivo e provocante...

— Que se passa?

— *Ódio... ódio... sabe o que é isso? Gostaria de metralhar todos, todos vocês...*

— Assim, gratuitamente? Porque isso?

— *Não tenho tempo para conversa fiada. Meu tempo é precioso... não posso perdê-lo... preciso matar... matar...*

— Não estamos perdendo tempo... por que veio?

— *Porque fui convidado... eu não vou aonde não me convidam...*

— E por que aceitou?

— *Tinha esperança de poder metralhá-los...*

— Mas, alguém aqui o destratou?

— *Não se trata disso... é a minha vontade, matar... matar todos...*

— Não entendi ainda, por quê?

— *E tal a raiva, o ódio que me consome por dentro, que para desafogar isso, só matando... matando... fazendo sofrer... mato na hora...*

— Sabe o que estou sentindo vontade de fazer agora com o senhor?

— *Matar-me também? Ah! ah! ah!...*

— Não... vontade de abraçá-lo...

Quando a atendente diz isso, se retorce todo, enrola os braços e...

— *Nempense nisso... chega... chegapra lá... não quero...*

— Não se exalte... sem sua permissão não o farei... mas, posso envolvê-lo no meu carinho... Olhe o que parte de mim e toca no senhor...

— *Feiticeira... feiticeira, isso é o que você é... Atendimento A Desencarnados*

- Veja... vou pedir que venha até nós, uma senhora que tem algo muito importante a mostrar-lhe...

- *E outra feiticeira?*

- Não. É uma amiga nossa... de rosto bondoso, envolvente...

— *Não gosto de riso, hem?*

- Ela não está rindo... seu rosto reflete paz, não riso... Sabe o que ela vai mostrar-lhe?

— *Deve ser babozeira...*

- Não. Ela vai levá-lo a observar o que acontece quando alguém mata alguém... o que sai, digamos assim, de quem morre e o que quem mata recebe... talvez aí a gente ache a razão desse tiqueimar intimo que o impele a tudo fazer para aliviar-se. Aceite o convite... vá com ela... Se for necessário, voltaremos a nos falar...

Análise

O ódio envolto em desespero era gritante nesse companheiro... Ao descrever essa ânsia que o envolvia e o impelia ao desejar matar, era sobremodo, constemador. Avesso a qualquer forma de abordagem, inesperadamente, a atendente o convidou

a "ver" o que acontecia...

- 157 -

Espírito apresenta-se ensimesmado, quieto, mas apresentando algum desconforto.

— O que significa o seu modo de apresentar-se?

Fala lentamente, pronuncia as palavras com dificuldade, seguidas de espaços em silêncio...

— *Sabe o que é? É difícil, muito difícil para mim essa forma de falar, porque não consigo pensar e querer falar do meu jeito e ter que falar de outro. Me disseram que basta pensar, mas não consigo separar o pensar do falar...*

— Tenta só pensar... é assim mesmo... o senhor pensa no que gostaria de dizer...

— *Sou holandês... estou aqui há muito tempo, acho que é um passado muito distante porque o que consigo ver hoje é muito diferente. Eu vim para esta parte do mundo em missão, e aqui foi ao mesmo tempo minha remissão e perdição. Trai os votos da minha igreja por fraqueza da carne enquanto semeava a palavra de Deus. A mistura dessas duas situações creio que foi proveitosa. Não consigo voltar a minha terra, ver os antepassados. Só encontro, só convivo, só vejo os motivos da minha perdição efico, fico muito perturbado frente àqueles que gerei como filhos e que não os reconheci como tal Quando tento chegar perto, buscar outras posições, não compreendo - sou afastado. Tive oportunidade de conhecer uma pessoa que disse—siga-me e será atendido em suas necessidades... Não sei quem são, o que fazem — só sei que falam em nome de Cristo e isto me basta. Apesar de não ter sido um bom filho Dele, de saber que fiquei longe da igreja, continuei em pensamento próximo ao meu Mestre, meu Modelo, meu Professor. Não vi vendei na minha vida terrena os ensinamentos, mas meu amor a Ele é incondicional e venho em nome desse Cristo, pedir. Creia, isso me custa muito — sou orgulhoso, nunca peço, não sou*

Atendimento A Desencarnados humilde - mas em nome do Cristo peço auxílio. Não tem ideia o quanto é difícil chegar e pedir isso. Nunca pedi nada a ninguém e pedir ajuda é o máximo da humilhação...

-Nos seus relacionamentos ou em algum deles houve, havia amor?

- *Não. Não houve amor como se entende entre um homem e uma mulher... era instinto... instinto... explosivo como tudo o que é contido, abafado... Vinculava-me aqui, aii numa atração absoluta, estonteante... vivia como um bêbado só conseguindo me arrastar; depois, encontrei uma mulher com a qual tive filhos e uma filha e com a qual não exerci o papel de pai mas só de marido. Entre as duas, mãe e filha, vivi e conheci tudo quanto me satisfazia. Hoje vejo as duas... são irmãs... não têm mais a aparência de mulatas, mestiças... trabalham em uma casa onde os trabalhos são feitos em nome do Cristo. Hoje as vejo como mulheres idealizadas e minha vinculação, meu tormento continua o mesmo — querer que me deem o que me davam antes — não tenho, porém, mais corpo, sei disso, e é tudo muito difícil, tão baixo, tão animal e as vejo tão puras.*

Ião desejosas de acertar...

- Em face a tudo isso, o que o senhor gostaria, que providências vamos tomar?
- *O companheiro que me trouxe, pede que eu fique mais alguns dias. Diz que vamos estudar um outro passado... De qualquer forma agradeço o auxílio... Só o fato de conseguir poder dizer o que me vai dentro do coração, dá-me alguma paz interna... muito... muito obrigado...*

Análise

Um caso diferente, difícil; alguém acostumado com outra língua, sentiu dificuldades naturais.

A comunicação demorou, foi entrecortada, uma vez que precisava primeiro pensar a palavra para que o médium a exteriorizasse após. A consciência de culpa e a avaliação pessoal de ver-se agora tão instintivo, frente às moças que identificava em um outro corpo o mantém em desespero consigo.

Ao atendente, nada mais cabia, senão propiciar-lhe clima fraterno para que trouxesse à consciência a pessoal razão de seus males. Ainda, houve prudência quando lhe pergunta—"o que o senhor gostaria, que providências tomar?" — uma vez que, dada a sua clareza mental em relação a si—qualquer caminho teria que ser discutido com ele. Parece que, nesse momento, isso não seria viável, pois o amigo espiritual que o trouxera, se antecede e oferece-lhe opção.

-158-

Espirito agitado, bravo, acena com braços, resmunga.

- O que foi? Por que está assim?
 - *Ah! O que que é isso agora? Além de tudo o que de injustiça já acontece, agora mais essa... aqui tem mais proteção... como pode?*
 - A que o senhor se refere?
 - *Vim com meu bando todo certo de que ia entrar e no entanto, só eu entrei... eles estão, ficaram lá na rua... é um desaforo...*
 - E por que o senhor e o grupo vieram?
 - *Vim dar uma lição a todos e olhe, olhe... eles lá estão não puderam entrar... pensei que estavam desguarnecidos...*
 - Que tipo de lição trazia?
 - *Bagunçar tudo, acabar com isso daqui. Fui invadido em meus domínios... tive muitas perdas e vim aqui atrás de cada um...*
 - Será que agora é possível que o seu grupo entre? Pergunte a esse senhor que o deixou entrar.
- Silêncio.
- *Ele diz que sim. Vão ser trazidos mas se acham que voo convencer-me e a eles, estão enganados. Não vão nos desmantelar... não tenho cabeça pequena... sei pensar e o que quero... vamos... quero contas dos meus soldados.*
 - Osenhordizquefoi invadido. Isso não faz parte de nossas práticas... seria um

desrespeito ao senhor e ao grupo...

- *Palavras... palavras porque vocês foram lá e retiraram...*

- Pense... pense em um dos seus soldados e vamos ver se ele foi retirado ou se ele pediu ajuda... Veja...

Silêncio.

1 *Traidores... são todos traidores...*

— Na realidade não. Todos têm o direito de se cansar do que fazem, de querer mudar...

— *Nosso serviço é leve... é bom... temos compromissos com pessoas encarnadas no sentido de levar desforras... a lei é essa... fez. paga... nós fazemos nossa parte e recebemos o combinado...*

—A lei não funciona assim... vamos dizer que eu pratique em relação ao senhor, alguma indignidade. Independente do senhor vingar-se de mim, a lei que eu desequilibrei, "cobrar" que eu a reequilibre, independente das ações do senhor...

— *Não acho que é assim, não.*

— Tanto é que, muitas vezes pode parecer aos senhores que estão conseguindo, chegam perto, perto, e depois tudo se distancia novamente.

— *E verdade... mas enquanto a gente está tentando, perturba, dificulta tudo.*

— *Isso é verdade, entretanto, a cada investida dos senhores, pela luta que a pessoa faz, fica ela sempre mais forte. Quer um exemplo — traga à sua mente um caso que pessoalmente lhe interesse... Pronto?*

— *Pronto... ela não presta...*

— Não é assim... olhe o que ela já passou... já sofreu para chegar até onde está...

Ri satisfeito... gargalha—

— *Estou sempre ali por perto... sofre, sofre mesmo... os filhos cada um mais louco que o outro são aqueles que ela jogou fora... e ela é rebelde... ela ainda não aceita esses filhos e os problemas que criam...*

—Exatamente. Independente da ação dos senhores, há uma lei maior, na qual os senhores também estão inclusos e que terão que responder. Convido-o e ao grupo, a que nos retiremos na companhia desses amigos, para outra sala a fim de explorarmos mais esse assunto. O que acha?

—*Isso significará prisão?*

-Jamais. Isso não existe aqui. Se após tudo o que virem, decidirem partir, serão respeitados.

- *Depois da gente ver tudo isso, posso me reunir, sem vocês, com o meu grupo, para decidirmos o que fazer?*

-Sim.

-*Então vamos...*

Análise

Um caso que se desenvolve em várias facetas: busca de trabalhadores sumidos, desorganizar o grupo em questão, intromissão em seus domínios, a forma de trabalho paga por encarnados, enfim, uma série de aspectos que foram tratados com propriedade, sem nenhum forçamento, com reflexões, uma vez que a característica desse Espírito é a lógica, isto é, entender. A atendente não polemiza e parte para um convite, no qual os amigos espirituais lerão e apresentarão argumentos necessários ao despertar.

Sequência Especial

- 159 -

O Espírito apresenta-se como quem observa, olhando para cá, para lá...

— Como está?

— *Enfadado... acho isso tão triste...*

— O que é triste?

— *Observar tanto talento desperdiçado... Isso me agasta... há aqui um bom potencial mas desperdiçam... tecem fórmulas... conceitos... teorias... aspectos filosóficos... mas a ação é tão fugaz... inócua mesmo...*

— São interessantes suas apreciações. Na realidade, o progresso, a renovação, a melhoria acontecem através de pequeninos passos...

— *Mas são passos milimétricos... pelo potencial que pode observar. há muita acomodação... Já vi isso acontecerem outros grupos... vão devagar, devagar até a estagnação, a desintegração...*

— O senhor esteve nos estudos... penso ter percebido que transformações reais são aquelas que, elaboradas no íntimo do ser, alteram a essência... vêm de dentro para fora...

— *Entendo o que coloca... é coerente... faço minhas as suas palavras, entretanto, devo acrescentar e, trazendo para o ponto em que me detinha, que é o coletivo, o indivíduo sofre ação do meio contribuindo para que este seja lento ou avançado. No campo das suas atividades, mantêm-se os grupos estacionários, grupos que se arrastam a pequenos passos e grupos que progridem. Faço parte, represento essa corrente progressista e vim para que dinamizemos uma qualidade diferente de consciência...*

— Acabamos de estudar que essa formação, essa ampliação de consciência, nasce no trabalho que cada um faz consigo, frente a um ideal — este é o primeiro passo.

- *E essas ideias, não correspondem a um ponto exclusivamente seu? A senhora me libera para que eu converse (sinta os outros? Pode haver pensamentos diferentes desse seu.- ações que pudessem abranger outras dimensões...*

- Penso não haver problemas em autorizá-lo, porém, deixo essa liberação, ao dirigente espiritual do grupo... O que diz?—

- *Que não há problema, desde que eu também converse sobre isso com eles.*

- Tudo bem então. Antes do senhor ir permita-me perguntar- lhe-ese o senhor

encontrar semelhança no pensar deles com o meu e notar o esforço que cada um faz?

- *Talvez aí, tenha que rever o ponto de unidade que caracteriza o meu grupo. Realmente meu interesse é promover acorrente progressista que represento...*

- Segundo a autorização dos nossos amigos, fique à vontade...

Análise

Um Espírito que fala pausado, manso, educado, com capacidade tranquila de envolver a a tendente tentando passar-lhe a ideia de que deve melhorar o grupo. É fino nos raciocínios, veladamente ameaça, no sentido de que, se o progresso não for rápido, o grupo pode esfacelar-se.

Quando percebe que a atendente não ia pedir-lhe ajuda, esclarecimentos em como dinamizar, crescer mais rápido, pede para conversar com outros atendentes visando checar se aquele pensamento não era imposto por aquela que o atendia.

Prudentemente é remetido aos dirigentes espirituais que autorizam desde que também converse suas apreciações com eles.

E um caso delicado—poderia ser um Espírito cujo objetivo seria impor regras que complicariam o grupo ou realmente estar imbuído de sinceridade.

Nessa dualidade, o melhor foi liberá-lo colocando-o sob "guarda" digamos assim, dos amigos que conhecem seu real objetivo. Após essa terceira comunicação de um mesmo teor, não mais voltaram.

- 160 -

Espírito calmo, postura elegante, tranquilo, observador.

— Precisa de algo? Posso ajudar?

— *Não obrigado. Não tenho necessidades.*

— Mas desde que está aqui...

— *Na realidade vim falar-lhe.*

— Sou toda ouvidos. Disponha.

— *E o seguinte: tivemos que fazer substituições... o companheiro que aqui esteve outro dia, não foi suficientemente claro, o que não nos isenta de responsabilidade; por isso, hoje, estou eu aqui, tendo em vista que o grupo debateu nossas intenções.*

Represento, sou, formamos um grupo de uma reforma — uma corrente progressista de um movimento chamado pelo codificador do Espiritismo como a 4ª revelação.

Nossa proposta, que chamamos revolucionária não é baseada simplesmente nas experiências que vivenciamos, mas em novas revelações que nos foram trazidas pelo próprio Codificador e seus representantes.

Atente que poucas instituições podem ter sustentáculo para esse trabalho a ser feito.

Estudamos grupos, instituições, indivíduos que pudessem receber essa

revelação, daí o convite que é feito, nesse sentido de abertura da proposta espírita.

— Quais os pontos a serem revelados?

— *A Doutrina, ou melhor, a reforma da Doutrina é algo abrangente. Foi sondada a possibilidade de que um dos médium, ou vários médiuns que compõem este trabalho se disponham a receber a matéria através da psicografia.*

Sabemos que essa casa imprime, edita livros, daí mais um detalhe importante.

— Como, esses médiuns se dispõem ao trabalho?. Seriam escolhidos por vocês?

- *Veja: esses médiuns, primeiramente seriam treinados, adestrados uma vez que essa matéria compõe-se de dois volumes.*

—E como seria esse trabalho de recebimento?

-*Realmente, o primeiro representante nosso, por excesso de zelo, não deixou nada claro. Deixe-me ver: - passaríamos a transição da revelação, aqui ou em outro lugar. Essa atividade de agora, semanal, tem duração curta, limitada. Necessitamos de tempo para adestramento, para tomar o médium maleável. Na realidade temos percebido, em relação ao grupo e aos próprios médiuns que há certa aversão a obras psicografadas.*

-Ainda assim, como pensam?

- *Já lhe disse que a matéria enfeixa dois volumes: - no primeiro avaliaríamos o já existente e os pontos a serem reavaliados ou o porquê de serem mudados. Seria, digamos assim-introdutório. O segundo, seria a revelação propriamente dita.*

- *Para os médiuns que aqui estão, teria algum com condições?*

- *No momento, considero-os falhos, reticentes e pouco maleáveis para receber de maneira menos difícil, algo tão importante. Nesse instante ninguém se destaca.*

- *Então, como o senhor se propõe a esse trabalho, se a ferramenta, digamos assim, não é boa.*

- *Repito - caso seu grupo ou no seu grupo um médium ou vários se disponham, eles serão treinados, adestrados.*

- *Se for através de vários médiuns, haveria uma combinação de horários disponíveis e a matéria recebida seria numerada. E mais ou menos isso?*

I Exatamente. Partes numeradas que comporiam um todo. Penso, entretanto, que o melhor, visando maior rapidez ao adestramento, que houvesse um coordenador também médium de incorporação, como vocês dizem, orientando os demais médiuns em exercícios de que eles desenvolveriam o sensorial até que reunissem condições de se expressarem.

Seria uma reunião especial para isso.

— Para isso teríamos que criar um outro grupo, o que nos seria impossível, dado ao assobramento de compromissos e às várias atividades da casa. Além disso, teríamos que discutir sua proposta com o grupo e depois levar à Diretoria.

- ***Mas, é mesmo necessário tudo isso?***
 - Sim, todo trabalho ou toda atividade instalada ou a se instalar na casa, é discutida nos seus prós e contras e só após decide-se por implantá-lo ou não.
 - ***Compreendo seu rigorismo.***
 - E tem mais um detalhe: — digamos que se instale esse trabalho e os dois livros sejam recebidos. Não podemos oferecer-lhe garantia de que serão impressos e divulgados.
 - ***Como? Por quê? Não havíamos pensado nisso...***
 - Toda matéria será analisada frente às propostas de Jesus.
 - Por exemplo — a reencarnação é um ponto básico da Doutrina Espírita, correto. Digamos que na matéria recebida haja algo contra esse princípio. E detalhe suficiente para invalidar a obra.
 - ***Não pensamos nisso e, nessa honestidade com a qual estamos conversando, não podemos novamente errar como fizeram meus antecessores.*** Faz algum silêncio e...
 - ***Por favor, um de meus colaboradores atenta para um último fato — a presença espiritual do Codificador alteraria de alguma forma, para que a obra fosse publicada?***
 - Explique-se melhor.
 - ***Se o Codificador se dispusesse a manifestar-se, as colocações feitas até agora mudariam no sentido de aceitá-las?***
 - Não vemos a necessidade da presença ou da palavra do Codificador. Temos a terceira revelação como expressão esclarecedora do pensamento de Jesus. Pensamos haver perda de energias, de tempo. Atendimento A Desencarnados - *Preciso debater tudo isso com meus colaboradores.*
Seja... um deles chama-me a atenção que, se não há garantia de impressão e edição da matéria, seria arriscado passar-lhes esse conteúdo, uma vez que poderia ser usado como contra-argumento, caso seja recebido por outro grupo menos rígido.
-Veja - esse não é o feitiço da casa. Se a matéria é verdade, por si só ela se imporá. Posso garantir-lhe que não será usada para nenhuma forma de revide ou contestação. Caso não seja achada válida, será arquivada.
 - I *Em nome da Doutrina e do meio espírita, agradeço a rigor que certamente dará mais valor ao trabalho. Nada posso decidir. Junto com o grupo encarregado desse trabalho a ser feito, vamos debater, estudar, analisar, uma vez que a senhora levantou aspectos com os quais não contávamos. Obrigado pela sua atenção.*
- Análise
- Comunicação longa usando mais ou menos trinta minutos. Difícil, a exigir do atendente sensibilidade, tato para deixar o Espírito fazer sua proposta.
- Na avaliação, foi lembrada a comunicação anterior, feita por outra atendente, quando o Espírito veio, digamos assim, sondá-la no seu modo de pensar.**

— ***É você a responsável pelo trabalho? Preciso falar com o coordenador do grupo.***

— Sim, hoje eu estou na coordenação.

— ***Não acham que esse trabalho precisa melhorar? Poderiam oferecer mais, ter uma qualidade melhor, ser mais eficiente...***

— Realmente melhorar a tarefa é sempre nosso objetivo.

O Espírito mantém-se muito educado, escolhe com cuidado as palavras, fala baixo, calmo.

— ***Represento um grupo progressista que, nesse sentido de melhoria de trabalho, tem muito a oferecer. Gostaria de saber como ter acesso maior a vocês, com quem devemos nos comunicar...***

— Todo trabalho na casa é avaliado para exatamente perceber quais pontos estão frágeis, como readequar. Nossas orientações emanam da própria Codificação, das obras psicografadas por médiuns idôneos e das experiências advindas do próprio trabalho.

— ***E onde estão essas obras?***

—Na livraria, na biblioteca.

— ***Insisto: como posso ter acesso aos médiuns?***

— Não trabalhamos sós: temos a equipe espiritual que é a real responsável pelo trabalho. Sugiro que os procure.

—***Eles já nos disseram que essas decisões são de vocês.***

— Desse modo, levarei sua proposta aos componentes do grupo, uma vez que, tudo quanto se refere ao trabalho é muito bem avaliado, discutido, antes de ser aceito, implantado. No momento nada pode ser decidido.

— ***Agradeço sua atenção.***

Observação

Colocado na avaliação, surgiram várias reflexões sobre reais intenções do Espírito. O médium, consultado se lhe fora dado perceber algo mais, não soube definir. A atendente, segundo ela própria, teve grande cuidado em escolher falar desta ou daquela forma, uma vez que, a calma do Espírito, os termos escolhidos que usava, a determinação em colocar suas ideias, deixavam claro sua intenção de introduzir, interferir no trabalho. Disse inclusive que anteriormente já conversara com a outra dirigente.

Essas mensagens ficaram aguardando continuação que até o momento desta publicação não tomou a acontecer.

São importantes e ressaltam a importância de se estar alerta, cortês, educado, sem contudo abraçar propostas. O próprio tempo se encarrega de colocar cada coisa em seu devido lugar. Se ao invés desse bom senso, de deixar os acontecimentos se processarem dentro de reflexões ponderadas e doutrinárias,

se aceitasse prontamente, o trabalho proposto nas renovações progressistas, como estaria hoje, o grupo, cada participante e o próprio Centro no contexto doutrinário espírita?

Comunicação Mediúnica entre encarnados Características que diferenciam as comunicações mediúnicas Comunicações de Encarnados em Sessão Mediúnica

Comunicação mediúnica entre Encarnados

É possível, em sessão mediúnica comum, ocorrer manifesta?³⁰ do Espírito ainda encarnado?

Seria simples responder sim ou não, todavia como nosso objetivo é o estudo, há que se lembrar que o princípio das comunicações reside nas propriedades do perispírito, quer se esteja encarnado ou desencarnado.

Durante os processos de emancipação, no sono por exemplo, o Espírito adquire em parte a sua liberdade, isto é, isola-se do corpo e é nesse estado que, em muitas ocasiões, observa-o ou projeta-se em busca de interesses pessoais.

A literatura espírita (6) cita vários acontecimentos desse teor: o caso da senhora, que vê, repetidamente, entrar em seu quarto, houvesse ou não luz, uma vendedora de frutas, que conhecia de vista e com a qual jamais falara. Desconhecedora dos princípios espíritas, envolve-se em terror e não pergunta o porquê de tal visita. Após cada desaparecer da jovem, olhava a hora, constatando que, naquele momento da noite, a moça certamente dormia; verificava portas e janelas, de modo a certificar-se que ninguém poderia ter entrado.

Essas duas providências atestam estar a senhora completamente acordada e não em sono ou sonho.

Outra vez, da mesma maneira, viu seu irmão que estava na Califórnia com aparência perfeita de uma pessoa real. Uma carta, que posteriormente chega, traz-lhe a prova de que o irmão, que ela vira em sua casa, não morrera e que ultimamente

6 I-ICARDEC, Allan, O Livro dos Médiuns. 48a.ed., FEB. Rio de Janeiro-RJ. 1983. 3f-VH,p.113.116 e 117.

pensava nela com saudades.

Outra senhora, estando enferma, viu certa noite, por volta das dez horas, um senhor idoso que residia na mesma cidade e com qual ela se encontrara várias vezes em sociedade.

Viu-o perto da cama, sentado em uma poltrona, como se a vigiasse. Surpreendida, com tal visita em hora já avançada, tenta perguntar-lhe por que ali estava. O senhor faz sinal para que nada falasse e tentasse dormir. O fato se repetiu, com as mesmas conotações, por várias outras noites.

Tendo-se restabelecido, em hora própria, recebe a visita do aludido senhor.

Convencida de que ele a visitara, durante sua enfermidade, agradeceu-lhe a delicadeza, a que o senhor, muito espantado, declara que viera visitá-la agora, por que há longo tempo não tinha a satisfação de vê-la.

Esta senhora, conhecedora dos fatos espíritos, compreendeu o que se passara e, não entrando em explicações, limitou-se a dizer que provavelmente sonhara. Do mesmo modo que a outra, esta também não dormia.

Nos dois casos citados apenas uma das partes recordava-se do ocorrido. Nesta que segue as duas partes se identificarão: um senhor não desejava casar-se. A família insistia querendo consorciá-lo com uma moça residente em cidade próxima e desconhecida dele.

Um dia, estando em seu quarto, vê uma jovem vestida de branco, com a cabeça ornada por uma coroa de flores. Disse-lhe ela que era sua noiva e estendeu-lhe a mão. Ele tomou-a nas suas, vendo-lhe num dos dedos um anel. Daí a instantes, tudo se dissipou. Certificando-se de que realmente estava acordado, verifica portas, janelas, perguntando aos familiares se alguém os visitara. Responderam-lhe que não.

Decorrido um ano, como a pressão da família era grande, dispôs-se a ir conhecer uma moça que lhe propunham. Aproveitou o feriado de Corpus Christi para ida à cidade vizinha. Estando na casa que o recebera, entre as pessoas que voltavam da procissão e entravam na casa onde estava, reconheceu a moça que lhe aparecera, vestindo roupas que conhecia e com as flores na cabeça.

O senhor detém-se atônito; a moça grita, sente-se mal, desmaia. Voltando a si, diz já ter visto aquele senhor um ano antes, também no dia de Corpus Christi. Realizou-se o casamento. Tal fato consta do ano de **1835** quando ainda não se cogitava de Espíritos. Acresça-se que ambos os protagonistas eram extremamente positivistas e possuidores de imaginação equilibrada.

Poder-se-ia objetar: a insistência da família e a resistência do senhor, não poderiam ter levado a uma alucinação?

Há que se refletir que o homem se conservara indiferente ao fato, tanto que deixa passar um ano, até decidir-se ir conhecer uma jovem. Mesmo que se admitisse a hipótese, como explicara aparição dupla, o vestuário, o dia de Corpus Christi e, por fim, o reconhecimento físico entre pessoas que nunca se haviam visto antes?

"(...)no estado de emancipação, a vida do corpo cede lugar à da alma." (7)

"(...)muitas pessoas que pensam não se conhecerem se encontram e conversam (...)se visitam durante o sono (...)ofato é tão frequente que o realizaís quase todas as noites." (2)

Recordar ainda que, para esse desprendimento, não é necessário o sono completo. Tão logo os sentidos se entorpecem, o Espírito aproveita para emancipar-se. Também, quanto mais fraco estiver o corpo, por exemplo, na prostração das forças vitais pela doença, o Espírito se desprende, sente-se livre e busca realizar o que pensa ou o preocupa.

Surgem outras questões: como pode o corpo viver estando ausente o Espírito?

O corpo vive a vida orgânica que independe do Espírito. Este, entretanto, nunca se achará completamente separado do corpo, permanecendo ligado através do cordão fluidico.

Os médiuns reconhecem o Espírito de uma pessoa viva, por um rastro luminoso que termina no corpo, fenômeno que absolutamente não se dá, quando este está morto, porque então a separação será completa. Rceorde-se a experiência de André Luiz relatada no livro "Nosso Lar", capítulo **33**.

Toda comunicação de vivos ou entre vivos é mcdiúnica?

Não. Na grande maioria das vezes são fenômenos telepáticos ou de bicorporeidade. O Espírito do "vivo" (encarnado) é que se emancipa, se projeta, se faz presente, se comunica scra que haja fenômeno mediúnico, e sim, anímico. As fronteiras deste são extensas, amplas e geram confusão em quem generaliza. Isso porque há numerosas variedades de manifestações. Há, por exemplo, diferença radical de exteriorização entre os fenômenos telepáticos propriamente ditos em que o agente transmite ao outro seu próprio pensamento e o fenômeno telepático em que o sensitivo entra em comunicação com a subconsciência de pessoas afastadas Esses fenômenos falam da comunicação entre vivos, mas devem ser considerados à parte. Não são mediúnicos.

A alma humana encarnada, portanto, pode por uma ação inconsciente transpor os limites do corpo, produzir efeitos físicos« plásticos e essa atividade pode ser intra ou extra-corpórea. Esta última oferece campo cheio de fatos maravilhosos, geralmente considerados como sobrenaturais. Esse domínio tão intenso "*O designei sob o nome de "Animismo a fim de **distingui-lo** daquele de uma maneira categórica (8)*

A proposta espírita, ao afirmar a sobrevivência de algo além do corpo que se desfaz, fala precisamente do nosso inconsciente, ou melhor "(...) de uma

⁷ **2-KARDEC**, Allan, O Livro ds Espíritos, **38a.** ed., LAKE, São Paulo-SP, **1978**. cap. Vm-H,p. **413** e **414**.

⁸ **3-AKSAKOF**, Alexandre. Animismo e Espiritismo, vol **1**, **5a.** ed., FEB, Rio delineio RJ **1991**, Prefácio da Edição Alemi. p.**23**.

consciência interior que não conhecemos presentemente, mas que constitui o elemento primordial de toda individualidade". (Animismo e Espiritismo)

Dentro do "Animismo", teoria que considera a alma como sendo a causa primária não apenas dos fatos psíquicos, mas também dos vitais básicos da matéria organizada superior, pode-se classificar os fenômenos da mediunidade em três categorias:

O autor cita primeiro personismo, segundo Animismo e terceiro Espiritismo ou fato espírita, isto é, aquele que acontece fora da esfera do homem físico e que através da mediunidade, uma personalidade estranha se manifesta através do médium. Como esse terceiro aspecto, não se constitui como objeto do nosso estudo, ater-nos-emos aos dois primeiros.

(I) Personismo: fenômeno psíquico inconsciente-Não há intervenção de uma potência oculta. É a realidade do indivíduo que ele sem o saber exterioriza como se fosse de outrem; produzido nos limites da esfera corpórea do indivíduo sendo intramediúnicos com caráter distintivo de personificação, ou seja, a apropriação ou adoção de um nome que muitas vezes tem um caráter diferente do seu. Revelam a dualidade do ser psíquico: um "eu individual" interior inconsciente com o seu "eu pessoal" exterior e consciente, provando que a totalidade do ser psíquico não está no "eu pessoal", sendo este não mais que uma manifestação do "eu individual", onde o efeito opõe-se ao fenômeno. Escapa a qualquer forma do conhecimento experimental fazendo-nos conhecer apenas o fato.

No personismo portanto há a personificação, isto é, a exteriorização do nome, ideias, modos, caráter de uma personalidade estranha à atual daquele indivíduo, mas que faz parte da sua estrutura psíquica como Espírito imortal que é.

André Luiz em (9) conta o caso da senhora que exterioriza o ódio, a revolta, carregando sombra de recordações em relação a um homem que lhe arruinara o destino.

Perplexos, Hilário e eu lançamos um olhar indagador ao Assistente, que nos percebeu a estranheza, porquanto a enferma, sem a presença da mulher invisível que parecia personificar, prosseguia em aflitiva posição de sofrimento.

— Não vejo a entidade de quem a nossa irmã se faz intérprete - alegou Hilário curioso.

— Sim - disse por minha vez - observo em minha vizinhança um triste companheiro desencarnado, mas se ele estivesse telepaticamente ligado à nossa amiga, decerto a mensagem definiria a palavra de um homem, sem as características femininas da lamentação que registramos... Em verdade não notamos aqui qualquer laço magnético que nos induza a assinalar fluidos teledinâmicos sobre a mente da médium. Aulus afagou a fronte da doente em

◦ 4-XAVIER, F.C., pelo Espírito ANDRÉ LUIZ, Nos Domínios da Mediunidade, 13a.ed., FEB, Rio de Janeiro-RJ 1984, cap!2, p.2IO e seguintes.

lágrimas, como se auscultasse o pensamento, e explicou:

— *Estamos diante do passado da nossa companheira. A mágoa e o azedume, tanto quanto a personalidade supostamente exótica de que dá testemunho, tudo procede dela mesma... Ante a aproximação do antigo desafeto, que ainda a persegue de nosso plano, revive a experiência dolorosa que lhe ocorreu, em cidade do Velho Mundo, no século passado, e entra em seguida o padecer de insopitável melancolia.*

Designam-se também como fenômenos anímicos integrados na tese "Animismo" os fatos psíquicos que se processam fora dos limites da esfera corpórea. São extra mediúnicos - ação que se processa fora do homem vivo, comportando efeitos físicos de:

- a) impressões transmitidas a distância;
- b) efeitos físicos de movimentos deslocando objetos;
- c) aparição do Espírito em sonho ou vigília no qual há o aparecimento do seu duplo;
- d) formação de corpos materializados na corporeidade a distância.

Essa classificação geral pode exteriorizar-se no cuberlandismo (leitura do pensamento), na psicomетria, clarividência, na clariaudiência, premonição e retrocognição, transposição dos sentidos, memorização pré-agônica, comportamentos da personalidade, percepção do desconhecido, automatismo psicológico, regressão de memória, exteriorização, memória extracerebral, etc. (10) Frizc-se: não há ação de uma mente desencarnada sobre a do encarnado. O homem haure nas profundezas do próprio eu ideias que, por alguma razão, se projetam no eu atual, com a diferença básica de que os fenômenos do personismo são intra e os do animismo, extra.

Os fenômenos espiritas apresentam característica de personismo e anismismo, porém, a causa é extra mediúnica, supraterrrestre, isto é, fora da esfera da nossa existência.

Na comunicação mediúnica o perispírito do desencarnado imanta-se, mente a mente, ao perispírito do médium que exerce sua vontade; passa o seu sentir e pensar.

O médium pode produziros três fenômenos: como criatura humana tem seus arquivos, seus clichês, pode exteriorizá-los; como personalidade tem toda uma situação pessoal, atual, muitas vezes envolta em dramas subscientes não resolvidos; finalmente, como médium, pode exteriorizar o sentir do outro, neste caso, desencarnado. O que exterioriza não é seu.

¹⁰ 5- Ver abertura desses aspectos em: BIGHETTI, Leda M., O Médium, 1ª ed. BELE, RibeirSo Preto-SP 2008, IV, p. 16 e seguinte.

Características que diferenciam as comunicações mediúnicas

As comunicações mediúnicas entre vivos se apresentam com características que as diferenciam. Bozzano as divide em subgrupos: ⁽¹¹⁾

A- Mensagens inconscientemente transmitidas ao médium por pessoas imersas no sono.

Família composta de mãe, a que assina o fato, irmã e irmão mais velho, este trabalhando na Sibéria. Necessitavam de um documento referente à irmã. Como não achavam, escreveram carta ao irmão. Não recebendo resposta, enviaram telegrama que também não teve resposta. Aproximava-se o dia em que deveriam apresentar às autoridades o referido documento.

Como costume, à noite realizaram a sessão. Mensagens por psicografia chegavam. De repente, em meio a uma palavra, o médium pára de escrever. Depois de mais ou menos um minuto, recomeça em letras ilegíveis e de modo incerto. Não conseguiram ler e quando se perguntou ao médium quem era o Espírito comunicante, ele escreveu claramente o nome do irmão ausente. Espantaram-se. Entenderam que ele havia monido e que por essa razão não respondera a carta e o telegrama. Angustiadíssimos interromperam a reunião. Passado algum tempo, o médium toma o lápis e escreve linhas nas quais ficou legível a frase: *a certidão está guardada em um escaninho interno, secreto, do meu cofre (...)* tão logo abriram a gaveta, lá estava o documento.

Amargurados e abatidos, pois criam que a mensagem viera do irmão morto, encerrou-se a sessão e em prantos, tristíssimos, se recolheram.

No dia seguinte, chega um telegrama. Aberto, nele consta:

"(...) a certidão está guardada em escaninho interno, secreto, do meu cofre "

Alguns dias após, chega uma carta que esclareceu o fato. Tendo o rapaz voltado certa noite para casa (justamente conforme a data, na noite da sessão), fatigado e aflito por não ter podido escrever, chamou o criado e mandou-o passar o telegrama mencionado. Vencido pela fadiga, deitou-se entrando em profundo sono. Sonhou que estivera na casa da mãe e que pessoalmente dera a resposta. O sonho ficou-lhe fortemente impresso na memória e no dia seguinte ainda sentia ter estado com os seus.

"(...) Ao ter a honra de levar ao seu conhecimento o presente caso, certamente notável, de comunicação mediúnica da parte de um vivo, faço-me fiador da veracidade do que exponho, etc..."

B- Mensagens transmitidas inconscientemente ao médium por pessoas em estado

¹¹ 6-BOZZANO, Ernesto, Comunicações Mediúnicas entre Vivos, 4a. ed. ED1CEL, Site Paulo-SP, p- [31, 48, 59, 102, 160, 166, 167, 168, 169, 170](#)

de vigília O autor (Bozzano) relata ter em seus arquivos casos pertencentes a comunicações mediúnicas entre vivos e, dentre estas, poderia destacar cinco exemplos. Submetendo-os a maiores análises, três não se encaixariam na conotação acima, uma vez que ao dar-se a comunicação, dois agentes estavam enfermos, acamados, circunstância esta que torna impossível afirmar que no momento da comunicação a distância, não tivessem adormecido por um instante.

O terceiro caso trata-se de uma senhora atacada de grave crise de neurastenia, durante a qual o filho, em lugar afastado, sente impulso em sua mão e escreve: "Estou muito doente, meu filho!" Também aqui não é possível afirmar com segurança tratar-se de uma comunicação de alguém acordado porque, primeiramente, no momento da crise, desejando ter o filho ao seu lado, pensou nele ardentemente. Depois, é possível que durante a grave crise, a senhora tenha vivido rápidos intervalos de "ausência psíquica".

Sobraram dois exemplos: o primeiro foi descrito pela mediunidade vidente e o segundo pela tiptologia.

"(...) De qualquer forma, relata os fatos, pelo menos para demonstração da tese contrária, quer dizer que por via de regra as mensagens mediúnicas entre vivos não se podem verificar quando o agente se acha em estado de vigília e não está pensando o percipiente a distância, salvo sempre em circunstâncias especiais que, em nosso caso são bastante discutíveis, mas de qualquer modo não infirmam a regra Em síntese: uma condição de sono notório ou disfarçado, mesmo que sejam pequenas fugas, e necessário e será facilitada se o sensitivo, agente em estado de vigília, esteve ou está pensando na determinada pessoa.

C- Mensagens obtidas por expressa vontade do médium, às quais são aplicáveis as hipóteses da "clarividência telepática e de telemnesia"

(Telemnesia = conteúdos retirados pelos médiuns nas subconsciências dos vivos que conheceram o morto que se afirma presente)

Esta modalidade implícita que na subconsciência dos vivos há registros de conhecimento do morto que se afirma presente. Faz-se necessário lembrar que as comunicações são "limitadas" pela necessidade imprescindível da relação psíquica que não se estabelece senão com as pessoas vinculadas ao sensitivo ou aos presentes por profundos sentimentos afetivos e em circunstâncias especiais, laços de parentesco, amizade ou conhecimento "(...)" nunca, porém, com pessoas totalmente desconhecidas do médium e dos presentes".

D- Mensagens transmitidas ao médium pela vontade expressa do agente isto é, de pessoas distantes

São estas diametralmente opostas à anterior ou seja: ao invés do médium se propor entrar em relação com a subconsciência de pessoas distantes, aqui estas que querem entrar em relação com a subconsciência do médium.

Necessário salientar que transmissões telepáticas mediúnicas a distância entre pessoas vivas em vigília são raras, ao passo que, frequentes, na condição do sono

manifesto ou disfarçado.

Ainda, as comunicações transmitidas ao médium, pela vontade consciente de uma pessoa próxima ou afastada diferem grandemente daquelas transmitidas pela vontade subconsciente de alguém em sono manifesto ou disfarçado.

No primeiro caso, trata-se de uma condição telepático- mediúnica. A mensagem é simples e não assume o caráter de diálogo.

No segundo caso há esse caráter, significando não mais a transmissão telepático-mediúnica e sim de uma conversa verdadeira entre duas personalidades espirituais subconscientes.

Nas comunicações entre vivos é dado comprovar a realidade do fenômeno, interrogando as pessoas colocadas "nos extremos do fio transmissor".

Esses acontecimentos são raros. O experimentador (Bozzano) diz possuir três deles e assim mesmo, dois não preenchem todas as exigências comprobatórias. Informa ainda que em Aksakof "Animismo e Espiritismo", são citados mais três casos, parecidos entre si, porém, com a variante de que as mensagens foram obtidas com o auxílio de uma entidade espiritual intermediária.

O senhor Horácio Catucei era membro de um círculo experimental na cidade de Paplanta, Estado de Vera Cruz, onde morava.

Precisou mudar-se para Jalapa-Enriquez, continuando aí suas pesquisas psíquicas. Certa noite, conversando com um de seus companheiros de estudos, o senhor C. G, lembrou-se de que, naquele dia e hora, seus amigos de Vera Cruz estariam reunidos em sessão.

Teve a ideia de tentar uma experiência: pediu ao amigo que o deixasse a sós, escreveu uma linha e procurou, concentrando para tal fim toda a sua vontade, transmiti-la para os amigos de Vera- Cruz.

Era costume, o senhor E. M., presidente desse grupo, corresponder-se com o senhor Horácio comentando, contando algumas ocorrências. Nessa semana, que coincidia com a experiência acima, o senhor Horácio lê: "(...) Tudo ia bem, porém, pouco faltou para intrometer-se, transmitindo-nos uma mensagem firmada nada menos que por você que está tão vivo quanto eu. Envio- lhe uma cópia do que nos disse, para que se divirta, lendo-a."

A referida cópia continha a reprodução exata da comunicação transmitida pelo senhor Horácio.

No caso exposto, houve intensa concentração da vontade, a ponto do senhor Horácio ter ou mentalizar os amigos distantes, reunidos em sessão, bem como a sensação de agir em pessoa sobre a mesa transmitindo telepaticamente sua mensagem.

Completa Bozzano:

"(...) As condições de intensa concentração da vontade são próprias a três categorias de fenômenos: pura visão alucinatória, legítima visão clarividente ou autêntico fenômeno de bilocação."

E- Casos de transmissão em que o vivo que se comunica mediunicamente é um moribundo no momento da morte ou da agonia

Emma Hardinge-Britten, em seu livro "Modern American Spiritualism", pág. 500, narra várias experiências referentes ao tema. Em uma delas conta que na casa do sr. Laird era comum a realização de sessões. A médium era sua esposa. Um filho deles bem como um do Dr. Marsden lutavam na Guerra de Secessão norte-americana.

Quando os dois jovens morreram manifestaram-se à médium pela visão clarividente. O filho do Dr. Marsden o fez ainda que mortalmente ferido no campo de batalha. A senhora Hardinge- Britten, que também estava na experiência, conta que nesse grupo desolado pela falta de notícias, durante a sessão, a senhora Laird em sono mediúnico põe-se a falar: *"Avise meu pai que parta imediatamente para Donaldsonville. Ali procure o Cap. Somers, comandante de minha companhia."*

O Dr. Marsden parte imediatamente. Cinco semanas depois retorna com o ataúde e os restos mortais do filho, contando que o capitão lhe dissera que ferido, o rapaz foi transportado para o posto de socorro onde expirara lentamente. Antes, pedira ao Cap. Somers que informasse aos pais o que lhe acontecera e que marcasse o local de seu sepultamento de modo a facilitar ao pai a identificação, quando viesse buscar-lhe os despojos.

O Cap. Somers fizera-lhe a vontade mas não chegara escrever à família porque adoecera gravemente.

Quando este vê o pai do jovem chegar, supõe que ele desconhecia o fato da morte do filho. Quando lhe é contado o modo como soubera do ocorrido, o capitão e os demais ficam profundamente impressionados.

Comparando as datas, verificou-se que a comunicação recebida pela senhora Laird se dera algumas horas antes do desenlace, quando o moribundo estava na tenda-hospital.

F- Mensagens mediúnicas entre vivos transmitidas com assistência de uma entidade espiritual.

No caso a ser relatado, a comunicação se produz por intermédio do "Espírito-guia" que se encarrega de receber a mensagem do vivo e de transmiti-la a outra pessoa afastada, sem intervenção do vivo.

O livro da Sra. Hester Travers-Smith "Voices from the void", pág. 18/50, cita que manifesta-se através dela um Espírito que se apresenta com características da raça indiana; chama-se "Shamar" e diz ser seu "Espírito-guia". Preside e dirige praticamente todas as sessões. Dedicou-se a despertá-la para que aperfeiçoe sua faculdade, tendo o cuidado de trazer Espíritos escrupulosamente verdadeiros. Neste atual momento se interessa de modo especial, em trazer Espíritos de vivos, aproveitando os momentos em que estão dormindo ou cochilando. Seu interesse particular centra-se no fato de que, através dessas manifestações, é possível obter-se prova absoluta da identificação pessoal dos Espíritos comunicantes.

A médium ainda escreve que "Shamar" sempre se mostrou **sincero** e leal, e com relação às comunicações recebidas, afirma que teve meios de certificar-se sobre a veracidade absoluta das mensagens. Conta que, em dezembro de **1917**, achava-se em Londres na casa de parentes, com os quais passaria o Natal.

No dia **26**, na companhia da prima, realiza das **10h30** às **11** h, breve sessão mediúcnica. "Shamar" comunica-se e, usando o quadro com o alfabeto, munido de um ponteiro que indica as letras (Oui-ja) escreve ou indica o nome do irmão de sua prima. Este, através dela, descreve a sala em que se encontrava adormecido diante da lareira.

A mensagem foi breve; o original foi conservado e verificada sua exatidão em todos os detalhes. Depois, foi ditado o nome do senhor D..., amigo nosso, que se comunica (através de "Shamar") estar cochilando na saleta. De frente para a lareira, sem mais ninguém no aposento. A médium pede (também por intermédio de "Shamar") que ele, o amigo, transmita um recado à sua irmã. Ele responde pelo mesmo meio:

"(...) - Sinto muito, mas não é possível porque quando eu acordar me esquecerei de tudo o que estou dizendo e ouvindo. "

Contou com detalhes como havia decorrido o Natal; destaca a presença de um amigo comum que absolutamente a médium não sabia de sua estada ali. Diz a seguir que era obrigado a despedir-se porque seu corpo estava despertando.

Retomando a Dublin, a médium faz verificações comprovando as afirmações do primo.

Interessante a destacar é que "Shamar" avisava das experiências que pretendia realizar, pedindo sessões altas horas da noite, para aproveitar o sono dos vivos e demonstrando a existência de uma vontade extrínseca que dispõe as coisas para o êxito.

Que conclusões são passíveis de serem observadas?

Esses grupos de mensagens transmitidas ao médium por:

A) pessoas imersas em sono

Atendimento A Desencarnados

B) pessoas em estado de vigília

C) pela vontade expressa do médium

D) por vontade expressa de pessoas distantes

E) moribundos e

F) transmitidas com o auxílio de uma entidade espiritual salientam:

No item A, desenvolvem-se longos diálogos, o que prova que não se trata de transmissão telepática e sim conversa entre personalidades integrais.

No item B, fica demonstrado ser impossível tal forma de comunicação, por não se conhecerem exemplos totalmente confiáveis, definidos, que sirvam para demonstrar que uma pessoa em estado de vigília chegue, involuntariamente, a entrar em comunicação mediúcnica com um médium a distância, sem pensar nele.

Afirma-se, assim, que para que se atinja tal fim, é necessário que a pessoa em vigília e afastada pense no mesmo instante e intensamente no médium.

No item C, há a confirmação de que não ocorreu um processo telepático, mas de uma conversação entre duas personalidades integrais ou espirituais subconscientes.

O item D, ocorre raramente com caráter espontâneo, podendo ser frequente nos casos de sono. Não assume feição de diálogo, mas, prova que o Espírito do vivo pode agir a distância sobre a mão de um médium psicográfico e ditar seu próprio pensamento como se fosse o Espírito de um morto.

No item E, casos raros, representa via de transição entre os fenômenos anímicos e espíritas. Tratando-se de vivos em leito de morte, a telepatia entre vivos aparece como último grau de uma longa escala de manifestações anímicas, pela qual se chega ao limiar da fronteira, além da qual não há solução de continuidade entre as formas como se dão as comunicações mediúnicas entre vivos e mortos.

O item F, fala de formas de comunicações mediúnicas impossíveis de serem contestadas, uma vez que se conhecem incontáveis experiências que não podem ser explicadas nem pela telepatia, nem pela clarividência telepática.

Baseados no complexo inteiro das manifestações analisadas, observo que as comunicações mediúnicas entre vivos constitui uma das questões mais interessantes e sugestivas que surgem no campo das pesquisas metapsíquicas, porque por ele é possível chegar-se à certeza científica sobre o fato muito importante da possibilidade do "eu integral subconsciente" ou Espírito humano, entrar em relação com outros Espíritos de vivos, seja mediúnica, seja telepaticamente, ora separando-se temporariamente do seu corpo somático (bilocação), ora conversando telepaticamente a distância depois de ser estabelecida a "relação psíquica",

Todas essas circunstâncias concorrem para fornecer as provas da independência que existe entre o Espírito humano e o organismo corpóreo. Em consequência disso, demonstra-se que o Espírito humano pode passar sem o organismo corpóreo nas suas relações espíritas com outras pessoas desencarnadas depois da crise da morte".

O que importa, entretanto, é que as comunicações mediúnicas entre vivos, constituem-se como uma das questões mais sugestivas e interessantes que englobam as pesquisas metapsíquicas. Essas comunicações permitem chegar-se à certeza científica da possibilidade do "eu" integral subconsciente, o Espírito encarnado, entrar em relação com Espíritos de vivos, quer mediúnica, telepaticamente, separando-se temporariamente do próprio corpo somático (bilocação) ou comunicando e conversando psiquicamente a distância, desde que haja "relações psíquicas".

Afonso de Liguori, Antônio de Pádua, Eurípedes Barsanulfo, no parto que fez são três exemplos conhecidos de, estando fisicamente no lugar em que viviam, entorpecem-se e apresentam-se em outro local na qual a presença lhes era

necessária, fatos estes considerados milagres.

Bicorporiedade: Fenômeno anímico de emancipação na qual o Espírito é visto em local diferente daquele onde está o corpo

Atendimento A Desencarnados

físico. No caso, porém, da excelente médium Sra. Yvonne A. Pereira encontraremos o fenômeno exteriorizando-se como Mediúnico, nos relatos em que ela conta que era (Espírito) levada para "ver", presenciar fatos, acontecimentos cenas que depois relataria.

O que, textualmente, temos a respeito em Doutrina dos Espiritos?

tudo o que foi dito das propriedades do perispirito se aplica ao perispirito do vivo (LM cap. VII q. II 4.p. 145)

"(...) Isolado do corpo o Espírito de um vivo pode, como o de um morto, mostrar-se com todas as aparências da realidade". (LMcap VIIq. II 8p. 149)

"(...) pelas mesmas causas podem adquirir momentânea tangibilidade". (LMcap VIIq. 119p. 149)

Perguntado a Afonso de Liguori como se deu o fato, ele responde:

(...)!Poderias explicar-nos esse fenômeno? "Perfeitamente. Quando um homem, por suas virtudes, chegou a desmaterializar-se completamente: quando conseguiu elevar sua alma para Deus, pode aparecer em dois lugares ao mesmo tempo. Eis como: o Espírito encarnado ao sentir que lhe vem o sono, pode pedir a Deus, lhe seja permitido transportar-se a um lugar qualquer. Sua alma ou seu Espírito, como quiseres, abandona, então o corpo, acompanhado de uma parte do seu perispirito e deixa a matéria num estado próximo da morte. Digo próximo da morte, porque no corpo ficou um laço que liga o perispirito e a alma à matéria, laço esse que não pode ser definido. O corpo aparece, então, no lugar desejado. Creio ser isso o que queres saber." (LM cap. VII q 119 itens de 1 a 4p. 150)

(...) 3.º Será indispensável o sono do corpo, para que o Espírito apareça noutra lugar?

"A alma pode dividir-se, quando se sinta atraída para lugar diferente daquele onde se acha seu corpo. Pode acontecer que o corpo não se ache adormecido, se bem seja isso muito raro; mas, em todo caso, não se encontrará num estado perfeitamente normal; será sempre, mais ou menos, um estado extático(LM cap.VII q 119 itens de 1 a 4 p 151)

(...) Nota: A alma não se divide no sentido literal do termo; irradia-se para diversos lados e pode assim, manifestar-se em vários pontos, sem se haver fracionado. Dá-se o mesmo com a luz, que pode refletir-se em muitos espelhos.

(...) 4.º Que sucederia se, estando o homem a dormir, enquanto seu Espírito se mostra em outra parte, alguém de súbito o despertasse?

"Isso não se verificaria, porque, se alguém tivesse a intenção de o despertar, o Espírito retomaria ao corpo, prevendo a intenção, porquanto o Espírito lê o pensamento (LM cap. VII q 119 itens de 1 a 4p. 150 e 151)

Resumindo: tem o homem encarnado dois corpos passíveis de estarem em dois

lugares diferentes. Somente um desses corpos é real; o outro é simples aparência. Ao despertar, os dois corpos se reúnem e a vida da alma volta ao coipo material. Desse modo, não | possível, não há dados e a razão também aceita, que no estado da separação os dois corpos, simultaneamente, não gozam o mesmo grau de vida ativa e inteligente.

Disso também ressalta que o corpo real não poderia mover- se, enquanto o corpo aparente se conservasse visível, porquanto, a aproximação da morte, sempre atrai o Espírito para perto do corpo, ainda que apenas por um instante. Daí resulta que o corpo aparente igualmente não poderia ser morto, porque não é orgânico, isto é, não é formado de carne e osso. Desapareceria no momento em que o quisessem matar.

Conclusão: As comunicações mediúnicas de pessoas vivas foram objeto de longa e minuciosa pesquisa de Allan Kardec na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, em Paris. Sócios efetivos ou correspondentes da Sociedade se inscreviam para experiências nesse sentido. Allan Kardec os evocava, às vezes a grandes distâncias, sob controle de entidades espirituais que presidiam os trabalhos mcdiúnicos. Os boletins da Sociedade, publicados na "Revista Espírita", trazem preciosas informações desse procedimento.

As comunicações obtidas foram publicadas na íntegra, pois eram psicografadas, na seção "Palestras Familiares de Além Túmulo", da mesma revista.

Constituem-se, estas, como as primeiras pesquisas e as primeiras demonstrações históricas da independência do Espírito em relação ao corpo.

Assim, matéria rica e elucidativa a esse respeito pode especialmente ser estudada na Revista aludida em:

• janeiro, fevereiro, maio e novembro de **1859** • janeiro, março, abril e novembro de **1860** • julho de **1861**.

Atualmente inúmeros livros subsidiários, fieis à doutrina, trazem casos em que o encarnado é levado para o plano espiritual para tratamentos, trabalhos e comunicações. Há inclusive relatos dessa emancipação/comunicação no coma profundo, no testemunho de Espíritos que saem dele e relatam suas experiências. Mais atual, e no sentido "diversão", o filme "E se fosse verdade...", leva a reflexões nesse sentido. (7) 7-Filme: Just like heaven-**2005**, diref&o Mark Waters com Reese Whitcrspoon e Mark Ruffalo.

Comunicações de Encarnados em Sessão Mediúnic

- 1 -

O Espírito se apresenta irritado, impaciente e bravo:

- *Quero ir embora... nãoquero... não adianta ficar aqui... Detesto vocês... vão... vão*

embora ou deixem-me voltar...

- Para onde quer voltar?
 - *Onde estava e de onde não quero sair.*
 - Lá é assim tão bom?
 - *É... é muito bom... Tenho minha cama, as enfermeiras cuidam de mim e eu durmo, durmo, até que vocês chegam... ai o inferno começa...*
 - Ao estar aqui com o senhor, trago o propósito de deixá-lo muito bem, entretanto não está muito claro o porquê da sua ira contra este lugar ou as pessoas que o atendem...
 - *Está bem... vou começar desde o início e quem sabe ai a senhora entenda..., minha filha e os outros me deixem em paz... Sou velho, estive, e estou doente internado no hospital (citou o nome do hospital). Quem sempre cuidou de mim foi essa filha por quem tinha o maior respeito e acreditava plenamente no seu amor. Pois bem, logo adormeci, ela começou a levar junto ao meu leito, amigos dela, os espiritas, e quando eles chegam para as rezas, o tal do passe e aquela baboseira toda, vejo... eu vejo... sai deles uma gosma... sei lá o que é, que me envolve todo e como que desmaio como se fosse morrer... Estabelece-se em mim, luta descomunal porque não quero morrer e minhas forças estão se acabando para a luta contra vocês...*
 - **O** senhor...
 - *Complicando mais as coisas, está lá a filha em quem confiava e que a conheço agora, desejosa da minha morte para, primeiro ficar livre desse fardo e segundo, entrar na posse do que tenho... Isso tudo, mais a presença de vocês, estranhos que rejeito, detesto, não são motivos suficientes para que eu esteja possesso? Responda-me?! Diga-me...*
 - Em primeiro lugar sua filha... ela o ama extremadamente e sofre vendo o arrastar da sua enfermidade...
 - *Não é nada disso... ela quer liberdade, dinheiro.*
 - Então veja o que vão lhe mostrar... é a sua filha... olhe, o coração... veja o sentimento que parte dela e busca envolvê-lo... olhe... preste atenção...
- Silêncio... e depois mais calmo:
- *Ela não quer que eu morra?!*
 - Ela quer que o senhor fique bem... Tenta ajudá-lo de todas as formas...
 - *Mas eu estou bem... não quero... não preciso morrer...*
 - Para todos nós chega o momento da partida...
 - *Não é minha hora... estou bem... durmo, as moças cuidam de mim...*
 - Olhe... analise bem o seu corpo... veja o que estão lhe mostrando...
- Silêncio...
- *Que horror! Credo! Não quero ver... está tudo podre... que cheiro... Ajudem-me. Tirem-me daqui...*

Análise

O cuidado e a delicadeza da atendente foram detalhes imprescindíveis ao êxito do atendimento. Num primeiro momento, não se percebia tratar-se de encarnado. Só

no desenvolver do caso, pelas colocações que iam sendo feitas é que tal fato de aclarou. O encadeamento seguro levou o Espírito a sair de um mundo mental mantido e confrontar-se com a própria realidade, o que fez com que desejasse ajuda.

Nota: Esta experiência, apresentando nuances dos vários grupos estudados, fecha-se mais propriamente na categoria "e" - casos de transição em que o vivo que se comunica mediunicamente um moribundo.

-2-

Espírito confuso, desesperado. Fixado em algo, fala sem parar, ao mesmo tempo em que pede auxílio. Demonstra nada ouvir do que lhe falam.

Frases desconexas destacam a dificuldade de relacionamento com o marido, as agressões, a exaustão, o desequilíbrio familiar.

- *Não aguento mais... fugir... fugir... mas, para onde... não... não me bata...*

• Senhora, veja.

- *Meus filhos... meus filhos querem puni-lo... não podem fazer isso... ele é o pai...*

- *Deixe-me falar-lhe... escute-me...*

De todas as formas o atendente tentou captar-lhe a atenção, sendo em vão os esforços.

Ele pára de falar, ora, une-se aos Espíritos responsáveis pela sessão, notando que, pouco a pouco, o palavreado cessa.

Vem-lhe à mente uma ideia e pergunta:

- *O que a senhora fazia antes de vir aqui?*

- *Estava lá em casa, cansada, muito cansada, fui dormir e entrei a sonhar... Vejo-me agora conversando com o senhor... Onde estou?*

- *Aqui é um local de socorro, de atendimento aos que sofrem... a senhora foi trazida... para...*

- *Que estranho!... estão aqui familiares queridos que já morreram...*

- *Está assustada?*

- *Não... sinto imenso bem-estar...*

- *A senhora os ouve?*

- *Sim...*

- *Eo que eles dizem?*

- *Falam... sim... sim., falam que não devo abandonar*

Atendimento A Desencarnados

meus ideais... para buscar refúgio na prece... confiar com otimismo e fé... !

- *Dizem que não estou sozinha e que tenho forças para ajudá-lo a superar e o momento... que bonito!!! obrigada...*

- *Preciso voltar... preciso voltar...*

Análise

O atendente como de costume, julgou estar tratando com um desencarnado.

Como tal, e cada questionamento em momento próprio, perguntou-lhe entre outras questões, o que conhecia de sua realidade: estivera doente? Ultimamente sentira-se ignorada ao tentar conversar com pessoas? Divisava realidade diferente da sua habitual?, algo havia acontecido, talvez um acidente ou coisa semelhante?

Como as respostas eram negativas, começando a sentir-se sem opções, o atendente ora, pede ajuda aos amigos espirituais responsáveis pelo caso, quando lhe vem a mente perguntar..."o que a senhora fazia antes de vir aqui?"... Pelos relatos que se seguiram, claramente definiu-se estar ela emancipada pelo sono.

Alguns dias depois, o atendente deste caso, levou a mãe a visitar uma família que passava por alguns momentos delicados.

A familiar está a contar suas dificuldades e em certo ponto desperta a atenção do atendente, ao dizer:

- "Mas você sabe?...Estive muito, muito desesperada a ponto de não sabero que decidir e acredite ou não... sonhei... sonhei com a vovó que me disse tantas coisas bonitas, principalmente, e disso lembro-me bem..." que todos caminhamos na paz do tempo que passa..." De lá para cá envolvi-me em força que me dá ânimo para continuar; coragem para não desesperar..."

Observação

Ouvindo este relato, o acompanhante, filho da senhora que visitava e que havia sido o atendente do fato em questão, delicadamente comenta a beleza do "sonho" e pergunta quando e em que circunstâncias acontecera.

A senhora dá detalhes que correspondem ao horário, dia em que o grupo mediúnico estava em ação, permitindo-lhe relacionar os dois fatos como um atendimento a Espírito encarnado.

-3-

- *Não deixem...porfavor...não deixem...não quero voltar àquele corpo...socorro!*

•Está aqui comigo...sossegue seu coração...Estamos conversando...o lugar é diferente...olhe...olhe com atenção...

Após alguns instantes nos quais a respiração foi ficando **mais calma...**

- *Já aconteceu?*

- Do que está falando?

- *Meu corpo...meu corpo está horrível...todo tomado por ",aquela doença "...cheira mal...e aparelhos...tudo cheio de borrachinhas...e terrível...não me deixe...não quero...não posso voltar ao hospital...*

- Agora está aqui, comigo, conosco...Atente para esses **momentos...**confie.

- *Obrigado...sabe senhora? Sei o que está acontecendo..Já li ou ouvi alguma coisa a respeito...estou morrendo, mas é terrível ver as coisas que estão acontecendo...quero fugir, correr, afastar-me. porém, como que uma cordinha*

me puxa de volta e o desespero aumenta crescendo do desejo de também fugir do pranto da família... Não me nego a morrer, porém, não gostaria de ver isso acontecer... é uma situação muito, muito aflitiva...

- Se já ouviu ou leu algo a respeito do que agora está se passando, precisa lembrar-se que também nos ensinam que ninguém presencia o próprio desencarne... No momento certo, os amigos responsáveis, envolvem-nos em sono, de modo que, ao acordar tudo já se consumou...

- *Senhora... senhora... não sei se já é a hora precisa de voltar... não quero antecipar nada... porém... será que seria possível não presenciar mais o que está se passando ali...?*

- Tenho certeza que sim... olhe para esses amigos que participam dessa nossa conversa... escute-os... confie neles... | *Senhora.. obrí..*

Análise

Atente-se para a delicadeza com que a atendente ouviu sem se afligir ou interromper.

A primeira providência, sem pedir calma, foi pacificar-lhe a ansiedade, fazendo-o sentir estar em outro lugar.

Quando pergunta: - "já aconteceu?" — ao invés de perguntar: "o quê?" pergunta que exigiria que a atendente prosseguisse perguntando "a morte?" levando a uma situação delicada, pergunta "do que está falando?" abrindo sempre para que relatasse, segundo seu entender o que estava acontecendo.

Como havia dito que já lera ou ouvira algo a respeito, a atendente partiu daí dando-lhe a segurança de que não presenciaria o próprio desencarne.

Quando pede ajuda para não mais voltar, a atendente centra sua visão no auxílio que o rodeava.

Observação

De onde vem essa certeza da atendente ao falar do auxílio que ali estava?

Essa certeza vem do conhecimento espírita quando ensina que os Espíritos são trazidos. Ora, se esse senhor ali estava, queria dizer que os Espíritos amigos não tinham conseguido envolvê-lo, falar-lhe, mostrar-lhe que estava monoideado no honor, nada mais percebendo... Levado, em ambiente diferente, falando e ouvindo como encarnado que era, pouco a pouco abriu-se às providências que se faziam necessárias...

Nota: Na avaliação, a médium conta que ele foi retirado sedado, adormecido.

-4-

- *Família... que coisa terrível... amolam a gente de todo modo... estou cansado... muito cansado deles todos...*

- O que estão fazendo com o senhor que o leva a esse aborrecimento tão grande?

- *Vou contar... vivo contrariado em briguinhas e desavenças*

constantes...eu evito eles...eles não me deixam em paz...

Estabelece-se algum silêncio...

- Estou ouvindo...quer me contar...

Silêncio e após...

- *Sabe o que é?...Gosto de um aperitivo, cerveja, fumo...meu corpo está curtido por eles, muito acostumado, e elas, minhas filhas, o tempo todo brigam comigo dizendo que preciso deixar esses vícios...*

- E o que o senhor pensa?

- *Não vou, não quero deixar minha pinguinha, meu cigarro, a cerveja...sei que vou deixar logo esse corpo, portanto vou aproveitar mesmo...*

Algum silêncio e depois...

- *Sabe o que piora tudo isso? E minha mulher...ela já morreu e vive lá em casa atormentando minhas filhas para que me impeçam de fazer o que gosto, dizendo a elas e a mim que estará me esperando quando chegar a hora...Hoje, elas me aborreceram tanto que fechei-me no quarto, deitei-me para dormir, fugir delas mas, antes pedi que, se fosse possível, alguém me ajudasse, pois não aguento mais.*

- E o que exatamente o senhor quer?

- *Olha, dona...sei que estou dormindo, conheço um pouco "dessas coisas" de mediunidade, comunicação...já fui "pai de santo" em outra vida...quando estou acordado não lembro, não sei disso...mas quando durmo isso fica claro...portanto...deixa minha pinguinha...logo, logo vou embora e o Espírito não tem nada disso...*

A atendente, que atenciosamente escutava, percebeu nesse último comentário a "deixa" para entrar.

- O senhor sabe que o fumo e o álcool causam lesões, machucam, marcam o perispírito?

- *Pe...pe o quê?*

- Perispírito...o senhor nunca ouviu falar?

- *Escutei agora pouco, vocês falarem isso...(referia-se ao estudo que se fizera antes da sessão) mas não entendi bem...*

Em poucas palavras a atendente explicou-lhe o que era, qual a sua função e o efeito dos vícios lesando-o.

- *Isso está me interessando muito... Gostaria de aprender, saber mais, no entanto, não posso ficar mais... tenho que voltar, "elas" ... estão batendo na porta...*

Olhou para algo, demonstrava que ouvia alguém e depois...

- *Ele está me dizendo que virei outras vezes, sempre durante o sono para compreender mais... muito agradecido viu?!*

Análise

Destacam-se nesses atendimentos a necessidade de se trabalhar com perguntas, questões abertas. Por ex: quando o senhor se queixou da família, se a atendente

lhe falasse sobre a bênção da família, o cuidado das filhas etc, levá-lo-ia a maior restrição. Ao contrário perguntou - "o que estão fazendo com o senhor?" - ele era, é, no caso, a pessoa mais importante, o necessitado. Esse interesse demonstrado, atingiu-o ao ponto de levá-lo a contar seu drama.

A atendente, sem tecer comentários, sem fazer sermão contra os vícios, ouviu-o interessadamente a ponto de perceber o momento de entrar, que foi quando ele disse..."o Espírito não tem nada disso"...

As reflexões interessaram-no a ponto de pedir meios para esclarecer-se e surpreendendo-nos com as providências oferecidas pelos amigos espirituais.

Observação

O médium descreveu-o fisicamente como um senhor negro, magro, estatura média, barba branca por fazer e bem debilitado.

Ao término do atendimento, partiu refletindo que após a morte física é possível que seu Espírito continuasse viciado, que o tal de pe...pe estivesse machucado e que talvez fosse melhor tentar ir deixando seus vícios, mas, precisava, queria saber mais.

-5-

Duas companheiras do grupo mediúnico haviam pedido afastamento do trabalho por necessitarem cuidar da mãe idosa, agora bem doente. Eram, as três, intimamente ligadas, morando sempre juntas.

No decorrer dos dias as notícias que chegavam falavam do agravamento e hospitalização da senhora.

Em determinado dia, antes da sessão da noite, a dirigente do grupo recebe um telefonema do neto da senhora enferma, pedindo que colocasse o nome da avó e das tias sobre a mesa.

Isso foi feito sem comentário algum sobre este fato.

Iniciada a sessão, a médium se expressa de modo débil, palavras entrecortadas, mais ou menos nos seguintes termos:

- *Por favor...por favor...preciso de ajuda...*
- *Disponha, disponha...de que precisa?*
- *Falem com elas...elasprecisam deixar...*
- *A que a senhora se refere?*
- *Moça...sou espírita...sei o que está acontecendo comigo...estou hospitalizada, está na hora de voltar... creio que estou preparada, mas "as meninas " não aceitam...estão tristes, desesperadas... choram e me prendem fazendo com que meu coração se encha de dó e relute em partir...Precisava que se falasse com elas...*
- *Certamente, senhora nossos ami...*

Ela interrompe a atendente...

- *Veja...são jas meninas "...elas chegaram, estão aqui...Moça, será que a senhora poderia falar com elas?...*

Silêncio...encerrando-se a comunicação.

Mais ou menos ao meio do dia, a senhora que recebera o telefonema do neto, liga-lhe perguntando como estavam as coisas. Responde que logo pela manhã, estivera na casa das tias e as encontrou bem, em preces pela mãe e abrindo campo para conversar em recordações, avaliação do momento, do parecer do médico e da possibilidade de desencarne próximo. Estavam tristes sim, mas conformadas e aceitando o fato. Preparavam-se para ir ao hospital e oferecer à mãezinha o que tivessem de bom.

O final da tarde a senhora desencarnou.

Análise

Três fatos a serem destacadas:

- a) O grupo mediúnico não foi posto a par do telefonema recebido pela dirigente. Esta, no momento da prece, mentalizou as companheiras ausentes, pedindo auxílio à senhora hospitalizada que não conhecia.
- b) Não foi ela, a dirigente, quem conduziu o atendimento; colheu o desenrolar dos fatos, quando na avaliação foi relatada a presença dos encarnados juntos num atendimento, com necessidades recíprocas.
- c) "As meninas" relataram, que na noite anterior ao desencarne, sonharam não sabem bem o que, mas que as envolveu em tranquilidades possibilitando que acordassem em paz, confiantes, serenas, aceitando os momentos que viriam.

Considerações

Assim como as comunicações e atendimento a desencarnados configuram-se como maioria, o contrário se dá com as comunicações dos encarnados. O estudo doutrinário que precedeu os casos de **1** a **5** demonstra que, embora não seja um fato comum, quando ocorrerem falarão de necessidades e méritos das almas trazidas.

Cada atendimento, cada caso, situação, drama, conflito, representam lições, ensinamentos a tantos quantos estejam despertos, para, no uso dessas experiências, com elas, renovar-se, mudar, reconstruir o pessoal existir.

Através do "Atendimento Fraternal", o Espírito, ligado aos Centros vitais do médium, reintegra-se nas sensações da vida terrena; o médium, fala das necessidades do Espírito como um intérprete que não se dá ao trabalho da tradução e que encontrará na fraternidade, lógica, certeza, atenção, firmeza e carinho do atendente, aceno de possibilidades novas, diversas daquelas em que esta monoideado.

A Sessão Mediúnica Espirita, portanto, representa pelo "Atendimento Fraternal", benefícios para todos, quer estejamos encarnados ou desencarnados.

"(...) Em que setor humano depararia o homem glorificado, mais honrosa função para lhe condecorar a alma, do que essa de ser levado a meritória categoria das

Esferas Celestes, enquanto os embaixadores da luz lhes desvendam os mistérios do túmulo ofertando-lhes sacrossantos ensinamentos de uma moral redentora de uma ciência divina, no intuito divino de reeducá-los para o definitivo ingresso no redil do Divino Pastor?".⁽¹²⁾

Que a Sessão Espírita através do "Atendimento Fraternal", represente envolvimento do amor, daqueles que oferecem o melhor de si para que o outro fique muito bem.

Com carinho de sempre, Leda ~~(Seblôúfráfia)~~ Micnuimemo M uesencamaoos

Obras Consultadas

1- XAVIER, Francisco C., pelo Espírito. Emmanuel, Palavras de Vida Eterna, **8a.ed.** Uberaba; CEC, **1986**, p. **75-61-127**

2 - BIGHETTI, Leda M., Relações Fraternas-Caminhos para o Atendimento Fraternal, 1a. ed. BELE, Ribeirão Preto-SP **2004** Leda Marques Bighetti **10**

3 - BIGHETTI, Leda M., Sessão Mediúnica-Mediunidade Hoje e Amanhã, **2a.ed.**, BELE **2005**, p. **40** e **41**, Ribeirão Preto-SP

4 - DENIS, Léon, Cristianismo e Espiritismo, **7a.ed.**, FEB, Rio de Janeiro-RJ **1978** cap.XI, p. **244-245**

5 - NETO, Francisco do Espírito do Santo, pelo Espírito Batuira, Conviver e Melhorar, **3a.ed.** **1999**, Boa Nova. Catanduva-SP. Lição **6**, p. **44**.

Outras obras consultadas:

-XAVIER, Fco C., pelo Espírito Emmanuel, Palavras de Vida Eterna, **8a.ed.**, CEC, Uberaba-MG **1986**, lição **72**, p. **161-162**.

-BIGHETTI, L.M. Sessão Mediúnica, **2a. ed**, BELE, Ribeirão Preto-SP, **2005**, p. **212-217**.

-ZERAÍK, Cacilda- Saber Ouvir, www.cacildazeraik.com.br, **1-10-2005**.

Raciocínios embasados em:

KARDEC, Allan, O Livro dos Médiuns, **48a.ed.**, **1983** FEB, Rio de Janeiro-RJ, **2a.parte** a partir da p. **69**.

KARDEC, Allan, Revista Espírita-Jornal de Estudos Psicológicos, EDICEL, **1985**, São Paulo-SP, **1858**, p. **6-8**

1- KARDEC, Allan, O Livro dos Médiuns, **48a.ed.**, FEB, Rio de Janeiro-RJ, **1983**, cap.VII, p. **115**, **116** e **117**.

2- KARDEC, Allan, O Livro dos Espíritos, **38a. ed.**, LAKE, São Paulo-SP, **1978**, cap. VIII-H, p. **413** e **414**.

3- AKSAKOF, Alexandre, Animismo e Espiritismo, voll, **5a. ed.**, FEB, Rio de Janeiro- RJ **1991**, Prefácio da Edição Alemã, p. **23**.

¹² I-PEREIRA, Yvonne A., Memórias de Um Suicida. **14a. ed.** FEB. Rio de Janeiro-RJ, **1987**, cap. VI. p. **166**.

4- XAVIER, F.C., pelo Espírito ANdré Luiz, Nos Domínios da Mediunidade, 13a.ed., FEB, Rio de Janeiro-RJ 1984, cap 12, p.210 e seguintes.

5- Ver abertura desses aspectos em:

BIGHETTI, Leda M., O Médium, la ed.BELE, Ribeirão Preto-SP 2008, IV, p. 16 e seguintes.

6- BOZZANO, Ernesto, Comunicações' Mediúnicas entre Vivos, 4a. ed. EDICEL, São Paulo-SP, p. 31,48,59,102,160,166,167,168,169,170)

7- Filme: Just like heaven-2005, direção Mark Waters com Reese Whitterspoon e Mark Ruffalo.Leda Marques Bighetti 412

1-PEREIRA, Yvonne A., Memórias de Um Suicida, 14a. ed. FEB, Rio de Janeiro-RJ, 1987, cap. VI, p. 166.Atendimento A Desencarnados

Conheça os livros da Série Didático-Pedagógica "O Centro Espírita" e outros também da autora

1- VoLA Casa Espírita - Núcleo Irradiador Doutrinário

2- VoL n Relações Fraternas - Caminhos para o Atendimento Fraternal

3- VoL m Sessão Mediúnica - Mediunidade hoje e amanhã 4 e 5- VoL IV Educação Mediúnica - Teoria e Prática (vol. 1 e 2)

6- VoLV Fundamentos e Dinâmica do Passe

7- VoLVI Palavra e Divulgação - Técnicas para o Expositor Espírita.

Allan Kardec em Verdade e Luz - Edição USE - Ribeirão Preto Espiritismo Política e Cidadania (BELE)

O Médium (BELE)

Atendimento Fraternal a Desencarnado (BELE)

Próximos lançamentos:

2º Volume da Trilogia Atendimento a Desencarnado: "Obsessor, Obsediado e Obsessão"

Profilaxia e Terapêutica e

"Expressões da Alma"

Mediunidade e Médiuns